

BENITO BISSO SCHMIDT

UMA REFLEXÃO SOBRE O GÊNERO BIOGRÁFICO:
A TRAJETÓRIA DO MILITANTE SOCIALISTA
ANTÔNIO GUEDES COUTINHO
NA PERSPECTIVA DE SUA VIDA COTIDIANA
(1868-1945)

Dissertação apresentada como requisito parcial e final à obtenção do grau de Mestre em História. Curso de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientadora: Profa. Dra. Sílvia Regina Ferraz Petersen

PORTO ALEGRE

1996

*Marcel Schwob, citado por Borges, inventou vidas
e escreveu biografias imaginárias de homens reais;
Borges, do outro lado do espelho, inventou caprichos
e reescreveu biografias reais de homens imaginários.*

Carlos Vogt, "Labirinto"

Este trabalho é dedicado:

- à memória de minha mãe, que deixou um vazio tão grande;

- ao meu pai e aos meus irmãos e irmãs, que me ajudaram a preencher este vazio;

- ao Edgar, que ficou sempre por perto.

AGRADECIMENTOS

Como qualquer trabalho de pesquisista, este também implicou diversos momentos de solidão: na frente do micro, nos arquivos e bibliotecas ou nos passeios pela rua em busca de inspiração. Porém, ele também é, em certa medida, fruto de uma criação coletiva, ocorrida nas aulas, nas conversas informais, na troca de dicas, no apoio afetivo e intelectual; o que não me isenta de assumir toda a responsabilidade pelos equívocos que possam existir nas próximas páginas.

Gostaria, assim, de agradecer às seguintes pessoas :

- à Professora Sílvia Petersen - orientadora cuidadosa, interlocutora paciente, amiga carinhosa -, por ter inspirado esta dissertação;*
- aos professores do CPG em História da UFRGS, especialmente à Professora Sandra Pesavento, pelo carinho e incentivo profissional;*
- aos meus colegas de mestrado, pela amizade e pelas proveitosas discussões;*
- aos meus colegas do Departamento de História da UFRGS, pela acolhida generosa;*
- aos meus alunos, sobretudo os da disciplina Teoria e Metodologia da História 111 (1995/02), que me ajudaram a burilar diversas questões apresentadas neste trabalho;*
- ao ex-aluno e promissor historiador Edgar Gandra, que me auxiliou na coleta das fontes desde o início da pesquisa e agüentou meus momentos de mau humor;*
- aos professores Temístocles Cezar e Adhemar Lourenço da Silva Jr., meus contraleitores, pela disponibilidade e pelas sugestões;*
- ao Professor Francisco Marshall, que me ajudou na editoração deste trabalho;*

- à Professora Beatriz Loner, pelas valiosas informações e sugestões;
- a diversos colegas que me auxiliaram nesta trajetória de pesquisa: Beatriz Weber, Claudio Elmir, Eduardo Kersting, Francisco das Neves Alves, Haike Kleber, José Vicente, Jussemar Gonçalves e Regina Weber;
- aos meus amigos, por tudo;
- a Antônio Guedes Coutinho, que fez tantas coisas para eu contar.

Benito Bisso Schmidt

RESUMO

Nesta dissertação, analiso a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho, que viveu entre 1868 (Trás-os-Montes/Portugal) e 1945 (Rio Grande/RS/Brasil), a partir da perspectiva de sua vida cotidiana. No primeiro capítulo, apresento uma reflexão historiográfica, teórica e metodológica sobre o gênero biográfico. Inicialmente, recupero a trajetória deste gênero em três correntes que marcaram o conhecimento histórico a partir do século XIX: o positivismo, o marxismo e a Escola dos Anais. Analiso também as tendências recentes que resgatam a biografia como forma de perspectivação do social, quais sejam: a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana e a psico-história. Depois, examino os principais problemas que se apresentam ao historiador interessado em realizar uma pesquisa biográfica, abordando quatro falsas oposições consideradas inerentes ao gênero em questão: indivíduo x sociedade, biografia enquanto narração x biografia enquanto explicação, indivíduo unitário x indivíduo fragmentado e público x privado. Finalmente, procuro demonstrar as vantagens analíticas de se contruir uma biografia pela perspectiva do cotidiano. No segundo capítulo, a partir das discussões teóricas realizadas, construo uma biografia de Coutinho, destacando os quatro conteúdos centrais e indissociáveis que, segundo a documentação consultada, compunham a sua vida diária: a família, o trabalho, o estudo e a produção intelectual e a militância. Em cada um destes itens, verifico como se deu a relação entre as dimensões cotidiana e não-cotidiana de sua existência. Nas considerações finais, recupero alguns discursos produzidos sobre Coutinho após sua morte que apontam para diferentes facetas do personagem. Busco assim reafirmar a importância de se levar em conta, na construção de biografias, a complexidade das trajetórias individuais que são vivenciadas sobretudo no cotidiano. Sintetizo, finalmente, as principais contribuições trazidas por este estudo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1 - O GÊNERO BIOGRÁFICO.....	09
1.1 - A trajetória da biografia no âmbito do conhecimento histórico.....	09
1.2 - Avanços e impasses atuais da biografia: as (falsas) oposições que se colocam ao historiador que pretende realizar uma pesquisa biográfica.....	35
a) indivíduo x sociedade.....	35
b) biografia enquanto narração x biografia enquanto explicação.....	37
c) indivíduo unitário x indivíduo fragmentado.....	40
d) público x privado.....	44
1.3 - Uma proposta de investigação: a biografia pela perspectiva da vida cotidiana	47
2 - A TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO GUEDES COUTINHO.....	54
2.1 - A família.....	57
2.2 - O trabalho.....	81
2.3 - O estudo e a produção intelectual.....	110
2.4 - A militância.....	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Coutinho " <i>post-mortem</i> ").....	234
ANEXOS.....	239
FONTES DE PESQUISA.....	244

INTRODUÇÃO

No prefácio do livro *“Boemia literária e revolução”*, Robert Darnton questiona-se sobre a validade de se desenterrar dos arquivos o mundo da literatura clandestina francesa do século XVIII, objeto daquele estudo; mundo este que, segundo ele, já foi *“soterrado por tantas camadas de história”*. Buscando justificar a relevância de sua investigação, o autor afirma que:

“(...) reconstruir mundos é uma das tarefas essenciais do historiador, e ele não a empreende pelo estranho impulso de escarafunchar arquivos e farejar papel embolorado - mas para conversar com os mortos. Fazendo perguntas aos documentos e prestando atenção às respostas, pode-se ter o privilégio de auscultar almas mortas e avaliar as sociedades por elas habitadas. Se rompermos todo contato com mundos perdidos, estaremos condenados a um presente bidimensional e limitado pelo tempo; achataremos nosso próprio mundo”¹.

Neste trabalho, também busquei reconstruir um mundo que, embora não tão distante no tempo, já se encontrava perdido nos papéis velhos e embolorados dos

Nesta dissertação, as citações das fontes primárias e secundárias são apresentadas em itálico e entre aspas.

¹ DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p.7.

arquivos: o mundo do intelectual e militante socialista Antônio Guedes Coutinho que viveu entre 1868 e 1945². Auscultando sua alma, pude conhecer melhor a gênese do movimento operário gaúcho, a vida cotidiana do operariado na virada do século XIX e a trajetória de um intelectual que dialogou com importantes correntes de pensamento da sua época.

Sem qualquer pretensão mediúnica, penso ser importante, antes de mais nada, contar um pouco da gênese e do desenvolvimento desta insólita conversa entre um vivo e um morto. Sendo mais claro: gostaria de resgatar sumariamente a trajetória desta pesquisa, e deste pesquisador (*o vivo*), a fim de esclarecer melhor a forma assumida pelo objeto de investigação (*o morto*), bem como os impasses enfrentados e as lacunas que não puderam ser preenchidas (os silêncios que pontuaram nossa *conversa*).

Fui apresentado a Coutinho em 1991 pela minha atual orientadora, professora Silvia Petersen. Naquele momento, concluía meu curso de Bacharelado

² Alguns trabalhos mencionam esporadicamente aspectos específicos da atuação de Coutinho sem, contudo, fazer uma análise sistemática e aprofundada de sua trajetória. Ver: AGNES, Sílvia Clara. **A questão do geral e do específico na historiografia latino-americana: análise do processo de constituição da mão-de-obra industrial em Pelotas/Rio Grande e Cidade do México**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1990. mimeo.; BATALHA, Claudio H. M. "*A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX*". In: MORAES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil. Vol. II. Os influxos teóricos**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1995; CORRÊA, Norma Elizabeth Pereira. **Os libertários e a educação no Rio Grande do Sul (1895-1926)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em Educação - UFRGS, 1987. mimeo.; HARDMAN, Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. São Paulo, Ática, 1991; JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância: a imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - PUC/RS, 1990. mimeo.; PETERSEN, Sílvia R. F. **Origens do Primeiro de Maio no Brasil**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS - MEC, 1981; PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. **Antologia do movimento operário gaúcho, 1870-1937**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS - Tchê!, 1992 e XERRI, Eliana Gasparini. **Uma incursão ao movimento operário de Rio Grande no início do século XX**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - PUC/RS, 1996. Todos estes trabalhos destacam a atuação de Coutinho enquanto militante socialista, tomando como fonte o jornal "*Echo Operário*".

em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e não pude fazer perguntas mais elaboradas à documentação consultada. Esta compreendia a coleção do jornal "*Echo Operário*", editado por Coutinho na cidade de Rio Grande entre 1896 e 1901³. Chamou-me a atenção a riqueza daquela fonte que apresentava artigos dos mais diversos tipos: desde teoria socialista até pequenas peças literárias e escritos memorialísticos.

Coutinho voltou para a *tumba*, ou melhor, para o arquivo, mas, por ironia do destino, fui trabalhar na mesma cidade de Rio Grande onde o personagem teve a sua atuação mais destacada. Entre 1992 e 1993, nos intervalos de minhas aulas na Fundação Universidade do Rio Grande (FURG), tomei contato com o Arquivo da Sociedade União Operária, fundada em 1893, um dos espaços centrais da militância de Coutinho⁴. Dos papéis envelhecidos, emergiu um *espectro* mais nítido do mesmo, sobretudo no que diz respeito à sua atuação decisiva na organização do operariado daquela região do estado⁵. Nestes anos, contudo, pude apenas organizar parcialmente o material e sistematizar algumas reflexões iniciais⁶.

Finalmente, em 1994, ingressei no curso de mestrado da UFRGS onde procurei precisar melhor os termos do meu *diálogo* com Coutinho que, até então, transcorria de forma descontínua, assistemática e intuitiva. Lendo e discutindo sobre

³ O jornal circulou entre 1896 e 1899 e teve uma segunda fase em 1901. Ver PETERSEN, Sílvia R. F. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874-1940)**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS - FAPERGS, 1989. p.p. 37-39.

⁴ Arquivo da Sociedade União Operária de Rio Grande (ASUO). Este acervo encontra-se hoje no Centro de Documentação Histórica Hugo A. P. Neves (CDH) da FURG.

⁵ Petersen e Lucas, por exemplo, consideram Coutinho como "*um dos líderes operários mais combativos da passagem do século*" e "*o verdadeiro organizador do movimento operário rio-grandino*". PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. "*Antologia...*", *op. cit.*, p. 68.

⁶ Estas reflexões foram publicadas em SCHMIDT, Benito Bisso. "*Antônio Guedes Coutinho: o cotidiano e as idéias de um militante operário no Rio Grande da virada do século*". In: ALVES, Francisco das Neves e TORRES, Luiz Henrique. **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande, Ed. da FURG, 1993.

as novas tendências e impasses epistemológicos que marcam o conhecimento histórico na atualidade, iniciei uma **reflexão teórica, metodológica e historiográfica sobre o gênero biográfico**. Por muito tempo considerado pelos historiadores como um gênero menor, a biografia recuperou seu prestígio nos últimos anos. A produção recente de biografias, embora herdeira de uma longa tradição, coloca (ou recoloca) problemas que estão no centro do debate historiográfico contemporâneo: as relações entre indivíduo e sociedade, unidade e fragmentação, narração e explicação, público e privado, entre outras questões. Como assinala Lima Filho,

“(...) o estudo biográfico é um espaço privilegiado para discutir temas centrais na historiografia contemporânea (...). O retorno à biografia se coloca dentro de um movimento amplo de renovação dos instrumentos conceituais e metodológicos da história, assim como o repensar de uma concepção do que é o homem e sua relação com a história”⁷.

A leitura das novas biografias descortinou-me um leque de possibilidades analíticas: havia diversas maneiras de se conversar com Coutinho. Desde o primeiro contato com este personagem, não me interessava elaborar uma biografia tradicional, do tipo *seus feitos notáveis do nascimento até a morte*. Achava mais sedutor e significativo recuperar as diversas facetas de sua vida: as práticas e as representações, o público e o privado, a razão e a emoção. Neste sentido, nas entrelinhas das fontes, era possível recuperar elementos miúdos de sua existência, flagrantes do seu dia-a-dia, instantâneos de sua vida privada

⁷ LIMA F., Henrique Espada Rodrigues. *“História social e subjetividade: considerações em torno da biografia”*. XII Encontro Regional de História: cultura - memória - poder: programa e resumos. Campinas, ANPUH/Núcleo Regional de São Paulo, 1994. p. 93.

Por exemplo: em 1898, Coutinho publicou no *"Echo Operário"* uma série de agradecimentos pelas condolências recebidas em virtude da morte de Aurora, sua filha mais velha, então com oito anos, *"aquela que era o nosso enlevo"*⁸. No ano seguinte, figurava neste periódico um anúncio, onde o militante em questão pedia emprego porque estava ocupado apenas das nove horas da manhã até três da tarde, e tinha necessidade de trabalhar o resto do dia para garantir o sustento da família⁹. Por fim, em um escrito autobiográfico, afirmava ter *"o vício de gastar quanto podia em livros que lia com frenesi (...)"* e o *"defeito de não querer ser o mais ignorante"*¹⁰.

Senti, então, curiosidade de conhecer não apenas o Coutinho-militante mas também este homem que chorava a morte da filha, que lutava pela sobrevivência, que estudava *"com frenesi"*. O que era para ser uma conversa entre um *vivo* e um *morto* tornou-se uma ensurdecidora miscelânea de sons. A maneira de transformar esta barulheira em melodia foi definir uma perspectiva de análise: aquela que me pareceu mais adequada foi a da **vida cotidiana**. Desta forma, pensava em evitar as distorções comuns dos biógrafos que investigam apenas os *atos destacados* de uma trajetória singular, sem levar em conta que os homens passam a maior parte de sua existência imersos nas rotinas e nas atribulações da vida diária. Além disso, através desta abordagem, busquei resgatar os múltiplos papéis

⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/10/1898. p. 3. Nesta dissertação, as citações documentais tiveram a sua ortografia atualizada.

⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/08/1889. p. 4. Publicado novamente no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 03/09/1899. p. 4.

¹⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2.

desempenhados por Coutinho no dia-a-dia, compondo um mosaico multifacetado de sua vida.

Porém Coutinho não submergiu simplesmente nos papéis do cotidiano. Em diversos momentos de sua trajetória, o mesmo alcançou uma consciência mais ampla sobre si e sobre a época em que viveu.

Tais constatações impeliram-me a realizar um esforço teórico no sentido de caracterizar mais precisamente a **dimensão cotidiana do social, bem como a sua relação com os aspectos não-cotidianos da existência.**

Definida esta perspectiva analítica - **de uma abordagem biográfica pelo ângulo da vida cotidiana** -, prossegui meu *diálogo* com Coutinho a partir de todas as fontes que pude localizar: livros de ata, estatutos e relatórios dos presidentes da Sociedade União Operária, processo-crime de um atentado sofrido pelo personagem, seu atestado de óbito, registros no cemitério católico de Rio Grande e, sobretudo, artigos de e sobre Coutinho nos mais diferentes periódicos do estado¹¹.

Obviamente que muitos silêncios atravessaram esta *conversa*, sobretudo no período que vai de 1911 a 1940, quando Coutinho morou na cidade de Jaguarão. Procurei preencher alguns destes vazios com inferências a partir do contexto¹² mais

¹¹ Ver a relação das fontes consultadas no final do trabalho. Nesta dissertação, não utilizei fontes orais sobretudo por dois motivos. Em primeiro lugar, não consegui localizar nenhum parente ou conhecido de Coutinho que pudesse me conceder um depoimento. Além disso, a utilização deste recurso implica o conhecimento de um campo teórico e metodológico muito vasto, cujo estudo demanda um espaço de tempo mais amplo do que aquele fixado para a realização da presente pesquisa.

¹² Estou usando o termo "*contexto*" na acepção que lhe é dada por Carlo Ginzburg: "*campo de possibilidades historicamente determinadas*". Ver: GINZBURG, Carlo. "*Provas e possibilidades à margem de 'Il ritorno de Martin Guerre', de Natalie Zemon Davis*". In: **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa, Difel, 1989. p. 183. Neste sentido, procurei, em determinados momentos do trabalho, sobretudo quando a documentação era mais escassa, explicar alguns aspectos da trajetória de Coutinho a partir das possibilidades oferecidas pelo contexto. Por exemplo: como a maior parte dos operários gaúchos, segundo a historiografia, agiu em uma situação específica? Obviamente que não quero reduzir o personagem ao contexto mas apenas indicar as possibilidades de sua atuação.

geral. Outros tornaram-se lacunas irremediáveis. Afinal, todo o morto leva para o túmulo um “*resíduo de indecifrábilidade*”¹³ que deve ser respeitado.

De qualquer forma, mesmo com tais problemas, espero que este trabalho *desachate* um pouco mais o nosso mundo e permita conhecer a trajetória de um indivíduo que, mesmo morto, ainda pode contar muito sobre o seu tempo.

* * *

A presente dissertação pretende ter uma dupla face: uma de reflexão teórica sobre o gênero biográfico e outra de pesquisa empírica sobre a trajetória de Antônio Guedes Coutinho. Evidentemente que ambas são faces da mesma moeda à medida em que uma foi pensada em função da outra.

Os resultados da investigação, para sua exposição aos leitores, foram organizados da seguinte forma.

O **capítulo 1 - O gênero biográfico** - é de cunho teórico e apresenta-se distribuído em três partes. Na primeira (1.1), tratarei inicialmente da trajetória do gênero biográfico em três correntes que marcaram o conhecimento histórico a partir do século XIX: o positivismo, o marxismo e a Escola dos Anais. Analisarei também as tendências recentes que resgatam a biografia como forma de perspectivação do

¹³ Expressão de GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p. 34.

social, quais sejam: a nova história francesa, o grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista, a micro-história italiana e a psico-história.

A seguir (1.2), examinarei os principais problemas que, ao meu ver, se colocam para o historiador interessado em realizar uma pesquisa biográfica. Este tópico será abordado a partir de quatro oposições, falsas como tentarei demonstrar, consideradas inerentes ao gênero em questão: indivíduo X sociedade, biografia enquanto narração X biografia enquanto explicação, indivíduo unitário X indivíduo fragmentado e público X privado.

Finalmente (1.3), procurarei demonstrar as vantagens analíticas de se construir uma biografia a partir da perspectiva do cotidiano.

No **capítulo 2 - A trajetória de Antônio Guedes Coutinho** -, apresentarei a parte empírica do trabalho, articulando-a com as discussões teóricas realizadas no capítulo anterior. Nesta, destacarei os quatro conteúdos centrais e indissociáveis que, segundo a documentação, compunham o dia-a-dia de Coutinho: a família (2.1), o trabalho (2.2), o estudo e a produção intelectual (2.3) e a militância (2.4). Em cada um destes itens, buscarei verificar como se deu a relação entre as dimensões cotidiana e não-cotidiana de sua vida.

1 - O GÊNERO BIOGRÁFICO

1.1 - A trajetória da biografia no âmbito do conhecimento histórico¹

Segundo Lima Filho, “*as relações entre a biografia e a história são tão antigas quanto a própria história enquanto disciplina*”². Assim, a investigação sobre a trajetória deste gênero deveria ter como ponto de partida a Antigüidade Clássica. Porém, uma abordagem de tal extensão ultrapassaria os limites deste trabalho. Por isso, iniciei minha análise no século XIX, quando a história se constituiu como campo de conhecimento autônomo e com aspirações científicas. Privilegiei, a partir daí, três tendências que influenciaram profundamente o

¹ Todas as questões historiográficas, teóricas e metodológicas analisadas neste capítulo são extremamente complexas e demandariam um levantamento bibliográfico mais exaustivo e uma reflexão mais refinada do que os possíveis neste momento. Meu objetivo foi apenas **mapear um campo de trabalho** através do exame de algumas obras significativas. Por isso, os reducionismos e, porventura, as incorreções, embora indesejáveis, são inevitáveis neste tipo de investigação exploratória.

² LIMA FILHO, Henrique Espada R.. **História social e subjetividade: considerações em torno da biografia**. Trabalho apresentado no XII Encontro Regional de História da ANPUH/ Núcleo regional de São Paulo. Campinas, 5 a 7 de setembro de 1994. mimeo. p.2.

conhecimento histórico contemporâneo: o positivismo, o marxismo e a Escola dos Anais.

A biografia ocupava um lugar de destaque na historiografia de inspiração positivista.

Augusto Comte, fundador do positivismo, corrente tributária do projeto burguês da modernidade ilustrada, assim se pronunciou sobre o papel do indivíduo na história:

“Em geral, quando o homem parece exercer uma grande influência, não é, de modo algum, por suas próprias forças que são muito poucas. São sempre forças exteriores que agem por ele, segundo leis sobre as quais ele nada pode. Todo o seu poder reside na inteligência que o põe em condições de conhecer tais leis pela observação, de lhes prever os efeitos e, conseqüentemente, de fazer convergir para o fim que se propõe, desde que empregue essas forças de maneira conforme a natureza delas”³.

Por este trecho, percebe-se que Comte nega o voluntarismo individual e postula que a única ação possível dos homens na história consiste em desvendar as leis da evolução social e as por em marcha.

Contudo, a sua teoria, na forma como foi apropriada pelos historiadores, acabou privilegiando a atuação dos *grandes homens*. Tal apropriação deriva de alguns elementos intrínsecos ao positivismo. Inicialmente, deve-se salientar que a história feita sob esta perspectiva enfoca predominantemente os acontecimentos políticos e tem por base uma abordagem empirista dos documentos públicos e

³ *Apud* LOURO, Guacira Lopes. “Que história estamos ensinando?”. *Educação e realidade*, Porto Alegre. 8 (2):79-91. maio/ago. 1983. p. 81.

oficiais. Os pesquisadores positivistas aspiram a uma relação neutra e objetiva com o passado. Em consequência, apreendem sobretudo as ações individuais dos líderes políticos, mais visíveis em tais fontes. Além disso, devido à sua inspiração política conservadora, segundo à qual cabe aos mais capazes dirigirem a sociedade, a historiografia positivista centra o seu foco nos homens ligados às elites políticas, militares, sociais e culturais a quem se atribui o fazer da história.

Levando-se em conta tais posturas, não é de se estranhar a valorização da biografia por esta corrente historiográfica. Os biógrafos de inspiração positivista celebram os *heróis* da sociedade, dignos de servirem de exemplo para os seus contemporâneos. Interessa a estes pesquisadores, os aspectos públicos e os *feitos notáveis* dos personagens enfocados, dispostos em uma narrativa cronológica e linear, que aponte para a *evolução* e para o *progresso* que tais indivíduos experimentaram ao longo da vida.

Um exemplo de trabalho produzido com este enfoque é o livro "*Homens ilustres do Rio Grande do Sul*"⁴, escrito pelo historiador positivista gaúcho Aquiles Porto Alegre e publicado inicialmente em 1917. Nesta obra, o autor constrói uma série de biografias de "*rio-grandenses notáveis*" visando "*a educação cívica dos nossos jovens patrícios, pondo-lhes diante dos olhos exemplos dignos de serem imitados*" (p. 13).

Na biografia de Júlio de Castilhos, por exemplo, Porto Alegre diz que o mesmo "*foi um destes indivíduos excepcionais, vindos ao mundo para servirem de exemplo*" (p. 93-94) e um "*super homem de seu partido*" (p. 99). Neste texto, é

⁴ PORTO ALEGRE, Aquiles. *Homens ilustres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, ERUS, s.d.

explícita a perspectiva elitista do autor - *"Ele nasceu para cativar almas, dominá-las, dirigi-las"* - e a idéia de que os *"grandes homens"* conhecem a *"marcha da história"* quando compara Castilhos com um *"profeta"* (p. 94). Saliento ainda que a atenção do autor recai exclusivamente sobre a trajetória pública do biografado, descrita como uma evolução linear: da vida acadêmica na Faculdade de Direito em São Paulo até a *glória* na presidência do estado do Rio Grande do Sul.

Esta forma de se encarar a história e, conseqüentemente, as biografias produzidas sob sua égide, foram fortemente contestadas pelo marxismo e pela Escola dos Anais.

Marx encarava a história como um processo de desenvolvimento do indivíduo que só se completaria com o fim da sociedade de classes. Até então, a mesma se daria através de relações sociais que são *"indispensáveis e independentes da vontade dos homens"*⁵. Segundo tal concepção, o primeiro fato histórico não é o homem mas sim a necessidade de produção da vida material: *"os homens têm uma história pelo fato de serem obrigados a produzir sua vida e de terem de o fazer de um determinado modo (...)"*⁶.

Comentando a postura marxista sobre o tema, diz Lukes:

"Enquanto filosofia da história (...) o marxismo propõe uma teoria do desenvolvimento do indivíduo, como, aliás, muitas outras teorias do século XIX. Como ciência social, rejeita as explicações elaboradas em termos dos

⁵ MARX, Karl. "Prefácio" à *"Crítica da economia política"*. Apud LUKES, Steven. Verbetes *"Indivíduo"*. In: BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro, Zahar, 1988, p. 192.

⁶ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Lisboa, Presença, s.d. p. 35.

*propósitos, atitudes e crenças individuais, preferindo considerá-las, elas próprias, como matéria a ser explicada*⁷.

Em termos gerais, pode-se dizer que o marxismo descentrou o indivíduo na sua explicação da sociedade e da transformação social, condicionando a atuação deste a uma determinação mais ampla: a produção das condições materiais de existência. Por isto, as análises históricas construídas com tal inspiração enfocam sobretudo as grandes estruturas sociais, principalmente a infra-estrutura econômica, e o movimento de sujeitos coletivos, as classes.

O próprio Marx ilustra esta perspectiva no livro *"O 18 brumário de Luís Bonaparte"*. Embora o título remeta a um personagem individual, o mesmo não assume, ao longo da narrativa, o papel de protagonista, permanecendo subsumido à dinâmica da luta de classes. Diz o autor: *"Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado"*. Por este motivo, segundo ele, Luís Bonaparte não ascendeu ao trono devido às suas qualidades pessoais. Ao contrário, foi *"a luta de classes na França [que] criou circunstâncias e condições que possibilitaram a uma personagem medíocre e grotesca desempenhar um papel de herói"*⁸.

Ainda neste sentido, Louro comenta a posição de Engels sobre a relação entre indivíduo e história. Para ela, o autor:

"Chama atenção para que o historiador se preocupe menos com os grandes homens ou com seus motivos e sim mais com as ações"

⁷ LUKES, Steven. Verbete *"Indivíduo"*, *op. cit.*

⁸ MARX, Karl. *"O 18 brumário de Luís Bonaparte"*. In: **Marx**. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p.p. 329 e 325, respectivamente..

continuadas que se traduzem em grandes transformações históricas. A história não é feita pelas decisões desses homens individualmente, como também não é resultado de algo que está fora dela.

*Os homens fazem a história dentro de um contexto específico, com determinada base econômica e luta de classes. Engels afirma mesmo que o surgimento de um grande homem em determinado lugar é casualidade e assim, se ele fosse suprimido, haveria a necessidade de substituí-lo e outro então apareceria*⁹.

Percebe-se, assim, porque, na historiografia marxista, a biografia foi considerada como um gênero menor. Afinal, qual seria o sentido de se estudar trajetórias singulares se as mesmas teriam um peso mínimo, ou nulo, na explicação das tramas históricas? Por que resgatar os indivíduos se estes poderiam ser facilmente intercambiáveis?

A **Escola dos Anais** emergiu como uma reação à historiografia de inspiração positivista. Os historiadores deste grupo, surgido em 1929, combateram a história política tradicional, centrada na atuação dos *grandes homens*; propuseram a colaboração com ciências humanas menos atentas às ações individuais (especialmente a geografia, a sociologia e a economia); introduziram a noção de *história-problema* e reivindicaram uma *história-total*, preocupada com todos os aspectos do fazer humano.

Em sua primeira fase¹⁰, que vai aproximadamente até a Segunda Guerra Mundial, houve espaço para a produção biográfica, principalmente por parte de

⁹ LOURO, Guacira Lopes. "*Que história...*", *op. cit.*, p. 84.

¹⁰ Adotei a periodização da Escola dos Anais proposta por Peter Burke. Ver BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989). A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo. UNESP, 1991.

Lucien Febvre, um dos fundadores da revista *Annales*. Porém, seus trabalhos sobre Lutero¹¹, Rabelais¹² e Margarida de Navarra¹³ diferenciam-se substancialmente das biografias positivistas. Neste sentido, deve-se salientar que o autor reduz a autonomia dos *grandes personagens*, inserindo-os no contexto em que viveram, visto aqui como um limite para a livre atuação individual. Nas palavras de Febvre, “(...) o indivíduo é sempre o que sua época e o seu meio social permitem”¹⁴. Comentando este ponto, diz Revel,

“(...) as biografias de Febvre são de um gênero muito particular. Elas jamais identificam seu objeto à trajetória de um destino excepcional, portador de inovações inauditas. Pelo contrário, elas procuram relacionar essa trajetória com as condições gerais nas quais ela se inscreve e que lhe fixam ao mesmo tempo as possibilidades e o sentido. (...) Na biografia, é a exemplaridade e não a excepcionalidade, que é fundamentalmente buscada”¹⁵.

Além de inserir os personagens enfocados em redes sociais mais amplas, Febvre os toma como pontos de partida para reflexões sobre temas abrangentes tais como: o protestantismo, no caso de Lutero; a possibilidade do ateísmo no século XVI, no caso de Rabelais, e a relação entre religião e moralismo na mesma centúria, no caso de Margarida de Navarra. Enfim, numa perspectiva de *história-problema*, as biografias febvreanas não se esgotam em si mesmas mas servem como vias de observação da sociedade.

¹¹ FEBVRE, Lucien. **Martin Lutero: um destino**. México, F.C.E., 1956.

¹² FEBVRE, Lucien. **Le problème de l'incroyance du 16 siècle**. Paris, A. Michel, 1974.

¹³ FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**. Paris, Gallimard, 1944.

¹⁴ FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa, Presença, s.d. p. 221.

¹⁵ REVEL, Jacques. Verbete “*Mentalidades*”. In: BURGUIÈRE, André (org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro, Imago, 1993. p. 530. Sobre as biografias de Febvre, ver também: RAMINELLI, Ronald. “*Lucien Febvre no caminho das mentalidades*”. **Revista de História (Nova Série)**, São Paulo, USP, nº 122, jan.-jul. 1990, p.p. 97-115.

Com o início da *Èra Braudel*, a biografia perdeu seu espaço nos *Annales*. A maioria dos historiadores deste grupo voltou-se para a história econômica e social, influenciados, em termos contextuais, pelos problemas da recuperação europeia no pós-guerra e, em termos teóricos, pelo paradigma estruturalista.

Fernand Braudel, em artigo célebre, afirmou a existência de pelo menos três temporalidades na história: o tempo curto dos eventos e das ações individuais, o tempo médio das conjunturas e o tempo longo das estruturas. Para ele, a primeira temporalidade é a do jornalista por ser a mais superficial e caprichosa. O historiador deveria ocupar-se com os ciclos médios e com as “*prisões de longa duração*”¹⁶.

Em seu livro mais importante, profundamente influenciado pela geografia, o autor tomou como ponto de referência um *grande personagem*, o rei da Espanha Felipe II¹⁷. Porém, como afirma Le Goff, “*na célebre tese de Fernand Braudel, o herói é o Mediterrâneo e não Felipe II, mas aqui Braudel se distancia com efeito de seu mestre Febvre, o descarte do grande homem e da biografia pertencem mais à fase braudeliiana dos Annales que ao período inicial*”¹⁸.

Metodologicamente, a segunda fase da Escola dos Anais foi marcada pela quantificação, onde qualquer ação humana servia como um dado para a construção de amplas séries estatísticas, únicas capazes de captar os movimentos de longa duração. Imbuídos deste espírito, Pierre Chaunu¹⁹ e Le Roy Ladurie

¹⁶ BRAUDEL, Fernand. “*A longa duração*”. In: **História e ciências sociais**. Lisboa, Presença, 1990.

¹⁷ BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II**. Lisboa, Martins Fontes, 1983. 2 v.

¹⁸ LE GOFF, Jacques. “*Comment écrire une biographie historique aujourd’hui?*”. **Le Débat**. Numéro 54, mars-avril 1989. p. 49. A tradução das citações em língua estrangeira, com exceção daquelas originalmente escritas em italiano (traduzidas por Henrique E. Lima Filho), é de minha responsabilidade.

¹⁹ *Apud* ANDRÉS-GALLEGO, José. “*La nueva historia como reto*”. In: ANDRÉS-GALLEGO, José (org.). **New history, nouvelle histoire: hacia una nueva historia**. Madrid, Actas, 1993. p. 20.

proclamaram a morte da biografia. Segundo este último, “(...) a historiografia atual (sic), com sua preferência pelo quantificável, pelo estatístico e estrutural, foi obrigada a eliminar para sobreviver. Nas últimas décadas, ela praticamente condenou à morte (...) a biografia individual”²⁰.

A preferência pelo tempo longo, a metodologia quantitativa e o desprezo pela dimensão individual balizaram também a prática da história das mentalidades que atingiu grande proeminência na produção dos *Annales* a partir da década de 60. Michel Vovelle, representante desta tendência, comenta a respeito: “(...) nós tentamos, no domínio mesmo da história das mentalidades, propor esta história das massas, ou dos anônimos; em uma palavra, daqueles que jamais puderam se dar ao luxo de uma confissão (...): os excluídos, por definição, de toda biografia”²¹.

Enfim, ao criticarem a historiografia positivista, na qual a biografia ocupava um lugar de destaque, tanto os historiadores de inspiração marxista quanto os da Escola dos Anais, sobretudo na fase braudeliana, acabaram menosprezando as possibilidades deste gênero e optando por enfoques macro-estruturais e totalizantes. Segundo Chaussinand-Nogaret, a biografia foi vista como “o modelo de história tradicional, mais sensível à cronologia e aos grandes homens que às estruturas e às massas”²².

²⁰ Apud STONE, Lawrence. “O ressurgimento da narrativa. Reflexões sobre uma nova velha história”. *RH - Revista de história*. Campinas, IFCH/UNICAMP, Inverno 1991. p.p. 36-37. A frase de Ladurie é de 1972.

²¹ VOVELLE, Michel. “De la biographie à l'étude de cas”. In: **Problemes et methodes de la biographie. Actes du colloque**. Paris, Sorbonne, 3-4 mai. 1985. p. 191.

²² CHAUSSINAND-NOGARET, O. “Biographique (Histoire)”. In: BURGUIÈRE, André (org.). **Dictionnaire des sciences historiques**. Paris, PUF, 1986. p. 86.

Contudo, nos últimos anos, sobretudo a partir da década de 80, a biografia recuperou seu prestígio junto aos historiadores. Nas palavras de Torres, *“um vento de biografia sopra hoje sobre a história”*²³. As razões deste retorno são variadas e relacionam-se tanto com o contexto social da disciplina quanto com a sua transformação teórica.

Em termos contextuais, deve-se considerar que a massificação da sociedade contemporânea tem como contrapartida a procura da identidade individual, ou seja, os homens voltam-se ao passado em busca de referenciais para a sua conduta no presente. Além disso, a crise atual do espaço público - evidenciada pelo individualismo exacerbado e pela crítica às formas tradicionais de participação política e social - faz com que as pessoas se interessem por vasculhar minuciosamente a vida privada dos outros, sobretudo dos personagens destacados. Isto talvez explique o grande sucesso editorial das biografias²⁴. Obviamente que este movimento também repercute na produção dos historiadores.

No âmbito teórico, a volta da biografia está relacionada com a crise do paradigma estruturalista que havia orientado uma parte considerável da historiografia a partir dos anos 60. De acordo com esta vertente, a história deveria, *“antes de mais nada (...) identificar as estruturas e as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do*

²³ TORRES, Félix. *“Du champs des Annales à la biographie: réflexions sur le retour d’un genre”*. In: *“Problemes et methodes...”*, op. cit., p. 141.

²⁴ Ângelo refere-se à biografia como um *“gênero que os editores do mundo inteiro derramam sem parar nas livrarias e que os livreiros expõem nos melhores pontos da loja exatamente porque há novos leitores à procura de novas biografias”*. ÂNGELO, Ivan. *“Vida invadida: a mulher calada critica biografias e biógrafos”*. Veja, São Paulo. Abril, 13 de setembro de 1995, p. 127.

discurso". Em contrapartida, os historiadores atuais "quiseram restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais"²⁵. Assim, a recuperação dos sujeitos individuais pode ser vista como uma reação aos enfoques excessivamente macro-estruturais, descarnados de *humanidade*, que haviam caracterizado boa parte da *modernidade historiográfica*: o modo de produção de Marx e a longa duração de Braudel, por exemplo. Metodologicamente, esta mudança implica no recuo da história quantitativa e serial e no avanço dos estudos de caso e da micro-história.

Por fim, no círculo mais estritamente acadêmico, é importante salientar a aproximação da história com a antropologia, na qual o resgate das histórias de vida já é uma praxe; e com a literatura, preocupada com as técnicas de construção dos personagens.

O retorno da biografia é um movimento internacional e perceptível em diversas correntes historiográficas recentes²⁶. Analisarei, a partir de agora, aquelas que, do meu ponto de vista, mais se destacam na renovação do gênero, quais sejam: a **nova história francesa**, o **grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista**, a **micro-história italiana** e a **psico-história**²⁷.

²⁵ CHARTIER, Roger. "A história hoje: dividas, desafios, propostas". *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994. p.p. 101 e 102.

²⁶ Uma manifestação deste interesse atual pela biografia foi a realização de um colóquio sobre o tema em Paris no ano de 1985. Ver: PROBLEMES et methodes de la biographie, *op. cit.*

²⁷ A biografia também ocupa um lugar de destaque na nova historiografia alemã. Kocka, por exemplo, aponta para "o fato de que entre os maiores sucessos literários da área das ciências históricas dos últimos anos aqui na República Federal Alemã estão três biografias (...): a biografia dupla sobre Bismarck e seu banqueiro Bleichröder de Fritz Stern, Bismarck de Lothar Gall e César de Christian Meier" (KOCKA, Jürgen. "Um retorno à narração? - Em defesa de uma argumentação histórica". Publicado originalmente em *Geschichte und Gesellschaft*, 10(1984)3, p. 395-408. Tradução de René E. Gertz. mimeo. p. 2. Ver também nota 18 deste texto.). Contudo, não analisarei esta corrente pela dificuldade de acesso ao material publicado e de compreensão da língua.

A volta da biografia também se manifesta na historiografia brasileira recente, sobretudo na produção dos cursos de pós-graduação. No XII Encontro Regional de História promovido pelo Núcleo Regional de São Paulo da ANPUH, organizou-se uma mesa intitulada "Biografia: uma outra maneira de fazer a história", constituída por pós-graduandos da UNICAMP ("XII Encontro...", *op. cit.*, p. 6). Ainda na

A nova história francesa corresponde à terceira geração que assumiu a direção da revista *Annales*, reivindicando a herança e a continuidade da Escola. Uma das características deste grupo é o interesse por gêneros que haviam sido desprezados pela tradição dos *Annales*, sobretudo em sua fase braudeliana. Proclamam, então, a volta do acontecimento, a volta da história-narrativa, a volta da história política e também a volta da biografia. Contudo, como afirma Le Goff, “essas voltas são equívocos. Se cada uma delas pode ser aceita pela nova história e se os partidários da nova história não raro delas deram o exemplo, é porque cada um desses gêneros históricos (ou quase) volta com uma problemática profundamente renovada”. Especificamente sobre a biografia, diz o autor: “(...) a biografia histórica nova, sem reduzir as grandes personagens a uma explicação sociológica, esclarece-as pelas estruturas e estuda-as através de suas funções e seus papéis”²⁸.

Porém, não são apenas “as grandes personagens” que merecem a atenção dos novos historiadores. Aliás, um dos traços mais significativos do gênero

UNICAMP, destaca-se a dissertação de mestrado de Regina Horta Duarte, publicada com o título **A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo**. Campinas, Pontes-Ed. da UNICAMP, 1991. No mestrado da UNB, Sérgio Ricardo Coutinho realizou uma biografia denominada “*Caminhos e descaminhos de um soldado de Cristo: a trajetória político-religiosa de Victor Coelho de Almeida (1879-1944)*”, segundo o **Livro de resumos do I Encontro Nacional de Pós-graduandos em História**. Rio de Janeiro, PPG em História da UFF, 1995. p. 148. Na UFRGS, Márcia Ramos de Oliveira defendeu a dissertação, com um forte acento biográfico, intitulada **Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos**. Porto Alegre, CPG em História da UFRGS, 1995. Por fim, o antropólogo Luís Mott, da UFBA, escreveu a biografia **Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil**. Rio de Janeiro/São Paulo, Bertrand Brasil, 1993.

Este breve levantamento, parcial e indiciário, levou em conta apenas a produção acadêmica de biografias, deixando de lado um grande número de trabalhos escritos por literatos e jornalistas. Com isto, procurei demonstrar o espaço destacado do gênero na produção recente dos historiadores brasileiros. Contudo, não me parece que estes estudos possuam uma identidade comum mínima que lhes possa conferir o caráter de *tendência* ou *corrente* historiográfica e, por este motivo, não serão aqui analisados.

²⁸ LE GOFF, Jacques (org.). **A história nova**. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p.p. 7 e 8.

biográfico na atualidade é a sua extensão à *gente comum*, aos populares. Comentando este fato, afirma Burke, “o renascimento [da biografia] não é simplesmente um retorno ao passado. A biografia histórica é praticada por diferentes razões e assume formas diferentes. Pode ser o meio de entender a mentalidade de um grupo. Uma dessas formas é a vida de indivíduos mais ou menos comuns”²⁹.

A trajetória de um dos expoentes deste grupo, Georges Duby, ilustra a problemática envolvida na volta da biografia no campo da nova história francesa³⁰.

Duby, medievalista, realizou seus primeiros trabalhos seguindo a tradição da história econômica e social dos *Annales*. Sua tese, publicada em 1953, teve como tema a sociedade na região de Macon. Posteriormente, a partir da década de 60, seus estudos voltaram-se para o âmbito das mentalidades, das ideologias, da reprodução cultural e do imaginário social. Em 1984, este historiador publicou uma biografia de Guilherme Marechal, cavaleiro medieval que foi regente do rei da Inglaterra Ricardo III³¹.

A obra é escrita como um romance, sem pausas analíticas e com as citações documentais, não referenciadas, intercaladas com a fala do autor. A narrativa acompanha a vida de Guilherme que, partindo do nada, morreu rico e celebrado como o “*melhor cavaleiro do mundo*”.

Sobre o livro, comenta Duby:

²⁹ BURKE, Peter. “*A Escola dos Annales...*”, *op. cit.*, p.p. 103-104.

³⁰ Sobre a trajetória de Duby, ver seu livro auto-biográfico *A história continua*. Rio de Janeiro, Zahar/UFRJ, 1993. Ver também BURKE, Peter. “*A Escola dos Annales...*”, *op. cit.*, p.p. 86-88.

³¹ DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro, Graal, 1987.

"(...) eu podia ser acusado de trair o 'espírito dos Annales'. Eu era, com efeito, o primeiro dentre os epígonos de Marc Boch e Lucien Febvre a aceitar escrever a biografia de um 'grande homem'. Mas na realidade não me desviava nem um milímetro de meu percurso. A única modificação - das mais importantes, reconheço - dizia respeito à forma. Eu estava voltando sem rodeios à narrativa. Contava uma história, seguindo o fio de um destino pessoal. Mas continuava atendo-me à história-problema, à história questão. Minha pergunta continuava sendo a mesma: que é a sociedade feudal ?"³².

Guilherme Marechal, portanto, diferencia-se substancialmente das biografias tradicionais de corte positivista. Não se limita a narrar factualmente os diversos momentos da vida de um indivíduo. Procura, pelo contrário, examinar, na dimensão da individualidade e *por dentro* da narrativa, questões mais amplas da sociedade feudal, tais como: a constituição de redes de vassalagem, as relações de poder, o papel da mulher e dos filhos nas famílias da nobreza, as concepções sobre a morte, entre outros aspectos. Enfim, o autor não considera o livro como uma ruptura na sua trajetória intelectual, já que os problemas continuam os mesmos das pesquisas macro-analíticas por ele realizadas, mudando sim o foco de observação e a forma de exposição dos resultados. Em suas palavras:

"(...) o particular (...) só me interessava quando me informava sobre o coletivo. O verdadeiro tema do livro não é Guilherme, mas a cavalaria, seu ideal, os valores que ela afirmava respeitar. E também um sistema político, o 'feudalismo', pois através desse caso concreto o funcionamento de suas engrenagens pode ser descoberto com muito maior clareza que nos tratados ou nas cartas"³³.

Concluindo, na nova história francesa, o retorno da biografia associa-se com outras *voltas* (no caso do livro de Duby, a volta da narrativa). Contudo, este

³² DUBY, Georges. *"A história continua"*, op. cit., p.p. 137-138.

³³ *Id. ibid.*, p. 137.

retorno não significa a retomada de superados enfoques tradicionais e sim a reapropriação de antigos gêneros em função de uma problemática renovada. No que tange à biografia, esta é considerada como uma via para a observação de problemas mais amplos, reafirmando-se, assim, a *história-problema* dos *Annales*.

O grupo contemporâneo de historiadores britânicos de inspiração marxista constituiu-se nos anos 40, congregando historiadores como Eric Hobsbawm, Edward Thompson e Christopher Hill, ligados ao Partido Comunista da Inglaterra (PCI). Em 1956, com a invasão da Hungria pela União Soviética e a revelação dos crimes stalinistas, a maior parte deles desligou-se do Partido. A partir daí, sem abandonar o marxismo, passaram a criticar determinadas ortodoxias dessa tendência teórica e a incorporar temas até então pouco explorados pela mesma como a história do movimento operário ou da cultura popular³⁴.

Uma das preocupações fundamentais destes pesquisadores é a recuperação da dimensão subjetiva dos processos sociais, negligenciada pelos enfoques marxistas excessivamente estruturalistas.

Thompson, por exemplo, em seu livro *"A formação da classe operária inglesa"*, rejeita a noção economicista de classe social - *"uma quantidade de homens que se encontra numa certa proporção com os meios de produção"* - e considera que a mesma é *"um fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos"*

³⁴ Sobre este grupo, ver: GARCIA, Marco Aurélio e outros. *"Célula da história"*. *Leia*, São Paulo (105). jul. 1987.

dísparos e aparentemente desconectados, tanto na matéria prima da experiência como na consciência"³⁵.

Segundo Michael Hall, *"a preocupação central de Thompson como historiador é avaliar o papel das escolhas e das ações conscientes dos seres humanos na história"*³⁶; o que implica reconhecer a importância das ações individuais na constituição dos processos sociais. Este objetivo fica claro no prefácio d' *"A formação..."*:

*"Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro luddita, o tecelão do 'obsoleto' tear manual, o artesão 'utópico' e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser, condenados em vida, vítimas acidentais"*³⁷.

Nesta obra, portanto, o autor não constrói especificamente uma biografia, mas resgata as experiências individuais como constitutivas do *fazer-se* da classe operária inglesa³⁸.

Christopher Hill, pelo ângulo da história política, escreveu uma biografia de Oliver Cromwell, líder da revolução burguesa na Inglaterra no século XVII³⁹.

³⁵ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. p.p. 9 e 10.

³⁶ HALL, Michael. *"O brilho da heterodoxia"*. *"Leia"*, op. cit.

³⁷ THOMPSON, E. P. *"A formação..."*, op. cit., p. 13.

³⁸ Deve-se mencionar que o primeiro livro importante de Thompson foi a biografia do poeta e revolucionário inglês William Morris. THOMPSON, E. P. *William Morris: romantic to revolutionary*. New York, Pantheon Books, 1977.

Após realizar diversos trabalhos sobre esta revolução, onde privilegiava os ângulos da luta de classes e dos movimentos radicais, Hill voltou-se para a vida de seu líder.

Neste estudo, o historiador inglês destaca, ao contrário das interpretações marxistas tradicionais, a importância decisiva da ação de Cromwell para a história da Inglaterra como, por exemplo, na seguinte passagem: *“Assim, para o bem e para o mal, Oliver Cromwell presidiu as grandes decisões que determinaram a futura trajetória da história inglesa e mundial”* (p. 232). Contudo, não deixa de articular a ação do indivíduo biografado com o contexto no qual esta se realizou:

“Em relação ao século XVII, as décadas decisivas são as de 1640 a 1660. Nelas, a figura preponderante é Oliver Cromwell. Qualquer estudo sobre sua pessoa, por consequência, não será apenas a biografia de um grande homem. Deverá incorporar os acontecimentos da época em que ele viveu e que se revelaram cruciais para o posterior desenvolvimento da Inglaterra e de seu império. Espero sugerir, neste estudo, algumas das implicações que decorreram dos atos de nosso biografado” (p. 14).

O embasamento marxista de Hill faz com que sua análise privilegie a inserção classista de Cromwell. Assim, este último é considerado um precursor dos *“grandes plebeus”*, ou seja, da burguesia inglesa: *“Cromwell prefigura os grandes plebeus que se elevariam por seus próprios méritos e governariam a Inglaterra no século XVIII”* (p. 232).

Finalizando, nota-se que o livro de Hill aproxima-se, por algumas de suas características (sobretudo o enfoque político e a organização cronológica da narrativa), das biografias tradicionais. O diferencial é a tentativa constante de

³⁹ HILL, Christopher. **O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. Ver também: HILL, Christopher. *“A biografia na história da Inglaterra setecentista”*. **Varia Historia**. Belo Horizonte, UFMG, n° 14, set. 1995, p.p. 124-144.

relacionar o personagem analisado com o seu contexto: privilegiando-se, neste último, coerentemente com a inspiração teórica do autor, a ação das classes sociais e também os conflitos religiosos.

A **micro-história italiana** é, de acordo com Levi, *“essencialmente uma prática historiográfica em que suas referências teóricas são variadas e, em certo sentido, ecléticas”*⁴⁰. Esta prática difundiu-se internacionalmente a partir dos anos 70 e, sobretudo, nos 80, mas seu núcleo original é constituído pelo grupo dos historiadores italianos ligados à revista *“Quaderni Storici”*.

Esta tendência apresenta-se como uma das possíveis soluções para a crise dos grandes sistemas explicativos. Porém, rejeita as vertentes irracionalistas e estetizantes que emergiram na historiografia recente no âmbito da chamada condição pós-moderna.

O problema fundamental da micro-história diz respeito à escala de observação dos problemas pesquisados. Segundo Levi, no texto mencionado anteriormente:

“A micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (p. 136).

“Para a micro-história, a redução da escala é um procedimento analítico, que pode ser aplicado em qualquer lugar, independentemente das dimensões do objeto analisado” (p. 137).

⁴⁰ LEVI, Giovanni. *“Sobre a micro-história”*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, UNESP, 1992. p. 133.

“O princípio unificador de toda a pesquisa micro-histórica é a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados” (p. 139).

Portanto, o que caracteriza a micro-história não é o caráter *micro* do problema analisado mas sim a observação *microscópica* de qualquer problema de pesquisa, a fim de revelar dimensões do mesmo não perceptíveis em um enfoque *macroscópico*.

O conhecido livro de Carlo Ginzburg, *“O queijo e os vermes”*⁴¹, exemplifica as principais características desta tendência. Neste trabalho, o autor realizou uma pesquisa documental intensiva sobre o moleiro friulano Domenico Scandella, dito Menocchio. Este indivíduo foi condenado pela Inquisição no século XVI por professar uma estranha cosmogonia.

O estudo biográfico sobre Menocchio permitiu a Ginzburg formular uma hipótese geral sobre a cultura popular e, mais especificamente, sobre a cultura camponesa da Europa pré-industrial. Segundo ele, esta última sofria influxos recíprocos com a cultura de elite num movimento que denominou, inspirando-se em Mikhail Bakhtin, de *“circularidade da cultura”*. Tal processo amplo foi percebido por ele em uma escala micro-histórica.

Este autor procurou justificar o ângulo de análise adotado, perguntando-se que relevância pode ter, num plano mais geral, as idéias e crenças de um indivíduo único em relação aos do seu grupo social. Segundo ele, uma resposta poderia ser a extensão do conceito histórico de indivíduo às classes mais baixas: *“alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de*

⁴¹ GINZBURG, Carlo. *“O queijo e os vermes...”*, *op. cit.*

interesse por si mesmo - e justamente por isso representativo - pode ser pesquisado como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico (...)” (p. 27). Logo adverte, contudo, que Menocchio não pode ser considerado como um indivíduo *típico* de sua época. Aponta, então, para os limites desta singularidade: a cultura de seu tempo e de sua classe. Diz Ginzburg: “(...) *da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai e não se para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um*” (Id. *ibid.*).

Enfim, na micro-história italiana, a biografia é pensada como um ângulo - uma escala - de observação de problemas que transcendem a individualidade⁴². No caso de Ginzburg, através de Menocchio, foi possível analisar a relação entre cultura camponesa e cultura letrada no século XVI.

Este historiador também adota em seu texto um estilo mais literário, centrado numa trajetória singular, e busca apreender diversos aspectos da vida do personagem focado: “(...) *suas idéias e sentimentos, fantasias e aspirações. (...) suas atividades econômicas, (...) a vida de seus filhos*” (p. 16). Além disso, na relação entre indivíduo e contexto, Ginzburg vale-se da mediação da cultura para salientar os limites da singularidade pessoal. Por fim, fica explícita no livro a perspectiva classista que orientou a pesquisa - “*uma análise de classes é sempre*

⁴² O doutorando Henrique Espada R. Lima Filho vem desenvolvendo uma pesquisa sobre a biografia no âmbito da micro-história italiana na Universidade Estadual de Campinas, orientada pelo professor Edgar Salvadori De Decca. Ver seu projeto de tese: LIMA F., Henrique Espada. **Biografia e Microstoria: interrogando a questão do indivíduo na história através da historiografia italiana**. Campinas, IFCH/UNICAMP, dez. 1994. mimeo. Agradeço ao professor De Decca por esta indicação.

melhor que uma interclassista” (p. 32) - o que demonstra a influência marxista neste seu trabalho⁴³

A **psico-história** não é exatamente uma tendência recente e nem tem uma *nacionalidade* definida. Refere-se, de modo geral, aos historiadores que, em diversos momentos e em lugares diferentes, buscaram instrumental na psicologia e na psicanálise para explicar as ações dos homens na história.

Segundo Szaluta, *“o ponto forte da psico-história é a biografia. É nesta categoria do campo da psico-história (...) que a teoria é mais desenvolvida e também é onde se fazem os trabalhos mais desenvolvidos no ponto de vista da psico-história”*⁴⁴. Afinal, se uma parte considerável do instrumental da psicologia foi pensada em função de situações individuais, não é a toa que o mesmo seja aplicado na história preferencialmente ao estudo biográfico.

O próprio Febvre foi influenciado pela psicologia de Charles Blondel e Henri Wallon, escrevendo diversos artigos onde discutia a relação entre estes campos do saber. Segundo ele, *“(...) a psicologia, conhecimento científico da função mental, [deve] necessariamente (...) manter relações contínuas com as disciplinas mal definidas que confundimos sob o nome tradicional de História (...)”*⁴⁵.

⁴³ *“Aqueles historiadores que aderiram à micro-história em geral tinham suas raízes no marxismo, em uma orientação política para a esquerda e em um secularismo radical com pouca inclinação para a metafísica”*. LEVI, Giovanni. *“Sobre a micro-história”*, *op. cit.*, p.135. As relações de Ginzburg com a política passaram por um contato, como simpatizante, com o grupo de extrema esquerda italiano *Lotta Continua*. GARCIA, Marco Aurélio. *“A célula...”*, *op. cit.*

⁴⁴ SZALUTA, Jacques. *La psychohistoire*. Paris, PUF, 1987. p. 108.

⁴⁵ Estes artigos foram reunidos no livro *“Combates pela história”*, *op. cit.* A citação é da página 205.

O maior representante atual desta tendência é o historiador alemão, atuando nos Estados Unidos, Peter Gay⁴⁶. Partindo do paradigma freudiano, este autor busca demonstrar as possibilidades da psicanálise no sentido de relacionar o indivíduo biografado com o seu contexto. Diz ele:

"(...) o historiador traz para a vida sobre qual está escrevendo, ou para as passagens biográficas que ajusta à sua narrativa ou análise, um comprometimento com o meio social relevante, uma sensibilidade informada e treinada sobre os mundos nos quais o seu objeto viveu. Espera-se que possua, e exiba, um sentido firme, profissionalmente disciplinado sobre o espaço e o tempo, sobre as possibilidades e coerções públicas. Obviamente, não se pode usar uma psicologia que o deixaria atolado nos domínios exotéricos de pulsões fantasmáticas e em dramas mentais misteriosos que devem ser decifrados. Mas a psicologia psicanalítica, embora às vezes possa ser pensada assim, é tudo menos isso.

Freud construiu as trilhas que ligam a biografia à história a partir dos materiais humanos mais fundamentais: amor e ódio. Esses apenas, acreditou, permitem aos grupos imporem laços sólidos que tornam os seus membros submissos, ativos e intolerantes"⁴⁷.

✓ Ao tratar das experiências afetivas da burguesia no século XIX, Gay novamente aponta para as relações entre indivíduo e sociedade segundo a ótica da psico-história:

⁴⁶ Gay afirma não fazer psico-história em seus trabalhos. Na obra *"A experiência burguesa"*, por exemplo, diz: *"Meu objetivo é integrar a psicologia à história. Não se trata portanto de psico-história nestes volumes, mas de história informada pela psicanálise. Vai aí uma diferença!"* (GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988. p. 17). Esta postura deriva de sua crítica aos reducionismos da psico-história que, muitas vezes, descontextualizando os personagens, levou em conta apenas as pulsões internas dos mesmos (ver p. 357-359 do *"Ensaio bibliográfico"* no final do livro mencionado). Porém, de acordo com a definição geral de psico-história por mim proposta neste trabalho, Gay pode ser considerado um *psico-historiador*.

⁴⁷ GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989. p. 125.

"É claro que a rigor não houve experiência burguesa no século XIX nem em qualquer outro; houve tão-somente experiências de burgueses. Conforme é do conhecimento de todo historiador imbuído de alguma tendência psicanalítica, a experiência de um indivíduo difere, ainda que levemente, da experiência de qualquer outro. Escrever a história da experiência burguesa no século XIX, introduzir-me tão inquisitivamente quanto for possível na mentalidade da classe média, implica arriscar-me a generalizações bastante arrojadas. Só o indivíduo ama e odeia, aprimora seus gostos na arte e no mobiliário, sente-se contente nos momentos de realização, ansioso em tempos de perigo e furioso com os agentes que lhe provocam alguma privação; só o indivíduo se regozija com o poder ou lança sobre o mundo sua vingança. O mais é metáfora.

Uma metáfora todavia necessária. Pois todos os serem humanos compartilham pelo menos sua humanidade - suas paixões, sua trajetória em direção à maturidade, suas necessidades irreprimíveis. E cada qual estabelece seus laços sociais, pertence a culturas parciais que o expõem a conjuntos previsíveis de experiências, os quais constituem famílias suficientemente semelhantes entre si para seduzir o historiador a emitir julgamentos coletivos. A filiação religiosa, a vizinhança urbana, a comunidade lingüística e, no século XIX, a classe social, moldam o indivíduo de forma a torná-lo reconhecível como membro de diversas sociedades. (...) É por isso que os meandros da psicanálise, suas teorias e suas técnicas, podem construir justamente aquela ponte entre a experiência individual e a coletiva (...). Pois o indivíduo, visto pela ótica psicanalítica, é um indivíduo social"⁴⁸.

Para o que esta longa citação aponta? Coerentemente com o modelo freudiano, Gay procura demonstrar que determinadas experiências individuais podem ser generalizadas, ainda que de forma metafórica, pois o ser humano possui uma essência: a sua *humanidade*. Porém, esta última só se realiza concretamente nas diversas "*culturas parciais*" - a religião, a língua, a classe social - das quais cada

⁴⁸ GAY, Peter. "*A experiência burguesa...*", *op. cit.*, p. 22.

pessoa participa. Isto determina certas regularidades que podem ser apreendidas pelo historiador. É neste sentido que se torna possível fazer a ponte entre as “*experiências de burgueses*” e a “*experiência burguesa*”.

Este historiador aplicou o método psicanalítico ao biografar o fundador da psicanálise, Sigmund Freud⁴⁹. Assim, analisou os sonhos por ele registrados, as associações de palavras e os atos falhos expressos em cartas pessoais e, por vezes, nos tratados científicos. Porém não limitou a investigação à subjetividade do personagem, mas sim procurou analisar a sua inserção familiar, profissional, cultural, social, entre outros aspectos. Sobre este ponto, diz o autor:

“(...) não hesitei em empregar suas descobertas [de Freud], e na medida do possível seus métodos, para explorar a história de sua própria vida. Mas não permiti que eles monopolizassem minha atenção. Como historiador, situei Freud e sua obra nos vários contextos relevantes: a profissão psiquiátrica que ele subverteu e relacionou; a cultura austríaca em que foi obrigado a viver como judeu descrente e médico pouco convencional; a sociedade europeia que, durante a vida de Freud, passou pelos terríveis traumas da guerra e da ditadura totalitária; e a cultura ocidental como um todo, uma cultura cuja percepção de si mesma ele transformou irreconhecivelmente para sempre” (p. 17).

Enfim, é possível constatar que a psico-história na atualidade tem como meta fundamental resgatar os caminhos que ligam a subjetividade ao contexto social.

* * *

⁴⁹ GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

Realizar um balanço de conjunto destas diversas correntes e autores pode ser temerário. Afinal, se são perceptíveis os pontos de contato entre eles, não o são menos a variedade de preocupações e as diferenças de enfoque. Contudo, não me furtarei de indicar alguns traços comuns que caracterizam o gênero biográfico na atualidade, pelo menos no campo do conhecimento histórico.

Em primeiro lugar, a preocupação central dos biógrafos continua sendo desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais), nem na determinação estrutural estrita (como nas análises marxistas e braudelianas). Neste sentido, todos os estudos biográficos contemporâneos examinados nesta seção procuram relacionar o personagem focado com dimensões sociais mais amplas. Por exemplo, Guilherme Marechal com a cavalaria medieval; Cromwell com os grandes plebeus ingleses do século XVII; Menocchio com a cultura camponesa do século XVI e Freud com a cultura e a sociedade européias do século passado. Porém, as estratégias para estabelecer esta relação são diversificadas: Duby vale-se da noção de história-problema dos *Annales*; Hill, da caracterização social, religiosa e política da Inglaterra setecentista; Ginzburg, da observação do processo de circularidade da cultura através de uma escala *micro* e Gay, do método psicanalítico contextualizado.

A escolha dos personagens biografados também guarda interesse: não apenas os *grandes homens* - como Guilherme Marechal, Oliver Cromwell e Sigmund Freud - merecem esta *dignidade*, mas também os homens comuns, a *gente miúda*, como o moleiro Menocchio.

Outro aspecto importante, e que perpassa todos os trabalhos mencionados, é o estilo mais *literário* da escrita (muito próximo do romance), o

caráter de relato dos textos biográficos. Tal fato demonstra que, inevitavelmente, um dos passos decisivos da biografia consiste em *contar a história* de um indivíduo. Entretanto, pelo menos nos casos examinados, a narração não exclui a explicação de diferentes aspectos da vida do personagem estudado, bem como de seu contexto.

Por fim, mas não menos importante, pode-se perceber que os historiadores em questão buscam resgatar facetas diversificadas do biografado e não apenas, como nos trabalhos de inspiração positivista, a vida pública e os *feitos notáveis*. Assim, emergem em seus textos, entre outros aspectos, os sentimentos, o inconsciente, a cultura, a vida privada, a inserção classista, política e religiosa, e a vida cotidiana como espaço significativo da existência humana.

Estas questões sugeridas pela historiografia recente, e aqui apenas mencionadas, serão discutidas mais detalhadamente nas seções seguintes, quer levando-se em conta os avanços e impasses atuais do gênero biográfico (1.2), quer sob a forma de uma proposta de investigação da biografia pela perspectiva da vida cotidiana (1.3).

1.2 - Avanços e impasses atuais da biografia:
as (falsas) oposições que se colocam ao historiador
que pretende realizar uma pesquisa biográfica

Discutirei este tópico a partir de quatro oposições que normalmente se colocam ao historiador interessado em realizar uma pesquisa biográfica: indivíduo X sociedade, biografia enquanto narração X biografia enquanto explicação; indivíduo como unidade X indivíduo fragmentado e vida pública X vida privada.

a) indivíduo x sociedade

Pierre Bourdieu considera “inteiramente absurda cientificamente”⁵⁰ a oposição entre indivíduo e sociedade. Já Carr vale-se de uma expressão da linguagem comum para definir o problema: “a pergunta sobre o que vem primeiro - a sociedade ou o indivíduo - é como a pergunta sobre o ovo e a galinha”⁵¹.

Contudo, esta oposição, muitas vezes enunciada em outros termos - homem X contexto, sujeito X estrutura, voluntarismo X determinismo, liberdade X necessidade - reside no centro do pensamento ocidental, pelo menos desde a Grécia clássica. Exemplificando a questão, diz Alvin Gouldner: “quando Édipo peca, a terra de Tebas sofre por ele, mas Édipo pode pecar. A lei e o destino se impõem aos seres humanos, mas estes não são robôs, e podem conformar-se com seu destino ou lutar contra ele”. Tal tensão também está presente na teologia cristã (*livre arbítrio*

⁵⁰ BOURDIEU, Pierre. “*Fieldwork in philosophy*”. In: *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990. p. 45.

⁵¹ CARR, E. H. *Que é história?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. p. 31.

X *lei natural*), no marxismo (veja-se a ambigüidade do conceito de *práxis*), na sociologia acadêmica (subjetividade humana X objetividade da existência social) e na filosofia moderna (existencialismo X estruturalismo)⁵².

Avançar na discussão de tema tão complexo foge aos limites do presente trabalho. Porém, não é possível ignorá-lo quando se pensa na construção de uma biografia. Neste sentido, as questões são numerosas e complicadas: Como relacionar o indivíduo com seu contexto? Qual é o peso da determinação estrutural na condução das ações humanas? A subjetividade individual também não é construída socialmente?

Os historiadores-biógrafos procuram resolver tais problemas através de diversos expedientes: descrevendo o contexto como um *pano de fundo*, uma ambientação, para a livre atuação do personagem central (como nas biografias positivistas), buscando neste contexto a explicação para a ação individual (Hill) ou encarando o indivíduo como uma *via de acesso* para o exame de questões mais amplas (Duby e Ginzburg). Na perspectiva de Gay, a tensão entre o individual e o social também é visível como, por exemplo, nesta frase extraída da biografia de Mabel Loomis, jovem burguesa norte-americana do século XIX: “*Embora o fluxo de seus devaneios autobiográficos fizesse de Mabel Loomis uma típica representante de sua época e de sua classe, sua franqueza introspectiva e sua lucidez a distinguam notavelmente*”⁵³. Oscila-se, portanto, entre a representatividade de Loomis em relação ao seu contexto e a sua singularidade pessoal.

⁵² Ver GOULDNER, Alvin. *Los dos marxismos. Contradicciones y anomalias en el desarrollo de la teoría*. Madrid, Alianza, 1985. A citação é da p. 50. Grifo do autor.

⁵³ GAY, Peter. “*A experiência burguesa...*”, *op. cit.*, p. 63. Grifos meus.

Não pretendo aqui indicar a melhor maneira de se resolver a questão, “*velha como o mundo*”⁵⁴, da relação entre o indivíduo e a história. Mesmo porque, como procurei demonstrar, esta não é resolvível e sim constitutiva do pensamento ocidental. Penso, contudo, que uma das tarefas fundamentais do gênero biográfico é contribuir para a presente discussão, recuperando, através de diferentes estratégias, a **tensão**, e não a oposição, entre o individual e o social. Na segunda parte deste trabalho, buscarei atingir tal objetivo construindo a biografia de Antônio Guedes Coutinho a partir da perspectiva de sua vida cotidiana. Afinal, esta última, embora seja social e historicamente determinada, apresenta-se como o espaço da ação individual.

b) biografia enquanto narração x biografia enquanto explicação

A partir do século XIX, a história, buscando a afirmação de sua cientificidade, afastou-se da literatura. Verificou-se, então, a “*proscrição da dimensão literária do discurso histórico (...), mais precisamente, a tendência em negar a narratividade como modo adequado de exposição da escrita histórica*”⁵⁵. Nos últimos anos, contudo, proclama-se a “*volta da história-narrativa*”⁵⁶. Para

⁵⁴ Expressão usada por SEIXAS, Jacy Alves de e BATALHA, Claudio (org.). **Projeto: dicionário histórico-biográfico do movimento operário brasileiro**. Campinas, Departamento de História/IFCH/UNICAMP, s.d. mimeo. p. 14.

⁵⁵ CEZAR, Temistocles. “*Considerações acerca do estatuto do texto histórico*”. **História em Revista**. Pelotas, EdUPPel., n. 2 (no prelo). mimeo. p. 2.

⁵⁶ A chamada *volta da história-narrativa* é um ponto polêmico na agenda teórica dos historiadores atuais. Le Goff, por exemplo, considera a história-narrativa como “*um cadáver que não se deve ressuscitar, porque seria preciso matá-lo outra vez*” (LE GOFF, Jacques (org.). “*A história nova*”, *op. cit.*, p. 7.). Roger Chartier, por seu turno, questiona: “*Como, na verdade, poderia haver ‘retorno’ ou redescoberta onde não houve nem partida nem abandono?*” (CHARTIER, Roger. “*A história hoje...*”, *op. cit.*, p.103), ou seja, a história nunca teria deixado de ser narrativa. Concordo com este último ponto de vista. Porém, não se pode negligenciar “*a preferência dada recentemente a algumas formas de narrativa em detrimento de outras mais clássicas. Por exemplo, as narrativas biográficas entrecruzadas da micro-história não acionam nem as mesmas figuras nem as mesmas construções das*

Stone, esta se diferenciaria da história estrutural por ser mais descritiva do que analítica e por direcionar seu enfoque ao homem e não às circunstâncias. Haveria ainda uma maior preocupação, por parte dos historiadores narrativos, com os aspectos retóricos na apresentação de seus textos. Nas palavras deste autor:

"A narrativa aqui designa a organização de materiais numa ordem de seqüência cronológica e a concentração do conteúdo numa única estória coerente, embora possuindo sub-tramas.

Nenhum historiador narrativo, no sentido em que aqui os defini, deixa a análise totalmente de lado, mas ela não constitui o arcabouço de sustentação em torno do qual constróem sua obra"⁵⁷.

Debatendo com Stone, Hobsbawm criticou a idéia de uma contradição entre os historiadores narrativos e os estruturais. Segundo este último, *"para quase todos eles [os historiadores narrativos], o acontecimento, o indivíduo, e mesmo a reconstrução de algum estado de espírito, o modo de pensar o passado, não são fins em si mesmos, mas constituem o meio de esclarecer alguma questão mais abrangente, que vai muito além da estória particular e seus personagens"⁵⁸.*

Evidentemente tal discussão é inevitável para o historiador que pretende elaborar uma biografia. Afinal, este gênero possui grande afinidade com a literatura, pelo menos em dois aspectos: centra-se na construção de um personagem e possui

grandes 'narrativas' estruturais da história global ou das 'narrativas' estatísticas da história serial" (Id. *ibid.*).

⁵⁷ STONE, Lawrence. "O ressurgimento da narrativa...", *op. cit.*, p.p. 13-14.

⁵⁸ HOBBSAWM, Eric. "O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários". "RH...", *op. cit.*, p. 41. Grifo meu.

um intrínseco caráter de relato. Segundo Levi. “*a biografia constitui, com efeito, a passagem privilegiada pela qual os questionamentos e as técnicas próprios à literatura se colocam para a historiografia*”⁵⁹. No mesmo sentido, afirma Le Goff: “*a biografia histórica deve se fazer, ao menos em um certo grau, relato, narração de uma vida, ela se articula em torno de certos acontecimentos individuais e coletivos - uma biografia não 'événementielle' não tem sentido (...)*”⁶⁰.

Porém, a biografia histórica (como o discurso historiográfico em seu conjunto) possui algumas diferenças essenciais em relação à narrativa literária, no caso, em relação ao romance biográfico.

Em primeiro lugar, porque o historiador tem um compromisso com sujeitos históricos concretos, que existiram na realidade e que chegam até o presente através dos documentos. Não é a toa que as biografias examinadas baseiam-se em pesquisas documentais intensivas, utilizando fontes como: um poema escrito em homenagem a Guilherme Marechal (Duby), documentos oficiais (Hill), processos inquisitoriais (Ginzburg), as cartas de Freud (Gay), entre outras. Enfim, as biografias históricas têm, para além de suas qualidades estilísticas, um “*tribunal de apelação*”⁶¹ irrefutável: o passado e seus vestígios.

O historiador francês Jean Orioux - biógrafo de Voltaire, La Fontaine, Talleyrand e Bussy-Rabutin - corrobora esta idéia:

⁵⁹ LEVI, Giovanni. “*Les usages de la biographie*”. *Annales, E. S. C.*, Paris, Armand Colin, 44 année, número 6, nov.-dec. 1989, p.1326.

⁶⁰ LE GOFF, Jacques. “*Comment écrire ...?*”, *op. cit.*, p. 1.

⁶¹ Expressão utilizada por E. P. Thompson: “*Cada noção, ou conceito, surge de compromissos empíricos e, por mais abstratos que sejam os procedimentos de sua interrogação sobre si mesma, deve ser levada de novo para ser confrontada com as propriedades (...) dos dados empíricos, e deve assumir sua defesa ante juizes atentos do 'tribunal de apelação' da história*”. E. P. THOMPSON. *Miseria de la teoría*. Barcelona, Grijalbo, 1981. p. 74.

"(...) por maior que seja a capacidade criativa do romancista, os seus personagens nasceram dele. só podem existir graças a ele, são, por mais que se queira, fictícios. Pelo contrário, eu sei, e não sou o único a sabê-lo (...) que Talleyrand existiu, sem qualquer sombra de dúvida, em carne e osso, e os textos, que o evocam e entre cujas linhas descubro o seu rosto e as suas manigâncias, esses textos - dizia eu, não são letra morta, a vida corre e palpita através destes testemunhos"⁶².

Em segundo lugar, como já foi dito na seção anterior, no caso dos trabalhos examinados, a narração não exclui a explicação. Pelo contrário, as narrativas histórico-biográficas contemporâneas não se esgotam nas singularidades individuais mas servem para esclarecer temas e problemas mais amplos. Por exemplo, o universo valorativo da cavalaria medieval (Duby), a história política inglesa do século XVII (Hill), a questão da circularidade da cultura (Ginzburg) e o nascimento da psicanálise (Gay). Nas palavras de Hobsbawm, *"não há nada de novo em escolher olhar o mundo por um microscópio, ao invés de um telescópio. Na medida em que concordamos que estamos estudando o mesmo cosmo, a opção entre o microcosmo e o macrocosmo é uma questão de escolha da técnica adequada"*⁶³.

Na biografia de Coutinho, não deixarei de narrar os diversos momentos de sua vida. Tentarei, contudo, através desta narração, explicar aspectos mais gerais da sociedade na qual viveu o personagem em questão.

c) indivíduo unitário x indivíduo fragmentado

Anteriormente, mencionei que as biografias de inspiração positivista buscavam reconstruir, de forma linear, a vida de um indivíduo *"desde o nascimento*

⁶² ORIEUX, Jean. *"A arte do biógrafo"*. In: DUBY, Georges e outros. **História e nova história**. Lisboa, Teorema, 1986. p. 39-40.

⁶³ HOBBSAWM, Eric. *"O ressurgimento da narrativa..."*, op. cit., p.p. 44-45.

*até a morte*⁶⁴. sobretudo em seus aspectos públicos, a fim de ressaltar a *grandeza* do personagem examinado. Tal pretensão assentava-se em uma visão de homem, ou de alguns homens, tributária do projeto burguês da ilustração: um ser unitário, coerente, plenamente racional e objetivo, que conhece as leis da história e as põe em marcha.

Este “*sujeito tradicional pleno*”⁶⁵, típico da modernidade ilustrada, foi estilhaçado em duas frentes: no âmbito mesmo do discurso moderno e pela crítica da pós-modernidade. No primeiro caso, ressaltam-se, por exemplo, as contribuições de Marx (que destacou o peso dos condicionamentos materiais na condução das ações humanas), de Freud (que apontou para a presença do irracional nas práticas e representações dos indivíduos) e da filosofia da linguagem (que, sobretudo com Wittgenstein, criticou a idéia do sujeito individual como fonte dos significados lingüísticos). Já os pós-modernos, de maneira geral, assinalaram a fragmentação do homem na sociedade contemporânea e enfatizaram as dimensões não-rationais de delírio e de sonho que lhe são inerentes⁶⁶.

Assim, a concepção do indivíduo como unidade que atravessa linearmente o período de uma vida foi fortemente contestada. Para De Certeau, cada homem deve ser entendido como “*um locus no qual uma incoerente e*

⁶⁴ Expressão usado por STONE, Lawrence. “*O ressurgimento da narrativa...*”, *op. cit.*, p. 14.

⁶⁵ Expressão de WELLMER, Albrecht. “*La dialectica de modernidad y posmodernidad*”. In: CASULLO, Nicolas. *El debate modernidad/Posmodernidad*. Buenos Aires, Punto Sur, 1984. p. 321.

⁶⁶ Wellmer, partindo de Ihab Hassan, caracteriza o “*momento pós-moderno*” como uma fase de desconstrução, que expressa uma “*obsessão epistemológica pelos fragmentos ou pelas fraturas e um correspondente compromisso ideológico pelas minorias em política, sexo e linguagem*”. *Id. ibid.*
Desenvolvi mais detidamente este argumento em SCHMIDT, Benito Bisso. “*A pós-modernidade e o conhecimento histórico: considerações sobre a volta da biografia*”. *Cadernos de Estudo*. Porto Alegre, CPG em História/UFRGS, nº 10, dezembro de 1994.

*freqüentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem*⁶⁷.

Este repensar do conceito tradicional de *ser humano* tem conseqüências fundamentais para o gênero biográfico.

Pierre Bourdieu, criticando o método das histórias de vida, opôs-se ao que chamou de *"ilusão biográfica"*. Para ele, os pesquisadores que utilizam tal método partem de uma noção de identidade *"entendida como constância a si mesmo de um ser responsável, ou seja, previsível ou pelo menos inteligível"*, oposto ao *"sujeito fracionado, múltiplo"* da realidade. Segundo o autor, esta concepção tem por pressuposto o entendimento de que:

*"(...) uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato desta história [e também] (...) que 'a vida' constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma 'intenção' subjetiva e objetiva, de um projeto (...). Esta vida organizada como uma história se desenrola segundo uma ordem cronológica que é também uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término que é também um fim, uma meta"*⁶⁸.

Analisando o *revival* das biografias na historiografia atual, Levi também chama a atenção para as múltiplas dimensões que se escondem por detrás de uma pretensa identidade individual:

⁶⁷ DE CERTEAU, Michel. *The practice of everyday life*. Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press, 1984. p. xi.

⁶⁸ BOURDIEU, Pierre. *"L'illusion biographique"*. *Actes de la recherche en sciences sociales*, (62-63): 69-72, juin, 1986. p.p. 70 e 69, respectivamente.

*"Problemas vastos se colocam então frente à biografia e ao engano óptico da identidade mutável e incoerente (...) da qual a pessoa não é senão a máscara, o nome, o estado civil imposto a uma miríade explodida de traços e fragmentos. Depois da longa fé oitocentista e positivista na possibilidade de construção de uma biografia e de uma autobiografia totais, autênticas, que abrangessem tudo o que há de relevante, passou-se a um período de estudo das partículas (...)"*⁶⁹.

Esta preocupação em resgatar as múltiplas facetas do personagem biografado, rompendo com a idéia de uma identidade unitária e imutável, aparece na produção historiográfica recente. Duby, por exemplo, examina a atuação política e os *feitos notáveis* de Guilherme Marechal, mas não deixa de lado as relações familiares e a subjetividade deste indivíduo⁷⁰. Já Ginzburg analisa pensamentos e sentimentos do moleiro Menocchio, articulando-os com a sua inserção classista. Gay, por seu turno, cruza diversos planos ao biografar Freud: a família, a trajetória intelectual, as motivações inconscientes, a situação dos judeus na Viena do século XIX, entre outros. Hill, finalmente, enfatiza sobretudo a dimensão pública da vida de Cromwell por ter como meta a construção de uma biografia política.

Nestes estudos, a pluralidade de enfoques permitiu o enriquecimento das análises biográficas e não levou ao esfacelamento dos personagens examinados. Portanto, romper com a idéia de indivíduo unitário não significa necessariamente identificar a biografia com uma *ilusão*, mas sim explorar todas as potencialidades do gênero, aproximando-o da multifacetada existência concreta dos homens.

⁶⁹ LEVI, Giovanni. *"Retorica e verità"*, prefácio a STARACE, Giovanni. *Le storie, la storia. Psicoanalisi e mutamento*. Veneza, Marsilio Editori, 1989. p. X.

⁷⁰ Duby comenta que procurou compreender Guilherme Marechal, *"apanhado nas malhas das obrigações entrelaçadas e não raro contraditórias que decorriam de seus deveres de pai, senhor, vassalo e súdito (...)"*. DUBY, Georges. *"A história continua"*, *op. cit.*, p. 139.

Na segunda parte desta dissertação, analisarei as quatro dimensões da vida de Coutinho - a família, o trabalho, o estudo e produção intelectual e a militância - que emergiram com mais destaque na documentação consultada. Assim, procurarei resgatar as múltiplas, e por vezes contraditórias, facetas de sua biografia: o individual e o contextual, o público e o privado, o racional e o afetivo, a coerência e a incoerência, as decisões e as hesitações. Tais dimensões serão examinadas a partir da perspectiva da vida cotidiana que, sem qualquer pretensão unificadora ou totalizante, me permitiu conferir uma coerência aos dados trabalhados.

d) público x privado

De forma geral, os historiadores-biógrafos negligenciavam a vida privada de seus personagens, por ser no âmbito público que se realizam os *feitos notáveis*, dignos de serem registrados. A privacidade só vinha à tona para reforçar as qualidades morais do biografado. Esta postura é coerente com o contexto da modernidade quando, sobretudo a partir do século XIX, procurou-se estabelecer uma nítida divisão entre o privado e o público⁷¹.

Na historiografia atual, contudo, verifica-se um interesse crescente pela dimensão privada da existência humana. Segundo Perrot, este deslocamento corresponderia a uma reação ao "*peso do político*", que levou os historiadores "*a refletir sobre os mecanismos de poder e a buscar no contra-peso dos pequenos grupos, e até dos indivíduos, resistências eficazes, barreiras necessárias ao controle*

⁷¹ Sobre este processo, ver PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

social". Ou seja, nos interstícios da vida privada encontrariam-se espaços de resistência às imposições macro-sociais.

Outro aspecto abordado pela autora é a "*exaltação dos particularismos e das diferenças*" que marca o mundo atual como contrapartida "*à massificação crescente das ideologias, dos discursos e das práticas*"⁷².

Tais preocupações contemporâneas projetam-se também para o passado como, por exemplo, no estudo de Ginzburg sobre o moleiro Menocchio. Este último representa uma *barreira* à hegemonia do discurso da Igreja no século XVI e pode ser lido como uma *exaltação da diferença*.

A curiosidade sobre o privado, como já foi dito, explica também o sucesso editorial das biografias, escritas ou não por historiadores, junto ao grande público. Conhecer a intimidade do outro nos mínimos detalhes tornou-se um passatempo para inúmeros leitores, "*cúmplices mais ou menos voluntários de 'voyerismo'*"⁷³.

Assim, o exame das articulações entre o público e o privado deve ser uma das preocupações dos historiadores-biógrafos. Isto porque, segundo Souza-Lobo, "*a 'démarche' biográfica ilumina a complexidade das relações entre vida pública e vida privada e das experiências individuais e coletivas*"⁷⁴. Tal problemática é visível nas biografias recentes, como nos trabalhos mencionados de

⁷² PERROT, Michelle. "Introdução". In: "*História da vida privada...*", *op. cit.*, p. 9. Grifo meu.

⁷³ SOUZA-LOBO, Elizabeth. "*Emma Goldman - revolução e desencanto: do público ao privado*". *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n.º 18, p.p. 29-41, ago.89/set. 89. p. 29.

⁷⁴ *Id. ibid.*

Duby, Ginzburg e Gay, onde a dimensão privada (a família, a subjetividade, a sexualidade, entre outros aspectos) tem um peso considerável na análise.

Na biografia de Coutinho, tentarei mostrar como as fronteiras entre vida privada e vida pública são móveis e facilmente burláveis. Assim, por exemplo, acontecimentos do âmbito familiar influenciaram a sua atuação política e vice-versa. A perspectiva do cotidiano é útil para elucidar tais relações já que, no dia-a-dia, os indivíduos transitam constantemente entre estas dimensões. Como diz Kosik *“a cotidianidade não significa a vida privada por oposição à pública”*⁷⁵.

Com estas considerações, de caráter exploratório, espero ter apontado para as complexas questões teórico-metodológicas envolvidas na construção de uma biografia. Espero, ainda, ter explicitado o meu posicionamento sobre as oposições indivíduo/sociedade, narração/explicação, unidade/fragmentação e público/privado. As mesmas me parecem falsas já que a análise biográfica exige um constante deslocamento, e não um isolamento, entre os pólos mencionados.

Tentando dar conta dos complicados problemas elencados nesta secção, optei por construir uma biografia a partir da perspectiva da vida cotidiana.

⁷⁵ KOSIK, Karel. *Dialéctica de lo concreto*. México, Grijalbo, 1963. p. 92.

1.3 - Uma proposta de investigação: a biografia pela perspectiva da vida cotidiana⁷⁶

Como ressaltai anteriormente, as biografias tradicionais voltam-se, via de regra, para aqueles personagens a quem se atribui o *fazer da história*. Recuperam, portanto, de forma privilegiada, as ações políticas, os atos conscientes, as deliberações racionais, as rupturas da rotina (individual ou social), o lado público da existência; as *manifestações notáveis*, enfim. Este viés deixa ausente, ou resgata apenas como *material de construção*, a vida diária, o inconsciente, o privado, as ações minúsculas.

Com estas indicações, já se pode perceber uma abordagem no mínimo incompleta. Por que, então, eleger o cotidiano como foco privilegiado de análise?

Em primeiro lugar, esta perspectiva traz para a biografia sua matéria mais extensa, a vida diária.

⁷⁶ Na reflexão sobre a vida cotidiana, adotei conscientemente uma postura teórico-metodológica eclética. Penso que tal abordagem é a mais adequada para o estudo desta dimensão do social, devido ao caráter multifacetado e contraditório do objeto **cotidiano**. Neste sentido, por exemplo, Maria do Carmo Falcão comenta que "*todos os estudos sobre a vida cotidiana indicam a complexidade, contraditoriedade e ambigüidade de seu conteúdo*" (NETTO, José Paulo e FALCÃO, Maria do Carmo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo, Cortez, 1984. p. 14.). Da mesma forma, embora com outro direcionamento teórico, Michel Maffesoli afirma que "*(...) a existência cotidiana é fragmentada, polissêmica, constituída por sombras e luzes (...) feita por um homem simultaneamente 'sapiens' e 'demens'*" (MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento do cotidiano**. Lisboa, Vega, 1986. p. 158). Contudo, priorizei a vertente lukacsiana do marxismo por considerar que ela aponta para as coordenadas gerais articuladoras da vida cotidiana. Neste sentido, minhas reflexões são inspiradas sobretudo por Agnes Heller e Karel Kosik, seguidores e continuadores de Lukács. Ver: HELLER, Agnes. **La revolución de la vida cotidiana**. Barcelona, Península, 1982; **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989; **Sociología de la vida cotidiana**. Barcelona, Península, 1994 e KOSIK, Karel. "*Dialéctica...*", *op. cit.* Foram também muito úteis os comentários de NETTO, José Paulo e FALCÃO, Maria do Carmo. "*Cotidiano...*", *op. cit.*

O cotidiano é a vida de todos os dias: dos gestos, ritos e ritmos repetidos diariamente. Seu espaço é o do automático, da rotina, do instintivo, do familiar, do conhecido: *“para que o homem possa ser homem, deve efetuar automaticamente diversas ações vitais. Estas ações são tanto mais perfeitas e mais benéficas, para o homem, quanto mais perfeitamente estejam automatizadas e menos passem através da consciência e da reflexão”*⁷⁷.

Esta sucessão repetitiva do dia-a-dia comporta conteúdos bastante heterogêneos: engloba a vida familiar, o trabalho, as relações de vizinhança, o lazer, entre outros aspectos. Além disso, no cotidiano, o homem pode permanecer imerso na alienação (favorecida pelo automatismo das atividades diárias)⁷⁸, sujeitado a mecanismos de disciplina⁷⁹, mas também pode exercer sua criatividade⁸⁰ e criar formas de resistência à ordem estabelecida⁸¹ (uma *“anti-disciplina”*⁸²). Assim,

⁷⁷ KOSIK, Karel. *“Dialéctica...”*, *op. cit.*, p. 101. Sobre a questão da rotina, ver também: CHALAS, Yves. *“La routine: analyse d’une composante de la vie quotidienne à travers des pratiques d’habiter”*. *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Paris, 85, jul./dez. 1988.

⁷⁸ *“Os marxistas críticos do socialismo real estudam a vida cotidiana para entender o fenômeno da alienação, do qual a sociedade socialista não estaria isenta”*. PETERSEN, Sílvia R. F. *“A renovação da historiografia e o tema da vida cotidiana: desfazendo alguns equívocos”*. In: MAUCH, Cláudia e outros. **Porto Alegre na virada do século XIX: cultura e sociedade**. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo, Ed. da Universidade-UFRGS/Ed. ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994. p. 118. Neste sentido, ver os trabalhos citados de Heller, Kosik e Netto e Falcão.

⁷⁹ Sobre a questão da disciplina, ver, sobretudo, os trabalhos de Foucault: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979 e **Vigiar e punir**. Petrópolis, Vozes, 1989.

⁸⁰ *“Outros autores (...) se interessam pelo cotidiano por causa de sua vivacidade diante de uma ordem social cada vez mais tecnocrática e normativa”*. PETERSEN, Sílvia R. F. *“A renovação...”*, *op. cit.* p. 119. Neste sentido, ver os trabalhos de DE CERTEAU, Michel. *“The practice...”*, *op. cit.* e MAFFESOLI, Michel. *“O conhecimento...”*, *op. cit.*

⁸¹ A historiografia brasileira recente tem apontado, com frequência, para as formas de resistência que se produzem no cotidiano. Ver, por exemplo: CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da “belle époque”**. São Paulo, Brasiliense, 1986; DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987; DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo, Brasiliense, 1984 e RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. Para um comentário, ver: PETERSEN, Sílvia R. F. *“Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana”*. **História & perspectivas**, Uberlândia, nº 6, jan./jun. , 1992.

⁸² Expressão usada por DE CERTEAU, Michel. *“The practice...”*, *op. cit.*, p. xv.

Agnes Heller reconhece que, apesar da grande afinidade entre alienação e cotidianidade, esta última permite ao homem uma margem de manobra e ação, de individuação e configuração de novas atitudes⁸³. Petersen, igualmente, afirma que “*o historiador não pode pensar unilateralmente o cotidiano como o campo de onde se gera a alienação ou onde se gera a resistência e a criação*”⁸⁴.

Porém os diversos elementos, práticas e potencialidades presentes no cotidiano não constituem simplesmente uma massa caótica, já que possuem uma hierarquia interna, social e historicamente determinada. Por exemplo, com o desenvolvimento da sociedade industrial, o âmbito do trabalho e da alienação foi extremamente dilatado, embora conserve brechas e fissuras que possibilitam a resistência e a criação. Obviamente que todas estas possibilidades enriquecem sobremaneira a construção de uma biografia.

Além disso, a perspectiva do cotidiano contribui para a pesquisa biográfica ao trazer para a análise uma dimensão universal, ontologicamente insuprimível, presente em todo modo de existência humana. A cotidianidade está presente em qualquer esfera da vida do homem⁸⁵. Por exemplo, no âmbito público e no privado, nas experiências e nos discursos. Para Heller, “*a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade*”⁸⁶.

⁸³ HELLER, Agnes. “*O cotidiano...*”, *op. cit.*

⁸⁴ PETERSEN, Sílvia R. F. “*A renovação...*”, *op. cit.*, p. 121.

⁸⁵ “*A constatação de que não existe ninguém que não possua vida cotidiana talvez seja o ponto de enlace entre os vários teóricos da vida cotidiana*”. PETERSEN, Sílvia R. F. “*A renovação...*”, *op. cit.*, p. 115.

⁸⁶ HELLER, Agnes. “*O cotidiano...*”, *op. cit.*, p. 17.

Deste modo, parece-me que o entendimento de uma trajetória individual passa necessariamente pela análise do cotidiano. Esta permite ao pesquisador atingir uma das principais metas das novas biografias: resgatar o personagem focado em suas múltiplas facetas, como um *“homem inteiro”*.

Saliento ainda a pertinência de se pensar numa biografia por esta ótica pois o cotidiano apresenta-se como o espaço do indivíduo, do exercício mais direto e imediato da individualidade, da percepção do mundo pela ótica do singular. Como afirma Kosik, *“na vida diária o indivíduo cria relações sobre a base de sua própria experiência, de sua própria possibilidade e ação, e, por isso, considera esta realidade como seu próprio mundo”*⁸⁷.

Destaco também que a perspectiva da vida cotidiana possibilita ao historiador recuperar a tensão entre o biografado e seu contexto o que, como apontei anteriormente, é um dos grandes desafios deste gênero de investigação. Afinal, esta dimensão universal, rotineira, heterogênea e hierarquizada da vida humana não deve ser examinada de forma autônoma, desprovida de historicidade, descolada das demais relações sociais. Os elementos, ritmos, temporalidades e espaços que constituem e onde se desenvolve a cotidianidade só se tornam plenamente compreensíveis quando inseridos em redes mais amplas de práticas e representações. Afinal, *“a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico (...)”*⁸⁸.

Exemplificando esta idéia, Kosik afirma que:

⁸⁷ KOSIK, Karel. *“Dialéctica...”*, *op. cit.*, p.p. 92-93.

⁸⁸ HELLER, Agnes. *“O cotidiano...”*, *op. cit.*, p. 20.

*"(...) todo o modo de existência humana ou de existir no mundo possui sua própria cotidianidade. A época medieval teve sua própria cotidianidade, dividida entre as diversas classes, estamentos e corporações. É um fato que a vida diária de um servo de gleba era distinta da de um monge, de um cavaleiro errante e de um senhor feudal, mas o denominador comum que marcava o tempo e impunha o ritmo e o desenvolvimento de sua vida era uma fundamento único: a sociedade feudal"*⁸⁹.

Estas considerações autorizam-me a inserir o cotidiano de Coutinho, pelo menos durante um período significativo de sua vida, num plano mais geral: o cotidiano operário, portador de uma especificidade que o diferencia, por exemplo, do cotidiano burguês. Obviamente que estes *cotidianos* devem ser articulados entre si e relacionados com os movimentos mais amplos do capitalismo industrial que começava a se implantar no estado, quando o personagem aqui chegou em 1886, vindo de Portugal. Tal constatação não me levou a escrever, neste trabalho, um capítulo específico sobre o capitalismo no Rio Grande do Sul, mas me fez perceber as interferências deste processo estrutural na vida cotidiana da classe operária gaúcha e, mais especificamente, no dia-a-dia de Coutinho. Concordo, pois, com Le Goff quando este afirma que *"o cotidiano só tem valor histórico e científico no seio de uma análise dos sistemas históricos que contribuem para explicar o seu funcionamento"*⁹⁰.

Deve-se considerar ainda que a maior parte das pessoas passa praticamente toda a sua existência submersa no automatismo dos papéis cotidianos, simplesmente *vivendo a vida* sem questioná-la. Para estes indivíduos, as objetivações

⁸⁹ KOSIK, Karel. *"Dialéctica..."*, op. cit., p. 92.

⁹⁰ LE GOFF, Jacques. *"A história do cotidiano"*. In: DUBY, Georges e outros. *"História e nova história"*, op. cit., p. 79.

humano-genéricas⁹¹ (a arte, a ciência, a moral, o trabalho criador, entre outras) só existem em estado latente, ocultadas pela perspectiva da singularidade que marca o cotidiano. Nesta situação, os homens percebem o mundo com a sensação de familiaridade, de que *tudo está à mão*. Por isso, jogam-se inteiros nas exigências do dia-a-dia mas sem nunca esgotar inteiramente suas possibilidades.

Contudo, alguns indivíduos conseguem realizar a passagem do “*homem inteiro*” (o “*homem cotidiano*”, onde convivem mudamente o singular e o genérico) para o “*inteiramente homem*” (quando se toma consciência da unidade entre particularidade e genericidade). Isto acontece quando determinada pessoa joga toda sua força num projeto, numa obra, num ideal, homogeneizando suas capacidades e suspendendo a heterogeneidade que caracteriza a vida cotidiana. Tal processo de homogeneização só ocorre quando o indivíduo concentra toda a sua energia e a utiliza numa atividade humano-genérica que escolhe consciente e autonomamente⁹².

Esta suspensão é temporária e não implica no rompimento com a cotidianidade e sim num *vai-e-vem* entre a vida diária e o humano-genérico. Os homens que passam por tal experiência podem obter ganhos de consciência e possibilidades de compreensão e transformação do cotidiano singular e coletivo. Nas palavras de Falcão, “*esta suspensão da vida cotidiana não é fuga: é um circuito,*

⁹¹ Nos trabalhos citados de Heller, denomina-se de “*humano-genérica*” a dimensão não cotidiana da existência, as “*objetivações mais elevadas*” que se distinguem do automatismo do dia-a-dia. Esta categoria, embora central no sistema filosófico da autora, não me parece, por seu conteúdo essencialista, apropriada para o estudo histórico-biográfico. Afinal, é difícil caracterizar qualquer conteúdo como *humano-genérico*, pois isto seria pressupor que o mesmo tem uma validade universal, encontrando-se presente em todas as épocas e lugares, sem variações significativas de classe, gênero, etc. Por coerência, mantive a expressão que, neste trabalho, significa uma percepção mais homogênea e geral do mundo, no contexto específico em que Coutinho viveu. Agradeço à professora Claudia Fonseca do CPG em Antropologia Social da UFRGS pelas observações sobre este ponto.

⁹² HELLER, Agnes. “*O cotidiano...*”, *op. cit.*, p. 27.

*porque se sai dela e se retorna a ela de forma modificada. À medida que estas suspensões se tornam freqüentes, a reapropriação do ser genérico é mais profunda e a percepção do cotidiano fica mais enriquecida*⁹³.

Portanto, não existe uma “*muralha chinesa*”⁹⁴ separando as dimensões cotidiana e não-cotidiana da vida. Assim, na biografia de Coutinho, buscarei demonstrar que o mesmo realizou, em diversos momentos de sua trajetória, esta ultrapassagem do cotidiano, obtendo uma percepção mais enriquecida da sociedade em que vivia.

⁹³ NETTO, José Paulo e FALCÃO, Maria do Carmo. “*Cotidiano...*”, *op. cit.*, p. 27.

⁹⁴ Expressão de Lukács. *Apud*: NETTO, José Paulo e FALCÃO, Maria do Carmo. “*Cotidiano...*”, *op. cit.*, p. 69, nota 12.

2 - A TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO GUEDES COUTINHO

Neste capítulo, não pretendo reconstruir linearmente a vida de Antônio Guedes Coutinho *desde o nascimento até a morte* mas sim descrever e analisar os conteúdos que, segundo as fontes consultadas, foram mais significativos no seu cotidiano: a família, o trabalho, o estudo e a produção intelectual e a militância. Busquei, igualmente, verificar como este personagem transitou entre as dimensões cotidiana e não-cotidiana (“*humano genérica*”) da existência.

Tal procedimento analítico permitiu-me, em primeiro lugar, articular a trajetória individual de Coutinho com o contexto onde esta se realizou. Isto porque a vida cotidiana - embora seja o espaço da ação individual e da percepção do mundo pela ótica do singular - tem seus conteúdos, potencialidades e hierarquias social e historicamente determinados.

Além disso, procurei enfocar o personagem a partir de diversos ângulos: o *Coutinho pai-de-família*; o *Coutinho alfaiate, operário, professor e jornalista*; o *Coutinho teórico do socialismo e livre pensador* e o *Coutinho militante*. Tais facetas emergiram e foram vividas, ao menos inicialmente, no cotidiano, espaço onde o

homem joga todas as suas potencialidades, sem desenvolvê-las integralmente (o *"homem inteiro"*).

Porém Coutinho não viveu apenas os seus papéis cotidianos mas também conseguiu, muitas vezes, sobretudo através da práxis social e política, suspender a heterogeneidade inerente ao dia-a-dia e obter uma visão mais ampla sobre a sua época (o *"inteiramente homem"*). Isto aconteceu, principalmente, porque, em diversos momentos de sua trajetória, ele concentrou todas as energias num ideal: a concretização do socialismo e a emancipação do operariado, *"a cuja causa se devotaria com corpo e alma"*¹.

Sintetizando: as reflexões levadas a cabo por Coutinho, e que nasceram das experiências de sua vida diária, escaparam do automatismo destas mesmas experiências e permitiram a sua elevação ao nível humano-genérico. Tal processo não implicou o rompimento com o cotidiano e sim a possibilidade de vivê-lo de forma mais criativa e livre. Afinal, estas objetivações humano-genéricas não nascem no vazio mas partem das práticas e representações do dia-a-dia.

Ao recuperar a existência de Coutinho de uma forma multifacetada, tentei, igualmente, fugir do princípio de linearidade cronológica e da idéia do indivíduo como ser unitário, que tradicionalmente marcam o gênero biográfico. Por este motivo, não priorizei um ângulo de observação pré-determinado que, teoricamente, pudesse revelar o *sentido global* da vida do personagem. Ao contrário,

¹ Expressão usada por Coutinho no conto auto-biográfico *"Um conto vulgar"*. ECHO OPERÁRIO. Rio Grande. 18/07/1899. p. 2.

busquei captar o movimento dos diversos conteúdos que compuseram a sua trajetória e as variadas relações que se estabeleceram entre eles.

Obviamente que as fontes disponíveis constituem um limite para esta reconstrução multifacetada, pois priorizam alguns elementos em detrimento de outros. Por exemplo, os jornais, por suas características próprias, enfocam sobretudo os aspectos públicos da vida de Coutinho, principalmente a militância e a produção intelectual, sem trazer informações mais abundantes sobre a sua família ou sobre seu trabalho. Além disso, alguns períodos de sua trajetória são escassamente documentados, sobretudo aquele que vai de 1911 a 1940, quando morou em Jaguarão; em contraste com outros sobre os quais existem fontes riquíssimas, como o jornal "*Echo Operário*" (1896-1901). Estas limitações obviamente refletem-se no texto desta dissertação e, até mesmo, na desproporção de páginas dedicadas a cada conteúdo e/ou período da vida do personagem.

O "*caráter fragmentário do objeto estudado*"² impeliu-me a realizar uma pesquisa que lembra o ofício de detetive: seguir rastros gravados na documentação, perseguir indícios dispersos nas entrelinhas, decodificar pistas aparentemente insignificantes³. Espero que a investigação tenha sido bem sucedida.

² Expressão de DUARTE, Regina H. "*A imagem rebelde...*", *op. cit.*, p. 17.

³ Com tal procedimento, reivindico a pertinência do "*paradigma indiciário*" na leitura das fontes. Este baseia-se na convicção de que "*se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la*". GINZBURG, Carlo. "*Sinais: raízes de um paradigma indiciário*". In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo, Companhia das Letras. 1990. p. 177.

2.1 - A família⁴

Em 22 de janeiro de 1899, o jornal “*Echo Operário*” publicou o “*Projeto de estatuto-regulamento do Partido Socialista fundado em Rio Grande em 1 de maio de 1898*”. No segundo artigo do item “*disposições gerais*”, o texto manifestava-se sobre como deveria ser a conduta privada dos membros do partido:

*“Todo o indivíduo que tenha vícios vergonhosos não poderá fazer parte do partido, e só poderão ocupar cargos por eleição aqueles que sejam reconhecidos como de procedimento correto e respeitoso à moral e bons costumes”*⁵.

Acompanhando a trajetória de Antônio Guedes Coutinho, um dos fundadores e membro ativo do Partido Socialista rio-grandino, é possível inferir que este “*procedimento correto e respeitoso à moral e bons costumes*” implicava a adoção de um determinado modelo de família. Este foi veiculado, de forma subjacente ou explícita, em diversos artigos e textos literários publicados pelo personagem no referido periódico. Através da análise de tais matérias, tentarei reconstruir algumas práticas e representações de sua vida familiar, tanto em Portugal, onde nasceu, como no Brasil.

Antes, porém de empreender este caminho, deve-se ressaltar uma questão de ordem teórico-metodológica: as referidas fontes (como qualquer fonte) não oferecem um *retrato* da realidade mas sim imagens construídas e organizadas

⁴ Uma versão inicial deste capítulo foi publicada nos **Cadernos de Estudo** (Porto Alegre, CPG em História/ UFRGS, nº 12, dezembro de 1995.), com o título de “*A família de Antônio Guedes Coutinho: entre o privado e o público*”.

⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 22/01/1899. p. 4.

segundo um determinado prisma, condicionadas por um objetivo específico. Não se pode esquecer que o “*Echo*” era um jornal socialista, voltado para a conscientização da classe operária em formação no estado e, por isso, tinha um caráter preponderantemente *pedagógico*⁶. Neste sentido, Coutinho procurou, mesmo nos escritos memorialísticos, apresentar suas vivências familiares como modelos de conduta a serem seguidos pelo operariado. As representações que emergem dos textos por ele elaborados estão calcadas nas suas lembranças pessoais e não resultam de uma falsificação deliberada mas da formulação de uma auto-imagem que deveria guiar o seu cotidiano e o dos seus companheiros de classe.

Comentando este ponto, diz José Luis Aranguren,

“(....) voltemos para a importância da memória e para as memórias e diários que, escritos ou não, todos levamos; os monólogos interiores, as confissões, os exames de consciência, a autobiografia que todos nós contamos para a construção da identidade que nos damos (...) essa autonarração é, como todo relato, eleição e seleção. É através do executar e do refletir sobre o executado, através deste ir e voltar, deste fazer e refazer, deste tecer e destecer nosso próprio tecido ou texto, que nos forjamos. A conduta humana possui sempre sentido porque nós o damos”⁷.

Mesmo com tais limites, e cruzando-se estas memórias com outras fontes (necrológicos, certidões oficiais, etc.), penso ser possível descrever e analisar alguns aspectos desta dimensão tão importante da vida cotidiana de Coutinho ao longo de toda a sua trajetória: a família. Afinal, como salienta Perrot:

⁶ “A imprensa operária caracteriza-se pela ênfase na propaganda de idéias e quase tudo que era impresso num jornal operário tinha esta finalidade”. JARDIM, Jorge L. P. “Comunicação e militância...”, *op. cit.*, p. 199.

⁷ ARANGUREN, José Luis L. *Moral de la vida cotidiana, personal y religiosa*. Madrid, Tecnos, 1987. p.p. 63-64. Grifos do autor.

"Não há nada (...) menos transparente do que uma auto-biografia, feita para ocultar tanto quanto para revelar. Mas essas sutis manipulações do esconder/mostrar nos levam, pelo menos, à entrada da fortaleza"⁸.

* * *

Coutinho nasceu em uma pequena aldeia, *"simples e bela"*, da província de Trás-os-Montes em Portugal no dia 13 de novembro de 1868. Era filho único de José Guedes Rodrigues e de Joaquina Coutinho Guedes, operários *"pobres, mas honrados"*. Em seus escritos, o pai é qualificado como *"amantíssimo"*, preocupado com a educação do filho e que teria lhe mandado aprender o ofício para o qual demonstrara ter vocação. Já a mãe manifestava, segundo ele, um *"sagrado amor"* de *"mãe extremosa"*. De forma geral, menciona que sua família era *"estimada por toda a população"* e merecedora, *"pelas suas qualidades de honradez e nobreza de caracteres"*, da *"estima e respeito de todos os conhecidos"*.

O cotidiano do personagem em Portugal parece ter se caracterizado pela alegria e pelas ilusões típicas da mocidade, época na qual, apesar da simplicidade do lar, *"tudo lhe sorria: amor, carícias e ventura, para buscar o desconhecido"*.

Deste período, emerge também a figura de uma namorada nunca nomeada: *"aquela a quem o seu coração tinha escolhido para confidente das suas aspirações"*, cujas carícias lhe *"faziam ditoso"*, *"que o amava com ardor e que ele adorava com delírio"*.

⁸ PERROT, Michelle. *"Introdução"*. In: *"História da vida privada..."*, op. cit., p. 11.

Em 1886, Coutinho veio para o Brasil, onde os portugueses *"pensam que se faz fortuna d'um momento para outro como se passa da noite para o dia"*⁹. Viajou com um primo casado, Manoel Guedes da Costa, que *"já levava consigo todos os elementos para restabelecer o sacrário da família, abandonado para fazer essa viagem"*. Ele, porém, partiu *"só, sem outras afeições que as dos companheiros de viagem"*.

Durante a madrugada, os três desterrados embarcaram num trem que os levaria à cidade do Porto, deixando para trás *"a terra que lhes serviu de berço e aonde ficavam as suas últimas alegrias da mocidade"*. Ao lembrar este momento, Coutinho assinala a imensa dor que marcou a despedida:

"Tentar descrever essas cenas onde há corações que se esmagam com a dor d'uma separação eterna, gritos lascinantes que traduzem um afeto incomparável, suspiros oprimidos que demonstram o desejo que se tem de não mostrar fraqueza, é tarefa por demais difícil para a minha pena pouco hábil; basta dizer que por entre apertos de mão e olhares mudos pelos sofrimentos, deixaram os lares paternos para buscarem o trem que os levaria ao Porto".

⁹ Esta vontade de fazer fortuna no Brasil não era apenas uma aspiração individual de Coutinho mas de vários dos seus patricios. Entre 1855 e 1890, entraram no país 292.644 imigrantes portugueses, constituindo o segundo maior contingente (33,13%) do total de imigrantes aqui chegados (os italianos ficaram em primeiro lugar, com 36,74%). **Encontros**, Porto, nº 1, 1 semestre de 1995. s/p.

Especificamente na cidade de Rio Grande, onde Coutinho veio morar, os portugueses constituíam *"a mais numerosa e importante das colônias estrangeiras e a que maior influência exerceu sobre a cidade (...)"*. Em 1888, de um total de 3.113 estrangeiros, 1.373 eram portugueses (os italianos formaram a segunda maior colônia, com 312 pessoas). Ver: COPSTEIN, Raphael. *"O trabalho estrangeiro no município do Rio Grande"*. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, AGB, nº 4, 1975. p.p. 36 e 40.

Do Porto foram a Lisboa e dali rumaram ao Rio de Janeiro. Finalmente, chegaram à cidade gaúcha de Pelotas no dia 3 de setembro a bordo do vapor “*Rio Grande*”¹⁰.

Estes trechos já fornecem algumas pistas para pensar o universo das relações familiares de Coutinho. Em primeiro lugar, chama a atenção o papel destacado por ele atribuído à família (um “*sacrário*”), verdadeiro centro articulador das memórias da mocidade, ponto de partida para a sua trajetória.

Embora não tenha sido possível encontrar referências à participação de seus pais em atividades de militância operária, percebe-se que o personagem situou no grupo familiar a origem das qualidades morais que possuía - honra e nobreza de caráter - tão caras a um *verdadeiro* socialista.

Analisando as memórias de outro grupo ideológico particular, os militantes comunistas, Inácio também detectou a presença de um “*modelo ancestral*” através do qual

“(...) os depoentes estariam (...) afirmando a moral particular da família e fixando nesse conjunto de valores compartilhados que compõem a identidade interna dessa a existência de uma lógica ‘a priori’, uma vocação hereditária que orientaria, ao menos inicialmente, o seu comportamento”¹¹.

¹⁰ As citações foram extraídas de três textos: o artigo “*Recordações*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/09/1897. p.p. 3-4), de tom memorialístico e dedicado ao primo que foi seu companheiro de viagem; a matéria “*Um homem ilustre*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2), onde Coutinho resgatou a sua trajetória pessoal como resposta às críticas que lhe foram feitas pelo socialista porto-alegrense Francisco Xavier da Costa e o conto auto-biográfico “*Um conto vulgar*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899. p. 2). Encontrei o nome dos pais de Coutinho em seu atestado de óbito (Arquivo Público do Rio Grande do Sul/Porto Alegre - APRGS, Rio Grande, Jud. 3B, 2 zona, óbito 79).

¹¹ INÁCIO, Inês da Conceição. “*A família rememorada: representações do grupo familiar em memórias de militantes comunistas*”. **Revista Brasileira de História: Família e Grupos de Convívio**. São Paulo, v. 9, nº 17, set. 88/fev. 89. p. 183.

Estas conclusões são também aplicáveis ao caso de Coutinho. Não é à toa que o personagem se valia constantemente da *honradez* de sua *linhagem* para justificar os atos tomados no presente. Por exemplo, no final do artigo “*Um homem ilustre*”, após resgatar a sua trajetória pessoal como resposta às acusações que lhe foram feitas pelo socialista porto-alegrense Francisco Xavier da Costa, Coutinho desafiou seu opositor: “*Diga-nos agora, o ilustre Sr. Francisco Xavier da Costa, quem é, de onde vem e para onde vae com toda a sua inteligência, talento, mérito e utilidades*”¹².

No *mito de origem familiar*, evidenciam-se os laços afetivos recíprocos que ligavam Coutinho aos seus progenitores: ao pai “*amantíssimo*” e à mãe “*extremosa*”. Neste núcleo, cada membro tinha um espaço e uma função determinados. O pai estava associado às atividades públicas: ao estudo e à profissão; a mãe era lembrada no âmbito da intimidade, por seu amor “*sagrado*”. Já o filho desfrutava de uma mocidade alegre e jocosa, um tempo idílico onde a luta pela sobrevivência ainda não havia tomado conta do cotidiano.

A lembrança da namorada também guarda interesse pois é o único momento das memórias do personagem onde se evoca alguma sensualidade: as carícias que lhe “*faziam ditoso*”. Porém, é uma sensualidade casta, associada a uma mulher idealizada, adorada “*com delírio*”.

Estas representações da mulher extrapolam as memórias individuais de Coutinho. Analisando artigos da imprensa operária gaúcha do século XIX, Petersen

¹² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2. Grifo meu. Esta polêmica será retomada na seção 2.4 -A militância.

afirma que o discurso ali expresso oferece imagens da namorada e da mãe “*extremamente idealizadas e homogêneas*”, apontando para as relações patriarcais de dominação vigentes no seio do operariado. A “*mulher-mãe*” é definida exclusivamente em relação à família. Já “*na composição de uma 'mulher namorada', a dominação se expressa na idealização da perfeição física e espiritual, da altivez e da delicadeza do 'sexo frágil'. Diante dela, o homem se coloca numa posição de veneração quase religiosa*”¹³.

Enfim, no período que viveu em Portugal, até os dezoito anos portanto, a vida familiar parece ter sido o conteúdo central do cotidiano de Coutinho, associada com o início de sua educação elementar. O mundo do trabalho, relacionado apenas com os pais¹⁴, e a militância só entrariam na sua rotina em terras brasileiras.

A família na qual foi socializado, cujos membros possuíam papéis diferenciados e complementares, desponta como um valor, *ponto zero* de sua trajetória. Apesar da separação física, estes referenciais foram levados na sua bagagem para o Brasil. Os vínculos com o “*modelo ancestral*” permaneceram. É o próprio Coutinho que o afirma:

“*A família diminuindo nos mais caros membros, os amores desaparecidos ou substituídos por outros, as saudades caladas no fundo do coração... Tudo mudado, tudo diferente, tudo novo, só é velha e continua a sê-lo a amizade que nos une apesar das distâncias*”¹⁵.

¹³ PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. “*A mulher na imprensa operária gaúcha do século XIX*”. *Revista de História*. Porto Alegre, UFRGS, 1:83-110, 1986/87. p.p. 104-105.

¹⁴ “*Se não tivesse nascido num berço humilíssimo, e ao abrir os olhos não tivesse visto um pai que vestia a blusa do operário (...)*”. *ECHO OPERÁRIO*. Rio Grande, 01/05/1898. p. 3. Grifo meu.

¹⁵ *ECHO OPERÁRIO*. Rio Grande, 05/09/1897. p.p. 3-4. Após a vinda para o Brasil, Coutinho parece não ter mais encontrado seus pais. Neste mesmo artigo, fala em “*separação eterna*” e comenta que a morte roubou-lhe “*os mais caros entes por quem chorava*”.

Em Pelotas, o personagem central desta história casou-se com Cecília Peixe, então com quinze anos de idade, no ano de 1887. Logo reestabeleceu, portanto, o “*sucrário*” de sua vida familiar. Em 1893, mudou-se para Rio Grande.

Não encontrei nas fontes maiores informações sobre Cecília. Era filha de José Alexandre Peixe e de Maria Luiza Peixe e tinha três irmãos e uma irmã¹⁶. Em “*Um conto vulgar*”, é chamada de “*amorosa esposa*”. Porém, de forma geral, sua voz é ausente.

Coutinho buscou organizar a nova família de acordo com suas vivências cotidianas do *além mar*. Novamente, a mulher foi identificada por seus traços afetivos, neste exemplo como “*amorosa*”. Já o homem permaneceu associado à vida pública, sobretudo ao trabalho. Por exemplo, em um anúncio publicado no “*Echo*”, o personagem em questão dizia precisar de emprego “*porque tem família a sustentar e o que ganha não lhe chega*”¹⁷.

Este tipo de representação da família aparece também nos seus textos literários e teóricos. Em um conto denominado “*Quadros negros*”, por exemplo, e assinado com o pseudônimo “*Grac*”, Coutinho expressou com clareza, e talvez de forma inconsciente, as idéias dominantes naquele contexto sobre a forma de organização familiar. A narrativa, de tom melodramático, conta a tragédia da vida de Antônio (um alter-ego?). Cito alguns trechos:

“(...) aos dezoito anos casou-se com uma operária da mesma fábrica, que julgou encontrar nele um arrimo e um protetor.

¹⁶ Estas informações foram encontradas na participação de falecimento de Maria Luiza Peixe. ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 14/11/1897. p. 4. A data de nascimento de Cecília (09-01-1872) foi localizada no Livro de Registros do cemitério da Associação de Caridade Santa Casa do Rio Grande.

¹⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande. 13/08/1899. p. 4.

*Aos trinta anos era pai de cinco filhos, a esposa tinha abandonado a fábrica oito meses depois de casada e não mais ali pudera voltar em razão dos cuidados que devia à querida prole*¹⁸.

Antônio foi, então, caracterizado como o provedor da família, “*um arrimo e um protetor*” da esposa. Esta, por seu turno, poderia até trabalhar fora quando solteira mas, depois de casada, deveria abandonar o emprego para dar conta de sua função primordial: ser mãe¹⁹.

Imagens semelhantes, com um forte acento patriarcal, parecem ser comuns aos companheiros de classe de Coutinho. Assim, num artigo transcrito do jornal português “*A Voz do Proletário*”, pode-se ler:

*“A burguesia, as classes dominantes, a sociedade, enfim (...) deve estar orgulhosa dessa grande conquista, arrancar as filhas do povo, a mulher do povo, do lar doméstico, onde a sua missão era toda candura e amor, criando e educando a sua prole, preparando a frugal refeição à sua família, lavando, compondo e fabricando o vestuário de todos, vivendo, enfim, na família e para a família. Arrancá-la, dizíamos, a essa missão, toda candura e amor, e metê-la na oficina, na fábrica, a fazer concorrência com o trabalho do esposo, expulsando-o do seu posto no trabalho, reduzindo-o, e com ele a todos, à miséria, à degradação (...)”*²⁰.

Noutro texto, menos teórico e mais ligado ao cotidiano concreto dos operários rio-grandinos, anunciava-se a fundação de um ateliê de costura pela Sociedade União Operária, onde militava Coutinho. Novamente, a mulher foi

¹⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/10/1899. p. 2.

¹⁹ Perrot mostra um padrão semelhante para a família operária francesa no século XIX: “*O trabalho feminino também é regulado pelas exigências familiares, ou seja, ele é intermitente, seguindo o ritmo dado pelo nascimento dos filhos*”. In: PERROT, Michelle. “*Funções da família*”. In: “*História da vida privada...*”, *op. cit.*, p. 111.

²⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 17/10/1897. p. 1.

associada às funções domésticas e o homem ao papel de *chefe da família*. Diz o anúncio:

"A benemérita sociedade 'União Operária' (...) estabeleceu um atelier de costura onde uma costureira habilitada ensinará, por uma insignificante mensalidade, as filhas e esposas dos sócios a fazerem todo o trabalho de agulha preciso a uma mãe de família, o que é uma felicidade para os chefes de família que, ganhando um salário miserável, ainda são obrigados a pagar a quem faça toda a roupa inclusive a da própria mulher e filhas.

.....

Quanto às condições de matrícula, é bastante estar em dia com a sociedade e ter conduta moralizada"²¹.

O operário com "*conduta moralizada*" deveria, portanto, ser o "*chefe*" de sua família, sustentando-a através do trabalho na fábrica²². Já a mulher, "*toda candura e amor*", precisava ocupar-se da criação e da educação da "*prole*" e dos afazeres da casa; sua atuação no espaço público se dava sobretudo como extensão destes afazeres. Por exemplo, aprender a costurar para melhor desempenhar as tarefas no "*lar doméstico*"²³.

Em outros escritos, contudo, Coutinho rompeu com esta postura conservadora e advogou idéias avançadas, para a época, a respeito da forma de organização da família e do papel da mulher. Na sua obra teórica mais acabada, o

²¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 14/11/1897. p. 3. Grifos meus.

²² Em outro artigo, "*Grac*" afirma textualmente: "*Somos homens, temos o dever de trabalhar por nós e pelas nossas famílias*". ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 10/10/1897. p. 1.

²³ No artigo "*Avante*", não assinado, afirma-se que "*as senhoras são admitidas na 'União Operária' com iguais direitos aos homens, tendo as suas secções à parte e terão lei propriamente para o seu sexo, feita por elas, quando atingirem o número capaz de organizarem-se*". ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/09/1896. p. 2. Grifos meus.

Alguns artigos publicados no "*Echo*", como o citado nesta nota, não têm indicação de autoria. Contudo, segundo o próprio Coutinho, todas as matérias não assinadas expressam a opinião do periódico, do qual ele era o redator-chefe (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 21/08/1898. p. 4).

"*Catecismo socialista*", publicado como folhetim no "*Echo*" em 1898, o autor, paradoxalmente, ataca o casamento institucional e religioso e proclama que, na sociedade socialista, as uniões seriam livres e baseadas exclusivamente no amor, "*único sacerdote capaz de legalizar este ato [sexual], que seria brutal se não fôra impulsionado por um sentimento psíquico*". Afirmava também que as mulheres não seriam abandonadas pois, através do trabalho, receberiam "*coisa que chegue para as suas necessidades, que é a base da emancipação da mulher da tutela do marido*".

Porém mesclados com essas imagens progressistas da sociedade do futuro, persistem os modelos tradicionais:

"Se as leis sociais pudessem mandar sobre o coração, ainda hoje não seríamos senhores das nossas pessoas, não teríamos direito à honra de nossas filhas, nem à fidelidade das nossas esposas; porque os dominadores conservariam o direito de 'premissas'"²⁴.

Tal ambigüidade é visível ainda em três artigos de Coutinho sobre o feminismo. Por um lado, ele afirmava a igualdade entre os sexos e atribuía as diferenças existentes à educação: "*(...) a razão da aparente inferioridade da mulher é efeito da educação que esta tem recebido (...)*". Por outro, reforçava os papéis vigentes da família patriarcal: "*Sim, queremos [os socialistas] a mulher livre e igual ao homem, justamente porque a adoramos como mãe, a respeitamos como esposa e a desejamos como companheira na luta pela vida"*²⁵.

²⁴ COUTINHO, Antônio G. R. **Catecismo socialista**. Rio Grande, Echo Operário, 1898. As citações foram extraídas das páginas 34, 37 e 35, respectivamente. Esta obra será examinada com mais vagar no item 2.3 - O estudo e a produção intelectual.

²⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/02/1899. p. 1; 12/02/1899. p. 1 e 19/02/1899. p. 1. As citações foram retiradas do terceiro e do primeiro artigos, respectivamente.

Esta oscilação entre idéias conservadoras e concepções progressistas no que diz respeito à família e ao papel da mulher pode ser elucidada quando se analisa a trajetória de Coutinho na perspectiva da vida cotidiana. Como já foi dito, o cotidiano é o espaço da repetição e da reprodução social, onde a simples assimilação de normas consuetudinárias dominantes pode converter-se em conformismo. Por isso, o personagem em questão buscou reproduzir no Brasil o modelo de família no qual foi socializado em Portugal, e dominante naquele período, marcado por uma nítida divisão de espaços e funções entre os sexos.

Por outro lado, Coutinho, através da práxis social e política, tomou contato com diversas correntes de pensamento da sua época. No final do século XIX, a discussão sobre a inferioridade ou não da mulher estava na ordem do dia. Em Rio Grande, no mesmo período, o debate sobre o tema ocupava as páginas dos jornais e, possivelmente, as conversas cotidianas²⁶. No movimento operário, sobretudo,

²⁶ Nos artigos citados sobre o feminismo, Guedes Coutinho dava apoio à escritora Andradina de Oliveira, na época (1898) morando em Rio Grande, que havia suscitado uma *"polêmica de transcendental importância"* na imprensa da cidade, ao negar a inferioridade natural do sexo feminino. O autor afirmou, contudo, que a verdadeira emancipação da mulher só ocorreria na sociedade socialista e conclamou Andradina a por *"o seu talento e a sua pena ao serviço da causa do socialismo"* (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/02/1898. p. 1). Na virada do século, outras duas escritoras, Revocata H. de Mello e Julieta de Mello Monteiro, agitavam os meios culturais de Rio Grande com a publicação do jornal *"Corymbo"*. Coutinho salientou, quando do 14 aniversário desta publicação (!), *"o exemplo de coragem e força de vontade das incansáveis lutadoras, honra e glória do seu sexo (...)"* (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 31/10/1897. p. 3. Miriam S. Vieira prepara, no CPG em História da UFRGS, uma dissertação sobre as idéias expressas no *"Corymbo"*).

Estes exemplos visam demonstrar que a *"polêmica de transcendental importância"* encontrou eco na cidade de Rio Grande e nos escritos de Coutinho.

embora a mulher fosse, de maneira geral, fortemente discriminada²⁷, havia um espaço significativo para a contestação dos padrões morais vigentes²⁸.

Portanto, Coutinho transitou entre a repetição das práticas e representações cotidianas e a possibilidade de modificá-las. Desta forma, o *arauto da sociedade do futuro*, muitas vezes, *fincou pé* na cultura patriarcal vigente no contexto em que vivia.

Coutinho e Cecília tiveram sete filhos. A mais velha, Aurora, protagonizou a primeira de uma série de tragédias pessoais que se abateram sobre o personagem, ao morrer, com oito anos de idade, no dia 18 de outubro de 1898.

Embora a mortalidade infantil nos meios operários fosse grande nesta época²⁹, o fato marcou profundamente a trajetória de Coutinho. Este acontecimento, do âmbito do privado, influenciou inclusive a sua militância. Segundo Jardim, a morte da filha provavelmente contribuiu para a decadência do *"Echo Operário"*:

"É uma fase em que cai o seu nível e aumentam consideravelmente as transcrições de outros órgãos, o que indica as dificuldades da redação local. O tom pessimista se acentua em freqüentes apelos aos trabalhadores"

²⁷ Nos *"Estatutos da Sociedade União Operária"*, por exemplo, no capítulo sobre *"Admissão de sócios"*, o artigo 8 era especialmente dedicado ao *belo sexo* e afirmava que *"a sociedade só admitirá sócios do sexo feminino quando comprovada a sua idoneidade"*. O texto foi redigido por uma comissão da qual fazia parte Coutinho. *Estatutos da Sociedade União Operária*. Rio Grande, Tipografia do Diário do Rio Grande, 1903. p. 5.

²⁸ *"Uma das características dos movimentos revolucionários do século XIX foi considerar, no rastro do Iluminismo, a igualdade entre homens e mulheres, sendo as diferenças estabelecidas pela própria sociedade"*. PETERSEN, Sílvia R. F. *"A mulher..."*, *op. cit.*, p. 85. Neste sentido, por exemplo, no *"Programa do Partido Socialista Rio-Grandense"*, assinado, entre outros, por Coutinho, constava o seguinte item: *"Ampliação do sistema eleitoral, reconhecimento do direito de voto e elegibilidade à mulher (...)"*. *ECHO OPERÁRIO*. Rio Grande, 01/05/1898. p. 2.

²⁹ Rago analisa este aspecto a partir dos dados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ver: RAGO, Margareth. *"Do cabaré ao lar..."*, *op. cit.*, p.p. 125 e segts. No próprio *"Echo"*, encontrei diversas participações de falecimento de *"anjinhos"* (termo usado pelo jornal), filhos de operários.

*para que mantenham o seu órgão de defesa e geralmente os condena pela indiferença para com a sorte do jornal*³⁰.

O citado “*tom pessimista*” é visível, por exemplo, em um editorial denominado “*Verdades Amargas*”, publicado no “*Echo*” seis meses depois do falecimento de Aurora:

*“O operariado do Rio Grande é muito culpado do seu mal-estar; e bem merecidas julgaríamos umas tantas coisas que eles sofrem às vezes, se não nos lembrássemos que são culpados por ignorância, que são vítimas do atavismo”*³¹.

Com a morte da filha, as fronteiras entre o público e o privado, tão habilmente construídas no discurso sobre a mulher, caíram por terra. A dor íntima, de dentro da casa, ganhou o jornal, a rua e o mundo, influenciando até mesmo a atuação política de Coutinho.

Nos diversos agradecimentos pelas condolências recebidas, este personagem, em seu nome e no da esposa, referiu-se a Aurora como “*nossa querida e sempre chorada filha*”, “*aquela que era o nosso enlevo*”, “*nossa adorada filha*”³². O amor pelos filhos também fazia parte do modelo exemplar de família construído por Coutinho e que, por vezes, como neste momento de luto, foi vivenciado de forma bastante espontânea.

Em outro texto, assinado por um desconhecido auto-intitulado “*Um crente seu amigo*”, pode-se apreender melhor algumas representações sobre a infância e sobre o relacionamento entre pais e filhos vigentes nesta época. Diz o

³⁰ JARDIM, Jorge L. P. “*Comunicação e militância...*”, *op. cit.*, p. 62.

³¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 09/04/1899. p. 1.

³² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/10/1898, p.p. 1 e 4; 30/10/1898. p. 4 e 06/11/1898. p. 4.

autor que Aurora era “*a filha querida do diretor desta folha, a mais velha das quatro que possuía [até o momento] e que faziam as delícias da existência de seus pais*”.

Descreve também a última viagem da menina a Pelotas, dias antes de morrer:

“(...) onde foi pela última vez em companhia de toda a família (...), alegre, risonha, sempre indagadora de tudo, pedindo explicações de quanto via, tudo desejando saber, tudo analisando com a pertinácia infantil de todas as criaturas da sua idade.

Finou-se falando em mil fantasias, para que pedia a aquiescência dos extremosos pais que a abraçavam e sorrindo angelicamente a cada sim que recebia”.

O trecho transmite a imagem de uma infância feliz, repleta de fantasias e brincadeiras, comum às “*criaturas*” dessa idade. Aurora, associada com a pureza de um anjo (“*sorrindo angelicamente*”), contava com o carinho e a atenção de seus pais “*extremosos*” que “*a amavam e a amarão eternamente*”³³.

Este acontecimento lutuoso pode ter contribuído para que Coutinho se aproximasse do espiritismo. Em novembro do mesmo ano, o personagem aparece como membro da diretoria do “*Grupo Allan Kardec*”, no posto de “*exortador*”³⁴.

Na seção 2.3 - **O estudo**, analisarei as razões intelectuais que parecem ter levado a esta aproximação. Contudo, não seria correto desprezar as motivações de caráter afetivo na explicação de tal fato. Coutinho, talvez incentivado por “*Um crente seu amigo*”, provavelmente buscou na crença na imortalidade da alma um “*bálsamo*” para a “*separação dolorosíssima*” causada pela morte de Aurora. As palavras do último talvez sejam indicativas deste fato:

³³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/10/1898. p. 3.

³⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 27/11/1898. p. 4.

"Partiu para a região incognoscível da matéria a encantadora Aurora Guedes Peixe; mas para aqueles que crêem na imortalidade, ela vive e está com eles a todos os momentos, velando pelos pais que a choram, inspirando-lhes a consolação e a esperança de no futuro se poderem tornar a unir num mundo melhor.

Fé em Deus é o que devem ter os seus extremosos pais, a quem recomendamos confiança"³⁵.

Em 1907, o personagem central desta história foi novamente "golpeado nos seus afetos de pai" pela morte de outra filha, também denominada Aurora, com dois anos de idade³⁶.

O fato das duas meninas terem o mesmo nome pode ser interpretado de diversas maneiras. Talvez fosse uma forma de suprir a saudade da filha mais velha ou então de homenagear outra vez a irmã de Cecília que também se chamava Aurora³⁷. Contudo, para além destas significações familiares, o termo *aurora* - "*claridade que antecede o nascer do sol*"³⁸ - também tinha um sentido metafórico, de cunho político, para Coutinho. Em seus textos, o socialismo é representado como uma "*luz*" que romperia com as "*trevas*" da ignorância e da opressão³⁹. "*Aurora*"

³⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/10/1898. p. 3.

³⁶ O TEMPO. Rio Grande, 02/10/1907. p. 2.

³⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 14/11/1897. p. 4.

³⁸ LUFT, Celso Pedro. **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo, Scipione, 1984. p. 56.

³⁹ Por exemplo: "*Salve! Aurora da liberdade! Que a tua luz dissipe as trevas da ignorância que ainda obscurecem os espíritos obcecados pela escravidão e martírio, e os fulgores da tua mágica influência fulminem os retrógrados incapazes de compreender-te*" (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 27/03/1898. p. 1.) ou "*Deixa-me, pois, dormir mais um bocado, e quando nascer o sol abre a janela do quarto e deixa que os seus raios belos e vivificantes venham até o nosso humilde leito saudar o representante da Revolução Social*" (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899. p. 2.).

A utilização metafórica de termos relacionados à luminosidade (luz, aurora, raios solares), significando a liberdade e/ou o advento do socialismo, é comum no movimento operário deste período, devido à influência que o mesmo recebeu das idéias iluministas e das imagens da Revolução Francesa. Alguns exemplos: Duarte mostra que "*o jogo de luzes e sombras*" é recorrente nos textos do anarquista mineiro Avelino Fóscolo (DUARTE, Regina. "*A imagem rebelde...*", *op. cit.*, p. 29.). Já Batalha aponta que o símbolo do sol nascente aparece com frequência na iconografia do movimento operário brasileiro no início do século XX (BATALHA, Cláudio H. de M. "*Nós, filhos da Revolução Francesa, a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX*". *Revista Brasileira de História: Reforma e Revolução*. São Paulo, ANPUH/Marco

poderia significar, então, a esperança de uma vida melhor para seus filhos. Não é à toa que, na série de textos denominada “*Na sociedade futura*”, onde Coutinho constrói uma utópica representação literária da vida na sociedade socialista, a personagem Aurora seja neta de um velho combatente da “*Revolução Social*”⁴⁰.

No ano seguinte, uma nova tragédia: o falecimento da esposa, aos trinta e seis anos, após “*cruel enfermidade*”. O convite para o sepultamento foi publicado em três dos principais jornais da cidade, o que evidencia o prestígio de Coutinho na comunidade rio-grandina. Já Cecília permaneceu numa posição subalterna: em dois dos convites, seu nome nem é citado, sendo identificada apenas como esposa do “*conhecido educacionista*” (“*Diário do Rio Grande*”), ou do “*digno professor público*” (“*Rio Grande*”), Antônio Guedes Coutinho. Neste último periódico, é qualificada como “*possuidora de muitas virtudes, extremosa mãe de família, [que] deixa orfãos dos seus carinhos cinco filhos menores*”⁴¹.

Mais uma vez, o homem foi associado com suas funções públicas (especialmente o trabalho), restando à mulher o espaço do lar e da maternidade.

Zero/CNPq/FAPESP, v. 10, nº 20, mar. 1991/ago. 1991, p. 243.). Petersen, por seu turno, arrolou dois jornais denominados “*Aurora*” publicados em Porto Alegre, um de 1914 e outro de 1926, sendo que este último era editado pelo “*Grupo Anarquista Aurora*” (PETERSEN, Sílvia R. F. “*Guia...*”, *op. cit.*, p. 18.). Ver também a capa da edição comemorativa do 1 de maio de 1898 do “*Echo*” (anexo 2), onde a imagem do sol domina a cena e serve como guia para os militantes socialistas.

Com estas indicações, busco sustentar a hipótese de que Coutinho, ao escolher o nome “*Aurora*” para as filhas, estava incorporando, no âmbito do privado, as suas concepções políticas. Isto significa, para usar uma expressão de Lenharo, “*vivenciar o cotidiano ideologicamente*” (LENHARO, Alcir. “*Prefácio*”. In: DUARTE, Regina. “*A imagem rebelde...*”, *op. cit.*, p. 15).

⁴⁰ Esta série será examinada na seção 2.3 - O estudo e a produção intelectual. A primeira parte da mesma não foi encontrada; a segunda aparece no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/12/1897. p.p. 3-4.

⁴¹ O ARTISTA. Rio Grande, 22/02/1908. p. 2; DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 22/02/1908, p. 1 e RIO GRANDE. Rio Grande, 21/02/1908. p. 2.

Pouco tempo depois, Coutinho casou-se novamente com uma professora, Gertrudes⁴². O jornal “*O Tempo*” de 13 de outubro de 1910 noticiou o nascimento de Nilo, filho do casal⁴³. Em novembro de 1911, foram transferidos, “*a pedido dos mesmos*”, para a cidade de Jaguarão⁴⁴, só voltando a Rio Grande em 1940⁴⁵.

Na documentação consultada, não encontrei nenhuma referência à vida familiar de Coutinho neste período. O fato de Gertrudes ser professora e, portanto, não ficar restrita às tarefas do lar, talvez sinalize alguma mudança no cotidiano deste personagem. Por outro lado, entretanto, o exercício do magistério era muito comum às mulheres do período, sendo concebido, seguidamente, como uma extensão da vida doméstica⁴⁶. Portanto, o modelo patriarcal pode ter continuado a pautar o dia-a-dia da família Guedes Coutinho. As fontes não permitem ultrapassar o nível das conjecturas.

Coutinho e Gertrudes permaneceram casados até a morte do primeiro, por insuficiência cardíaca, em 22 de janeiro de 1945⁴⁷. Gertrudes faleceu em 27 de maio de 1955, também por insuficiência cardíaca, com setenta e um anos de idade, ainda viúva, sendo enterrada ao lado de Coutinho e Cecília⁴⁸.

⁴² Gertrudes era professora pública, segundo *O TEMPO*. Rio Grande, 24/10/1911. p. 2.

⁴³ *O TEMPO*. Rio Grande, 13/10/1910. p. 3.

⁴⁴ *O TEMPO*. Rio Grande, 01/11/1911. p. 2.

⁴⁵ *O TEMPO*. Rio Grande, 22/05/1940. p. 1.

⁴⁶ Sobre este aspecto, ver: LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1987.

⁴⁷ Segundo os dados do seu atestado de óbito (APRGS, Rio Grande, Jud. 3B, 2 zona, óbito 79).

⁴⁸ Segundo o Livro de Registros do cemitério da Associação de Caridade Santa Casa do Rio Grande.

A família de Coutinho pode, então, ser caracterizada, sem maiores variações, da seguinte forma: nuclear, monogâmica, marcada pela afetividade entre os cônjuges e entre pais e filhos e pela dominação patriarcal.

Estas características remontam a um modelo que, segundo Ariès, constituiu-se progressivamente na Europa a partir do século XVIII, tendo sua origem nas classes dominantes. Acabou, porém, estendendo-se cada vez mais às outras camadas sociais. De acordo com ele, *“a vida familiar estendeu-se a quase toda a sociedade, a tal ponto que as pessoas se esqueceram de sua origem aristocrática e burguesa”*. Outra característica da família moderna seria, para o autor, o resguardo da privacidade: *“a família moderna (...) separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solidário dos pais e filhos”*. Ocorreria, portanto, uma cisão entre as dimensões pública e privada da vida e uma ruptura com as extensas redes de sociabilidade que haviam caracterizado a família medieval⁴⁹.

Perrot, por seu turno, corroborando as colocações feitas acima, mostra como, a partir do final do século XIX, os operários franceses manifestaram um *“crescente desejo de intimidade”*⁵⁰.

No Brasil, Inácio, em sua análise já referida das memórias de militantes comunistas, aponta que, nas lembranças de infância e adolescência destes últimos, emerge uma forma de estruturação familiar nitidamente filiada ao *“modelo de família nuclear burguesa”*, assim descrito por Ângela Mendes de Almeida:

“A família intimista, fechada para si, reduzida ao pai, mãe e alguns filhos que vivem sós, sem criados, agregados e parentes na casa (...) A

⁴⁹ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981. p. 271.

⁵⁰ PERROT, Michelle. *“Maneiras de morar”*. In: *“História da vida privada...”*, op. cit., p. 319.

*mulher, 'rainha do lar'. mãe por instinto. abnegada e vivendo em osmose com os bebês, sendo ela o canal da relação entre eles e o pai, que só se fará presente para exercer a autoridade. Essa família (...) continua patriarcal: a mulher 'reina' no lar, dentro do privado da casa, delibera sobre as questões imediatas dos filhos, mas é o pai quem comanda em última instância"*⁵¹.

Em vários textos, Coutinho contestou determinados aspectos deste modelo que, segundo ele, eram próprios da sociedade burguesa: o casamento institucional e religioso e a idéia de uma inferioridade natural da mulher, por exemplo. Contudo, apesar desta crítica teórica, é possível perceber, no dia-a-dia do personagem, a presença de preceitos morais e de práticas que se aproximam da forma de organização familiar descrita acima, pois estes encontravam-se difundidos na sociedade e, por isso, eram percebidos como naturais e não enquanto construções históricas. Tal fato aponta para a força da repetição e do automatismo na vida cotidiana, onde os valores consuetudinários dominantes tendem a naturalizar-se, obstaculizando a transformação da mesma.

Porém, o cotidiano não é apenas o espaço da reprodução dos valores e das práticas dominantes. A vida cotidiana também "*segrega suas próprias manobras*"⁵² e, nas experiências concretas do dia-a-dia, pode permitir a subversão das normas hegemônicas. Neste sentido, estudos recentes vêm mostrando que a família popular não pode ser vista como um mero reflexo, ou uma cópia mal feita, da

⁵¹ *Apud* INÁCIO, Inês da C. "A família rememorada...", *op. cit.*, p. 187.

⁵² Expressão de Michel Maffesoli. Ver: PETERSEN, Sílvia R. F. "Michel Maffesoli, um teórico da vida cotidiana". **Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História**. Rio Grande, FURG, n° 5, 1993. p. 42.

família burguesa. Ela possui “*lógica e história próprias*”⁵³, gestadas nas vivências cotidianas. Tal constatação também é válida para o caso de Coutinho.

Por exemplo: o personagem, introjetando o padrão usual de *chefe* do grupo familiar, afirmou, diversas vezes, que tinha “*família a sustentar*”. Entretanto, devido à pobreza que marcou o seu cotidiano, nem sempre conseguiu desempenhar satisfatoriamente esta função de provedor. Assim, teve que aceitar a ajuda de um desconhecido para pagar o enterro de Aurora em 1898, sem orgulho ou vergonha⁵⁴. Afinal, esta é a fase de transição do movimento operário mutualista para aquele de caráter político. A idéia de “*socorro mútuo*” ainda vicejava no seio do operariado. Desta forma, as famílias nucleares associavam-se em redes de solidariedade mais amplas. Por isso, não causou espanto a Coutinho que um estranho pagasse as custas do sepultamento da filha.

Esta invasão do privado pelo público, e vice-versa, é nítida também no fato de que a Sociedade União Operária, onde atuava o personagem, não era apenas um espaço de militância mas também de convívio familiar. Tal instituição oferecia, além do espaço para reuniões políticas, colégio para os filhos e filhas dos operários e para adultos, biblioteca, bilhar, banda de música, cooperativa, amparo social, etc⁵⁵.

⁵³ FONSECA, Claudia. “*Pais e filhos na família popular (início do século XX)*”. In: D’INCAO, Maria Angela (org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1989. p. 96. Ver também: AREND, Silvia. **Um “olhar” sobre a família popular porto-alegrense (1886-1906)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1994. mimeo. e CHALHOUB, Sidney. “*Trabalho, lar e botequim...*”, *op. cit.*

⁵⁴ “(...) desconhecemos a vaidade e o orgulho que mais envergonha do que elevar: é essa a razão porque não nos sentimos envergonhados pela esmola que mão benfeitora e oculta nos fez, pois para quem vive do salário e tem família a sustentar, grandes são as dificuldades com que luta para pagar despesas extraordinárias”. ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 30/10/1898. p. 4.

Segundo Mauch, “os valores burgueses não conseguem se impor ou estabelecer uma reciprocidade sem que existam condições materiais apropriadas para tanto”. MAUCH, Claudia. **Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS. 1992. mimeo. p. 131.

⁵⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/10/1899. p.p. 1-2.

A entidade era uma espécie de *segunda casa* dos seus associados e não apenas no sentido figurado, já que o próprio Coutinho chegou a morar, durante algum tempo, nas dependências da União⁵⁶ (ver anexo 3).

Em outros momentos, a militância parece ter se sobreposto à tarefa de provedor da família. Em 1898, afirmou ter “*muitas vezes de deixar de dar um objeto necessário a um filho para pagar a impressão*” do “*Echo Operário*”⁵⁷. No ano seguinte, escreveu que a devoção à causa do operariado “*lhe acarretou bastante desgostos e privações para a família*”⁵⁸.

Tais *flashes* do cotidiano de Coutinho apontam para uma lógica própria das relações familiares dos operários rio-grandinos no final do século XIX, não redutível ao modelo burguês descrito pelos historiadores. No Brasil, o personagem teve que dividir o tempo e a energia até então centrados na sua vida familiar com os outros conteúdos que passaram a compor o seu cotidiano: o trabalho, o estudo e a produção intelectual e a militância. Em decorrência, as fronteiras entre o público e o privado foram constantemente burladas no seu dia-a-dia. Deve-se salientar ainda que, para além da família nuclear, Coutinho tinha como referencial uma idéia mais ampla de fraternidade, integrando os operários numa “*grande família proletária*”:

“*Se não tivesse nascido num berço humilíssimo e ao abrir os olhos não tivesse visto um pai que vestia a blusa do operário; desejaria no dia de hoje [1 de maio de 1898] esquecer o meu nascimento para poder me considerar irmão dessa falange colossal de proletários e unir a minha voz à sua para de coração gritar:*”

⁵⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/02/1898. p. 4.

⁵⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2.

⁵⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899. p. 2.

*Guerra à exploração! Viva o socialismo!”*⁵⁹

No entanto, mesmo compartilhando estes valores e experiências próprios de sua classe, Coutinho não rompeu com o modelo dominante de família no seu cotidiano. Este possuía um grande poder simbólico, valorativo e normativo, orientando as ações públicas e privadas do militante e de boa parte dos seus contemporâneos. Por isso, só poderiam ingressar no Partido Socialista local os operários que tivessem um *“procedimento correto e respeitoso à moral e bons costumes”*.

O falecimento de diversos entes queridos também não alterou em profundidade a organização da vida familiar de Coutinho. Assim, a morte das duas filhas e a da primeira esposa podem ser percebidas como *“exceções cotidianas”*⁶⁰ na sua trajetória, mas não como rupturas no seu dia-a-dia.

⁵⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1898. p. 3.

Em outros artigos, Coutinho proclama igualmente a sua *filiação* a uma família mais ampla. Por exemplo: diz que a *“humanidade (...) é a nossa família”* (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26/09/1897. p. 1) ou que os *“filhos do trabalho”* são *“irmãos no infortúnio”* (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/01/1899. p. 1).

Segundo Inácio, *“na família rememorada, os depoentes foram buscar a matriz de sua identidade social e a célula do grupo familiar genético é mergulhada e dissolvida no seio da ‘grande família proletária’ que lega a todos os seus descendentes o seu ambíguo destino de exploração e revolta”*. In: INÁCIO, Inês da C. *“A família rememorada...”*, *op. cit.*, p. 189.

⁶⁰ Expressão usada por Karel Kosik. Nas suas palavras, *“a cotidianidade se faz problemática e se manifesta como tal se é alterada. A cotidianidade não é alterada por acontecimentos inesperados, por fenômenos negativos. A cotidianidade pertence também a exceção cotidiana (...). Se a cotidianidade consiste na distribuição da vida de milhões de pessoas de acordo com um ritmo regular e reiterado de trabalho, de atos e de vida, quando milhões de pessoas são arrancadas desse ritmo se produz uma interrupção da cotidianidade. A guerra destrói a vida cotidiana”*. KOSIK, Karel. *“Dialética...”*, *op. cit.*, p.p. 93-94. Grifos do autor. Portanto, para Kosik, a ruptura da cotidianidade é sempre coletiva enquanto que os percalços individuais constituem-se em *“exceções cotidianas”*.

Concluindo, penso que a família foi um dos conteúdos centrais do cotidiano de Antônio Guedes Coutinho, caracterizando-se sobretudo pela permanência da sua forma de organização e dos valores a ela subjacentes⁶¹.

⁶¹ O próprio Coutinho aponta para essa continuidade ao comentar que a família é uma "*instituição tão velha quanto respeitável*". ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898. p. 1.

2.2 - O trabalho

O trabalho desponta no cotidiano de Coutinho num duplo sentido: como necessidade imposta pela sociedade capitalista em formação no Rio Grande do Sul e enquanto valor moral e social.

Em relação ao primeiro aspecto, o personagem teve diversas profissões. Foi alfaiate, operário têxtil, professor e jornalista. Além disso, realizava *bicos* (aulas particulares, preparação de papéis para casamento, encomenda de livros do exterior, etc.), a fim de garantir o seu sustento e o de sua família.

Através da documentação consultada, percebe-se que a luta pela sobrevivência ocupava um espaço considerável na rotina diária do personagem. Esta característica da sua vida cotidiana só pode ser compreendida à luz de um processo mais amplo, que transcende a individualidade do mesmo: o desenvolvimento do capitalismo industrial no estado a partir das últimas décadas do século passado.

Coutinho, como muitos dos seus companheiros de classe, teve o cotidiano alterado com a passagem da produção artesanal (alfaiate) para a produção industrial (operário têxtil). Desta forma, a análise de sua trajetória permite observar *por dentro* um movimento mais amplo, estruturalmente determinado. Tal fato mostra que o cotidiano não pode ser estudado isoladamente, sem referência às dimensões macro-sociais.

Posteriormente, o personagem dedicou-se com exclusividade ao trabalho intelectual (professor e jornalista), talvez como forma de escapar dos rígidos regulamentos que pautavam o dia-a-dia na fábrica.

Contudo, o trabalho aparece em seus escritos não apenas como uma necessidade mas também enquanto um valor que deveria orientar o cotidiano do operariado.

A valorização do *bom trabalhador* é uma das facetas do processo de disciplinamento da sociedade que acompanha a constituição da ordem urbano-industrial. Coutinho vivenciou esta realidade no Brasil, mas também bebeu de outra fonte para construir a sua concepção positiva do trabalho: a teoria socialista, que conferia centralidade valorativa ao produtor direto. Tal pressuposto embasou a identidade de classe por ele formulada e serviu como *arma de luta* contra a burguesia, representada como a *classe ociosa*.

* * *

Coutinho, segundo ele mesmo, não conheceu o trabalho imposto pela necessidade senão aos dezoito anos; portanto, após a sua chegada ao Brasil. Em Portugal, contudo, por incentivo do pai, aprendeu o ofício de alfaiate para o qual demonstrara ter vocação.

A vinda para o Brasil foi motivada pela busca de melhores condições de vida, pela "*falaz ilusão*" da fortuna fácil. Contudo, esta aspiração não se realizou e a luta pela sobrevivência ocupou uma parte significativa do seu cotidiano. Em 1897, o personagem afirmou:

"Lutando sempre, trabalhando, buscando por todos os modos essa fortuna sonhada além do Oceano, se passaram onze anos e entretanto os aventureiros continuam na luta como quando chegaram, não para

encontrarem essa fortuna que era uma ilusão: mas para conseguirem o sustento das suas famílias o que não é pouco difícil, pois a vida aqui como lá custa mil sacrifícios”.

Em Pelotas, viveu como alfaiate. Transferiu-se para Rio Grande, em 1893, onde trabalhou inicialmente nesta atividade e logo como tecelão da fábrica de tecidos Rheingantz⁶².

Pelotas e Rio Grande, juntamente com Porto Alegre, foram as primeiras cidades do estado a apresentarem as marcas da sociedade urbano-industrial em formação⁶³. Pedro Dantas, colaborador do jornal socialista pelotense “*Democracia Social*”, assim descrevia a paisagem rio-grandina em 1893: “*para todos os lados que se virar os olhos depara-se com um enorme cano de fábrica como que recortando os rolos de nuvens que passam pelo ar*”⁶⁴.

Neste panorama, a indústria onde Coutinho foi trabalhar ocupava um papel de destaque. Fundada em 1874 por Carlos Guilherme Rheingantz, brasileiro de ascendência e formação alemãs, e Herman Vater, alemão, a empresa foi pioneira na tecelagem e fiação de lã. Em 1890, foi convertida em sociedade anônima com o título de Companhia União Fabril. Empregava, no final do século XIX, cerca de 900 pessoas entre homens, mulheres e crianças.

Segundo o catálogo da Exposição da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul de 1875, a empresa ocupava uma “*área de 1500 metros quadrados*” e

⁶² Estas informações foram retiradas dos três textos mencionados na nota 10. A citação é do artigo “*Recordações*”.

⁶³ PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. “*Antologia...*”, *op. cit.*, p. 17.

⁶⁴ DEMOCRACIA SOCIAL. Pelotas. 10/12/1893. p. 1.

ostentava uma vistosa chaminé com uma “altura de 110 palmos”⁶⁵. Sua construção imponente impressionava os passantes, como Pedro Dantas, e anunciava os primeiros passos da industrialização no estado (ver anexo 4).

Coutinho inicialmente trabalhava em casa, como oficial de peça, o que indica o estágio incipiente da atividade fabril local. Naquele momento, determinadas etapas do processo produtivo eram realizadas por artesãos qualificados em suas residências, fora da fábrica e distantes do “remoque do patrão”⁶⁶.

O desenvolvimento do processo de industrialização determinou o fim deste “domestic system” e levou à concentração de todos os trabalhadores em um mesmo espaço de produção. Coutinho afirmou que, a partir de então, conheceu “o quanto há de revoltante no serviço das fábricas”. Sua indignação voltava-se, sobretudo, contra a disciplina industrial que o transformou em “escravo de regulamentos severos”.

De fato, a industrialização impôs uma disciplina que pressupunha, entre outros aspectos, uma nova concepção de tempo: tempo a ser produtivamente aplicado, tempo do relógio e do apito da fábrica, tempo do patrão e do trabalho, que

⁶⁵ *Apud* PESAVENTO, Sandra J. **Os pobres da cidade**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1994. p. 33. As demais informações sobre a Rheingantz têm como fontes: COPSTEIN, Raphael. “O trabalho estrangeiro...”, *op. cit.*, p.p. 25-26 e XERRI, Eliana Gasparini. “Uma incursão...”, *op. cit.*, p. 29.

⁶⁶ Salvo indicação em contrário, todas as citações referentes à transição de Coutinho do trabalho artesanal para a atividade fabril foram extraídas do conto auto-biográfico “Um conto vulgar” (ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 18/07/1899. p. 2.). Este texto foi por mim analisado no ensaio “Antônio ‘Sem medo’: disciplina, identidade e resistência na pena de um operário (Rio Grande, 1899)”. In: **Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário**. Campinas, Ed. da UNICAMP. (no prelo).

subjuga os proletários aos seus ritmos⁶⁷. Este processo alterou substancialmente o cotidiano do personagem.

Pela manhã, sua esposa lhe chamava com o aviso: "*Antônio! Olha que a fábrica já apitou há muito tempo e já passou quase toda a gente. Levanta-te, homem!*". Segundo ele, esta era uma cena cotidiana, que se repetia diariamente "*com pequenas variantes*", e comum "*para quase toda a gente*" que compunha a classe operária rio-grandina no final do século XIX. O personagem central desta história relutava em acordar ao primeiro chamado mas acabava levantando-se para ser "*o último a entrar a cancela da fábrica*".

Por que Antônio resistia em acordar com o apito? Seria por *preguiça*?

Coutinho viveu o início de uma era quando, "*de um momento para outro*", a rotina diária passou a não ser mais determinada pela claridade e pela escuridão mas pelo apito da fábrica marcando os horários de trabalho e repouso. Talvez derive daí a sua revolta contra os "*regulamentos severos*" e contra "*o remoque do patrão por entrar na oficina mais tarde ou sair mais cedo*". Mais do que preguiça, a dificuldade para acordar revela sua resistência em alterar a rotina que

⁶⁷ Analisando acontecimentos semelhantes, embora anteriores no tempo, ocorridos na Inglaterra, o historiador E. P. Thompson afirmou que a fábrica introduziu uma nova moral do trabalho e uma nova medida do tempo, através de diversos expedientes: a divisão do trabalho, a vigilância do mesmo, multas, sinos e relógios, estímulos em dinheiro. Forjava-se, então, a noção de "*tempo útil*". Diz o autor: "*em uma sociedade capitalista madura é necessário consumir, comercializar, utilizar todo o tempo*". Reconhece, porém, que esta transformação foi lenta, perspassando várias gerações, podendo-se inclusive duvidar de sua completa realização. THOMPSON, Edward P. "*Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial*". In: **Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial**. Barcelona, Crítica, 1984. p.p. 284-285. Grifo meu.

Michel Foucault também demonstra que o controle do tempo é uma das estratégias fundamentais do poder disciplinar: "*o tempo medido e pago deve ser também um tempo sem impureza nem defeito, um tempo de boa qualidade, e durante todo o seu transcurso o corpo deve ficar aplicado a seu exercício. A exatidão e a aplicação são, com a regularidade, as virtudes fundamentais do tempo disciplinar*". FOUCAULT, Michel. "*Vigiar e punir*", *op. cit.*, p. 137.

caracteriza o cotidiano. em se adaptar aos ritmos da ordem capitalista que começava a vigorar no estado.

Como contrapartida e complemento à dureza do trabalho na fábrica, a Rheingantz foi também pioneira na criação de um sistema de *assistência social* para os seus funcionários. Neste sentido, possuía 52 casas para moradia dos operários, mantinha uma Sociedade de Socorros Mútuos, um armazém cooperativo, escolas de instrução primária para os filhos dos trabalhadores, montepio, biblioteca, assistência médica, banda de música e atividades esportivas. Tais realizações visavam controlar e disciplinar o cotidiano dos trabalhadores, cercando-os em todos os momentos de sua vida; e, ao mesmo tempo, criar uma imagem paternal e protetora do patrão.

Em relação às vilas operárias, por exemplo, Rago comenta que, por meio delas,

“Estabelece-se todo um código de condutas que persegue o trabalhador em todos os espaços de sociabilidade, do trabalho ao lazer. As vilas (...) permitem que o poder disciplinar exerça um controle fino e leve sobre o novo continente das pequenas relações cotidianas da vida do trabalhador”⁶⁸.

No caso das moradias contruídas pela Rheingantz, utilizava-se, por razões de economia e para facilitar este controle patronal, o sistema de casas-em-fita: aproveitava-se a mesma parede divisória para duas residências, além de um telhado comum (ver anexo 5).

⁶⁸ RAGO, Margareth. *“Do cabaré ao lar...”*, op. cit., p. 177. A inspiração de Rago é, evidentemente, foucaultiana.

Estas estratégias atingiram parte de seus objetivos. O já citado Pedro Dantas, em carta dirigida ao jornal *"Democracia Social"*, afirmou que, entre os empregados de Rheingantz, *"ninguém fala mal dele"*: *"dizem invariavelmente que ele é o pai dos operários, havendo muitos que lhe esticam esta qualidade paternal a todo o Rio Grande"*⁶⁹. Além disso, os funcionários desta empresa chegaram a fundar um *"Centro Operário"* próprio, submetido à coordenação de pessoas simpáticas a Rheingantz⁷⁰. Tais indicações demonstram que o cotidiano é um dos espaços centrais do controle social capitalista⁷¹ já que, devido ao automatismo que lhe caracteriza, possui grande afinidade com a alienação.

Coutinho morou em uma das casas da vila Rheingantz⁷² e, por isso, foi também alvo desta disciplinarização da vida cotidiana do operariado. Porém, devido à sua práxis social e política, conseguiu transcender a simples imediatez da rotina diária. Ao concentrar todas as suas energias em um ideal, a emancipação dos trabalhadores, o personagem obteve uma visão mais apurada sobre a sociedade em que vivia. Desta forma, pôde perceber os sutis mecanismos de dominação que incidiam em seu cotidiano e, conseqüentemente, vivenciá-lo de uma forma mais criativa e livre.

⁶⁹ DEMOCRACIA SOCIAL. Pelotas, 31/12/1893. p. 1.

⁷⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24/10/1897. p. 1.

⁷¹ Segundo Chalhoub, *"o controle social numa sociedade capitalista procura abarcar todas as esferas da vida, todas as situações possíveis do cotidiano (...)"*. In: CHALHOUB, Sidney. *"Trabalho, lar e botequim..."*, *op. cit.*, p. 101.

⁷² Num artigo publicado no *"Echo Operário"*, Coutinho menciona que, em 1894, morava *"nas casas da fábrica de tecidos onde era empregado"* (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 03/09/1899. p. 1). É possível saber que esta fábrica era a Rheingantz devido à referência feita pelo jornal *"Democracia Social"*: *"o nosso amigo Sr. Antônio Guedes R. Coutinho, que se acha atualmente empregado na fábrica de tecidos Rheingantz, no Rio Grande (...)"* (DEMOCRACIA SOCIAL. Pelotas, 23/07/1893. p. 3).

Assim, por exemplo, na referida carta de Pedro Dantas, o mesmo diz ter procurado ouvir a opinião de “*um trabalhador inteligente e amigo deste jornal Sr. A. Guedes Coutinho*” sobre Rheingantz. A resposta foi a seguinte:

“O Sr. Rheingantz é o melhor patrão que se pode ser. Ou seja uma reclamação coletiva ou seja de um só, ele atende logo com solicitude e bondade.

.....

É (...) um ótimo patrão, reunindo as duas boas qualidades de ser um bom patrão para os seus operários e um melhor patrão para si mesmo.

.....

Imagine-se agora que, não existindo estas casas, os operários teriam de pagar sempre mais de 20\$000 pelos alugueis, o que teria de sair da fábrica como excesso de salários; imagine-se ainda que os operários, morando todos na cidade, a fábrica não poderia conservar o horário que tem, prejudicando-se talvez em duas horas por dia, relativamente às horas atuais de trabalho; imagine-se isto e teremos as qualidades paternas do Sr. Rheingantz transformadas numa excelente máquina de lucro”⁷³.

Esta citação mostra que Coutinho conseguiu detectar as estratégias de controle e de exploração ocultas pela aparente bondade do patrão. A construção de casas para os operários garantia um lucro maior a Rheingantz pois dispensava-os dos altos custos com aluguel (o aluguel mensal das casas da empresa era de 8\$000) que, de outra forma, pressionariam os salários para cima. Ao mesmo tempo, permitia uma economia com o transporte dos funcionários e a vigilância de seu tempo de trabalho.

⁷³ DEMOCRACIA SOCIAL. Pelotas, 31/12/1893. p.p. 1-2. Nesta matéria, a resposta de Coutinho confunde-se com o texto do articulista Pedro Dantas, sendo impossível distinguir com exatidão o discurso dos dois personagens. Entretanto, pelo estilo, pode-se inferir que o trecho citado expressa o pensamento do primeiro.

Outro exemplo: em *“Um conto vulgar”*, Coutinho, através de uma representação literária, demonstra que percebeu com precisão um dos mecanismos centrais da dominação capitalista: o controle do tempo dos trabalhadores. Assim, no final do conto, escreveu:

“(...) chegou um dia em que respondeu à esposa, quando esta ao apitar da fábrica o chamava para como de costume ir para o trabalho: - Minha cara, estou farto de apanhar frio no inverno e calor no verão debaixo daquele maldito teto de zinco e vidro, e sempre ameaçado de passar fome se deixo de trabalhar um dia, enquanto que o dono da fábrica sem nada fazer, levantando-se quando quer, comendo e gozando a seu bel-prazer, recebeu no último balanço 40%! Que leve o diabo a fábrica com todos os seus regulamentos escravocratas, porque eu vou voltar ao antigo ofício. Deixa-me, pois, dormir mais um bocado, e quando nascer o sol abre a janela do quarto e deixa que os seus raios belos e vivificantes venham até o nosso humilde leite saudar o representante da Revolução Social”.

“Dormir mais um bocado”, neste caso, significa romper com a disciplina fabril, com os *“regulamentos escravocratas”*⁷⁴, com a própria organização da produção capitalista, tão dura para alguém *“acostumado a ser livre”*. Por este motivo, era vital para Antônio *“voltar ao antigo ofício”* (alfaiate), menos desgastante e alienante e que lhe permitia controlar o seu tempo e o seu trabalho. Esta atitude saudosista, que associa o passado pré-industrial (no caso de Coutinho, vivenciado durante a juventude na região rural de Trás-os-Montes) com um reino de liberdade, é típica da primeira geração de trabalhadores que enfrentou as dificuldades advindas com o desenvolvimento do capitalismo no estado.

⁷⁴ Segundo Pesavento, a associação do trabalho fabril com a escravidão recém extinta é comum no discurso das lideranças operárias neste período. In: PESAVENTO, Sandra J. *“Os pobres...”*, *op. cit.*, p. 37.

Acordar com o nascer do sol lembra um idílico tempo de autonomia que contrasta com as duras condições de vida do operariado. É esta diferença traumática que transforma Antônio de “*escravo*” em “*representante da Revolução Social*”.

Esta percepção mais ampla, do nível humano-genérico, não foi apenas teórica e literária, mas também levou a uma modificação concreta no cotidiano de Coutinho. Se, naquele momento, não era mais possível “*voltar ao antigo ofício*”, o personagem preferiu abandonar o trabalho na fábrica para dedicar-se, cada vez mais, às atividades intelectuais de professor e jornalista. Estas lhe permitiam uma maior independência na vida cotidiana, bem como abriam espaço para o exercício da criatividade no dia-a-dia.

Além disso, Coutinho foi morar nas “*nas dependências da União Operária*”⁷⁵. Nesta Sociedade, juntamente com os seus companheiros de luta, procurou fazer frente à *assistência social* oferecida pela Rheingantz, criando outras opções de auxílio, informação e lazer para os operários. Assim, como foi visto, a União alugava casas, oferecia colégio para os filhos dos associados e para adultos, biblioteca, bilhar, banda de música, cooperativa, amparo social, etc. Neste período, os militantes operários procuravam não apenas convencer os trabalhadores da

⁷⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/02/1898. p. 4.

Depois deste período, encontrei apenas referências esparsas aos outros lugares onde Coutinho morou. Em 1899, o personagem publicou o que deveria ser o seu orçamento mensal a fim de demonstrar a insuficiência do salário pago aos operários para fazer frente às despesas cotidianas. Mencionou, então, o aluguel de uma casa “*muito ordinária*” por 35\$000 (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 03/09/1899. p.p. 1-2.). Em 1903, no processo-crime de um atentado do qual Coutinho foi vítima, afirmava-se que este, no momento do delito, saía “*tranqüilamente de sua casa*” na rua Iatahy, entre as ruas Andrade Neves e Zallony, o mesmo endereço da Sociedade União Operária (APRGS, processo-crime nº 773, maço 40, estante 41.). Posteriormente, já em 1940, o jornal “*O Tempo*” procurou Coutinho “*em sua residência, onde fomos gentilmente recebidos*” (O TEMPO. Rio Grande, 22/05/1940. p. 1).

validade de seus princípios ideológicos mas também cercar o cotidiano destes últimos, atraindo-os para a sua causa.

O que permitiu a Coutinho realizar esta transcendência do cotidiano não foram apenas as suas qualidades pessoais. Segundo Hobsbawm, os antigos artesãos qualificados puderam perceber mais claramente as transformações trazidas pela industrialização já que possuíam uma maior consciência da perda da liberdade. Para o historiador inglês,

“(...) os artífices [como o alfaiate Coutinho] que se transformaram em proletários itinerantes, os artesãos que perderam sua independência, haviam sido estes os mais habilitados, os mais instruídos, os mais autoconfiantes, em suma, a flor da classe trabalhadora. Eles não entendiam o que lhes ocorria e era natural que tratassem de descobri-lo, e mais natural ainda que protestassem”⁷⁶.

No conto citado anteriormente, o personagem buscou “*entender o que ocorria*” através do “*estudo da questão social*”, conseguindo assim “*fazer aquisição de certos conhecimentos que o habilitavam a julgar com ciência exata das coisas sociais, especialmente daquelas que influíam na vida do operariado a cuja causa se devotaria com corpo e alma (...)*”. Esta devoção lhe permitiu concentrar esforços numa atividade humano-genérica (a práxis social e política em favor da causa operária) e, em consequência, suspender a heterogeneidade inerente ao cotidiano. Tal *decolagem* da rotina não nasceu no vazio mas sim de suas experiências concretas e, ao mesmo tempo, permitiu a transformação destas mesmas experiências. Ocorreu, portanto, um *feed-back* entre os níveis cotidiano e não-cotidiano de sua existência.

⁷⁶ HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções: Europa, 1789-1848**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989. p. 229.

O próprio contexto do personagem lhe favoreceu a experiência de elevação ao nível humano-genérico. Sobre este ponto, são pertinentes os comentários de Netto:

"Enquanto a organização capitalista da vida social não invade e ocupa todos os espaços da existência individual, como ocorre nos períodos de emergência e consolidação do capitalismo (...), ao indivíduo sempre resta um campo de manobra ou jogo, onde ele pode exercitar minimamente a sua autonomia e o seu poder de decisão, onde lhe é acessível um âmbito de retotalização humana que compensa e reduz as mutilações e o prosaísmo da divisão social do trabalho, do automatismo que ela exige e impõe (...)"⁷⁷.

Coutinho ingressou na Rheingantz no momento de emergência da ordem industrial no estado. No final do século XIX, a organização fabril ainda era incompleta e incipiente. A divisão do trabalho, por exemplo, não havia atingido todas as etapas do processo produtivo e muitas tarefas ainda dependiam da habilidade e do saber técnico do operário. Isto conferia aos antigos artesãos qualificados a possibilidade de superar, em diversos momentos, a alienação do cotidiano que caracterizaria as etapas posteriores do desenvolvimento do capitalismo.

Contudo, pelo menos no caso examinado, esta percepção mais ampla da exploração capitalista não foi completa. Coutinho continuou guardando um certo respeito pela pessoa de Rheingantz. Assim, normalmente, os problemas na fábrica eram atribuídos ao subordinados (mestres e contra-mestres). Tal fato também pode ser explicado pelo estágio inicial da industrialização neste período, quando ainda era

⁷⁷ NETTO, José P. e FALCÃO, Maria do C. "*Cotidiano...*", *op. cit.*, p. 85.

difícil perceber a interligação de todos os elos da dominação burguesa. Desta forma, certos incidentes ocorridos no cotidiano operário não eram vistos como frutos de um sistema injusto mas como resultados da falta de caráter dos superiores imediatos.

Por exemplo, no *"Echo Operário"* de 13 de agosto de 1899, pode-se ler uma *"carta aberta"* dirigida *"ao Exmo. Sr. Comendador Carlos Guilherme Rheingantz"*. Nela, o jornal procura justificar a atitude de alguns operários que haviam cometido um roubo na empresa. Diz o articulista que tal ato foi motivado pela iníqua organização social vigente e, por isso, condena a *"forma pouco generosa"* dos diretores da fábrica, que colocaram a lista dos envolvidos no local de avisos, submetendo estes últimos à *"vergonha pública"*. Segundo a matéria, o dono das indústrias desconhecia o fato, já que o mesmo *"merece absoluta confiança [dos] empregados da fábrica de que sois o chefe respeitabilíssimo"*.

O redator não percebeu que a execração pública dos funcionários envolvidos no furto não derivava da *"pouca generosidade"* dos diretores, mas tinha uma função pedagógica, coerente com as estratégias disciplinares da organização capitalista⁷⁸.

Enfim, Coutinho soube aproveitar, embora com limitações, o *"campo de manobra e jogo"* de sua época. Isto não significa lhe atribuir uma pretensa superioridade em relação aos outros operários. Também não se pode cobrar do

⁷⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/08/1899. p.p. 1-2.

Outro exemplo: numa carta dirigida ao *"Sr. gerente"* da fábrica de tecidos, publicada no mesmo jornal, lê-se: *"No nosso número passado, acusamos um mestre e um contra-mestre de abusarem da sua autoridade contra operárias da fábrica, e por esse motivo, os acusados, imaginando num operário nosso amigo o autor da denúncia, vingaram-se em pessoa da sua família mudando-a de lugar e querendo no mesmo dia acusá-la de quebrar uma peça, quebrada pelo contra-mestre acusador!"*. Como *"defensor da classe operária"*, o periódico fez a denúncia destes atos, *"certos de que são por vós ignorados"*. ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/09/1896. p. 1.

personagem uma *vidência* sobre os mecanismos da dominação capitalista que só se tornariam mais claros em épocas posteriores. Pelo contrário, busco mostrar como questões sociais e individuais possibilitaram a sua elevação do cotidiano, tomando em conta as possibilidades e os limites dados pelo contexto.

O personagem também exerceu o magistério e o jornalismo.

A primeira referência que encontrei nas fontes à atuação de Coutinho como professor data de 18 de fevereiro de 1898. Em anúncio publicado no “*Echo*”, oferecia seus préstimos como “*professor de primeiras letras aos operários que desejam instruir-se*”, ensinando especialmente aritmética em sua casa das 7 às 9 horas da noite⁷⁹. No mesmo ano, dizia ser “*professor e jornalista ‘in partibus’*”, ou seja, em tempo parcial⁸⁰.

Além de ministrar aulas particulares, o personagem lecionou no colégio mantido pela Sociedade União Operária⁸¹. Nesta instituição, o seu trabalho foi reconhecido e elogiado.

Em 15 de janeiro de 1899, Marcellino Messias Lopes escreveu uma carta a Coutinho, informando que teria de retirar o seu filho, Marcellino Junior, da aula por ele dirigida na União. Manifestava, contudo, o “*sincero reconhecimento pela dedicação que consagrastes ao meu filho, na transmissão dos vossos conhecimentos, o que, sem contradita, fazeis a todas as crianças confiadas à vossa inteligente direção*”⁸².

⁷⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/02/1898. p. 4.

⁸⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2.

⁸¹ Segundo Corrêa, Coutinho lecionou nesta escola desde a sua fundação em 1895. Ver: CORRÊA, Norma E. “*Os libertários e a educação...*”, *op. cit.*, p. p. 119 e 204.

⁸² A carta foi publicada no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 15/01/1899. p. 4.

O “*Relatório da Sociedade União Operária*”, de 1903, também destacou a atuação de Coutinho e de Virginia Elste Rocha, professora da turma do sexo feminino, afirmando que ambos “*merecem inteira confiança*” da diretoria e “*satisfazem amplamente os associados que têm filhos sob a sua direção*”⁸³.

A instrução dos operários e de seus filhos não era vista por Coutinho apenas como um emprego mas também enquanto uma missão de caráter político, uma arma de luta contra o capitalismo. No “*Catecismo Socialista*”, por exemplo, o autor recomendava o estabelecimento de escolas para os proletários, “*onde possam educar-se livres dos preconceitos estúpidos e absurdos do respeito ao capital, preconizados tão habilmente nos livros adotados nas escolas públicas por ordem dos governos burgueses (...)*”⁸⁴.

Assim, o personagem possivelmente misturava às suas lições, *pitadas* de teoria socialista e de denúncias contra a sociedade burguesa. No mesmo sentido, o “*Echo*” criticou a proibição de ensino superior às quatro operações, leitura e escrita para os filhos dos operários, estabelecida por uma fábrica “*importantíssima desta cidade*”. Afirmava ele, de forma irônica: “*se eu dissesse que este burguês teme que os operários possam pelo estudo chegar ao conhecimento de que são roubados escandalosamente por aqueles que recebem um ordenado e não merecem, haviam de dizer que sou falador*”⁸⁵.

⁸³ RELATÓRIO da Sociedade União Operária apresentado à Assembléia Geral de 15 de novembro de 1903 pelo Presidente da Diretoria Carlos Schmidt Junior. Rio Grande, Typ. do Diário do Rio Grande, 1903, p. 11.

⁸⁴ COUTINHO, Antônio G. “*Catecismo...*”, *op. cit.*, p. 4.

⁸⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 12/09/1897. p.p. 1-2.

Contudo, mesmo com esta visão de ensino *progressista* para a época, os colégios da Sociedade União Operária mantinham, no cotidiano, diversas práticas pedagógicas tradicionais: o controle do tempo e da movimentação dos alunos era rigoroso; utilizavam-se, com frequência, métodos punitivos e a separação entre meninos e meninas permaneceu até o final da Primeira República⁸⁶. O inspetor das aulas era o responsável pela manutenção da disciplina. Segundo Corrêa, este estabelecimento “*distingüia-se pelo ensino laico, formal e autônomo. Todavia reproduzia na sua rotina diária uma postura coercitiva manifestada nas relações professor-aluno e professor-inspetor das aulas*”⁸⁷. Verifica-se, novamente, que o cotidiano, escolar no caso, é um espaço de reprodução social, mesmo quando projetos avançados buscam a sua modificação.

Em 1905, Coutinho enviou um ofício ao Conselho Deliberativo da Sociedade “*despedindo-se de professor das nossas aulas por ter de assumir o lugar de professor público*”. Este determinou agradecer “*a Guedes Coutinho os serviços prestados à instrução da nossa classe*”⁸⁸. O novo emprego, porém, não lhe impediu de exercer a função de inspetor das aulas nos colégios da União. Em 1909, ele recebeu um voto de louvor do referido Conselho pelo seu trabalho neste posto⁸⁹. No mesmo ano, demitiu-se do cargo por ter sido eleito presidente da União⁹⁰.

⁸⁶ Em 11 de junho de 1905, o Conselho Deliberativo da Sociedade recebeu a proposta de criação de uma aula mista única que não foi aprovada. Livro de Atas do Conselho Deliberativo, 1904-1909. p. 58 (ASUO/CDH/FURG).

⁸⁷ CORRÊA, Norma E. “*Os libertários e a educação...*”, *op. cit.*, p.p. 117-118. Ver também os “*Estatutos da Sociedade União Operária*”, *op. cit.*, onde aparece o “*Regulamento*” da Escola.

⁸⁸ Ata de 11/06/1905. Livro de Atas do Conselho Deliberativo, 1904-1909. p. 58 (ASUO/CDH/FURG).

⁸⁹ Ata de 10/01/1909. *Id. ibid.* p.p. 187-188.

⁹⁰ Ata de 16/08/1909. Livro de Atas do Conselho Deliberativo, 1909-1922. p. 4 (ASUO/CDH/FURG).

Coutinho trabalhou como professor público na cidade de Rio Grande e na vila de São José do Norte. O jornal “*O Tempo*” noticiou diversas vezes, de 1906 a 1911, a sua participação como examinador nas provas realizadas pelos colégios locais. Argüia sobre “*leitura, escrita, análise léxica, noções de geografia e de história pátria, aritmética até frações decimais, sistema métrico e noções de geometria*”⁹¹. Pressupõe-se, portanto, que era professor unidocente. Em 1911, transferiu-se, juntamente com a sua segunda mulher, também professora pública, para Jaguarão, “*a pedido dos mesmos*”⁹².

Este emprego foi o mais duradouro da vida de Coutinho. O seu necrológio, publicado no jornal “*Rio Grande*”, informa que ele “*exerceu, por largo espaço de tempo, o magistério particular, tendo, posteriormente, sido nomeado professor público estadual. Cargo em que veio a aposentar-se*”⁹³. No seu atestado de óbito, foi registrado como “*professor aposentado*”.

Embora faltem dados mais precisos, é possível pensar que o cotidiano do “*Coutinho-professor*” era mais livre do que o do “*Coutinho-operário*”. A primeira função lhe possibilitava um espaço maior para a criação, para os estudos, para a difusão dos seus ideais e, também, lhe conferia o reconhecimento da comunidade⁹⁴. Além disso, este emprego lhe garantiu também uma situação econômica mais segura; permitindo, inclusive, a sua aposentadoria na velhice.

⁹¹ O TEMPO. Rio Grande, 05/12/1906. p. 2.

⁹² O TEMPO. Rio Grande, 01/11/1911. p. 2.

⁹³ RIO GRANDE. Rio Grande, 25/01/1945. p. 2.

⁹⁴ Talvez incentivado por estas possibilidades, Tácito Pires, militante socialista de Porto Alegre, também tornou-se professor público. O EXEMPLO. Porto Alegre, 01/01/1910. p. 3.

O personagem atuou também como jornalista: tendo sido redator-chefe do “*A Razão*” (1895); redator e proprietário do “*Echo Operário*” (1896-1901); colaborador do “*O Operário*” de Pelotas (1892); do “*Democracia Social*” (1893), do “*O Operário*” de Rio Grande (1893 ou 1895), do “*O Artista*” (1900-1908?), do “*A Regeneração*” (1901), do “*O Diabo*” (1905), do “*O Proletário*” (1906), do “*O Tempo*” (1907), do “*Diário do Rio Grande*” (1909), entre outros. Porém, esta atividade esteve associada prioritariamente com a sua militância política e apenas episodicamente representou uma fonte de sustento. Na maior parte das vezes, ao contrário, a manutenção destes periódicos, sobretudo do “*Echo*”, dependeu do auxílio financeiro de Coutinho. Assim, por exemplo, em 7 de agosto de 1898, ele censurou o agente de Porto Alegre que não lhe enviou a quantia referente às assinaturas da capital. Em consequência, afirmou que teve de pagar “*do nosso bolsinho ao editor do jornal*”⁹⁵.

A independência econômica em relação ao jornalismo lhe permitiu igualmente uma maior liberdade na veiculação de suas opiniões. Assim, no artigo “*Que autoridades!*” declarou ser “*livre de consciência*” e explicou: “*não vivemos do jornalismo e por isso não tememos o prejuízo das assinaturas; e mesmo que não pudéssemos ganhar o nosso sustento e o da nossa família por outro meio, diríamos a verdade pura e simples (...)*”⁹⁶. Em outro número, contudo, apontou para a necessidade destas assinaturas no sustento do jornal: “*não queremos enriquecer (...) à custa do jornal: basta que ele tenha assinantes para pagar a sua despesa (...)*”⁹⁷.

⁹⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/08/1898. p. 4.

⁹⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899. p. 1.

⁹⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/09/1896. p. 1.

Além disso, o personagem dizia não ter “*a educação precisa*” para ocupar “*proficientemente o lugar de jornalista*”. Exercia este papel, contudo, em nome da missão de “*orientar o operariado*” no rumo da “*causa sacrossanta da nossa emancipação*”⁹⁸.

A única menção que encontrei nos documentos ao exercício profissional do jornalismo por parte de Coutinho foi no processo-crime de um atentado sofrido pelo mesmo. Neste, a vítima é identificada como “*redator do jornal 'Artista'*”⁹⁹.

Além destes empregos, Coutinho fez *bicos*, tais como: dar aulas particulares; preparar papéis para casamentos, “*pelo preço mais cômodo*” e “*mandar vir obras sobre socialismo ou outro qualquer ramo de instrução*”¹⁰⁰.

Em 1899, publicou no “*Echo*” um anúncio oferecendo-se para “*trabalhos de pena: contabilidade, etc*”. Neste, dizia estar “*ocupado apenas das 9 horas da manhã às 3 da tarde*” e, por isso, desejava “*encontrar um trabalho decente onde empregue o tempo disponível*”. Acrescentava ainda que “*(...) se em alguma localidade do estado ou fora dele houver lugar para o mesmo se empregar, queiram escrever a esta redação explicando as condições, porque o pretendente abandonará o emprego que tem por outro mais rendoso*”¹⁰¹.

Enfim, sobretudo nos primeiros anos após a chegada ao Brasil, Coutinho parece ter ocupado uma parte significativa do seu cotidiano na luta pela

⁹⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 15/06/1899. p. 1.

⁹⁹ Este processo-crime encontra-se no APRGS, nº 773, maço 40, estante 41.

A atuação de Coutinho como jornalista será analisada com mais vagar no item 2.4 - **A militância**.

¹⁰⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/02/1898. p. 4.

¹⁰¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/08/1899. p. 4.

sobrevivência. Esta podia determinar até mesmo a sua transferência para outras localidades.

Através dos “*trabalhos de pena*”, como professor e jornalista, o personagem pôde aliar esta necessidade com a sua práxis social e política. Nos periódicos e nas salas de aula, Coutinho elaborava e divulgava idéias sobre a sociedade em que vivia e sobre aquela construída em bases socialistas. Nas duas, o trabalho estava presente não apenas como uma obrigação mas também enquanto um valor moral e social.

Sidney Chalhoub, analisando o Rio de Janeiro da “*belle époque*”, mostra que a transição para o capitalismo envolveu não apenas alterações na estrutura produtiva mas também a difusão de novos valores no cotidiano. Neste processo, que ocorreu no Brasil a partir das últimas décadas do século XIX, a questão fundamental era a elaboração de uma nova ideologia do trabalho: “*era necessário que o conceito de trabalho ganhasse uma valoração positiva (...) para impulsionar o país (...) no sentido da constituição de uma ordem social burguesa*”.

Segundo o historiador,

“O conceito de trabalho se erige, então, no princípio regulador da sociedade, conceito este que aos poucos se reveste de uma roupagem dignificadora e civilizadora, valor supremo de uma sociedade que se queria ver assentada na expropriação absoluta do trabalhador direto, agente social este que, assim destituído, deveria prazerosamente mercantilizar sua força de trabalho - o único bem que lhe restava (...).”¹⁰²

¹⁰² CHALHOUB, Sidney. “*Trabalho, lar e botequim...*”, *op. cit.*, p. 29.

As elites desejavam, então, que a noção de trabalho, enquanto valor individual e social supremo, fosse internalizada pelas classes trabalhadoras. Para tanto, recorreram a diversos expedientes, tais como: a repressão da vadiagem, a premiação do *bom trabalhador*, a associação do trabalho com o *progresso* e a *civilização*, etc.

Tal ideologia encontrou ressonância no discurso e na prática do movimento operário. Para analisar este processo mais amplo no caso específico de Coutinho, tomei por base as reflexões de Claudio H. M. Batalha desenvolvidas em um artigo sobre a identidade da classe operária no Brasil no período de 1880 a 1920¹⁰³.

Para o autor, “antes mesmo de articular um discurso de identidade em torno da noção de trabalho, de produtor ou de classe, o proletariado tem uma identidade visível, ‘objetiva’, decorrente de suas condições de existência” (p. 118). Ou seja, o fato dos operários vivenciarem um cotidiano semelhante, marcado sobretudo pela pobreza, lhes conferiria uma identidade *a priori*, ainda que não expressa formalmente.

Esta parece ser a situação do operariado rio-grandino na década de 1890: a carestia era um fato mas a identidade *subjetiva* ainda mostrava-se incipiente. Coutinho fazia parte de uma “*minoría com linguagem articulada*”¹⁰⁴ que tentava

¹⁰³ BATALHA, Claudio H. M. “*Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade*”. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 12, nº 23/24, set. 1991/ago. 1992. Salvo indicação em contrário, todas as citações feitas nesta parte do trabalho foram extraídas do referido artigo.

¹⁰⁴ A expressão foi apropriada de Thompson. THOMPSON, E. P. “*A formação...*”, *op. cit.*, p. 57. Ver também: JARDIM, Jorge L. P. “*Comunicação e militância...*”, *op. cit.*, p. 35.

Voltarei a explorar esta questão no item 2.3 - O estudo e a produção intelectual.

chamar a atenção dos trabalhadores para as causas de sua pobreza e arregimentá-los em torno da luta contra a exploração capitalista. Com este intuito, valia-se de imagens do cotidiano operário a fim de sensibilizar os seus companheiros. Por exemplo, no conto “*Um quadro da vida do operário*”, lê-se:

“Uma loja térrea, sem soalho, sem forro no teto, com uma única abertura que é a porta. A um canto, uma enxerga de lona e sobre ela envoltas em míseros trapos duas criancinhas definhadas, cadavéricas, que acompanham com a vista febril pela fome todos os movimentos da mãe, uma velha de 25 anos que mal parece poder ter forças para partir um pedaço de pão negro e duro que tirou de sobre um tamborete que se vê a um lado da porta”¹⁰⁵.

Obviamente que o autor exagera no tom melodramático. Contudo, esta representação literária deveria ter alguma vinculação com a vida cotidiana do proletariado local, possibilitando assim o estabelecimento de uma *comunhão de sentidos* entre Coutinho e seus leitores¹⁰⁶.

Batalha assinala, porém, que “*esses sinais da condição operária a partir de sua existência miserável não a distinguem do conjunto das classes subalternas, dos pobres em geral, em suma, das chamadas ‘classes perigosas’*” (Id. *ibid.*). Por isso, o movimento operário buscou estabelecer esta distinção em torno da noção de trabalho: “*afinal de contas o trabalho é um fator de forte legitimação social numa sociedade que nega qualquer legitimidade às classes subalternas*” (p. 120).

¹⁰⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/08/1898. p. 3.

¹⁰⁶ Pesavento mostra que o “*tom melodramático*” é comum na literatura produzida e divulgada pelos operários neste período. Diz a autora: “*(...) certos contos são pungentes, dramáticos e exploram as condições de vida e de trabalho do proletariado no sentido de compor tragédias que tenham o sabor de ‘verídicas’*”. PESAVENTO, Sandra J. “*Os pobres...*”, *op. cit.*, p. 67.

Neste sentido, é possível encontrar, em diversos escritos de Coutinho, expressões que associam o trabalho à honra. Por exemplo: *“filhos do trabalho e acostumados à vida honrosa que ele produz (...)”*¹⁰⁷. Em outro momento, ao pedir emprego pelas páginas do *“Echo”*, o personagem chegou a sobrepor o dever do trabalho às suas idéias socialistas: *“Não sejam obstáculo, aos pretendentes, as suas crenças políticas e filosóficas, pois ele [Coutinho] pertence a uma escola que exige dos homens o fiel cumprimento dos seus deveres”*¹⁰⁸.

Esta busca da legitimidade pelo trabalho levou determinadas lideranças e/ou instituições operárias a exercer uma função disciplinadora sobre o conjunto dos trabalhadores. Guedes Coutinho, por exemplo, escreveu um artigo condenando o vício do jogo¹⁰⁹. A Sociedade União Operária buscou regular o horário do bilhar que funcionava nas suas dependências, o que gerou protestos entre os associados¹¹⁰. O programa do Partido Socialista local propunha a criação de *“impostos progressivos sobre tavernas e fábricas de bebidas alcoólicas até sua extinção”*¹¹¹. Já o *“Projeto de estatuto-regulamento”* deste mesmo partido assinalava que seus membros deveriam ter *“bom comportamento”*¹¹². Portanto, as práticas que visavam a criação do *bom trabalhador*, ordeiro e disciplinado, não derivavam apenas de uma estratégia *maquiavélica* da burguesia, mas de uma série de dispositivos disseminados na sociedade¹¹³.

¹⁰⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 30/10/1898. p. 4.

¹⁰⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/08/1899. p. 4.

¹⁰⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899. p. 1.

¹¹⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/09/1897. p.p. 3-4.

¹¹¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 11/09/1898. p.p. 3-4.

¹¹² Publicado no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 22/01/1899. p. 3.

¹¹³ Esta formulação é inspirada na *“microfísica do poder”* de Michel Foucault. Ao analisar a formação histórica das sociedades capitalistas, este autor mostrou que o poder disciplinar não deriva apenas do

Deve-se salientar, contudo, que tal processo não levou a uma absorção pura e simples, por parte dos operários, dos valores burgueses. Estes últimos foram retrabalhados em função das realidades concretas e dos projetos políticos do operariado. Isto mostra que o cotidiano, embora possua grande afinidade com alienação, não é um receptáculo passivo das representações e práticas dominantes.

Assim, por exemplo, as vivências comuns e as experiências de auxílio mútuo que pautavam a vida diária dos trabalhadores rio-grandinos neste período fizeram com que a noção de trabalho fosse apreendida enquanto atividade coletiva e não como uma via de ascensão individual. De acordo com Batalha,

“Na valorização do trabalho feita pelo discurso dominante e naquela presente no discurso operário, convém ressaltar que há aspectos que não podem ser omitidos, nem confundidos. No primeiro caso, o trabalho legitima socialmente o indivíduo; no último, é o grupo ou o conjunto da classe que encontram sua própria legitimidade” (Id. ibid.).

Por este motivo, as expressões referentes ao trabalho presentes no discurso de Coutinho normalmente são formuladas no plural, denotando um sentido coletivo: *“filhos do trabalho”, “homens do trabalho”*¹¹⁴.

Além disso, neste estágio inicial da industrialização, pode-se perceber também *“uma ética do trabalho na defesa do ofício e da qualidade do trabalho realizado por certas categorias artesanais ou de trabalhadores qualificados, que também - é claro - constitui uma tentativa de assegurar o mercado de trabalho (...)”* (Id. ibid.). Em artigo publicado no *“Echo”*, por exemplo, ressalta-se que:

Estado, mas que é exercido em rede, por uma articulação de dispositivos locais e específicos. Ver: FOUCAULT, Michel. *“Microfísica do poder”*, op. cit.

¹¹⁴ Estas expressões, e outras similares, aparecem em vários textos de Coutinho. Ver, por exemplo, o artigo *“Avante!”*. ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/09/1896. p. 2.

"É preciso também que os operários se unam para protestarem contra a liberdade que os vendedores tem de vender calçado, porque estão sacrificando o ofício e arruinando os operários sapateiros.

.....

As lojas de fazendas também não devem ter alfaiataria, porque estragam o ofício e desgraçam os operários"¹¹⁵.

Coutinho, ex-alfaiate e, portanto, conhecedor de uma *arte* específica, buscava resistir ao avanço da grande indústria que reduzia o artesão "à condição de mero trabalhador braçal", perdendo assim a qualidade de "artista" (*Id. ibid.*).

Esta defesa do bom trabalhador aparece também na importância dada pelos socialistas rio-grandinos à "*instrução geral e profissional gratuita*"¹¹⁶. Na biblioteca da Sociedade União Operária, encontram-se diversos manuais profissionais que visavam a qualificação dos operários: "*Mecânica*" (1894), "*Manual do operário, fiação e tecelagem*", "*Nomeclatura de caldeiras e máquinas de vapor*" (ambos de 1905), "*Problemas de máquinas*" (1907), etc¹¹⁷.

Enfim, como afirma Batalha,

"(...) o que parece certo é que, a partir de determinado momento e, particularmente, para algumas categorias de trabalhadores, o trabalho exerce um peso fundamental na formação da identidade de classe. Creio ser difícil encontrar exemplos, a partir de fins do século XIX, de uma identidade de trabalhadores que não se estruture em torno do trabalho" (p. 121).

Neste processo, é na organização do operariado que se situa o ponto de ruptura entre a ética burguesa do trabalho e a concepção sustentada pelos líderes

¹¹⁵ *Id. ibid.*

¹¹⁶ "*Programa mínimo*" do Partido Socialista de Rio Grande publicado no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1898. p.p. 2-3. Grifo meu.

¹¹⁷ O acervo parcial desta biblioteca encontra-se no ASUO/CDH/FURG.

operários, como Coutinho. Segundo Batalha: *“se trabalhar para viver marca a condição operária, é a atuação organizada que acaba por lhe conferir a condição de classe de forma mais evidente”* (p. 122). Por isso, são constantes os apelos feitos pelo personagem aos seus companheiros, em prol da arregimentação e da combatividade de sua classe.

Assim, o *“Echo Operário”* de 19 de dezembro de 1897 noticiou uma conferência de Guedes Coutinho, onde este tratou *“da situação do operariado neste estado e abrangeu outros pontos de interesse em que demonstrou a necessidade urgente que temos de organização”*¹¹⁸.

Em outro momento, utilizando-se de comparações organicistas típicas da época, escreveu:

*“Há no organismo das sociedades, como no da espécie humana, um músculo que concentra todos os fios condutores da vida, e do qual as funções fisiológicas são purificar o sangue para ressarcir o corpo das energias gastas na luta pela existência. No organismo humano, chama-se coração, e no das sociedades - união”*¹¹⁹.

Para Batalha, a identidade da classe operária, ou de alguns setores que a compõem, não está vinculada apenas à sua organização: ela desponta em *“toda e qualquer manifestação da ação coletiva”*. Contudo, *“(...) no ato de criação da organização se evidencia a vontade de estabelecer uma identidade coletiva”* (p. 123).

¹¹⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/12/1897. p. 4.

¹¹⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/01/1899. p. 1.

Como procurarei demonstrar no item 2.4 - A **militância**, Coutinho dedicou uma parte fundamental do seu dia-a-dia e de suas energias à tentativa de estabelecer uma identidade coletiva para o operariado gaúcho (sobretudo nas cidades de Pelotas, Rio Grande e Jaguarão). Isto lhe possibilitou, por diversas vezes, transcender a imediatez das vivências cotidianas. Neste momento, quero assinalar que, para ele, o trabalho adquiriu um sentido específico quando articulado com a sua militância: não o de um valor burguês a serviço da acumulação capitalista mas, ao contrário, o de arma de luta contra a burguesia.

O *ser trabalhador* embasou a identidade de classe por ele elaborada, enquanto força de coesão interna do operariado e de alteridade em relação aos patrões. Neste sentido, ao criticar a sociedade capitalista, o autor afirmou que nesta se encontram *“entes humanos que trabalham muito, nada têm e morrem de fome; enquanto que outros nada fazem, tudo possuem e morrem de indigestões”*¹²⁰. Ou então, *“(...) temos a notar que na maioria dos casos, a riqueza não está na mão de homens que trabalhem e sim na mão de ociosos que, pelas iníquas leis da história, se tornaram herdeiros dum roubo feito à coletividade (...)”*¹²¹.

Portanto, a identidade é estabelecida a partir de experiências comuns (pobreza, fome e, sobretudo, o trabalho) e da oposição para com um *outro*: os *“ociosos”*, que vivem na abundância e *“tudo possuem”*.

O valor trabalho, tão importante no cotidiano de Coutinho, percorreu, assim, um caminho sinuoso. As elites procuraram disseminá-lo entre os grupos

¹²⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1899. p. 4.

¹²¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 30/07/1899. p. 1.

populares a fim de adequá-los às exigências impostas pela ordem capitalista. O personagem foi alvo deste processo mas também bebeu de outra fonte para construir a sua concepção positiva do trabalho: a teoria socialista, que conferia centralidade valorativa ao produtor direto. Articulado com outras experiências de Coutinho (auxílio mútuo, defesa do ofício e militância), o trabalho adquiriu um sentido específico, embasando a identidade de classe por ele formulada e tornando-se um instrumento de crítica à burguesia, que havia contribuído, com outra finalidade, para a difusão de tal valor. Percebe-se, portanto, o potencial de resistência do cotidiano à ordem estabelecida e de criação de novos significados para os valores dominantes¹²².

Coutinho buscou mostrar, inspirando-se no evolucionismo de Darwin, que o trabalho é uma “*lei natural*” e “*imutável*”, elemento indissociável da “*luta pela vida*”, mas que “*só tem valor quando (...) empregado na produção de algum objeto útil à humanidade*”¹²³. Esta finalidade dignificadora das atividades produtivas só se realizaria plenamente com o advento do socialismo. Nele, não haveria a supressão do trabalho. Contudo, os homens se dedicariam aos seus ofícios por um período menor, com mais liberdade e satisfação.

¹²² Esta reflexão parte dos estudos de Michel de Certeau sobre a vida cotidiana na sociedade de massas. O autor contesta o mito do consumidor passivo e demonstra que o consumo também é uma forma de produção. Tal interpretação baseia-se na idéia de que as práticas do dia-a-dia têm uma lógica específica, de natureza “*tática*”, caracterizada pela utilização criativa e, por vezes, subversiva que as pessoas comuns fazem dos produtos impostos pelas elites econômicas e culturais: são “*truques espertos do ‘fraco’ no interior da ordem estabelecida pelo ‘forte’*”. Ver: DE CERTEAU, Michel. “*The practice...*”, *op. cit.*, p. 40 e SCHMIDT, Benito B. “*Práticas e táticas: Michel de Certeau (re) inventa o cotidiano*”. **Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História**. Rio Grande, FURG, nº 6, 1994.

Acredito que a interpretação de De Certeau pode ser estendida a outros momentos históricos. No caso específico por mim estudado, o valor trabalho vigente na sociedade burguesa foi apropriado por Coutinho de uma forma específica, a partir de suas concepções socialistas e de suas vivências cotidianas.

¹²³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26/09/1897. p. 1.

Alguns textos ilustram esta perspectiva. No “*Catecismo*”, por exemplo, pode-se ler que, na sociedade socialista, “*as poucas horas de trabalho servirão mais de distração do que de sacrifício*”¹²⁴. Em uma série intitulada “*Na sociedade futura*”, Coutinho construiu uma utópica representação da vida cotidiana após a abolição do capitalismo. No decorrer da narrativa, o autor descreve a visita de alguns personagens a uma fábrica:

“A simples inspeção do visitante é suficiente para reconhecer que aqueles operários todos são felizes, que não estão a trabalhar forçados, que não ambicionam a hora do apito. Assim o fazem entender a alegria que se traduz em todos os rostos, as vozes alegres de alguns operários que cantam, a familiaridade que existe entre eles”¹²⁵.

Estas imagens contrastam duramente com as experiências concretas de Coutinho. No cotidiano do personagem, o trabalho era sobretudo uma necessidade imposta pela ordem capitalista. Por isso, a luta pela vida ocupava uma parte significativa do seu dia-a-dia. Contudo, enquanto valor, o trabalho superou estes condicionamentos concretos e serviu como um referencial de conduta para ele e seus companheiros. Nas suas projeções utópicas, o *valor trabalho* ultrapassaria o *trabalho necessidade*, sobreviveria a este último e continuaria a vigorar na “*sociedade futura*”. Nela, porém, desapareceria a alienação: os homens trabalhariam livres, felizes e por menos tempo¹²⁶.

¹²⁴ COUTINHO, Antônio G. “*Catecismo...*”, *op. cit.*, p. 28.

¹²⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 06/03/1898. p. 3.

¹²⁶ Para Marx, o “*reino da liberdade*” só suplantaria o “*reino da necessidade*” quando o trabalho fosse abolido. Porém, Hannah Arendt mostra que esta questão não foi bem resolvida pelo autor: “*o fato é que, em todos os estágios de sua obra, ele define o homem como ‘animal laborans’ para levá-lo depois a uma sociedade na qual este poder, o maior e mais humano de todos, já não é necessário. Resta-nos a angustiada alternativa entre a escravidão produtiva e a liberdade improdutiva*”. ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987. p. 117.

Coutinho preferiu mostrar que, com o advento do socialismo, o trabalho tornar-se-ia livre e fonte de satisfação humana.

2.3 - O estudo e a produção intelectual

Coutinho sempre manifestou uma intensa curiosidade intelectual. Era um *devorador de livros*, afoito por desvendar diferentes campos de conhecimento; voltando-se, sobretudo, para o estudo do socialismo. Assim, seus textos tinham como objetivos centrais a crítica da ordem burguesa, a identificação das formas de combatê-la e a elaboração e difusão de um projeto de sociedade socialista; preocupações, estas, balizadas pelas diretrizes da Segunda Internacional (1889-1914).

Pode-se dizer, então, que o personagem pertenceu a uma das “*minorias com linguagem articulada*” do movimento operário gaúcho. Estas englobavam os militantes mais ativos, os líderes e os que escreviam e editavam jornais. Tais minorias procuravam falar para e em nome da classe trabalhadora que, pela sua baixa politização nesta fase inicial da era industrial, nem sempre atendia a estes chamamentos sendo, por isso, necessário reforçá-los constantemente.

Além disso, Coutinho esteve sintonizado com algumas das mais importantes correntes de pensamento da sua época: o evolucionismo, o positivismo, a antropologia criminal, o anarquismo, o espiritismo, entre outras. Em decorrência, a produção por ele elaborada revela aspectos significativos do *clima intelectual* daquele contexto.

Deve-se ressaltar ainda que o estudo e a criação teórica e literária não eram atividades dissociadas do dia-a-dia de Coutinho. Ao contrário, as experiências e incidentes da vida diária serviam, muitas vezes, como pontos de partida para esta

criação que, num processo de *feed-back*, repercutia no seu cotidiano. Por outro lado, o estudo também lhe permitiu adquirir uma percepção mais ampla sobre a sociedade em que vivia, constituindo-se numa via de elevação da cotidianidade.

Examinar tais questões é o objetivo desta seção.

* * *

Em Portugal, Coutinho estudou no colégio de sua aldeia, “*onde aprendeu o bastante para servir de escrivão privado de todos os habitantes daquela povoaçãozinha*”¹²⁷. Entretanto, parece não ter entrado em contato com idéias socialistas antes da vinda para o Brasil. Neste sentido, deve-se considerar que a região de Trás-os-Montes, onde o personagem nasceu, era eminentemente rural, sem nenhuma mobilização operária significativa.

Sua iniciação na “*sublime doutrina*”¹²⁸ provavelmente ocorreu, então, através do relacionamento pessoal com alguns socialistas pelotenses, agrupados na Liga Operária (fundada em 1887) daquela cidade. Neste grupo, destacavam-se três nomes: Guilherme Sauter, Alberto Ferreira Rodrigues e João Tolentino de Souza.

De acordo com Reverbel, Sauter era “*o mais chegado aos meios operários*”. Os demais

¹²⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899. p. 2.

¹²⁸ Expressão usada por Coutinho, referindo-se ao socialismo. Ver: ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26/09/1897. p. 1.

"(...) eram beletristas municipais com participação bem conhecida na vida literária pelotense. O primeiro dirigiu o 'Almanaque Popular Brasileiro', ali editado pela Livraria Universal, de 1894 a 1908. O segundo tornou-se conhecido na cidade como poeta, tendo figurado, ao lado de Bandeira Renault e Alfredo Ferreira Rodrigues, na recoleta de poesias publicada e colocada à venda em benefício de Lobo da Costa, quando o inditoso vate se encontrava internado como indigente na Santa Casa de Pelotas, de onde fugiria ao encontro da morte"¹²⁹.

Coutinho, recém-chegado ao Brasil, parece ter ficado fascinado com as idéias propaladas por estes homens. O primeiro, de acordo com suas palavras, era um *"(...) espírito dotado de uma perspicácia e duma ilustração pouco comuns"* e que *"tratava as questões econômicas como mestre e sabia discutir com proficiência o socialismo científico"*. Já Rodrigues foi caracterizado como *"o mais perfeito arquivo humano do Brasil"*. Porém, sua introdução ao socialismo deveu-se sobretudo à influência de Tolentino de Souza, de quem se dizia discípulo.

Tolentino atuou como diretor-redator do jornal *"O Operário"* (1892-1893), onde o personagem central desta história publicou seu primeiro trabalho, pelo menos dos que pude localizar: um *"logogripho"*.¹³⁰ Este último considerava seu mestre como *"o operário de mais profunda intuição sociológica que tenho conhecido (...)"*.

O *triumvirado* Sauter/Rodrigues/Tolentino de Souza editou o periódico *"Democracia Social"* (1893) com o qual Coutinho, já morando em Rio Grande, colaborou de diversas formas: divulgando e colhendo assinaturas, enviando notícias

¹²⁹ REVERBEL, Carlos. *"1893: presença de Marx em jornal pelotense"*. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 29/08/1981. s/p.

¹³⁰ O OPERÁRIO. Pelotas. 01/05/1892. p. 3. Logogrifo é uma espécie de charada, de enigma a ser desvendado.

da cidade vizinha e, pelo menos, um artigo: “*Avante*”¹³¹. Posteriormente, referiu-se da seguinte maneira ao grupo de Pelotas:

“Estes três homens fizeram em 6 meses [de circulação do jornal] o que se podia desejar num meio tão acanhado e atrasado como Pelotas, onde não houve fábrica que não fosse estudada e analisada; má ação pública que não fosse estigmatizada; vítima do trabalho que não fosse defendida a ponto de serem processados pelos proprietários de uma fábrica de calçados, porque o jornal atacou fortemente a exploração por aqueles exercida sobre os operários.

Quando os frutos dos sacrifícios dos denodados companheiros se iam sazonzando, atraindo a atenção do operariado, foi quando a sanha dos partidos em luta chegava à ferocidade [refere-se à Revolução Federalista], não respeitando ninguém e por isso o jornal teve que desaparecer com a separação dos redatores que fugiram ao serviço militar.

*Desde essa época o operariado de Pelotas vive completamente indiferente à luta, sofrendo resignado a exploração*¹³².

Em sua nova cidade, o personagem continuou buscando o aperfeiçoamento cultural e político. Para tanto, freqüentou por vários meses o “*Lyceu Maciel*” e professores particulares¹³³. Além disso, dedicava os momentos de folga, sobretudo as noites, ao estudo dos grandes teóricos europeus do socialismo: “*era assim que se encontrava muitas vezes depois da meia-noite debruçado sobre os livros ou escrevendo, firme no seu propósito de estudar sociologia, para conhecer o seus direitos e aprender a defendê-los*”¹³⁴.

¹³¹ As referências à colaboração de Coutinho com o jornal são freqüentes. Ver: DEMOCRACIA SOCIAL. Pelotas, 23/07/1893, p. 3; 06/08/1893, p. 4; 13/08/1893, p. 4; 10/09/1893, p. 4; 15/10/1893, p.4; 22/10/1893, p.p. 2 e 3; 05/11/1893, p. 3; 26/11/1893, p. 2; 03/12/1893, p. 2; 24/12/1893, p. 3 e 31/12/1893, p.p. 1, 2 e 3. O artigo foi publicado em 30/07/1893, p.p. 3-4.

¹³² As citações de Coutinho sobre o *Grupo de Pelotas* foram extraídas do ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898, p. 2.

¹³³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898, p. 2.

¹³⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899, p. 2.

Sua ânsia de aprender era tanta que, por vezes, parece ter adquirido um caráter de verdadeira compulsão: *“teve sempre o defeito de não querer ser dos mais ignorantes (...)”* e *“teve sempre o vício de gastar quanto podia em livros que lia com frenesi (...)”*¹³⁵.

Esta atividade também era para ele motivo de grande satisfação:

*“Na tarefa penosa que nos impusemos de explicar o que é o socialismo, temos achado desgostos bem amargos que nunca pensamos encontrar; mas maiores, muito maiores, são os prazeres que dia-a-dia sentimos à proporção que estudamos a sublime doutrina”*¹³⁶.

O estudo ocupava, então, juntamente com a militância, os momentos do seu cotidiano que poderiam ser dedicados ao lazer, ao descanso ou ao convívio familiar. Ele próprio reconheceu que nunca comparecia a festas, apesar de *“ser sócio de várias sociedades bailantes”*¹³⁷. Esta dedicação explica-se pelas várias funções que a busca do conhecimento desempenhava na sua vida: era uma missão, por vezes penosa, mas também uma fonte de prazer. Além disso, o personagem acreditava que tal atividade lhe conferia uma identidade específica em relação ao conjunto do operariado rio-grandino. Segundo suas palavras:

“Não fomos dos felizes que tiveram por berço o capital (...) mas tivemos a felicidade de aproveitar, tanto quanto foi possível, os nossos recursos intelectuais na leitura dos bons mestres socialistas e, graças a esforços empregados por nós no estudo da Questão Social, podemos, não com talento, porque embora o tenhamos (modéstia à parte), não o educamos convenientemente, mas ao menos com convicção e seguros de não errar - podemos, repetimos ainda, falar aos operários com uma certa autoridade, própria de quem tem gasto muitas horas de sono encostado à

¹³⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2.

¹³⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26/09/1897. p. 1.

¹³⁷ *Id. ibid.*

*modesta escrivãzinha pedindo aos livros os conhecimentos necessários para bem explicar o que devemos fazer em nosso benefício como classe explorada*¹³⁸.

Percebe-se que o autor advoga, no início e no final do trecho, uma identidade com os seus leitores: a circunstância de ambos não terem por berço o capital e de fazerem parte da classe explorada. Contudo, não deixa de ressaltar a sua diferença para com os outros operários, construindo-se discursivamente como um líder, dotado da autoridade conferida pela “*leitura dos bons mestres socialistas*”, capaz de orientar os companheiros sobre o que deveriam fazer. Denominei este tipo de construção de “*alteridade na identidade*”¹³⁹.

O fato de Coutinho ter feito sua formação ideológica no Brasil contrasta com um lugar-comum presente na historiografia do movimento operário brasileiro¹⁴⁰ e também gaúcho¹⁴¹: a tese do “*imigrante radical*”. Esta baseia-se na idéia de que os imigrantes seriam os responsáveis pela introdução, entre nós, das teorias que animavam o operariado europeu. Em relação ao socialismo do final do século XIX, mais especificamente, postula-se que o mesmo teria sido difundido no estado pelos teutos e seus descendentes¹⁴².

Pelo menos no caso estudado, esta hipótese não foi confirmada. Coutinho conheceu a doutrina socialista no Rio Grande do Sul, através da leitura e do relacionamento com o grupo de Pelotas. Neste último, apenas o sobrenome “*Sauter*” pode indicar uma origem alemã. Já em relação ao “*Echo Operário*”,

¹³⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 15/06/1899. p. 1.

¹³⁹ SCHMIDT, Benito B. “*Antônio 'Sem medo'...*”, *op. cit.*

¹⁴⁰ Ver, por exemplo: FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo, DIFEL, 1976. p.p. 32-33.

¹⁴¹ Cito, entre outros: PETERSEN, Sílvia R. F. “*Origens do primeiro de maio...*”. *op. cit.*, p.p. 12-18.

¹⁴² PETERSEN, Sílvia R. F. “*A mulher na imprensa...*”, *op. cit.*, p. 83.

segundo levantamento de Jardim, de um total de 19 nomes arrolados como redatores, colaboradores, correspondentes e agentes, apenas um sugere nacionalidade ou descendência alemã, três italiana, um argentina e os demais nomes são luso-brasileiros.

Portanto, a presente biografia respalda a interpretação deste autor sobre os grupos socialistas do interior do estado no século passado. Para o historiador,

"(...) é pouco provável que tivessem sido influenciados pelos imigrantes alemães, pelo menos a imprensa socialista foi obra de luso-brasileiros, que não 'trouxeram', no caso dos imigrantes, o socialismo e sim aqui entraram em contato com estas idéias vindas do exterior por fontes escritas ou talvez até mesmo por contatos pessoais"¹⁴³.

Partindo deste *back-ground* de estudos, o personagem realizou uma grande produção teórica e literária. Esta será analisada a seguir, levando-se em conta três variáveis: as influências recebidas e a reelaboração das mesmas pela pena de Coutinho, as principais oscilações de seu pensamento e a relação deste com a sua vida cotidiana.

A produção teórica de Coutinho compreendeu, sobretudo, artigos veiculados nos mais diferentes periódicos do estado¹⁴⁴. Nela, destaca-se o "*Catecismo Socialista*", publicado como folhetim no "*Echo*" em 1898, e que, segundo Petersen, "*provavelmente foi a primeira obra de teoria socialista produzida no Rio Grande do Sul*"¹⁴⁵.

¹⁴³ JARDIM, Jorge L. P. "*Comunicação e militância...*", *op. cit.*, p.p. 183-184.

¹⁴⁴ Ver lista de fontes no final desta dissertação.

¹⁴⁵ PETERSEN, Sílvia R. F. *Antônio Guedes Rodrigues Coutinho*. Texto dat., p. 3.

Ao citar os autores que influenciaram seu pensamento, o personagem elaborou uma lista que compreende socialistas alemães, italianos e franceses; além de anarquistas e expoentes da antropologia criminal:

*“Proudhon, Karl Marx, Bakounine, Lassale, Frederico Engels, Kropotkine, E. Laveleye, De Greef, B. Malon, Colajanni, Labriola, A. Loria, Letourneau, P. Lafargue, Ferrero, Max Nordau, Eliseu Réclus, Elias Réclus, Lombroso, Hector Denis, Tolstoj, F. Turati, A. Hamon, etc., etc.; mentalidades de primeira ordem e autoridades em qualquer dos ramos da ciência a que se dedicam”*¹⁴⁶.

O “*etc., etc.*” que encerra a lista simboliza a abertura de Coutinho para as mais diferentes correntes de pensamento, que iam sendo incorporadas à medida que o mesmo desenvolvia seus estudos. Esta *mélange* de autores aponta também para o “*porre ideológico*”¹⁴⁷ que assaltou os militantes socialistas no Brasil na virada do século XIX. Porém, segundo Batalha, tal socialismo *à brasileira* não era fundamentalmente distinto do socialismo europeu vigente na época da Segunda Internacional, também marcado por grande ecletismo¹⁴⁸.

Assim, o personagem, como muitos dos seus companheiros, professava um socialismo heterogêneo¹⁴⁹ ou difuso¹⁵⁰. Este fato era reconhecido pelo próprio Coutinho e parece ter perpassado toda a sua trajetória intelectual. Em 1899, ele afirmava: “*(...) somos (...) heterodoxos na ciência em questão*”¹⁵¹. Quase oito anos

¹⁴⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/08/1899. p. 1.

¹⁴⁷ Expressão de MORAES FILHO, Evaristo. “*A proto-história do marxismo no Brasil*”. In: REIS FILHO e outros. **História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. p. 37.

¹⁴⁸ BATALHA, Claudio H. M. “*A difusão do marxismo...*”, *op. cit.* Minha análise do socialismo de Coutinho foi inspirada por este texto.

¹⁴⁹ PETERSEN, Sílvia R. F. “*Origens do primeiro de maio...*”, *op. cit.*, p. 51.

¹⁵⁰ PETERSEN, Sílvia R. F. “*A mulher na imprensa...*”, *op. cit.*, p. 84.

¹⁵¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/08/1899. p. 1.

depois, a avaliação não era diferente: "(...) *somos ecléticos e revolucionários*"¹⁵². Tal postura talvez possa ser creditada à sua já mencionada ânsia de conhecimento, que lhe impulsionava a incorporar linhas teóricas diferenciadas. A coerência não era buscada na adesão incondicional a uma tendência socialista, mas na permanente luta pela transformação social.

Neste panorama, a principal referência eram as idéias de Karl Marx. Coutinho se refere a ele como o " (...) *grande Carlos Marx, o maior talento econômico do nosso século, o mais sábio e profundo sociólogo conhecido*"¹⁵³; como o "*eminente chefe*"¹⁵⁴ ou ainda como o "*mestre exímio (...), o fundador do socialismo revolucionário (...)*"¹⁵⁵. Contudo, é pouco provável que tenha lido diretamente a sua obra. O contato com o pensamento marxista deve ter sido mediado por autores mais acessíveis e/ou por obras de vulgarização, como as de Gabriel Deville, constantemente citadas no "*Echo*"¹⁵⁶. Em 5 de setembro de 1897, este periódico noticiou a primeira tradução para o idioma espanhol da "*colossal obra do grande Karl Marx*", "*O Capital*", publicada em fascículos pela "*Biblioteca de Ciências Sociais*" de Madrid. O redator prontificava-se a "*mandar vir as assinaturas que quiserem*"¹⁵⁷. Contudo, não tenho condições de precisar quais passagens foram lidas, se é que foram, pelo personagem. Logo, apesar das constantes menções feitas a

¹⁵² O TEMPO. Rio Grande, 23/05/1907. p. 1.

¹⁵³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/09/1897. p. 1.

¹⁵⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26/09/1897. p. 1.

¹⁵⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/03/1898. p. 1.

¹⁵⁶ Ver, por exemplo: ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/12/1897. p. 1.

¹⁵⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/09/1897. p. 4.

Esta tradução foi feita por Juan B. Justo, um dos principais expoentes do socialismo na Argentina (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 03/09/1899. p. 4.). Ver, sobre a questão: ADELMAN, Jeremy. "*Socialism and democracy in Argentina in the age of the Second Internacional*". **Hispanic American Historical Review**, 72:2, 1992.

Marx. este último parece ter sido mais uma referência ritual do que uma fonte direta de inspiração teórica.

Outros autores influenciaram mais diretamente a produção de Coutinho. Entre eles, destaca-se o francês Benoît Malon que, segundo Batalha, elaborou

“(...) um socialismo fortemente influenciado pelo positivismo e pela tradição humanista francesa, que pretende englobar não apenas a luta política e econômica (limitação que atribui ao socialismo marxista), mas todos os campos da atividade humana, como a ciência, a filosofia e a moral”¹⁵⁸.

Para Malon, os socialistas tinham duas vias de ação possíveis: a via revolucionária e a via reformista. A primeira só deveria ser usada em momentos especiais pois as explosões violentas poderiam comprometer a luta pelo socialismo (a experiência frustrada da Comuna de Paris norteava sua análise). A via reformista, por seu turno, precisava ser trilhada sempre, através de medidas como: estímulo permanente à organização do proletariado em cooperativas, sindicatos, etc.; luta por uma legislação internacional do trabalho; criação de instâncias de arbitragem dos conflitos entre capital e trabalho; busca da administração estatal das instituições de crédito, das estradas de ferro, das minas, dos canais e dos grandes estabelecimentos siderúrgicos; e da administração, pela municipalidade, dos transportes, do fornecimento de energia, do serviço de águas e das maiores casas comerciais. Tais reformas seriam alcançadas através da conquista eleitoral da maioria parlamentar. Nas palavras do socialista francês, *“sejam revolucionários quando as circunstâncias o exigem e reformistas sempre”¹⁵⁹.*

¹⁵⁸ BATALHA, Claudio H. M. *“A difusão do marxismo...”*, op. cit., p. 23.

¹⁵⁹ *Apud* BATALHA, Claudio H. M. *Id. ibid.*

O malonismo, também denominado de “coletivismo”, teve uma penetração limitada na França mas influenciou decisivamente os socialistas italianos, portugueses, argentinos e brasileiros. Entre os italianos, destaca-se Salvatore Ingegneros Napolitano, pai de José Ingegneros (a grafia do nome foi alterada), que desempenhou um papel importante na organização do movimento operário na Argentina. Este último mantinha uma correspondência assídua com o redator do “*Echo*”, funcionando como uma espécie de canal de difusão das idéias de Malon¹⁶⁰.

Coutinho reservou ao pensador francês um lugar destacado, ao lado de Marx, entre seus mestres. Dizia ele: “ (...) *optamos pela escola de Marx e Malon (...)*”¹⁶¹ e aconselhava a um opositor: “*estude o socialismo científico, analise fria e calmamente a colossal obra de Marx, Engels e B. Malon (...)*”¹⁶². Em 1899, o “*Echo*” noticiou a edição portuguesa, em fascículos, da “*monumental obra de Benoît Malon, o fundador do socialismo científico*”, “*O socialismo integral*”, e recomendou: “*devem os operários fazer aquisição dessa importante obra que é o evangelho do socialismo*”¹⁶³. Também recebia de Paris a publicação “*La Revue Socialiste*”, fundada por Malon.

¹⁶⁰ O “*Echo*” noticiava constantemente o recebimento de livros, folhetos, periódicos e revistas enviados por Ingegneros (ver, por exemplo, ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 16/01/1898. p. 4 e 06/11/1898. p. 4.). Além disso, publicou o folhetim de sua autoria “*Que é o socialismo?*”, traduzido pelo próprio Coutinho (a primeira parte que encontrei consta no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/09/1897. p.p. 3-4.), e trechos do seu livro “*La mentira patriótica. El militarismo y la guerra*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 30/10/1898. p.p. 2-3; 06/11/1898. p.p. 2-3; 20/11/1898, p. 3; 08/01/1899. p. 2 e 01/05/1901. p. 2.), além de vários outros artigos. Ingegneros, por sua vez, em carta enviada ao jornal rio-grandino, dirigiu-se ao “*meu amigo A. Guedes R. Coutinho*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 02/10/1898. p.p. 1-2).

¹⁶¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 17/10/1897. p. 2.

¹⁶² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/11/1897. p. 2.

¹⁶³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 22/01/1899. p. 4. O atributo de “*fundador*” normalmente era reservado a Marx. Ver BATALHA, Claudio H. M. “*A difusão do marxismo...*”, *op. cit.*, p. 24.

A ação do Partido Social Democrata (SPD) na Alemanha também inspirou o pensamento de Coutinho. Os progressos desta organização foram freqüentemente salientados pelo *"Echo"* na coluna *"Pela Pátria Universal"*. Nela, alguns personagens eram exaltados: Liebkenecht, Singer, Vollmar e Bebel. Quando da prisão do primeiro, por exemplo, o periódico pronunciou-se da seguinte forma: *"Nós, na nossa pequenez, mandamos um abraço de solidariedade ao destemido campeão do socialismo"*¹⁶⁴. A atuação dos demais militantes no parlamento alemão foi igualmente acompanhada com entusiasmo¹⁶⁵. Segundo Batalha,

*"Várias razões podem ser evocadas para explicar a transformação do SPD em partido modelo sob a Segunda Internacional, entre elas: o fato de ter sido o primeiro partido socialista de importância a se consolidar, com a particularidade de nascer na pátria do socialismo científico; sua ascendência sobre a classe operária e a criação de um movimento sindical e outras instituições operárias sob sua influência; seus constantes progressos eleitorais"*¹⁶⁶.

Coutinho também tomou alguns socialistas franceses como modelos a serem seguidos. Nesta perspectiva, Jean Jaurés foi descrito da seguinte forma:

*"Forte, atarracado, barbudo, cabeludo, vermelhaço, todo ele gestos, nervos, atividade. A sua voz abaritonada ouve-se em toda a sala [do Parlamento francês]. Os murros que dá na na tribuna seriam capazes de abater um toiro. Muito talento e muita força"*¹⁶⁷.

Ou seja, este militante sintetizava, inclusive pelos seus traços físicos, uma série de elementos que deveriam caracterizar o *bom* socialista: força, energia, empolgação, virilidade e talento.

¹⁶⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/12/1897. p. 2.

¹⁶⁵ Ver, por exemplo: ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/02/1898. p. 2 e 20/02/1898. p. 2.

¹⁶⁶ BATALHA, Claudio H. M. *"A difusão do marxismo..."*, op. cit., p. 21.

¹⁶⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/03/1898. p. 2.

Ainda no rol das influências, é preciso considerar que o personagem, talvez devido às suas ligações familiares, mantinha-se sintonizado com o movimento operário em Portugal. A maior parte dos artigos transcritos pelo “*Echo*” de periódicos estrangeiros foi extraída de publicações lusas, dentre as quais destacam-se: “*A Federação*” (Lisboa), “*A Voz do Proletário*”, “*A Luz do Operário*” e “*Echo Socialista*” (todos do Porto). Os autores portugueses mais citados eram Ladislau Batalha e Heliodoro Salgado. Coutinho também recebia livros da terra natal o que explica a sua alegria quando da criação do sistema de vales-postais entre o Brasil e aquele país:

“Graças a Deus, vamos nós também poder mandar buscar algumas obras socialistas que há um ano desejamos possuir, mas que por falta de meios de transporte (sem grande ônus, porque com ele, há sempre) nunca conseguimos. Até que enfim (...)”¹⁶⁸.

Apesar das diferenças existentes entre estas tendências - o coletivismo maloniano, a social-democracia-alemã, o socialismo francês e o português -, é possível destacar uma característica comum a todas elas: a postura reformista, que reivindicava a abolição do capitalismo através da tomada do poder político pela via eleitoral. Outros posicionamentos também perpassavam as diversas correntes do socialismo europeu, tais como: o anti-clericalismo, o anti-militarismo e a postura universalista.

Coutinho fez uma leitura própria destas vertentes, mediada pelas suas experiências cotidianas concretas. Como ressaltam Petersen e Lucas, as idéias

¹⁶⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 28/08/1898. p. 3. A maior parte dos livros existentes na Biblioteca da Sociedade União Operária é composta de edições portuguesas, o que faz supor a existência de um fluxo editorial considerável daquele país para Rio Grande.

socialistas “*não eram importadas mecanicamente e (...) sofreram um processo de reelaboração por operários de uma sociedade urbano-industrial como a nossa, com características tão diferentes da européia*”¹⁶⁹. Tal fato ajuda a explicar determinadas oscilações presentes na produção teórica do personagem. A primeira é aquela que se verifica entre cientificismo e religiosidade

O século passado foi marcado pela utopia do progresso ininterrupto, possibilitado pelo desenvolvimento tecnológico contínuo. A ciência despontava como o farol que poderia guiar os povos no rumo do enriquecimento, da liberdade e da felicidade. Segundo Pesavento, “*(...) o século XIX foi o século das máquinas, das inovações, das descobertas, da celebração do espírito científico que fora capaz de domar as forças da natureza e pô-las a serviço da civilização*”¹⁷⁰.

No mesmo período, morando numa cidade que se industrializava rapidamente, Coutinho sentiu os influxos destas representações. Ao fazer, em 1899, uma avaliação da centúria que findava, afirmou: “*aproxima-se o fim do século dezenove, século de mecânica e de vapor, século de maravilhas estupendas nas ciências e nas indústrias e, principalmente, na arte da guerra*”¹⁷¹. Tal apreciação confirma a idéia da historiadora antes citada, para quem “*(...) o homem das cidades via, no seu cotidiano, as condições concretas de sua existência serem transformadas*

¹⁶⁹ PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. “*Antologia...*”, op. cit, p. 30.

¹⁷⁰ PESAVENTO, Sandra J. “*Trabalhadores e máquinas: representações do progresso*”. **Anos 90: Revista do Curso de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre. UFRGS, nº 2, maio de 1994. p. 166.

¹⁷¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1899. p. 1.

pelos novos inventos, pelo surgimento renovado de máquinas, pelas surpreendentes descobertas e avanços da ciência"¹⁷².

Estas idéias foram incorporadas por Coutinho na sua produção teórica. Por exemplo, a ciência era por ele definida como a "*(...) alavanca universal que tudo funde e reconstrói a seu bel prazer, não tendo em vista senão o elevamento da espécie humana da qual é escrava e senhora ao mesmo tempo*"¹⁷³ ou como o "*Deus do progresso*"¹⁷⁴.

Já a máquina era vista como facilitadora das tarefas produtivas, desde que utilizada em benefício da coletividade. Tal percepção fica clara quando o autor descreve, em sua projeção utópica da "*sociedade do futuro*", a visita dos personagens a uma fábrica de tecidos:

*"Foram à urdição onde muito gostaram da forma pouco trabalhosa porque aquele serviço é feito depois da aplicação do último aparelho que não deixa o fio enredar-se, facilitando assim a tarefa do organista da urdição e ainda mais a do tecedor que tudo era massada para ele com maçarocas, teias, fios, etc."*¹⁷⁵.

Portanto, com o advento do socialismo, os novos inventos facilitariam a dura vida dos tecelões, que ele conhecia bem de perto.

Neste contexto, onde a crença no progresso e nos poderes ilimitados da ciência era hegemônica, Coutinho, como muitos dos seus contemporâneos, procurou justificar suas concepções políticas a partir do critério da cientificidade. Assim, a obra de Marx, "*O Capital*", foi caracterizada como um "*colossal monumento da*

¹⁷² PESAVENTO, Sandra J. "*Trabalhadores e máquinas...*", *op. cit.*, p. 165.

¹⁷³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 17/10/1897. p. 2.

¹⁷⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/11/1897. p. 2.

¹⁷⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/02/1898. p. 1.

*ciência (...)*¹⁷⁶ e, vários anos depois, o personagem afirmou que o socialismo era orientado pelas *"leis científicas da história"*¹⁷⁷.

Na mesma época, diversas teorias tentaram explicar a natureza, a sociedade e o homem à luz do novo *espírito científico*.

O francês Auguste Comte, fundador do positivismo, pretendeu mostrar que as idéias avançam linearmente por três estágios: o teológico, quando os fenômenos são explicados pela vontade dos deuses; o metafísico, quando as explicações baseiam-se em formulações abstratas e o positivo ou científico, quando, através da observação empírica precisa, seria possível determinar com exatidão as motivações, regularidades e conseqüências dos fatos sociais.

Charles Darwin, no seu *"Origem das espécies"* (1859), formulou uma explicação detalhada e fartamente documentada da forma e do processo da evolução através da seleção natural ou da preservação das raças favorecidas na luta pela vida. Herbert Spencer, por seu turno, defendeu a aplicação da teoria evolucionista em todos os campos do conhecimento, inclusive na análise da sociedade. Esta concepção é conhecida como *"darwinismo social"*.

No âmbito da criminologia, a perspectiva científicista também exerceu um papel determinante. Os italianos Cesare Lombroso e Enrico Ferri, entre outros, tentaram implantar uma visão *científica* do crime. Por esta, seria possível descobrir,

¹⁷⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26/09/1897. p. 1.

¹⁷⁷ O TEMPO. Rio Grande, 23/05/1907. p. 1.

através de determinadas características físicas, as tendências criminosas dos homicidas antes mesmo que cometessem algum delito¹⁷⁸.

Participando deste *clima intelectual*, Coutinho realizou uma apropriação científicista, evolucionista e positivista do socialismo. Em seus textos é possível perceber, com maior ou menor intensidade, a influência de tais teorias.

No acervo da Biblioteca da Sociedade União Operária, encontram-se algumas obras positivistas: o “*Catecismo Positivista*” de Comte (em edição de 1895); “*As últimas concepções de Augusto Comte*” de R. T. Mendes (editada em 1898) e “*A questão da vacina*”, do Dr. Baqueira Leal, esta última publicada pela Igreja Positivista do Brasil do Rio de Janeiro em 1904. Não tenho condições de saber se Coutinho leu estes livros. Em sua coluna no jornal “*O Artista*”, ele afirmou: “*Não (...) tenho a felicidade de conhecer as obras do genial pensador [Comte], senão por resumos muito insuficientes (...)*”¹⁷⁹. O certo é que o militante declarou, em diversos momentos, assentar seu pensamento “*(...) na lógica dos fatos e de acordo com os princípios filosóficos da ciência positiva (...)*”¹⁸⁰.

Dedicou também um artigo à discussão das proposições do autor francês. Neste, reconhecia a “*penetrante sabedoria*” do “*grande arquiteto do sistema positivista*”. Porém, criticava a sua formulação a respeito das bases da sociedade industrial, “*dando-lhe o caráter orgânico dos grandes corpos de exército, bem disciplinados e por isso obedecendo cega e passivamente à voz de comando, que*

¹⁷⁸ Sobre estas teorias, ver: DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na “Belle Époque”: a medicalização do crime*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991; DURANT, Will. *A filosofia de Herbert Spencer*. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d e RIBEIRO Jr., João. *O que é positivismo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

¹⁷⁹ O ARTISTA. Rio Grande, 10/03/1900. p. 1.

¹⁸⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/03/1898. p. 1.

nesses casos seria a voz da razão representada nos 'soi-dissant' - superiores". O autor afirmava que Comte "deixou-se seduzir pela sua própria criação e por isso não tinha mais olhos para ver-lhe os defeitos". De acordo com o primeiro,

"Como pôde ele acreditar que a humanidade pudesse ser feliz sendo escrava? Pois não é a liberdade o supremo bem e por ela se tem batido a humanidade desde que houve quem lhe pusesse peias.

.....

Queremos sim o grande exército das indústrias, mas com a propriedade coletiva, com a união livre, de leis impostas, com administração voluntária e sem domínio de espécie alguma"¹⁸¹.

Enfim, mesmo criticando pontos significativos do pensamento comteano, Coutinho acabou assumindo o termo *positivista*, e suas variações, para acentuar o caráter lógico, científico e racional do socialismo. Segundo ele, a razão era "o único orientador dos povos neste fim de século de positivismo"¹⁸². Além disso, embora reconhecesse o teor burguês desta teoria, não deixava de admirar seus adeptos: "Decididamente a escola de Comte tem muitos grandes homens e é inegável que são eles os únicos que merecem confiança ao povo, dentro do sistema burguês"¹⁸³. Em outro momento, chegou a afirmar que o pensador francês "(...) concebeu um sistema sociológico que hoje mesmo ainda é seguido pelos próprios socialistas científicos como meio de transição para o coletivismo"; e acrescentou: "O socialismo (...) nada mais é do que o sistema de Comte (...) reformado e ampliado de acordo com os progressos da humanidade"¹⁸⁴.

¹⁸¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 30/07/1899. p. 1.

¹⁸² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 15/10/1899. p. 1.

¹⁸³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/10/1899. p.p. 2-3.

¹⁸⁴ O ARTISTA. Rio Grande, 10/03/1900. p. 1. Grifo meu.

O evolucionismo, por sua vez, orientou as interpretações do personagem sobre a sociedade e a história. Em diversos artigos, o mesmo procurou demonstrar que, ao contrário do que afirmavam alguns críticos burgueses, *“o socialismo não só não é contrário à lei da luta pela vida, como veio justificá-la em face da ciência e da economia política”*. Contudo, segundo ele, no sistema capitalista, esta *“lei imutável e invencível”* adquiria um caráter *“egoísta”* e *“deprimente”*, pois não revertia em benefício da coletividade mas exclusivamente de alguns poucos indivíduos: *“Que nos importa o trabalho dum capitalista que trabalha num projeto onde o seu capital individual se possa centuplicar?”*. A luta pela vida precisava ser *“digna, em abono do indivíduo e da coletividade: que os homens lutem mas que trabalhem em alguma coisa de interesse coletivo”*. Isso não significava negar as diferenças individuais, mas acentuar que estas não deveriam conduzir à exploração de uns sobre os outros:

“Os homens serão sempre uns mais aptos que os outros, não admitimos uma táboa rasa como o supõem os nossos enfatuados adversários; queremos que cada um receba conforme as suas aptidões, mas que não seja preciso o menos apto trabalhar para o que o é mais.

Estes pelo seu talento serão os mais bem retribuídos, e aqueles como base da luta, procurarão equiparar-se-lhes. Eis o que é a luta pela vida, princípio racional e logicamente sustentado pelos socialistas”¹⁸⁵.

A proposta política de Coutinho, que defendia uma transição gradual para o socialismo através de reformas sucessivas, também era justificada pela teoria evolucionista. De acordo com suas palavras:

“Não (...) desejamos por meio da dinamite ou nitroglicerina arrasar o que há para construir de novo, mas sim aplicando às leis evolutivas, que

¹⁸⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26/09/1897. p. 1.

*auxiliaremos com a ciência, reformas transitórias para pouco a pouco conseguirmos a transformação*¹⁸⁶.

Ou seja: assim como, segundo Darwin, a natureza não se modifica aos saltos, também a sociedade deveria evoluir lentamente até a forma mais perfeita de organização: o socialismo.

Nos textos de Coutinho, o pensamento evolucionista aparece freqüentemente mesclado com as propostas da antropologia criminal. Este fato provavelmente se deve à influência das idéias de Darwin e de Spencer no movimento socialista italiano, do qual faziam parte, entre outros, Cesare Lombroso e Enrico Ferri. O já citado José Ingegnieros era criminologista e foi o principal divulgador das propostas de Lombroso na América Latina. Por seu intermédio, chegou às mãos de Coutinho a edição argentina da obra *"Socialismo e Sciencia Positiva. Darwin-Spencer-Marx"* de Enrique (sic) Ferri¹⁸⁷. Nele, o autor italiano afirmava:

"Darwinista e Spenceriano convencido, proponho-me provar como o socialismo marxista - o único que tem método e valor cientificamente positivo, e por isso mesmo o único que agora inspira e dirige com unidade aos socialistas democratas de todo o mundo civil - não é senão o complemento prático e fecundo na vida social dessa moderna revolução científica, preparada nos séculos passados pela renovação italiana do método experimental em todos os ramos do saber humano, e executada e disciplinada em nossos dias pelas obras de Darwin e Spencer".

Coutinho traduziu este texto do espanhol e publicou-o como folhetim no *"Echo"*. Em uma nota, salientou a importância da obra, ressaltando que *"o seu autor é um dos mais célebres criminalistas italianos, sociólogo eminente e deputado ao*

¹⁸⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 31/10/1897. p. 1.

¹⁸⁷ O envio desta obra foi noticiado pelo ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/01/1898. p. 4.

parlamento italiano". Justificando a sua divulgação em português, afirmou: "*o que fica dito é perfeitamente aplicado ao nosso país, onde as condições, quer econômicas quer políticas, muito se assemelham, e onde a burguesia, apesar de menos ativa e laboriosa, comunga as mesmas idéias da burguesia argentina*"¹⁸⁸.

Em outro texto, reafirmando esta leitura do evolucionismo mediada pela antropologia criminal, assinalou: "*(...) nós estamos com (...) Ferri, Lombroso, etc. que vêem nas teorias de Darwin o mais perfeito caminho para o socialismo*"¹⁸⁹.

Enfim, o personagem misturou nos seus escritos as influências de Marx, Comte, Darwin, Spencer, Lombroso, Ferri, entre outros. Esta aparente confusão teórica guardava, na verdade, uma grande coerência com os padrões de conhecimento do século XIX: todas as correntes referidas buscavam desvendar racionalmente a lógica da natureza, da sociedade, do crime e do homem, preferencialmente através da observação empírica. A questão da cientificidade balizava tais teorias que se esforçavam por romper com as explicações teológicas, abstratas e metafísicas. Coutinho, sentado em sua modesta escrivaninha, mantinha-se sintonizado com este *clima intelectual*, através de contatos pessoais e da leitura de livros, periódicos e folhetos. Simultaneamente, buscava explicar os incidentes que presenciava no seu cotidiano à luz destas idéias. Por exemplo, ao noticiar um furto

¹⁸⁸ FERRI, Enrique. **Socialismo e Sciencia positiva. Darwin-Spencer-Marx.** Rio Grande, Echo Operário, 1898. As primeiras páginas foram publicadas no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 02/10/1898. p.p. 3-4. As citações foram extraídas das páginas 9, 4, 6 e 7 do folhetim, respectivamente.

A filósofa Hannah Arendt também assinala as semelhanças existentes entre as idéias de Marx e as de Darwin: "*É notável que a filosofia do trabalho de Marx tenha coincidido com as teorias da evolução e do desenvolvimento que floresceram no século XIX - a evolução natural de um processo vital único a partir das formas mais rudimentares de vida orgânica até a aparição do animal humano, e o desenvolvimento histórico de um processo vital da humanidade como um todo. Engels logo percebeu esta coincidência, e chamava Marx de 'o Darwin da história'*". ARENDT, Hannah. "*A condição...*", *op. cit.*, p.p. 128-9.

¹⁸⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 28/08/1898. p. 1.

ocorrido na indústria Rheingantz, afirmou que houve apenas um criminoso “se admitirmos como base de estudo as modernas descobertas da ciência antropológica”¹⁹⁰. Portanto, o estudo fornecia ao personagem uma chave de leitura para o seu dia-a-dia.

Contudo, mesmo buscando uma legitimidade científica para o socialismo, Coutinho utilizava-se freqüentemente de metáforas religiosas e de um tom messiânico para falar desta doutrina. Por exemplo: “*O Socialismo é a religião por excelência da humanidade, é o paraíso terrestre, é o termo da escravidão, é a igualdade perante a natureza*”¹⁹¹; ou então, “*(...) o Socialismo é a religião do Bem e do Belo (...)*”¹⁹².

Aos teóricos e militantes socialistas também eram atribuídos poderes transcendentais. Numa nota alusiva aos quinze anos do falecimento de Karl Marx, o personagem fez uma espécie de invocação ao seu mestre: “*Que o seu espírito guie a nossa pena e as nossas obras, para que os nossos esforços possam ser úteis às classes trabalhadoras que ele tanto amou*”¹⁹³. O socialista francês Jaurés, por sua vez, foi definido como um apóstolo: “*Glória aos apóstolos do socialismo, aqueles que como Jaurés sabem honrar a sua causa!*”¹⁹⁴. Em 1907, ao protestar contra a condenação do jornalista republicano espanhol Nackens a quinze anos de prisão, afirmou sobre este: “*Espírito de uma cultura superior, alma de anjo e coração de apóstolo (...)*”¹⁹⁵.

¹⁹⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/08/1899. p. 2.

¹⁹¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1898. p. 2.

¹⁹² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/07/1899. p. 1.

¹⁹³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/03/1898. p. 1.

¹⁹⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 27/03/1898. p. 1.

¹⁹⁵ O TEMPO. Rio Grande, 18/06/1907. p. 2.

Para ele, os termos religião e razão eram compatíveis, como se pode observar na seguinte frase: *“O socialismo será a religião do futuro, porque ele é a justiça, a razão e o direito”*¹⁹⁶. Este trânsito entre cientificismo e religiosidade não era incomum para a época. O próprio Comte elaborou, no final de sua vida, uma *Religião da Humanidade* que se pretendia natural, racional, científica e exclusivamente humana¹⁹⁷.

Não me foi possível descobrir se o personagem teve uma formação religiosa em Portugal, país de fortes tradições católicas. Contudo, em seus artigos, eram frequentes os ataques à Igreja e ao clero. Segundo ele, na *“sociedade do futuro”*, *“não precisaremos de igrejas para estupidamente irmos a elas perder tempo curvados e genuflexos ante uma figura que os especuladores imaginaram para ídolo (...)”* nem dos *“sacerdotes (...), essa espécie de parasitas (...)”*. A postura anti-clerical - comum aos movimentos socialistas do período - não lhe impedia de nutrir uma profunda admiração por Jesus Cristo: *“O Socialismo por si é a religião mais bela que jamais teve a humanidade, porque nenhuma se funda em bases mais moralizadoras, nenhuma cumpre tanto as máximas do glorioso mártir - Cristo”*¹⁹⁸.

A oscilação entre ciência e religião encontrou sua síntese no espiritismo de Allan Kardec, ao qual Coutinho aderiu no final do século XIX. Não pude precisar a data exata desta conversão. Porém, como já mencionei ao analisar sua vida familiar, este fato deve estar relacionado com o trauma causado pelo falecimento da

¹⁹⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1899. p. 3.

¹⁹⁷ Além disso, este tom religioso podia ter uma função persuasiva. Afinal, como questiona-se Girardet, *“(...) qual teria sido o destino de um marxismo destituído de todo apelo profético e de toda visão messiânica, reduzido exclusivamente aos dados de um sistema conceitual e de um método de análise?”*. In: GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p.p. 11-12.

¹⁹⁸ COUTINHO, Antônio G. *“Catecismo...”*, op. cit., p.p. 40-41.

filha Aurora, em 18 de outubro de 1898. Antes disso, o personagem normalmente mantinha uma postura crítica para com a doutrina kardecista.

Por exemplo, em fevereiro deste mesmo ano, o “*Echo*”, num artigo denominado “*Prodígios assombrosos*”, transcreveu a comunicação espírita recebida em 2 de agosto de 1898 pelo médium A. Ângelo Torteroli no círculo “*Conciliação*” do Rio de Janeiro. Uma página depois, o redator advertia:

“Por cedermos a um pedido, transcrevemos hoje o artigo (...) acima; mas o jornal nada tem de solidário com princípios estranhos à sua doutrina.

É uma apreciação individual que pode chamar a atenção dos estudiosos, sem que em nada possa prejudicar as nossas idéias”¹⁹⁹.

Em novembro, verificou-se uma mudança de posição: o mesmo periódico noticiou a participação de Coutinho na diretoria eleita do “*Grupo Allan Kardec*”, no posto de exortador²⁰⁰. No ano seguinte, tornou-se secretário desta associação²⁰¹. Também foi colaborador do jornal espírita local “*A Regeneração*”, surgido em 1900²⁰².

Em 1899, na já referida apreciação sobre o século que findava, o personagem afirmou que este “(...) começou com o povo bestializado pelo materialismo feroz e sanguinário, e pelo cetismo de Voltaire, e terminou deixando-nos às portas do Espiritismo que é ultra-religioso, e confiantes no futuro pregado por Allan Kardec (...)”²⁰³.

¹⁹⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 27/02/1898. p.p. 2 e 4.

²⁰⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 27/11/1898. p. 4.

²⁰¹ OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas, 21/11/1899.

²⁰² Localizei dois exemplares deste jornal: A REGENERAÇÃO. Rio Grande, 01/04/1901 e 01/05/1902.

²⁰³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1899. p. 1.

Portanto, na sua adesão ao espiritismo, conjugam-se o individual e o contextual, o cotidiano e o não-cotidiano. Por um lado, uma *“exceção cotidiana”* (a morte da filha) levou-lhe a buscar consolo na crença da imortalidade da alma; por outro, o clima intelectual da época era propício à mescla entre religião e ciência. Afinal, o espiritismo, embora *“ultra-religioso”*, também se pretendia, segundo o próprio Coutinho, uma *“ciência da alma”*²⁰⁴.

Além disso, o personagem compartilhava com Kardec o seu anti-clericalismo. Assim, ao referir-se a este último, afirmou que o mesmo era uma *“(…) alma votada ao sacrifício para salvar a humanidade do caos tenebroso em que a atirara uma seita ambiciosa que só visa interesses materiais”*²⁰⁵.

Na visão de Coutinho, socialismo e espiritismo poderiam ter ainda outros pontos em comum: a perspectiva evolucionista e a idéia de fraternidade. Pela primeira, pode-se pensar que, enquanto Darwin teorizou sobre a evolução das espécies e Marx sobre a das sociedades, Kardec teria postulado a evolução do espírito. Em relação à fraternidade, já foi visto que, neste momento, a idéia de auxílio mútuo vicejava no seio da classe operária gaúcha. Portanto, não é de se estranhar que o personagem tenha louvado o fundador do espiritismo pelo seu *“verdadeiro amor ao próximo”* e pela *“prática da sublime caridade”*²⁰⁶.

²⁰⁴ Nas palavras do personagem: *“É a ciência que, com as suas mil formas de análise e observação, está hoje afirmando a existência do espírito que sobrevive à matéria, e provado isto, o resto da Doutrina impõe-se como consequência lógica da perfeição universal”*. A REGENERAÇÃO. Rio Grande, 01/04/1901. p.p. 1-2.

²⁰⁵ *Id. ibid.*

²⁰⁶ *Id. ibid.*

Em um artigo publicado n’ *“O Artista”*, de 1900, Coutinho já havia afirmado sua postura em favor do *“verdadeiro amor ao próximo”*: *“Há um ditado entre os crentes na imortalidade que diz: ‘a felicidade não é deste mundo’; mas apesar da sua sincera crença, estes, como os materialistas, têm o dever de esforçar-se por tornar a sua passagem por este vale de lágrimas, o mais agradável possível. Ora, eu, que pertenço aos primeiros, faço tudo quanto em mim cabe por cumprir com esse dever, não*

Enfim, para explicar este aspecto tão significativo do cotidiano de Coutinho - a religiosidade - foi preciso recorrer ao contexto, visto aqui como um “*campo de possibilidades*”. A morte da filha, acontecimento de cunho privado, gerou necessidades que foram supridas pela sua conversão a uma religião. Esta não poderia ser *qualquer* religião, mas aquela que melhor se adequasse às teorias por ele defendidas. O kardecismo cumpriu essa função devido a algumas de suas características: o cientificismo, o anti-clericalismo, a perspectiva evolucionista e a defesa da fraternidade²⁰⁷. Neste ponto, penso que se comprova a idéia de que, no cotidiano, existe um constante burlar das fronteiras entre o público e o privado.

As fontes consultadas não permitem saber se Coutinho continuou professando o espiritismo até a sua morte em 1945. Em 1909, o personagem, numa longa polêmica travada pelas páginas dos jornais “*Diário do Rio Grande*” e “*O Tempo*”, discutiu com Clovis Dael sobre a existência de Deus. Só localizei os artigos deste último, que acusa “*Grac*” de ateísmo. Dael, certamente um defensor da doutrina espírita, comparou, utilizando-se de um verso de Victor Hugo, seu “*ilustre*

só para comigo como para com os outros embora muitos julguem que é asneira o não ser egoísta (...)” (O ARTISTA. Rio Grande, 07/03/1900. p. 1.).

²⁰⁷ Estas características talvez expliquem a difusão do espiritismo entre as lideranças operárias das mais diversas correntes. Por exemplo: Abílio de Nequete, um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro e ativo militante do movimento operário gaúcho, abraçou o espiritismo aos 25 anos de idade, em 1913. Chegou, inclusive, a elaborar uma doutrina própria, o “*evidentismo*”: “*espiritismo sem religiosidade nem charlatanismo*” (ROSITO, Renata Irene Haas. **O pensamento político de Abílio de Nequete**. Porto Alegre, Trabalho de bacharelado em Ciências Sociais, 1972). Maria Lacerda de Moura, anarquista que atuou no Rio de Janeiro e em São Paulo na segunda e terceira décadas do século XX, também aderiu ao espiritismo. Segundo Leite, “*a confluência de convicções espiritualistas, com participação maçônica e práticas esotéricas, ocorreu entre anarquistas de diversas tendências (...)*” (LEITE, Miriam L. Moreira. “*Maria Lacerda de Moura e o anarquismo*”. In: PRADO, Antonio Arnoni (org). **Libertários no Brasil: memórias, lutas, cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1986. p. 83). Em Rio Grande, Rodolfo José Gomes, amigo particular de Coutinho, que concorreu pelo Partido Socialista aos cargos de conselheiro (1898) e intendente (1900) municipais, também participava da diretoria do “*Grupo Allan Kardec*” (OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas, 21/11/1899). A biblioteca da Sociedade União Operária desta cidade, segundo o relatório de 1903, recebia o jornal “*A Regeneração*” em sua mesa de leitura. “*Relatório da Sociedade União Operária...*”, *op. cit.*, p. 19.

antagonista” a uma “semente (...) renegando o semeador” já que “atribui a origem do universo, sua conservação e fenomenalidade em geral a leis (...) absolutamente fortuitas (...)”: “Grac fala-nos do acaso onipotente, mas acaso significa apenas ignorância da causalidade de fenômenos inexplicados”. Cita também um trecho da argumentação de Coutinho: “A humanidade (...) apaixonou-se pelo mistério, adora-o, e porque Deus é para ela um enigma, o incompreensível, sente-se dominada por ele e é capaz de tudo para continuar a viver enganada (...)”²⁰⁸.

Por estes trechos, pode-se deduzir que “Grac” abandonou o espiritismo em favor de uma postura materialista. Não encontrei, contudo, outras referências a tal fato.

Após a morte do personagem, seu filho Nilo doou à Sociedade União Operária quatro coleções de periódicos que haviam pertencido ao pai: os socialistas “*Democracia Social*”, “*A Razão*” e “*Echo Operário*”, e o espírita “*Regeneração*”²⁰⁹. A preservação destes jornais por Coutinho talvez seja um indício do afeto que o mesmo dedicou tanto à militância quanto ao espiritismo até o final de sua vida.

A oscilação entre reforma e revolução também está presente no pensamento de Coutinho²¹⁰. Neste aspecto, as influências do coletivismo de Benoît

²⁰⁸ O TEMPO. Rio Grande, 02/02/1909. p. 2; 03/02/1909. p. 2; 05/02/1909. p. 2; 06/02/1909. p. 2; 08/02/1909. p. 2 e 20/02/1909. p. 1. As citações foram retiradas do segundo e do último artigos.

²⁰⁹ Carta de Nilo G. Coutinho ao Presidente da Sociedade União Operária, 29/01/1945. Documento não catalogado. ASUO/CDH/FURG.

²¹⁰ Sobre a presença destes paradigmas no movimento operário e socialista internacionais do final do século XIX e inícios do XX, ver GARCIA, Marco Aurélio. “*Reforma e revolução/reforma ou revolução (discussão de um paradigma)*”. *Revista Brasileira de História: Reforma e Revolução, op. cit.*

Malon e das teorias evolucionistas mesclaram-se com a admiração do personagem pelo SPD, para determinar a sua adesão a uma estratégia reformista de transformação da sociedade.

Assim, por exemplo, ao debater com o jornalista Manfredo Silveira do “*Diário do Rio Grande*” sobre a “*questão social*”, declarou:

“Permita-nos S.S. que lhe digamos que ignora o que é o socialismo tal qual o pregam os mestres e que nenhum socialista deseja a sua imediata realização, por serem muito amigos do operariado e porque prezam os seus ideais o que assim não seria se desejassem atirá-los numa revolução na qual seriam vencidos, porque o poder da burguesia é muito ainda e o mais bem armado.

S.S. ignora absolutamente a marcha do socialismo, e ainda mais, os programas que defendem os socialistas nos diversos parlamentos onde têm assento, que é todo transitório e moderado”²¹¹.

Já em 1901, num texto comemorativo ao dia do trabalho, percebe-se a influência das teorias de Darwin e Spencer. Nele, afirmava-se que: “*Sabemos que a natureza não dá saltos e que será pela evolução que hão de fazer-se as grandes reformas necessárias à transformação econômica dos povos (...)*”²¹².

Esta percepção teórica orientou a militância do personagem. Como mostrarei no item 2.4, Coutinho teve uma participação significativa na vida política de Rio Grande, fundando o Partido Socialista local em 1898, recomendando candidatos ou candidatando-se ele mesmo a vereador em 1900. Tais ações baseavam-se na idéia de que: “*(...) o socialismo tem forçosamente que principiar*

²¹¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 31/10/1897. p. 2.

²¹² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1901. p. 1.

pela conquista do poder político para assim chegar ao terreno das reformas econômicas, alvo das nossas aspirações reivindicadoras"²¹³. Os socialistas, após chegarem ao poder, deveriam lutar pela melhoria das condições de vida do operariado, através de reformas sucessivas, tais como: jornada de oito horas de trabalho, aumento do salário, criação de escolas públicas, construção de habitações higiênicas, etc.

No "*Projeto de estatuto-regulamento do Partido Socialista*" da cidade, nota-se, claramente, a influência do pensamento de Malon. Nele, prescrevia-se, como um dos objetivos centrais: "*procurar organizar em todos os pontos onde as não hajam, agrupações de classes que defendam os princípios coletivistas*"²¹⁴.

A postura de Coutinho em defesa de uma transição gradual para a sociedade socialista adequava-se aos preceitos do socialismo europeu vigente na virada do século XIX. Este, segundo Batalha,

*"(...) havia adotado a organização em partido político e a busca da conquista do poder pela via eleitoral, dentro de uma estratégia gradualista, como resultado da derrota da experiência insurrecional da Comuna de Paris, ainda que a intensidade desse gradualismo pudesse variar, por exemplo no caso francês, da moderação dos possibilistas ao radicalismo - pelo menos no discurso - dos guesdistas"*²¹⁵.

A estratégia reformista partia da idéia de que o povo não estava habilitado para a revolução, devido ao seu baixo nível cultural. Os militantes mais esclarecidos deveriam, portanto, prepará-lo para a luta contra a burguesia. A já mencionada noção de *alteridade na identidade* pode ser útil para expressar esta

²¹³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/02/1898. p. 1.

²¹⁴ Transcrito no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 22/01/1899. p. 3. Grifo meu.

²¹⁵ BATALHA, Claudio H. M. "*A difusão do marxismo...*", *op. cit.*, p. 14.

assimetria entre os líderes operários *que sabem* e a massa dos trabalhadores *que deve ser orientada*. Por vezes, tal distinção era formulada em termos fraternais. Por exemplo: no “*Catecismo*”, Coutinho assinalava a necessidade de se “(...) *criar centros de palestras e conferências socialistas, onde [os operários] vão ouvir a palavra amiga e verdadeira dos companheiros mais educados (...)*”²¹⁶.

Em outros momentos, contudo, seu discurso assumia um tom francamente autoritário:

“O que nós entendemos por verdadeira luta é a instrução do povo, fazendo-o ver claramente a mistificação absoluta de todo o existente, levá-lo por caminho seguro à compreensão de seus direitos, obrigá-lo a raciocinar, a conhecer por si as causas produtoras dos males que o afligem, concitá-lo ao estudo, à análise e observação de tudo quanto tem relação com a vida das sociedades e dos indivíduos”²¹⁷.

O personagem acreditava-se incumbido desta tarefa: conduzir, concitar, obrigar o povo a lutar pelos seus interesses. Este último, desconhecendo a *missão histórica* que lhe estava reservada, precisava seguir passivamente a orientação dos “*companheiros mais educados*”. Afinal, eram poucos os “*operários ativos e dignos que estejam dispostos à luta*”²¹⁸.

Além disso, Coutinho ressaltava a necessidade de se organizar o operariado em associações de classe, baseadas na “*resistência aos caprichos dos patrões (...)*”²¹⁹. Neste sentido, numa reunião com os funcionários grevistas da

²¹⁶ COUTINHO, Antônio G. “*Catecismo...*”, *op. cit.*, p. 4.

²¹⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1901. p. 1.

²¹⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/12/1897. p. 1.

²¹⁹ COUTINHO, Antônio G. “*Catecismo...*”, *op. cit.*, p. 3.

fábrica Ítalo-Brasileira em 1897, Coutinho dissertou “*sobre as vantagens da união e as conseqüências da indiferença dos operários para com as associações*”²²⁰.

Sintetizando: no pensamento de Coutinho, como no da maioria dos socialistas da época, destacavam-se três instrumentos para a transformação da sociedade capitalista: a luta política através da criação de um partido, o desenvolvimento cultural do trabalhador e a arregimentação associativa²²¹. Contudo, tais estratégias reformistas não excluíam a perspectiva da revolução. Esta seria o ponto final do combate, resultando das resistências interpostas pela burguesia ao advento do socialismo: “*o que poderia resultar da resistência da burguesia só se pode traduzir por uma revolução violenta onde não se pode duvidar que o vencido seria a burguesia, porque é a mais fraca, embora pareça o contrário*”. Afinal, esta última depende do trabalho do proletariado que constitui a maioria da população:

“(...) é verdade que ela é rica, tem tudo quanto parece preciso para ser forte e invencível; mas esquecem que essa riqueza só o é enquanto tem operários a quem explorar (...); esquecem, enfim, que os burgueses com todos os seus exércitos de defensores são uma minoria ridícula a par do colossal exército dos explorados, e que em caso de revolução será cada um tão forte como a consciência, tão terrível como a justiça”²²².

As teorias evolucionistas foram novamente invocadas para justificar o ponto de vista do autor, que se definia como um “*socialista revolucionário*”²²³ e como um “*revolucionário convicto*”²²⁴. Neste sentido, segundo ele, tanto a natureza como a sociedade passavam, obrigatoriamente, por períodos de transformações

²²⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26/09/1897. p.p. 2-3.

²²¹ PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. “*Antologia...*”, *op. cit.*, p. 61.

²²² COUTINHO, Antônio G. “*Catecismo...*”, *op. cit.*, p.p. 9-10.

²²³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 17/10/1897. p. 2.

²²⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1899. p. 2.

revolucionárias, necessárias para o prosseguimento da evolução da vida e da história.

Nas palavras do personagem,

“(...) as leis da história (...) nos provam em todas as suas páginas que a evolução foi sempre auxiliada eficazmente pelas revoluções sem as quais não se produziriam tão rapidamente as grandes transformações sociais.

A história, a grande mestra, ensina-nos a ter confiança nas revoluções, porque são elas que maior lugar ocupam na vida dos povos que lhes devem a sua liberdade relativa.

Sempre a revolução tem antecedido a evolução, porque esta era provocada por aquela²²⁵.

Em outro momento, Coutinho afirmou que a emergência de uma revolução no Brasil seria também consequência das nossas características inatas de povo latino. Tal interpretação ajustava-se com as idéias *científicas* tão em voga na virada do século XIX, que buscavam analisar a sociedade a partir de critérios raciais e geográficos (sobretudo climáticos). De acordo com sua visão,

“Nós achamos muito útil a tática [reformista] dos alemães e seria esta a por nós adotada se o nosso povo tivesse a calma precisa para esperar; mas como o gênio fogoso da nossa raça não lhe permite esperar que o povo se eduque convenientemente, optamos pela escola de Marx e Malon como meio, e pregamos desde já a luta em todo o terreno até que pelo poder político possamos aniquilar a força armada e preparar o povo para pela força conseguir o fim²²⁶.

²²⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/11/1897. p. 2.

²²⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 17/10/1897. p. 2.

Neste ponto, a inspiração de Coutinho parece vir novamente das idéias de José Ingegnieros. No já citado folhetim *“Que é o socialismo?”*, o último defende a existência de duas “escolas” socialistas: a “anglo-saxônica” (reformista) e a “latina” (revolucionária). Na opinião de Ingegnieros, *“a ação revolucionária deve vir, e quem a provocará não serão os socialistas senão os atuais detentores dos bens sociais que se oporão energicamente à transformação da propriedade individual dos meios de produção em propriedade coletiva”*. INEGNIEROS, José. *Que é o socialismo?* Rio Grande, Echo

Portanto, reforma e revolução não eram vistas pelo personagem como processos mutuamente excludentes. Muitas vezes, uma mesma teoria, como o evolucionismo, podia justificar a necessidade de transformações graduais ou de rupturas violentas. A ênfase em cada um dos pólos dependia das intenções ou, até mesmo, do estado emocional de Coutinho. Por exemplo, ao comentar que, na sociedade capitalista, os que roubam para comer são considerados ladrões, enquanto que os verdadeiros exploradores (os burgueses) são chamados de “*cavalheiros*” e de “*homens de bem*”, o autor bradou num ímpeto de raiva: “*Ao fogo com tal sociedade! Ao fogo!*”²²⁷.

Na maior parte das vezes, contudo, a revolução era vista como o momento culminante de uma trajetória evolutiva, ao longo da qual os operários desenvolveriam sua consciência de classe e sua capacidade de organização e onde, pela via eleitoral, se fariam conquistas graduais em prol dos trabalhadores. Em um artigo denominado “*A Revolução Social: como a entendem os socialistas*”, o personagem sintetizou seu pensamento sobre o assunto:

“É muito provável, mais ainda certo, que o assento burguês não declinará como um velho centenário que inclina a cabeça e com um leve suspiro acaba a vida para a qual o seu organismo não era mais suficiente, porém os tiros e o sangue não serão mais que o episódio final de não demasiado e trágico relevo e lutuosa importância.

A verdadeira revolução socialista não é aquela que se combatia pelas ruas para dominar a espasmódica agonia de uma sociedade moribunda, porém é a incruenta guerra que se faz hora por hora, dia por dia com a conquista dos indivíduos e das massas à fé que hoje não está tão distante do seu zenith.

Operário, 1897. p.p. 67-68. Qualquer semelhança com o posicionamento de Coutinho não é mera coincidência.

²²⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/08/1898. p. 4.

A revolução socialista é aquela que se faz com os livros, com os jornais, com os discursos públicos, domésticos, familiares, com o assíduo descarnar da podridão onde está engastada a sociedade moderna; é uma revolução calma, digna, segura, que quando esteja cumprida, constituída a efetuação indestrutível dos ideais que a moveram e fecundaram sem ter (como sucede com as revoluções precipitadas e impulsivas) reações vitoriosas.

*A revolução socialista tem por arma principal o voto*²²⁸.

Esta tensão entre reforma e revolução repercutiu também em outra oscilação presente na produção teórica de Coutinho, a última que pretendo analisar: sua postura em relação ao anarquismo.

A atitude do personagem para com as idéias libertárias variou da hostilidade à simpatia, da crítica à solidariedade.

Em 1898, o redator do “*Echo*” criticou duramente o militante Benjamin Motta que havia se declarado “*socialista libertário*”. De acordo com o primeiro,

“(...) admira-nos que o ilustre moço Sr. Benjamim Motta, que há poucos dias aceitava a candidatura à deputação apresentada pelos republicanos e socialistas de São Paulo, venha em tão curto espaço de tempo declarar-se inimigo da política que é segundo os princípios anárquicos o maior absurdo do socialismo”.

O autor aproveitou a ocasião para ridicularizar o termo *libertário*: “o qualificativo de ‘libertário’ é usado pelo anarquismo para atenuar a má impressão produzida pela palavra sob cuja bandeira se tem cometido tantas asneiras, que conhecemos (...)”²²⁹.

²²⁸ *Id. ibid.* p. 1.

²²⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/02/1898. p. 3.

Motta, em artigos publicados no jornal paulistano “*O Rebate*”, havia caracterizado o sistema social defendido pelos socialistas como “*autoritário*”, já que estes propunham a tomada do poder político pelos “*representantes do povo*”. Segundo ele, “*(...) a delegação dessa autoridade [política] num qualquer indivíduo é reconhecer nele superioridade e, ‘ipso facto’, reconhecer-se incapaz de saber-se dirigir e governar*”.

Coutinho refutou estas críticas, reafirmando a desigualdade entre os homens e ressaltando a necessidade que os menos capazes têm de serem dirigidos pelos mais ilustrados:

“(...) o reconhecimento da superioridade no nosso semelhante prova a capacidade moral dos que assim o reconhecem.

.....

Os homens individualmente podem ser muito capazes de se dirigir e governar; mas coletivamente, não de sempre precisar de alguém que reuna em si a vontade de todos os membros da coletividade; o que é preciso é que esta seja a mais pequena possível para que assim seja facilitada a execução da vontade de todos”²³⁰.

Em outros momentos, sua postura autoritária foi explicitada de forma ainda mais contundente: “*(...) julgamos necessária a direção das massas por aqueles que forem capazes de dirigí-las*”²³¹. Ou então: “*o povo quer por enquanto quem o dirija (...)*”²³².

²³⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/08/1898. p. 1.

²³¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898. p. 3.

²³² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 1.

Para ele, as propostas anarquistas iam de encontro à “*realidade da ciência*”²³³ e às “*leis do progresso que são fatais e inequívocas*”. Por isso, eram consideradas como utópicas, “*próprias de bons corações, mas de péssimos sociólogos*”²³⁴.

Contudo, mesmo com tais ressalvas, o personagem procurava conhecer os princípios libertários e mantinha relações pessoais com alguns anarquistas. Em um artigo, afirmou: “*(...) não somos anarquistas nem concordamos com as suas teorias desorganizadoras; mas temos alguns amigos particulares que o são [e] temos lido alguma coisa [das] teorias de Bakounine, Kropotkine, Réclus, J. Grave, Hamon, Malate, Malatesta e outros (...)*”²³⁵.

Além disso, o “*Echo*” recebia jornais²³⁶ e publicava artigos de pensadores desta corrente, como o romancista Tolstói e o geógrafo Réclus²³⁷. O periódico também solidarizou-se com os anarquistas franceses, quando da eclosão de um tumulto em Paris em 1899. Nesta ocasião, os militantes libertários foram qualificados de “*(...) heróicos filhos do trabalho a quem devemos veneração e respeito, pois lhes devemos o que de mais elevado tem o espírito humano - o amor à emancipação*”²³⁸.

Este posicionamento ambíguo em relação ao anarquismo pode ser explicado por uma questão conjuntural. Na virada do século XIX, ainda não havia

²³³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/08/1898. p. 1.

²³⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24/07/1898. p. 2.

²³⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 1.

²³⁶ O “*Echo*” noticiou, por exemplo, o recebimento do periódico “*O Industrial*”, publicado em Taboleiro Grande pelo anarquista mineiro Avelino Fóscolo (ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 18/07/1899. p. 4) e dos jornais “*anárquicos*” argentinos “*L'Avvenire*” e “*El Rebelde*” (ECHO OPERÁRIO, Rio Grande, 03/09/1899. p.2).

²³⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1901. p.p. 3-4.

²³⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 15/10/1899. p. 1.

um conflito explícito entre socialistas e anarquistas no movimento operário gaúcho. Este só eclodiu em 1906, por ocasião da primeira greve geral do estado e da fundação da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS). Em termos teóricos, não existia igualmente uma definição rigorosa das diversas correntes socialistas, nem tampouco uma delimitação entre elas e os vários anarquismos²³⁹.

Coutinho, vivendo neste momento de fronteiras fluidas, não encarava como um problema ter amigos anarquistas ou estudar idéias libertárias. Isto não significa falta de convicção ideológica, como se pôde observar na polêmica com Benjamin Motta, mas sim curiosidade intelectual e solidariedade com todos os militantes empenhados em realizar a transformação social. Por isso, conclamava-os a aderirem ao socialismo: “(...) vinde (...) para nós e vamos a ver se pouco a pouco arrancamos a venda dos olhos aos ignorantes, e deixemos que os inimigos não tenham razões para nos combaterem”²⁴⁰.

Algumas vezes, o próprio estado de espírito de Coutinho moldava suas observações políticas. Por exemplo, ao criticar a condenação do anarquista francês Sebastian Faure, em 1899, o personagem inflamou-se: “Viva a anarquia! deu-me vontade de bradar com todas as forças dos meus pulmões (...)”²⁴¹. Este sentimento ainda podia manifestar-se livremente naquele contexto...

O forte da produção teórica de Coutinho foi publicado no jornal “*Echo Operário*”, entre 1896 e 1901. Em 1898, este periódico veiculou o folhetim

²³⁹ PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. “*Antologia...*”, *op. cit.*, p. 30.

²⁴⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 1.

²⁴¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/10/1899. p.p. 2-3.

“*Catecismo Socialista*” que sintetiza os principais pontos do pensamento do autor sobre o socialismo²⁴². Sua organização em perguntas e respostas tinha como objetivo facilitar a compreensão e a memorização das mensagens ali expressas. Estas foram agrupadas em torno dos seguintes tópicos: o conceito de socialismo e a transição para a nova sociedade; a forma de organização das associações operárias; a organização futura das coletividades; a união livre ou casamento por amor e as religiões do socialismo. Percebe-se, assim, que a reflexão transitava do público ao privado e do político-econômico ao afetivo. Ou seja, para o personagem, a construção do socialismo implicava não só a mudança da forma de organização social mas também a transformação interna dos indivíduos. Por exemplo, na sociedade socialista, segundo ele, “*os sentimentos afetivos serão mais comuns e naturais*” (p. 34). Portanto, assuntos como amor e religião também ocupavam um espaço significativo no seu “*Catecismo*”.

Coutinho provavelmente conhecia outros “*catecismos*” que circulavam na mesma época, tais como: o já citado “*Catecismo Positivista*” de Comte, o “*Catecismo Liberal*” de Heledoro Salgado²⁴³ e outro “*Catecismo socialista*” compilado pelo francês Tabarant²⁴⁴. Estas obras podem ser comparadas aos catecismos religiosos, pelo menos quanto à sua forma e função. Segundo Burke, o catecismo, “*um livrinho contendo informações elementares sobre a doutrina religiosa*”, foi primordial para a cultura popular protestante na Europa pré-industrial. De acordo com o autor, “*(...) sua novidade era a de apresentar a matéria em forma*

²⁴² COUTINHO, Antônio Guedes. “*Catecismo...*”, *op. cit.* Salvo indicação em contrário, todas as citações feitas nesta parte do trabalho foram extraídas da referida fonte.

²⁴³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/10/1899. p. 4.

²⁴⁴ DEMOCRACIA SOCIAL. Pelotas, 26/11/1893. p.p. 2-3.

de pergunta e resposta, tornando fácil difundir - e testar - o conhecimento religioso"²⁴⁵. Ao redigir este folhetim, o personagem buscou, então, disseminar seus conhecimentos teóricos entre os leitores do "Echo".

Ao longo desta dissertação, já foram citadas diversas passagens do "Catecismo". Gostaria, porém, de apontar para um aspecto ainda não analisado: as suas idéias sobre a forma de organização da sociedade socialista. Esta, de acordo com Coutinho, seguiria um modelo federativo, tendo como parâmetro a estrutura das associações operárias: "*a organização das associações de classe (...) é o mais perfeito retrato que se pode dar da sociedade futura (...)*" (p. 18). Segundo o autor,

"Estas associações serão federadas entre si e terão um centro da federação onde, à semelhança dos atuais parlamentos, cada uma mandará um, dois, três ou quantos delegados lhe convier para assistirem, discutirem, proporem, aprovarem ou reprovarem as questões que ali forem apresentadas" (p.15).

Ocorreria também a coletivização da propriedade que passaria a ser administrada "*(...) pelos seus [da coletividade] legítimos representantes eleitos pelo sufrágio livre e voluntário*" (p. 18). Neste sistema, cada um poderia gozar "*(...) relativamente ao que produz com o seu trabalho e que o aplique a seu belo gosto (...)*". Assim,

"(...) a liberdade de gozar como lhe agrada e como possa fará com que os indivíduos se esforcem por inventar, criar, aperfeiçoar, etc. É a luta pela vida do futuro que é muito diversa da que os burgueses compreendem nas leis descobertas por Darwin, que eles têm sofismado a seu belo prazer" (p. 21).

²⁴⁵ BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. p. 248.

Além da menção explícita a Darwin, percebe-se, na formulação de Coutinho, a influência do coletivismo de Malon. Para o autor francês, no socialismo, a apropriação dos meios de produção seria coletiva, por meio da Comuna ou do Estado; ficando garantido, contudo, o direito à propriedade individual do produto do trabalho.

Enfim, o “*Catecismo*” constitui a obra mais acabada de Coutinho do ponto de vista teórico e, segundo Batalha, apresenta “*uma das raríssimas descrições feitas por um socialista brasileiro da organização da sociedade futura denotando claramente a influência do socialismo coletivista (...)*”²⁴⁶.

Contudo, o folhetim deve ter recebido críticas e parece não ter feito muito sucesso entre os operários de Rio Grande. Em nota publicada no dia 11 de setembro de 1898, o autor informou que “*(...) não agradou aos companheiros o nosso humilde trabalho [e, por isso] resolvemos concluí-lo o mais breve possível, para não cometermos falta que prejudicasse o nosso ideal*”. Prometeu, porém, continuar “*a ensinar os companheiros mais ignorantes que nós o que formos adquirindo dos outros ou por experiência própria*”²⁴⁷.

Coutinho também publicou artigos em defesa do socialismo e contra a exploração dos trabalhadores em outros órgãos da imprensa rio-grandina. Colaborou, sobretudo, com os jornais “*O Artista*”, onde redigia a “*Seção operária*” (1900), e “*O Tempo*”, com a coluna “*Pelos operários*” (1907). Sua produção nesta fase alinha-se com os mesmos pressupostos defendidos anteriormente: a necessidade da

²⁴⁶ BATALHA, Claudio H. M. “*A difusão do marxismo...*”, *op. cit.*, p. 38.

²⁴⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 11/09/1898. p. 3.

educação do operariado, da organização da classe em sindicatos e da participação eleitoral com a formação de um partido próprio²⁴⁸.

A justificativa para o socialismo permaneceu oscilando entre a legitimidade científica e o tom messiânico. Por um lado, o autor reivindicava o aval das *“leis científicas da história”* e das *“verdades mais positivas da biologia”*. Por outro, ressaltava que o socialismo *“é uma questão moral [que] obedece a necessidades de ordem transcendente”*.

Neste período, o personagem afirmou também que o socialismo *“não é (...) obra somente de operários e para eles edificada (...) por que muito mais do que qualquer outro sistema filosófico, ele é cosmopolita e democrata”*. Reconhecia, contudo, que tal doutrina tomava *“como força vanguardeira a maioria da humanidade [as “classes proletárias”], por ser dela que provem o progresso, o bem estar, a vida enfim, sendo todavia aquela que mais sofre e trabalha”*. Assim, suas palavras eram dirigidas *“não só para os trabalhadores do braço como para os do intelecto; tanto para o assalariado como para o pequeno industrialista; para todos, enfim, que careçam de justiça, verdade e equidade”*²⁴⁹. Ou seja, o articulista buscava interpelar um público mais amplo, deslocando-se de uma identidade de classe restrita (os operários) para outra mais abrangente (os injustiçados).

²⁴⁸ Este ponto de vista pode ser exemplificado pelos seguintes trechos dos artigos de Coutinho publicados n' *“O Tempo”*. Segundo ele, sem a instrução, *“ (...) é absolutamente impossível a união e solidariedade duráveis e conscientes”*. Sobre a necessidade de organização: *“a primeira coisa que temos a fazer, a bem de iniciarmos a ação educativa e emancipadora, é organizar as classes em sindicatos, forma associativa que se presta a trabalhar com qualquer número”* (ambas de O TEMPO. Rio Grande, 29/05/1907. p. 1.). Em relação à participação política: *“ (...) se quereis votar, se quereis fazer valer o vosso direito, sem medo de contribuirdes para o vosso mal, organizai partido próprio”* (O TEMPO. Rio Grande, 01/06/1907. p. 1.).

²⁴⁹ O TEMPO. Rio Grande, 23/05/1907. p. 1.

Depois de viver por quase trinta anos fora de Rio Grande, Coutinho voltou a esta cidade em 1940, quando concedeu uma entrevista ao jornal “*O Tempo*”. A chamada da matéria me causou grande espanto: “ ‘*O Tempo*’ avista-se com o Sr. Guedes Coutinho, veterano defensor dos ideais trabalhistas”. Minha surpresa só aumentou com o prosseguimento da leitura. O personagem principal desta história, já com 71 anos de idade, declarava:

“O socialismo faliu. O pensamento humano evoluiu.

Brilhante demonstração desta afirmativa é a política sábia e superiormente orientada pelo presidente Vargas, eminente fundador do Estado Novo, que deu ao trabalhador brasileiro, espontaneamente, sem lutas, sem estremecimentos ameaçadores da estrutura das nossas instituições básicas, tudo, ou mais do que aquilo que violentamente pensávamos conseguir.

E, da utopia de meio século atrás, esse ciclo maravilhoso que estamos vivendo, do regime republicano entre nós, transformou na mais confortadora realidade²⁵⁰.

Muitos já afirmaram que uma biografia fala mais do biógrafo do que do biografado²⁵¹. Assim, não posso negar que, ao ler a declaração acima, senti uma ponta de decepção: Coutinho não era mais o *socialista dos meus sonhos*. Onde estavam suas idéias de transformação social divulgadas com emoção e valentia pelas páginas do “*Echo*”? E a utopia de uma “*sociedade do futuro*” melhor e mais humana? Para mim, ainda um *homem de esquerda*, restava na boca o amargo gosto do *peleguismo*. Contudo, procurei deixar de lado tais sentimentos e investigar as razões desta transformação.

²⁵⁰ O TEMPO. Rio Grande, 22/05/1940. p. 1. Grifo meu.

²⁵¹ Ver, neste sentido: CALADO, Ivanir. **Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg**. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1992. p. 7.

Não consegui, entretanto, localizar nenhum texto por ele produzido entre 1911 e 1940, o que abre uma lacuna significativa na minha análise e impossibilita qualquer explicação mais definitiva sobre a sua adesão ao Estado Novo. Contento-me, pois, em tecer algumas hipóteses neste sentido.

O personagem iniciou a referida entrevista rememorando o seu passado de lutas em favor do operariado local. Em seguida, segundo o jornal, fez uma pausa antes de afirmar que *“o socialismo morreu”*. Coutinho não parece ter interrompido sua fala para marcar uma ruptura no seu pensamento mas sim para enfatizar a evolução do mesmo: *“o pensamento humano evoluiu”*. Esta percepção talvez se deva à existência de algumas similaridades entre o socialismo por ele defendido e o trabalhismo de Vargas.

Por exemplo, o primeiro sempre lutou pela melhoria das condições de vida do operariado, defendendo medidas como: jornada diária de oito horas de trabalho, salário mínimo, assistência aos operários invalidados, criação de tribunais de arbítrio para resolver os conflitos entre patrões e empregados, entre outras²⁵². Tais benefícios deveriam ser conquistados pela via eleitoral. Por isso, era necessário *“mandar aos parlamentos legítimos representantes nossos que imponham a nossa vontade aos governos quando eles tentem prejudicar-nos com leis iníquas (...)”*²⁵³.

²⁵² Ver, por exemplo, os seguintes documentos que contêm estas reivindicações: o artigo *“Socialismo V”* (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/09/1896. p. 1.) e o ofício dirigido pela Sociedade União Operária de Rio Grande ao Secretário da Comissão Organizadora do Segundo Congresso Operário do Estado do Rio Grande do Sul (adiado) em 26 de abril de 1909. Coutinho foi o relator deste texto (CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 05/05/1909. p. 1.). Na própria entrevista ao jornal *“O Tempo”*, o personagem salientou algumas das propostas por ele defendidas no passado: *“oito horas de trabalho, salário mínimo, salário igual para igual trabalho, proteção ao trabalho da mulher e da criança, aposentadorias, pensões e férias, justiça trabalhista (...)”*.

²⁵³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/09/1896. p. 1.

Noutro momento, o personagem sugeriu a organização de uma greve “ (...) *contra os abusos e reclamando dos poderes públicos a proteção a que temos tanto direito (...)*”²⁵⁴. Afirmou também, em um ofício de 1909, que “(...) *o proletariado está sendo dia a dia mais explorado e cada vez menos protegido pelas leis (...)*”²⁵⁵.

Em todos os casos, independentemente do meio proposto, suas reivindicações foram dirigidas ao Estado. O mesmo era visto como responsável pela proteção das classes trabalhadoras e, se não cumpria tal função, isto se devia ao fato de que, no sistema capitalista, “(...) *os representantes da burguesia, sejam de que partido forem, representam sempre a continuação do domínio, da opressão, do direito do arrocho*”²⁵⁶.

Como já é bem sabido, Vargas, através da legislação trabalhista, atendeu muitas destas aspirações²⁵⁷ ou, nas palavras do agora ex-socialista, “*deu (...) ao trabalhador brasileiro tudo, ou mais do que aquilo que violentamente pensavamos conseguir*”.

Além disso, o personagem, apesar de oscilar constantemente entre as perspectivas da reforma e da revolução, preferia sobretudo a primeira, pois encarava a ruptura revolucionária como um momento inevitável, mas não desejável, derivado da resistência da burguesia. No pós-trinta, segundo ele, as transformações

²⁵⁴ O TEMPO. Rio Grande, 21/05/1907. p. 1. Neste artigo, “Grac” reivindica a construção de habitações higiênicas para o operariado.

²⁵⁵ Citado no CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 05/05/1909. p. 1.

²⁵⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 08/01/1899. p. 1.

²⁵⁷ Sobre a legislação trabalhista, ver: GOMES, Angela Maria de Castro. **Burguesia e trabalho**. Rio de Janeiro, Campus, 1979 e VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e sindicato no Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

necessárias ocorreram por via pacífica, *“espontaneamente [sic], sem lutas nem estremecimentos ameaçadores da estrutura das nossas instituições básicas (...)”*.

É preciso ressaltar também que, como já foi dito, o discurso de Coutinho guardava freqüentemente um tom autoritário, principalmente na idéia de que os mais ilustrados deveriam guiar as massas. Neste sentido, ao longo de sua conversa com *“O Tempo”*, o personagem afirmou diversas vezes ter, no passado, orientado e defendido a classe operária rio-grandina. Com o Estado Novo, Vargas assumiu esta função, desenvolvendo uma *“política sábia e superiormente orientada (...)”*.

Por fim, destaco que a transição do socialismo para o trabalhismo não foi uma peculiaridade da biografia de Coutinho.

Munakata, por exemplo, afirma que

“Os inúmeros casos de militantes revolucionários que passam, nessa época, para o lado da contra-revolução [denominação dada pelo autor à Revolução de 30], devem também merecer uma explicação melhor do que o simples anátema de ‘traição’ e ‘oportunismo pequeno-burguês’. Se se analisar alguns exemplos brasileiros, como a passagem da ala ‘esquerda’ do que se convencionou denominar ‘tenentismo’ - cujos participantes se autoproclamavam como ‘revolucionários’ - às posições próximas do Integralismo, percebe-se que tal passagem não constitui de modo algum uma ruptura brusca; pelo contrário, é um processo muito sutil, imperceptível para os próprios protagonistas”²⁵⁸.

Tais afinidades entre o pensamento de Coutinho e a política de Vargas - necessidade de uma legislação trabalhista, visão paternalista do Estado e discurso autoritário - podem ter permitido ao primeiro manter a *consciência tranqüila* até a

²⁵⁸ MUNAKATA, Kazumi. *“Compromisso do Estado”*. *Revista Brasileira de História*, nº 7, São Paulo, março de 1984. p. 70.

sua morte, em 1945, ano em que o Estado Novo chegou ao fim. Afinal, embora o “*representante da Revolução Social*” tivesse morrido antes, o personagem continuou se vendo como um protetor dos trabalhadores; agora como “*veterano defensor dos ideais trabalhistas*”. Longe dos ímpetus revolucionários da juventude, Coutinho talvez tenha experimentado, na velhice, a gostosa sensação do dever cumprido. Não posso saber, contudo, se o mesmo percebeu que o governo do “*eminente fundador do Estado Novo*” pôs fim a uma das fases mais vibrantes do movimento operário brasileiro ao atrelar os sindicatos ao Estado, perseguir as lideranças oposicionistas e coibir qualquer tentativa de manifestação autônoma por parte dos trabalhadores²⁵⁹.

Além de textos teóricos, a produção intelectual de Coutinho compreendeu também escritos literários (poesias, contos, romances e peças teatrais). Muitas vezes, só consegui localizar o título ou, quando muito, fragmentos destes trabalhos, o que dificulta uma avaliação mais consistente de tal produção. Contudo, mesmo com este limite, é possível destacar a importância da criação ficcional na trajetória do personagem.

Encontrei somente um poema de sua autoria, na verdade um logogrifo, publicado na “*Secção Amena*” do jornal “*O Operário*” de Pelotas, no dia 1 de maio de 1892. Por ser um exemplar único, transcrevo-o integralmente:

²⁵⁹ Segundo Jardim, “*a ofensiva do Estado irá se acentuar nos anos 20 e principalmente na década de 30 também com a implantação das leis trabalhistas, que embora concedendo algumas vantagens econômicas, quase todas (...) defendidas pela imprensa operária desde a proclamação da República, vão também desmobilizar os trabalhadores enquanto consciência política e organização sindical*”. JARDIM, Jorge L. P. “*Comunicação e militância...*”, *op. cit.*, p. 239.

*“Esta fruta saborosa - 3,4,5,6
 Verás correr sem parar; - 7,8,9
 Este sedutor do mundo - 9,8,5,2
 No corpo vais encontrar. - 3,1,7,2*

*Tem muito pouca idade
 P’ra ser muito conhecido;
 Mas se o artigo lhe tirares
 No mundo tem sempre havido.*

*Sem ele a vida era bruta
 Foi ele autor das delícias,
 Se no mundo existem gozos
 Devem-se a ele as alvíssaras.*

*Agora põe-lhe o artigo,
 Ahi tens todo o conceito
 É coisa para se ler
 S tá ouvindo-te, tem respeito!”²⁶⁰*

As quadrinhas apresentam um enigma, um jogo de adivinhação, que não parece ter outro fim além do entretenimento dos leitores.

O personagem não foi apenas autor mas também inspirador de versos. O “*Echo*” apresentou, na sua edição de 20 de setembro de 1896, um “*Triolet*” dedicado a Guedes Coutinho e assinado por Mario:

²⁶⁰ O OPERÁRIO. Pelotas, 01/05/1892. p. 3.

“Essa luta é grande, é nobre,
 Valente batalhador!
 De orgulho e glória te cobre
 Essa luta é grande, é nobre...
 Minha musa rude e pobre
 Vem saudar-te com fervor.
 Essa luta é grande, é nobre
 Valente batalhador!”²⁶¹.

Neste caso, o texto poético cumpria duas funções: uma apologética, ao louvar as virtudes do “*Valente Batalhador*”; e outra pedagógica, ao chamar a atenção dos demais operários para a luta “*grande*” e “*nobre*”.

No mesmo periódico, localizei ainda a parte final da obra “*Um romance*” e quatro contos de sua lavra: “*Um quadro da vida do operário*”, “*Um caso comum*”, “*Um conto vulgar*” e “*Quadros Negros*”. Destaco ainda a série de artigos intitulada “*Na sociedade futura*”, onde o autor contrói uma representação fictícia da vida no mundo socialista²⁶².

Três destes textos - “*Um romance*”, “*Um quadro da vida do operário*” e “*Quadros negros*” - têm a preocupação de apresentar cenas, ou “*quadros*”, que retratem a miséria das classes trabalhadoras. Neles, o espectro da morte está sempre presente, rondando sobretudo as mal-alimentadas crianças proletárias. No segundo, por exemplo, a esposa desesperada pergunta ao marido se este havia conseguido

²⁶¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/09/1896. p. 1.

²⁶² “*Um Romance*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/09/1896. p. 3.); “*Um quadro da vida do operário*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/08/1898. p. 3.); “*Um caso comum*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1899. p. 2.); “*Um conto vulgar*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899. p. 2.) e “*Quadros negros*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/10/1899. p. 1.). Encontrei algumas partes da série “*Na sociedade futura*” no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/12/1897, p.p. 3-4; 25/12/1897. p. 3; 01/01/1898. p. 1; 20/02/1898. p. 1; 06/03/1898. p.p. 3-4; 13/03/1898. p.p. 3-4 e 27/03/1898. p.p. 3-4. Saliento que a coleção consultada deste periódico é lacunar.

trabalho. A resposta é tétrica: “- *Achei, para daqui a um mês quando a fome nos tenha morto a todos*”. Já nos “*Quadros negros*”, uma família operária inteira sucumbe diante da extrema pobreza: os filhos de varíola, o marido da “*ruptura de um aneurisma*” e a esposa de uma “*tísica*”.

Em “*Um caso comum*”, por sua vez, Coutinho faz uma representação alegórica da passagem do ano: 1898 havia nascido, como uma criança, no dia 31 de dezembro de 1897, trazendo grandes esperanças para os povos. Porém, tais promessas não se cumpriram:

“A criança passou da infância à juventude, desta à mocidade, ainda desta à virilidade (...) e aqueles que com tanta ansiedade assistiram ao seu desenvolvimento físico, viram-se a braços com milhares de prejuízos, entraram em luta à mão armada, guerrearam-se, mataram-se, sofreram peste, desonra, mil calamidades horripilantes (...), vítimas das extravagâncias, desregramentos, deboches e prodigalidades desse ente que tantas esperanças lhes fez alimentar (...).”

Pouco tempo depois, 1898 envelheceu e, após dar alguns conselhos, morreu. Seus ouvintes “*firmaram bem a vista e puderam ver ainda: na sombra que se desfazia, 1898, e nas dobras do saio da criança que estava junto a eles, 1899*”.

Finalmente, nos dois outros trabalhos, a perspectiva é bem mais otimista. “*Um conto vulgar*” mostra a saga do operário Antônio que, exaurido pelo trabalho na fábrica e inspirado pelo estudo da sociologia, resolve voltar ao antigo ofício de alfaiate e conclamar os seus companheiros para levarem a cabo a “*Revolução Social*”. Na série “*Na sociedade futura*”, Coutinho descreve o cotidiano de uma cidade após o advento do socialismo, através da história de Ernesto, “*um dos mais ativos soldados da Revolução Social*”, e de seus netos, Aurora e Carlos.

Todos estes textos veiculam mensagens semelhantes àquelas expressas na produção teórica do autor. Por exemplo, a idéia de que os operários devem educar-se para compreender a “*questão social*”. Assim, o moribundo ano de 1898 aconselhava: “(...) *instrui-vos muito e muito, porque só da instrução se pode esperar liberdade (...)*”. O velho Ernesto, por sua vez, lembrava que, na época do capitalismo, dedicou as “*poucas horas de liberdade que lhe deixava a oficina*” para freqüentar “*os cursos de sociologia e economia que o grêmio de sua classe sustentava*”. Além disso, o mesmo personagem engajou-se na luta contra a opressão quando “(...) *os parlamentos já tinham (...) grande número de representantes socialistas e ele pôde continuar com os outros a sua campanha de modo a em breves anos alcançarem maioria nas câmaras (...)*”. Este trecho reforça a idéia de que a via eleitoral era o caminho mais seguro e eficiente para o socialismo.

Em outros momentos, o tom melodramático tinha como objetivo chamar a atenção para a penúria do operariado. Nestes escritos, o cenário quase sempre é uma água-furtada, com pouca luz, onde uma família amontoa-se num espaço restrito. Os personagens, invariavelmente, são descritos como vultos famintos, cadavéricos e doentes. Em “*Um romance*”, por exemplo, o personagem Sérgio é apresentado da seguinte forma: “(...) *a escassa claridade das telhas batia-lhe por momentos no rosto esquelético e podia-se ler na sua frente os sinais terríveis da fome e da miséria, produzidos, quem sabe por quanto tempo*”. Como já ressaltai em outro momento, estas descrições deveriam ter, apesar dos exageros, alguma ligação com a realidade concreta dos leitores, a fim de que se criasse uma comunhão de sentidos entre eles e o autor. O próprio Coutinho afirmou, nos “*Quadros negros*”, que narrava a morte da família operária, “*sem carregar nas cores*”. Advertia, porém, que “(...) *pouco a*

pouco deixarei correr sob o mar das vossas ilusões a parcela das tempestades e assim vereis o quanto há de horripilante no futuro que nos espera se não procurardes pela união garantir o vosso futuro e de vossas famílias, atualmente iludidas”.

A “*Sociedade futura*”, por contraste, é pintada com tons alegres e vibrantes. Nela, todos são felizes e cheios de bons sentimentos. Tais características evidenciam-se, por exemplo, quando os personagens tomam um “*bond*”: “*Entramos. Homens que conversavam alegremente, que nos correspondem com delicadeza, que tratam de agradar-se mutuamente com ditos espirituosos ou que discutem amigavelmente um fato qualquer*”. Esta representação fictícia ilustra um pensamento caro a Coutinho: a idéia de que a sociedade socialista transformaria também os sentimentos dos indivíduos.

O cenário onde se desenrola a trama também contrasta em tudo com os “*horrores da organização capitalista*”. Por exemplo: ao visitar o “*toilette*” de uma fábrica, Ernesto comentou: “*(...) vimos tanques, bacias, espelhos, toalhas, cabides, etc., tudo com ordem e gosto. Uma operária cuidava de tudo isto, trazendo sempre tudo na maior limpeza*”.

Em nenhum dos trabalhos citados, é mencionada a cidade de Rio Grande. Fala-se na “*cidade de ***”, tanto em “*Um romance*” como “*Na sociedade futura*”. Talvez o autor pretendesse universalizar suas mensagens, não reduzido-as a um espaço físico específico. Conseqüentemente, cada leitor poderia preencher os asteriscos como bem quizesse. Contudo, o “*vento norte terrível*”, citado no romance, tão típico de Rio Grande, denuncia o intuito de aproximar o universal do local, o socialismo do cotidiano rio-grandino.

Através dos textos literários, Coutinho buscou dar vida e cor para as suas posturas doutrinárias. Ele conhecia as dificuldades envolvidas na propaganda socialista, na difusão de conceitos por vezes tão distantes da classe operária local. A literatura foi um dos meios encontrados para o cumprimento de tal tarefa. Neste sentido, ao justificar o lançamento da seção literária do “*Echo*”, o autor afirmou: “*atendendo à aridez do estudo científico e à necessidade que tem quem lê de distrair-se um pouco com leituras amenas e agradáveis, resolvemos introduzir no nosso jornal, uma seção literária, onde só publicaremos contos ou anedotas escolhidas a capricho para os operários*”²⁶³.

É possível incluir, então, a sua produção no âmbito da “*literatura útil*”, ou seja, uma literatura que tinha como objetivo deliberado ser “*um instrumento de ação social*”. Tal rótulo foi proposto por Flávio Luizetto, a partir da auto-definição intelectual de Curvello de Mendonça, para a literatura anarquista²⁶⁴. Acredito, porém, que o mesmo pode ser estendido aos escritos ficcionais de Coutinho. Seus trabalhos, em prosa ou verso, também integravam o arsenal das “*armas culturais*” do operariado²⁶⁵. Além disso, nesta época, ainda existia um *caldo de cultura* comum a socialistas e anarquistas, o que possibilitava o intercâmbio de idéias, lutas e utopias. Não é a toa que o redator do “*Echo*” citava diversos literatos que inspiravam igualmente os autores libertários: George Sand, Guerra Junqueiro, Victor Hugo, Leon Tolstoi e Émile Zola²⁶⁶.

²⁶³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1899. p. 4.

²⁶⁴ LUIZETTO, Flávio. “*O recurso da ficção: um capítulo da história do anarquismo no Brasil*”. In: PRADO, Antonio Arnoni (org). “*Libertários no Brasil...*”, *op. cit.*, p. 134.

²⁶⁵ Expressão usada por PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. “*Antologia...*”, *op. cit.*, p. 112.

²⁶⁶ Comparar, por exemplo, com os autores que inspiraram a literatura do anarquista mineiro Avelino Fóscolo. Ver: DUARTE, Regina. “*A imagem rebelde...*”, *op. cit.*

O personagem também escreveu para o teatro: encontrei referências a cinco (ou quatro²⁶⁷) peças de sua autoria, mas só consegui localizar a parte final de uma delas - *“Antônio ou criminoso à força: drama em cinco atos e dois quadros”* -, publicada no jornal *“O Proletário”*, em 1906²⁶⁸. O texto apresenta as últimas cenas de uma movimentada trama, centrada na figura de Antônio que, provavelmente, havia furtado algo para alimentar sua família. Na parte publicada, o personagem tinha fugido do vilão, *“o diretor”*, que, para atraí-lo, sequestrou sua filha, Adelaide. Contudo, o herói conseguiu, com a ajuda de um vizinho e do patrão arrependido (?), resgatar a menina e partir, com ela e com a esposa Anna, para a América.

As palavras de Antônio acentuam o clima de esperança deste final feliz: *“Vamos! E que nesse hemisfério onde parece ter nascido a liberdade, possamos achar o descanso, a paz e a abundância a que o trabalho tem direito”*. O vizinho acrescentou ainda uma lição de moral: *“Vão, vão e sejam felizes. E nunca se arrependa do que fez, porque roubar pão para os filhos quando não há onde ganhá-lo, não é ser ladrão; e praticar um roubo que honra, é ser criminoso à força”*. O vilão, por seu turno, teve o castigo merecido: morreu *“esmigalhado”* ao tentar fugir pela janela: *“Foi vítima do mal que queria fazer!”*.

Nestes trechos, é possível perceber a repetição de alguns temas recorrentes na produção do personagem: a pobreza que leva os trabalhadores a roubarem; a família nuclear na qual cabe ao pai o papel de provedor e a identidade forjada pelo trabalho. Despontam, também, alguns ensinamentos que objetivam a formação do *bom trabalhador*, ordeiro e disciplinado. Por exemplo, o vizinho havia

²⁶⁷ Localizei dois títulos que talvez se refiram à mesma peça: *“René”* (1903) e *“Rayné”* (1915).

²⁶⁸ O PROLETÁRIO. Rio Grande, 28/01/1906. p.p. 3-4 (único número localizado deste jornal).

abandonado a bebida e, no decorrer da trama, afirmou: “(...) *eu tenho força de vontade e não me deixo dominar pelos vícios*”.

Assim, as peças de Coutinho visavam a difusão de mensagens políticas e morais e, provavelmente, alcançaram um público muito mais amplo do que aquele que lia os seus artigos na imprensa.

Além disso, neste trabalho, como em “*Um conto vulgar*”, o personagem principal denomina-se Antônio. Em ambos, ele é apresentado como um líder revolucionário, como o herói que consegue vencer as dificuldades e alcançar um final feliz. Portanto, pode-se dizer que o autor, através dos textos literários, também buscava construir/reforçar a sua identidade de “*Representante da Revolução Social*”.

Os espetáculos *fisgavam* os espectadores pelo coração. Não encontrei nenhuma referência à encenação de “*Antônio*” mas, num exercício de imaginação, é possível pensar que a história tenha despertado no público sentimentos como a raiva contra a exploração capitalista (encarnada no diretor) e a esperança de um futuro melhor (como o de Antônio).

Neste sentido, são pertinentes as observações de Petersen e Lucas: “*o teatro também foi um instrumento de formação cultural e política da melhor qualidade, pois atingia a própria família do operário que freqüentava as apresentações promovidas pelas sociedades (...)*”²⁶⁹.

²⁶⁹ PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. “*Antologia...*”, *op. cit.*, p. 111.

A Sociedade União Operária fundou o seu “*Grêmio Lírico Dramático*” em 13 de abril de 1902²⁷⁰. Este realizava “*saraus*” que ocupavam um papel importante no lazer dos associados. O próprio Coutinho, que não costumava ir a bailes, parece ter sido um freqüentador assíduo de espetáculos teatrais.

Já no final do século XIX, o personagem, através das páginas do “*Echo*”, assumia a função de crítico teatral e comentava sobre as peças que estreavam na cidade, importante pólo cultural do estado. Em função do porto, as Companhias que se dirigiam a Porto Alegre ou ao países platinos passavam obrigatoriamente pelos palcos rio-grandinos. Neste âmbito, Coutinho também se revelou bastante eclético: assistia a dramas, comédias, operetas, revistas, projeções do “*cinemathographo Lumière*” e até “*circo de cavalinhos*”²⁷¹. Cito um exemplo de seus comentários, publicado quando da apresentação do espetáculo “*A Mascote*”, “*magnífica zarzuela*” encenada pela Companhia Pontes no “*Theatro 7 de Setembro*”:

“A Sra. Aurora não é mais aquela que entusiasmava as nossas platéias de outrora: fraquinha, minguada de vulto, perdeu muito daquela voz que tanto nos agradava. (...) mas é ainda a mesma encantadora artista no modo de ‘poser’ em cena e sabe dizer com todo o chiste (...).”

O Sr. Urranaga tem uma voz bastante agradável, merecendo aplausos em algumas ocasiões. Isto quanto ao canto. No que diz respeito à arte... tem uma voz pouco simpática, mas pisa bem o palco”²⁷².

Neste trecho, pode-se perceber que o autor acompanhava a trajetória de algumas companhias, comparando a *performance* das mesmas em diferentes

²⁷⁰ “*Estatutos da Sociedade União Operária*”, *op. cit.*, p. 31.

²⁷¹ Em quase todos os números do “*Echo*”, havia um espaço reservado para anúncios e/ou comentários sobre os espetáculos que passavam por Rio Grande.

²⁷² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 17/10/1897. p. 4.

ocasiões. Além disso, procurava ser um crítico completo, analisando os atores a partir de diversos critérios, tais como: voz, postura, carisma, etc.

O primeiro trabalho teatral de Coutinho, "*A Greve*", foi apresentado com o auxílio da União Operária em 1903. No mesmo ano, a encenação de seu drama "*René*", pelo Grêmio da Associação, constituiu o ponto alto das comemorações do dia do trabalho, sendo exibido "*em gala*" no teatro "*Polytheama*", um dos mais importantes da cidade²⁷³.

Uma de suas peças atingiu repercussão internacional. O jornal "*O Tempo*" afirmou, em 1908, que

"(...) a vibrante peça 'Combate Carlos', original do nosso inteligente amigo Sr. Guedes Coutinho, foi pedida para ser representada pelo Grêmio Anti-Militarista Juventude Moderna, de Buenos Aires.

*A tradução do drama, para o espanhol, acha-se a cargo de brilhante pena da literatura argentina*²⁷⁴.

Tal fato demonstra a continuidade do intercâmbio de idéias entre Coutinho e os socialistas argentinos.

²⁷³ "Relatório da Sociedade União Operária...", *op. cit.*, p.p. 6-7.

Segundo o jornal "*Opinião Pública*", de Pelotas, Coutinho assim resumiu o conteúdo deste seu drama: "*René sintetiza a classe operária, subjugada, ao peso da miséria e das injustiças, que se revolta contra a organização social e se alista nas fileiras anarquistas; é enfim a última que, cansada de sofrer, quebra as cadeias que a amarram no preconceito e vingam-se das dores sofridas, na primeira ocasião que se lhe depara, esmagando sob os escombros de uma casa, onde põe uma bomba, um dos seus mais cruéis algozes e outras pessoas que o acompanhavam. Procuo neste drama justificar esses atos de desespero que tem sido arrastados os Ravachol, os Henry, os Caserio, os Angiolillo, etc.; mas também demonstrar a ineficácia desses atentados, indicando, a meu ver, o melhor caminho para conseguir-se a solução do terrível problema da miséria - o socialismo científico*" (OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas, 29/04/1903).

A peça, pelo que foi dito acima, ilustra a posição de Coutinho a respeito do anarquismo. Para ele, tal doutrina era fruto do desespero da classe operária frente à iníqua organização social do capitalismo; o que levava esta última a empregar métodos violentos e ineficientes. A solução para o "*terrível problema [da] miséria*" só poderia vir com o socialismo científico.

²⁷⁴ O TEMPO. Rio Grande, 18/03/1908. p. 2.

Em Rio Grande, o personagem permaneceu vinculado às artes cênicas até a sua transferência para Jaguarão, em 1911. Alguns meses antes partir, quando da apresentação do drama *“A tocadora de harpa”* e da comédia *“Furiosa de amor”*, Coutinho, no intervalo do segundo ato, ofereceu, em nome do Grêmio Dramático da União Operária, *“ao respectivo ensaiador, Sr. Rafael Ferrer, e ao ponto Sr. Leonini, dois lindos ramalhetes de flores naturais, acompanhando-os de palavras de reconhecimento àqueles que tão assinalados serviços têm prestado à mencionada corporação”*²⁷⁵.

No ano de 1915, quando já morava em Jaguarão, a União enviou-lhe um ofício, comunicando a encenação do drama de sua lavra *“Rayné”*, pelo Grêmio da Sociedade, *“em espetáculo de gala”*²⁷⁶.

Provavelmente, Coutinho escreveu diversas outras peças que não chegaram até o presente, ou que não foram por mim localizadas. Os necrológios, publicados na imprensa local após a morte do mesmo, em 1945, destacam o seu talento neste gênero literário: o *“Rio Grande”* caracterizou-o como *“vigoroso dramaturgo”*²⁷⁷. *“O Tempo”*, por sua vez, estendeu-se mais sobre o tema: *“dedicou-se (...) ao teatro, sendo autor de várias peças dramáticas de apreciável valor, quase todas vazadas sobre temas sociológicos e que aqui alcançaram, sempre, grande êxito”*²⁷⁸.

Enfim, é possível pensar, a partir dos indícios disponíveis, que o teatro foi visto, pelo personagem, como uma das formas de *“elevação cultural do*

²⁷⁵ O TEMPO. Rio Grande, 10/07/1911. p. 1.

²⁷⁶ Ata de 03/04/1915. Livro de Atas das Sessões da Diretoria, 1914-1917. p. 174.

²⁷⁷ RIO GRANDE. Rio Grande, 25/01/1945. p. 2.

²⁷⁸ O TEMPO. Rio Grande, 26/01/1945. p. 4.

proletariado". Seus dramas buscavam atingir *corações e mentes*, sensibilizando o público para os "*temas sociológicos*" que lhe eram caros. Além disso, Coutinho tinha grande prazer em escrever/assistir espetáculos teatrais. Mais uma vez, lazer, estudo e militância confundem-se na sua produção intelectual e no seu cotidiano.

Qual era o papel do estudo e da produção intelectual na vida cotidiana de Coutinho?

Em primeiro lugar, fica claro que tais atividades criadoras não compunham o *outro lado* de sua rotina, mas eram partes constitutivas desta. Assim, o personagem reservava alguns momentos do dia, sobretudo aqueles em que não estava envolvido na luta pela sobrevivência, para ler, aprender, refletir e escrever. Ele afirmou, em "*Um conto vulgar*", que destinava, "*após o serão pelo ofício*", duas horas ao estudo²⁷⁹. No exercício do magistério, este período deve ter sido ainda mais dilatado.

Porém, não se pode avaliar a importância do estudo para Coutinho somente pelo espaço de tempo específico ocupado pelo mesmo no seu dia-a-dia. É preciso levar em conta, igualmente, que uma parte significativa de suas energias e de suas emoções foi canalizada para esta tarefa. Logo, os textos por ele produzidos não devem ser vistos apenas enquanto produtos intelectuais mas também como expressões de sentimentos e afetos.

²⁷⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899. p. 2.

Por exemplo, ao denunciar os maus tratos sofridos pelos operários de uma oficina de ferreiros e caldeireiros, o redator do “*Echo*” confessou que “*tanta indignidade*” lhe fazia “*tremar a mão*”²⁸⁰. Petersen, na mesma linha, apontou que o personagem “*era portador de toda uma visão utópica da sociedade do futuro a cuja conquista se entregava com paixão*”²⁸¹. Ou seja, a criação teórica e literária de Coutinho tinha como ponto de partida os afetos que afloravam no seu cotidiano, tais como a raiva e a paixão.

De acordo com Heller, “*a vida cotidiana é a vida do indivíduo*”, ou seja, o homem movimenta-se no dia-a-dia pautado pelas necessidades do “*eu*”, pela perspectiva da singularidade. Porém, ainda segundo a autora, cada pessoa também contém em si o “*ser genérico*”, as potencialidades humanas em seu nível mais amplo. Esta convivência entre “*ser particular*” e “*ser genérico*” aparece, por exemplo, nos sentimentos:

“(...) é possível considerar como humano-genéricos, em sua maioria, os sentimentos e as paixões, pois sua existência e seu conteúdo podem ser úteis para expressar e transmitir a substância humana. Assim, na maioria dos casos, o particular não é nem o sentimento nem a paixão, mas sim seu modo de manifestar-se, referido ao eu e colocação a serviço das satisfações e da teleologia do indivíduo”²⁸².

Através do estudo, o personagem teve condições de superar a simples manifestação individualizada dos afetos, atingindo uma consciência mais genérica sobre a sua época. Os livros, que lia “*com frenesi*”, lhe forneceram as palavras para homogeneizar um difuso sentimento de revolta e, em conseqüência, mobilizar seus

²⁸⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26/09/1897. p. 2.

²⁸¹ PETERSEN, Sílvia R. F. “*Antônio Guedes Rodrigues Coutinho*”, *op. cit.*, p. 3.

²⁸² HELLER, Agnes. “*O cotidiano...*”, *op. cit.*, p. 21. Grifos da autora.

esforços na luta pela transformação social²⁸³. Desta forma, ele pôde elevar-se da imediatez que caracteriza a cotidianidade e suspender a alienação típica desta dimensão do social. Conseguiu, em suma, escapar do “(...) *peso da burguesia quanto à liberdade de pensar (...)*”²⁸⁴.

Tal suspensão não implicou um rompimento com o cotidiano. Pelo contrário, esta experiência lhe permitiu forjar uma identidade própria, a de “*Representante da Revolução Social*”, que balizava a sua rotina e lhe conferia uma alteridade em relação ao conjunto do operariado local. Neste sentido, Coutinho se considerava um “*legítimo representante (...) nesta cidade das idéias socialistas*”²⁸⁵ e, em conseqüência, afirmava: “*Nós os socialistas que estamos à frente do operariado (...)*”²⁸⁶.

Esta identidade foi reconhecida por muitos dos seus contemporâneos, inclusive de outras cidades. Assim, Carlos Sylvio, de Pelotas, em correspondência enviada ao “*Echo*”, comentou que nas colunas deste periódico brilhava a inteligência de Guedes Coutinho, “*(...) o intemerado propagandista do socialismo (...)*”²⁸⁷. Da mesma forma, na ata de fundação da “*Liga Fraternal dos Operários*” de São Gabriel, consta que, naquele momento, tomou a palavra Guilherme Soucharde, “*(...) externando-se este sobre as theorias de Carlos Marx pregadas por Guedes Coutinho, no que mereceu aplausos gerais*”²⁸⁸.

²⁸³ Parodiando Carlo Guinzburg. Segundo este autor, a invenção da imprensa forneceu ao moleiro Menocchio “*(...) as palavras para organizar o amontoado de idéias e fantasias que nele conviviam*”. GUINZBURG, Carlo. “*O queijo e os vermes...*”, *op. cit.*, p. 33.

²⁸⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/12/1897. p. 1.

²⁸⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 31/10/1897. p. 2.

²⁸⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/12/1897. p. 1.

²⁸⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1898. p. 5.

²⁸⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/11/1898. p. 3.

Enfim, o estudo foi, ao mesmo tempo, um componente da rotina do personagem e uma via para a sua elevação do cotidiano. Pode-se dizer, então, que ele procurou “*vivenciar o cotidiano ideologicamente*” ou, em outras palavras, “*fazer de ideologia e prática uma coisa só*”²⁸⁹.

²⁸⁹ Expressão de LENHARO, Alcir. “*Prefácio*”, *op. cit.*, p. 15.

2.4 - A militância

Coutinho foi um dos organizadores do movimento operário gaúcho, sobretudo na região sul do estado. Sua militância desenvolveu-se principalmente em três frentes: a organização dos trabalhadores em associações, a divulgação de idéias socialistas através da imprensa e a formação de um partido político voltado para os interesses do operariado.

No que tange às **associações**, o personagem buscou arregimentar seus companheiros em entidades próprias dos trabalhadores que, simultaneamente, protegessem os operários dos abusos patronais e promovessem a sua politização. Neste sentido, ele atuou em praticamente todas as atividades ligadas ao processo associativo do operariado: diretorias de entidades, comissões, conferências, congressos, escolas, práticas de lazer, comemorações, entre outras. Tais sociedades visavam também disciplinar as lutas operárias existentes, dando-lhes um sentido pré-definido pelo pensamento socialista da época, do qual o personagem era um expoente local.

Em relação à **imprensa**, Coutinho declarou ser “*colaborador de todos os jornais operários do estado*”²⁹⁰. Descontando-se o flagrante exagero da afirmação, o certo é que o mesmo realizou um intenso trabalho de propaganda através dos mais diversos periódicos. Neles, criticava a ordem capitalista e conclamava os leitores a se unirem à “*causa sacrossanta do socialismo*”²⁹¹.

²⁹⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898. p. 2.

²⁹¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/11/1897. p. 3.

Por fim, o referido militante, coerentemente com suas posturas doutrinárias, participou da **vida política local**, sendo um dos organizadores do Partido Socialista de Rio Grande (1898). Em 1900, candidatou-se à conselheiro municipal da mesma cidade mas foi derrotado, possivelmente devido à fraude eleitoral típica da República Velha.

Destas breves indicações iniciais, é possível deduzir que a palavra, escrita ou falada, foi o principal instrumento de sua luta em prol do operariado. Segundo ele, “(...) *assiduamente temos pregado a redentora idéia na imprensa e na tribuna, esforçando-nos por levar ao coração dos operários o amor pela liberdade (...)*”²⁹². Nas páginas impressas dos jornais e no calor das discussões, seu pensamento a respeito da “*redentora idéia*” socialista era divulgado, burilado e debatido.

A militância ocupou, então, um lugar central no dia-a-dia de Coutinho, infiltrando-se em todos os espaços de sua vida. Esta prática tinha por base o desejo de transformação social e implicava um exercício constante de questionamento da realidade. Em decorrência, o personagem pôde vivenciar o cotidiano de forma menos *inocente* e mais livre, revelando ganhos de consciência que lhe permitiram ir além do automatismo da rotina diária.

* * *

²⁹² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24/10/1897. p. 1.

Logo depois de sua chegada ao Brasil, Coutinho engajou-se no ainda incipiente movimento operário gaúcho. Em 1887, participou da fundação da Liga Operária de Pelotas; sociedade organizada por iniciativa dos fabricantes de calçados, com o nome de Congresso Operário, em virtude de uma tarifa criada pelo Gabinete João Alfredo que prejudicava os seus interesses²⁹³.

Em 1890, o personagem foi eleito bibliotecário desta associação pela Chapa "*Radical*"²⁹⁴. Dois anos mais tarde, assumiu o posto de secretário num pleito onde concorreram três chapas²⁹⁵. Tais disputas revelam a presença de diferentes tendências no interior da Liga, pois a mesma permitia a filiação tanto de industriais como de operários. Entre seus membros mais destacados, estavam os já mencionados João Tolentino de Souza, Alberto Ferreira Rodrigues e Guilherme Sauter. Coutinho compôs com estes a *ala socialista* da entidade.

Como secretário, o militante atuou numa campanha contra a carestia. Para tanto, enviou diversos ofícios à Intendência onde pedia soluções para o problema do custo de vida. Com o mesmo intuito, mandou telegramas à Cooperativa "*Filhos do Trabalho*" de Rio Grande e para a União Operária de Livramento, solicitando a ambas que se dirigissem aos respectivos intendentess e ao governador, exigindo providências contra a falta de gêneros alimentícios²⁹⁶. Finalmente, participou do projeto de criação do armazém cooperativo da sociedade, que acabou não se concretizando²⁹⁷. Tais indícios revelam as difíceis condições de vida do

²⁹³ Os dados sobre esta Liga foram extraídos da DEMOCRACIA SOCIAL. Pelotas, 06/08/1893. p. 1 e 10/09/1893. p. 2 e do ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898. p. 2.

²⁹⁴ A PÁTRIA. Pelotas, 01/04/1890.

²⁹⁵ CORREIO MERCANTIL. Pelotas, 13/03/1892.

²⁹⁶ CORREIO MERCANTIL. Pelotas, 21/04/1892.

²⁹⁷ CORREIO MERCANTIL. Pelotas, 18/06/1892.

proletariado naquele contexto e apontam para as primeiras tentativas de sua organização. Estas agremiações estavam vinculadas à perspectiva do socorro mútuo, procurando garantir aos associados melhores condições de vida.

Coutinho também trabalhou para o estreitamento dos vínculos da Liga com outras entidades, sobretudo com a congênere de Rio Grande²⁹⁸. Esta ação já expressa uma idéia que lhe será sempre cara: a necessidade de federar as diversas sociedades operárias para aumentar seu potencial de enfrentamento com a burguesia.

A composição heterogênea da Liga Operária acabou descontentando o grupo socialista. Tolentino de Souza afastou-se dela em 1892; Sauter e Rodrigues saíram no ano seguinte. O primeiro apresentou a questão da seguinte maneira:

“Foram chamados a um conagraçamento todos os homens empregados na indústria, admitindo-se, indistintamente, os que trabalhavam por conta própria e os que trabalhavam por conta alheia.

Daqui o erro.

.....
*Uma liga operária (...) para ter existência lógica não deve ter patrões, pelo menos na sua direção*²⁹⁹.

Em 1893, Coutinho transferiu-se para Rio Grande, levando consigo o desgosto por não ter conseguido imprimir uma direção operária à associação. Esta passou a colaborar com os interesses patronais, transformando-se logo numa sociedade recreativa. Alguns anos mais tarde, o personagem recordou estes fatos, afirmando que os socialistas pelotenses foram “*vencidos pelos retrógrados*”. Porém,

²⁹⁸ CORREIO MERCANTIL. Pelotas, 29/05/1892 e 31/05/1892.

²⁹⁹ DEMOCRACIA SOCIAL. Pelotas, 06/08/1893. p. 1.

alimentava esperanças de que a entidade ainda ocupasse “*um lugar saliente no movimento operário*”³⁰⁰.

Quando chegou a Rio Grande, já havia ocorrido diversas tentativas de organização do proletariado local. A primeira foi a “*Liga Operária*” (1892³⁰¹) que teve “*(...) a duração poética das rosas. Durou cinco meses aproximadamente*”. Segundo Coutinho, sua dissolução foi determinada pelos “*pescadores de águas turvas*” que “*levaram a política desmoralizada da burguesia para o seio da sociedade*”.

A partir daí, o operariado local dividiu-se em duas facções: uma que fundou o “*Centro Operário*”, composto em sua maioria por funcionários da Rheingantz, e outra que manteve o nome de “*Liga Operária*”. Ambas pereceram com dias de diferença, o que provocou a desmobilização dos trabalhadores da cidade. Nas palavras do militante: “*Foi tal o desânimo produzido no operariado pelo fracasso d’essas sociedades e pelos acontecimentos pouco edificantes que nelas se deram, que ainda hoje se reconhece o receio e falta de confiança dos operários em tentativas de tal ordem*”³⁰².

No final de 1893, um grupo de “*dedicados operários*” tentou reverter este quadro de apatia. Ricardo Jacob Pretz, José Lucas Pereira de Almeida, Antônio Lucas de Almeida e João de Oliveira Neves, auxiliados por outros nove

³⁰⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898. p. 2.

³⁰¹ O jornal “*Diário Popular*” noticiou sua instalação em abril deste ano. DIÁRIO POPULAR. Pelotas, 28/04/1892.

³⁰² Estas informações foram retiradas do artigo “*Explicando VIII*” (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24/10/1897. p. 1), onde Coutinho historia o movimento operário rio-grandino.

“*companheiros*”, convocaram uma reunião de “*operários artistas*”, visando a organização de uma sociedade. Esta se realizou em 17 de dezembro, com 48 presentes, elegendo-se, na ocasião, uma diretoria provisória que conclamou o “*operariado em geral*” para o dia 24 do mesmo mês; quando, definitivamente, se fundou a entidade, escolhendo a assembléia o nome de “*União Operária*”³⁰³.

Coutinho, já conhecido por sua militância na cidade vizinha, foi convidado por Pretz para participar da primeira assembléia pública da União. Nesta, apresentou-se a diretoria provisória que propôs um projeto de estatuto para a discussão. O personagem estranhou tal procedimento mas nada disse pois todo o seu “*(...) desejo era ver o Rio Grande com uma associação operária (...)*”. Contudo, quando os debates começaram, o mesmo tomou o palavra para “*(...) demonstrar o quanto havia de mal naqueles estatutos que eram uma cópia fiel dos do extinto ‘Congresso Operário’ de Pelotas, que até no título tinham a prova da ignorância do operariado em matéria de associações*”.

Frente a estas críticas, nomeou-se uma comissão para elaborar os novos estatutos, da qual fazia parte o jovem militante. De acordo com ele, “*(...) tanta confiança mereciam minhas convicções aos comissionados, que deixaram a meu cargo a tarefa de organizar os estatutos*”. Posteriormente, suas propostas foram aprovadas, com pequenos reparos, pela assembléia.

A partir daí, a participação de Coutinho na União foi crescente. Alguns exemplos: ele apresentou o projeto e o desenho da bandeira da entidade, propôs a

³⁰³ Estes dados constam do quadro colocado na “*sala de honra*” da Sociedade União Operária por deliberação da assembléia geral realizada em 8 de dezembro de 1898. Documento avulso. ASUO/CDH/FURG.

comemoração do 1 de maio e a criação de uma cooperativa. Em janeiro de 1894, foi eleito orador da sociedade pela chapa oficial, encabeçada por Ricardo Pretz³⁰⁴.

Segundo ele, *“durante quatro anos nada se fez na ‘União Operária’ sem que eu fosse chamado, eu era imprescindível, era quase um chefe contra a minha modéstia!”*.

Ou seja, desde o início de sua militância em Rio Grande, o personagem assumiu a *persona* de líder operário, de representante local da revolução social. Esta identidade manifestava-se sobretudo na oratória, na arte de usar as palavras certas para convencer um público específico. Tal habilidade era por ele utilizada principalmente na conscientização dos trabalhadores a respeito de sua *missão histórica*. Neste sentido, o mesmo afirmou ter sido *“(...) feliz em interpretar o sentir dos operários, e isto me aconteceu muitas vezes (...)”* e que *“(...) os próprios companheiros confessavam compreender eu perfeitamente os seus desejos”*. Ele considerava-se, então, um *intérprete* do proletariado ou, para usar a já referida expressão de Thompson, membro de uma *“minoría com linguagem articulada”*; e foi neste posto que assistiu à instalação oficial da Sociedade União Operária no dia 1 de maio de 1894, oportunidade em que a festa do trabalho foi comemorada pela primeira vez na cidade³⁰⁵.

³⁰⁴ O jornal *“Echo do Sul”* apresentou a nomenclatura da chapa oficial no dia 6 de janeiro (ECHO DO SUL. Rio Grande, 06/01/1894. p. 2.) e informou a eleição da mesma no dia 20 (ECHO DO SUL. Rio Grande, 20/01/1894. p. 2.).

³⁰⁵ Os dados e citações referentes aos primeiros anos de Coutinho na União Operária foram retirados do ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 03/09/1899. p. 1.

No *“Livro grade e matrícula das classes federadas à Sociedade União Operária”*, do ano de 1900, o personagem aparece como o décimo quarto sócio a ingressar na entidade, datando sua inscrição de janeiro de 1894 (ASUO/CDH/FURG).

Contudo, apesar desta ascendência sobre os demais associados, Coutinho enfrentou diversos problemas na União. Por exemplo: em 16 de dezembro de 1897, o mesmo foi eleito representante da sociedade ao Primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul por grande maioria de votos. Teve, porém, contra si, “(...) a oposição tenacíssima dos ‘amigos’ do progresso da associação (...)”³⁰⁶.

Tais situações conflituosas eram motivadas, em primeiro lugar, pela heterogeneidade ideológica da sociedade, que abrigava em seu seio correntes com orientações diferenciadas: socialistas, anarquistas, mutualistas e operários que simplesmente queriam usufruir dos benefícios oferecidos pela associação. Segundo Petersen, a União tinha em 1897 aproximadamente 1000 sócios, embora poucos fossem de fato militantes³⁰⁷. Coutinho participou do grupo que buscava dar uma direção socialista à entidade. De acordo com suas palavras:

“Interessado no elevamento das classes operárias, e reconhecendo o próximo estacionamento da sociedade, por serem de efêmera duração os seus triunfos, procurei os mais ilustrados e conscientes consócios aos quais fiz ver o que sentia, que era o aborrecimento dos próprios operários, por nada lhe oferecermos de novo onde prendessem a sua atenção.

Discutimos o assunto, e concluímos por deliberação da maioria introduzir o socialismo abertamente no seio da sociedade, dando-lhe assim um caráter definido.

Se bem que desde a sua fundação eu trabalhasse para o mesmo fim, não perdendo ocasião de apresentar aos operários o exemplo dos companheiros da Europa, era entretanto muito comedido nas minhas apreciações para evitar dissidências no seio da sociedade. Mas desde que achei companheiros capazes de me acompanharem, declarei abertamente

³⁰⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/12/1897. p. 4.

³⁰⁷ PETERSEN, Sílvia R. F. “Origens do primeiro de maio...”, *op. cit.*, p. 24.

*o que deveríamos fazer na 'União Operária', e de que só na esperança de vê-la um dia com o Partido Socialista no seu seio, é que a acompanhava*³⁰⁸.

Este posicionamento político à esquerda conjugou-se com o temperamento forte e intransigente do personagem, o que causou vários atritos com outros sócios da entidade. Ele era o que se poderia chamar de *pessoa difícil*, sempre pronto a *comprar uma briga* para defender seus pontos de vista.

Assim, em outubro de 1897, teve que responder, em assembléia geral, a um Conselho, “(...) *por faltas imaginadas ou aliás mal compreendidas apreciações feitas por nós e qualificadas como insultos feitos à diretoria e abusos de confiança quanto a mando na sociedade (!?)*”³⁰⁹. As fontes não explicitam quem foi o acusador³¹⁰ e nem o motivo da acusação. O “*Echo*” apenas insinua que o mesmo seria um ex-aliado de Coutinho que o teria acusado devido a um “*capricho*”:

“Tudo o que viemos dizendo tem por causa algumas verrinas que nos foram atiradas por alguém que já nos achou muito bons, que mesmo nos apoiou materialmente na publicação deste jornal!

A causa de sua atual indisposição com o 'Echo Operário' e com o seu diretor é um capricho que ninguém explica, que ele mesmo não é capaz de explicar porque caprichos desta ordem não têm explicação”.

Tal “*capricho*” provavelmente tinha um fundo ideológico, já que próprio autor declarou que não atacava indivíduos mas sim “*idéias más*”: “*é esta a causa dos nossos ataques que nada mais representam do que a defesa dos princípios que advogamos e pelos quais estamos dispostos a tudo*”. No caso em questão, tratava-se

³⁰⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 03/09/1899. p. 1.

³⁰⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 17/10/1897. p. 3.

³¹⁰ O acusador talvez tenha sido Bernado de Lyra, que discutiu com Coutinho numa assembléia anterior. ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/09/1897. p.p. 3-4.

de uma luta contra “(...) os próprios operários inimigos dos sagrados princípios que professamos”³¹¹.

Coutinho foi absolvido pela assembleia, apesar dos seis votos favoráveis à sua condenação³¹².

Em razão destas diferenças internas, as declarações públicas do personagem sobre o caráter político da sociedade variavam de acordo com a ocasião. Em 1897, ele afirmou que a “(...) União Operária - se bem que não tenha como socialista aparecido em campo para lutar pelos direitos dos associados - é incontestavelmente uma associação socialista, cujos princípios estão reconhecidos publicamente em todos os seus atos”. Noutro trecho do mesmo artigo, contudo, o tom enfático arrefeceu: a associação aparece caracterizada como a “(...) única que aqui tem existido com princípios mais ou menos socialistas”³¹³. No ano seguinte, a hesitação permaneceu: “esta associação é socialista em toda a sua lei, tem bandeira socialista e ninguém como ela tem no Brasil festejado o 1 de maio (...) e em todos os seus atos é socialista. Mas por um pirronismo inexplicável não admite a luta política”³¹⁴. Alguns meses depois, seu discurso tinha outra ênfase: “a ‘União Operária’ não tem política (...). A lei dessa sociedade priva-a de ter política, e os operários sabem respeitar as leis que fazem”³¹⁵.

Portanto, os conflitos na entidade eram freqüentes e envolviam principalmente dois grupos: os adeptos do socialismo, muitas vezes liderados por

³¹¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 10/10/1897. p.p. 1-2. Grifos do autor.

³¹² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 17/10/1897. p. 3. O jornal não apresenta o número de sócios que votaram pela sua absolvição, mas afirma que houve abstenções.

³¹³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24/10/1897. p. 1. Grifo meu.

³¹⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898. p. 2.

³¹⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 04/09/1898. p. 1.

Coutinho, e aqueles que não queriam a “*política*” na organização. Por exemplo, em setembro de 1898, o Sr. Mario Douglas, na coluna “*Notas ligeiras*” da “*Tribuna do Povo*”, censurou a União Operária por esta haver cedido seus salões para a realização das assembléias do recém-criado Partido Socialista local. O “*Echo*” respondeu à crítica da seguinte forma: “*Isto não implica nada com a lei da associação, como o proprietário do prédio onde ela funciona, apesar de capitalista, não tem nada com as discussões anti-proprietárias nela travadas*”³¹⁶.

O jornalista João José Cezar também protestou, durante uma assembléia, contra a *ideologização* da sociedade, afirmando: “*se estava numa assembléia de socialistas, se retiraria, porque era completamente adverso a essas teorias, como já muitas vezes o tinha declarado (...)*”³¹⁷.

Um ano depois, a tensão cresceu consideravelmente: a diretoria da entidade não quis mais permitir que o Partido Socialista realizasse reuniões em suas dependências. O personagem assim reagiu à decisão:

“A (...) ‘União Operária’ que em boa lógica deveria ser a melhor auxiliar do partido, é ao contrário quem mais tenta prejudicá-lo por intermédio de alguns dos seus membros.

.....

É a primeira vez, que nos conste, que uma associação operária se nega a auxiliar uma tentativa de propaganda e instrução operária, muito principalmente quando se declara pela imprensa que será livre à entrada e à palavra.

³¹⁶ *Id. ibid.*

³¹⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 11/09/1898. p. 2.

*Resta-nos a consolação de termos conhecido mais uma vez a má vontade de alguns membros da diretoria daquela sociedade para com o nosso partido, e certificar-nos de que são os de casa os piores inimigos*³¹⁸.

As fontes não trazem maiores informações sobre o conflito. Contudo, é possível presumir que o grupo socialista se articulou para conseguir, na assembleia, a derrubada da proibição. Afinal, no mês seguinte, o Partido já realizava novamente encontros nos salões da União, “(...) cedidos para este fim”³¹⁹. Buscando evitar problemas desta ordem, os “Estatutos” de 1903 determinaram que “aos associados é livre pertencerem a este ou aquele partido político, mas é-lhes expressamente proibido fazer dela [sic] propaganda dentro ou fora do recinto da sociedade em seu nome”³²⁰.

Em 25 de fevereiro de 1903, Coutinho foi vítima de um atentado quando “(...) seguia para o árduo serviço que tem como professor das aulas da ‘União Operária’ (...)”. Antônio de Oliveira Rocha, que passava a cavalo, lhe infligiu diversos golpes de açoite, produzindo lesões de natureza leve, segundo o auto de corpo de delito. O agressor, mais conhecido como “Antônio Facadas”, tinha 39 anos, era casado, natural de Rio Grande e, no processo, aparece ora caracterizado como jornalista ora como empregado do matadouro público.

O julgamento ocorreu em maio do mesmo ano, sendo o réu, que sempre se declarou inocente, absolvido por quatro votos contra um. O único jurado que votou pela sua condenação foi Augusto de Souza Freitas, ex-colaborador do “ECHO” e sócio da União. O “ofendido” apelou da sentença e o processo seguiu para o

³¹⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 03/09/1899. p. 2.

³¹⁹ Segundo convite assinado pelo secretário do Partido, Antônio Guedes Coutinho, e publicado no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/10/1899. p. 1.

³²⁰ “Estatutos da Sociedade União Operária”, *op. cit.*, p. 21.

Superior Tribunal do Estado, em Porto Alegre. No início do ano seguinte, convocaram-se novas sessões do júri, mas Coutinho não compareceu por motivo de doença (cistite). Finalmente, em junho, este último perdoou seu agressor, retirando a acusação.

Apesar de fornecerem abundantes dados sobre esta intrincada batalha jurídica, nem o processo crime referente ao atentado, nem as notícias publicadas na imprensa sobre o caso esclarecem os motivos da agressão e do perdão. Algumas testemunhas, como o português Joaquim Augusto de Barros, concunhado do réu, atestaram os maus antecedentes do mesmo: era desordeiro e havia sido preso em Pelotas “*por gatuno de cavalhadas*”. Também revelaram, por contraste, que tinham a vítima “*na conta de homem bom*”. No mesmo sentido, o “*Diário do Rio Grande*” afirmou: “*nunca ouvimos dizer que Guedes Coutinho, cujo proceder na sociedade se isenta de censuras, contasse inimigos capazes de um ato que tanto depõe contra os nossos foros de civilizados*”³²¹.

Este segredo ficou para a posteridade, sugerindo questões como: “*Facadas*” teria sido enviado por alguém, descontente com as críticas e acusações que o redator do “*Echo*” fazia *sem papas na língua*? O crime envolveria outros problemas políticos e/ou pessoais? Tais perguntas, entretanto, permanecem no terreno das conjeturas. De qualquer forma, o caso demonstra, novamente, que as idéias e atitudes do personagem encontraram resistências e oposições, por vezes manifestadas de forma violenta.

³²¹ As citações foram retiradas do “*Processo crime*”, *op. cit.* e do jornal DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 26/02/1903. p. 1.

No que tange ao atentado, a União manteve uma atitude ambígua: por um lado, a sua diretoria resolveu, em 1903, “(...) dispensar todo o apoio a esse companheiro, para desagrar-se e dando-lhe para advogado o nosso ilustrado companheiro Álvaro da Silva que aceitou e acompanhou a questão até subir ao Superior Tribunal do Estado (...). Para este processo pagou a União Operária a quantia de 219\$000 de custas”³²². Por outro, o conselho da mesma decidiu, no ano seguinte, que esta não deveria fazer qualquer despesa com o processo, entregando a causa à justiça pública³²³.

Em julho de 1909, verificou-se outro momento de tensão na entidade. Coutinho enviou um ofício à diretoria, acusando o presidente, Joaquim da Cruz Dias, de não ter cumprido com a “(...) ordem da assembléia geral de venderem-se as casas mandadas construir no terreno social que a sociedade possui na Cidade Nova”. Solicitava, então, que fossem “(...) processados os autores destes desrespeitos que tanto depõem contra a moral e os interesses desta sociedade”.

A acusação deve ter sido bastante grave, pois Cruz Dias pediu demissão e desculpou-se por qualquer falta cometida. Foi solicitada, então, a presença do vice-presidente, Antônio Laurino, que não compareceu à reunião alegando “uma forte dor de cabeça”. Frente ao impasse criado, Guedes Coutinho assumiu provisoriamente a presidência³²⁴, sendo eleito para a mesma alguns dias depois³²⁵.

³²² “Relatório da Sociedade União Operária...”, *op. cit.*, p. 9.

³²³ Ata de 13/03/1904. Livro de Atas do Conselho Deliberativo, 1904-1909. p.p. 11-12. (ASUO/CDH/FURG).

³²⁴ Ata de 16/07/1909. Livro de Atas das Sessões da Diretoria, 1906-1911. p.p. 144-146. (ASUO/CDH/FURG). Nesta ata, Coutinho já assinou como presidente.

³²⁵ No dia 31 de julho, o personagem apresentou-se como presidente eleito. Ata de 31/07/1909. *Id. ibid.* p.p. 147-150.

Como presidente, o personagem procurou atender as exigências oficiais do cargo e também defender suas concepções político-ideológicas, ainda que estas ações possam parecer incompatíveis. Em relação ao primeiro aspecto, por exemplo, ele participou, no dia 16 de setembro, juntamente com o secretário e o tesoureiro, da “*sessão fúnebre*” do intendente e chefe político local Juvenal Otaviano Müller. Também consignou-se em ata um “(…) *voto de profundo pesar pela passagem à vida subjetiva do inesquecível e honrado administrador do município (...)*”³²⁶.

Já em outubro, por sugestão do Conselho, a entidade resolveu promover uma assembléia geral pública para protestar contra o assassinato do anarquista espanhol Francisco Ferrer. O “*companheiro*” Carlos Schmidt Júnior propôs que os oradores inscritos neste ato não ofendessem a ninguém. O presidente respondeu não saber “(…) *como não se há de ofender um governo que assassina um inocente pelo fato de ser um livre pensador (...)*”. Afirmou ainda que

“(…) *propositalmente nada fez para homenageá-lo. Não queria que dissessem que ele estava prejudicando os interesses da sociedade que é [sic] todo convencional e mesmo porque, tratando-se de um anarquista declarado e não tendo a sociedade programa para não dizer que são contra a estas teorias, não desejava que o indicassem como agitador de um protesto necessário e digno. Porém, que não está de acordo visto a sociedade nada fazer pelo operariado e muito especialmente nestes casos*”³²⁷.

Ou seja: por um lado, Coutinho participou da homenagem ao representante local da *política burguesa* do governo gaúcho; por outro, criticou a União por sua apatia em relação à luta operária.

³²⁶ Ata de 13/09/1909. *Id. ibid.* p. 153.

³²⁷ Ata de 22/10/1909. *Id. ibid.* p.p. 155-157.

O militante foi reeleito em 12 de dezembro do mesmo ano³²⁸ e, pouco tempo depois, apresentou à diretoria um programa com as seguintes propostas:

- 1) reformar os salões da sociedade;
- 2) criar jogos, como o tiro-ao-alvo e o bilhar, para atrair os sócios e suas famílias;
- 3) suprimir a aula do sexo masculino, substituindo-a por uma aula pública, com o apoio do governo estadual;
- 4) solicitar à intendência a elevação do subsídio da aula do sexo feminino para 150.000 réis;
- 5) transformar o Grêmio Dramático em sindicato autônomo, devendo este pagar aluguel à entidade;
- 6) alargar a esfera do amparo social mútuo até os estranhos à União;
- 7) organizar uma caixa de auxílio mútuo e crédito sob garantia da sociedade;
- 8) trabalhar por todos os meios para a redução da jornada diária de trabalho, buscando-se, para tal fim, o auxílio da intendência e do conselho;
- 9) alterar os estatutos dando à associação *“(...) o caráter de que carece como operária, progressista e livre pensadora para o que é preciso organizar as classes sob a forma sindicalista”*;
- 10) fazer uma latrina;

³²⁸ Segundo o ECHO DO POVO. Porto Alegre, 17/01/1910. p. 2.

11) estabelecer uma cooperativa de construção de casas para os operários nos terrenos da União;

12) promover palestras instrutivas nas dependências da mesma sobre todos os assuntos³²⁹.

A lista sugere medidas de caráter diferenciado: algumas (1, 10) visavam o aperfeiçoamento da infra-estrutura da União; outras (3, 4, 5, 6, 7) objetivavam aumentar as rendas da entidade; o item 2 tinha como meta atrair os associados e os demais (8, 9, 11, 12) possuíam um caráter mais político, envolvendo a melhoria das condições de vida do operariado e a sua conscientização. É possível também observar que, em diversos pontos (3, 4, 8), o programa apelava para o auxílio dos poderes constituídos, estadual e municipal. Percebe-se, assim, que seu projeto oscilava entre as proposições de curto prazo, relacionadas com a vida administrativa e financeira da sociedade, e aquelas vinculadas a antigas reivindicações: jornada diária de oito horas de trabalho, habitações para os operários, organização das “classes” em sindicatos e “*elevação cultural do proletariado*”.

O personagem enfrentou diversas resistências neste seu segundo mandato. De acordo com ele, o programa antes mencionado foi “(...) *quase em absoluto reprovado pela assembléia geral*”. As comemorações do dia do trabalho também suscitaram muitos problemas: os bibliotecários demitiram-se e o Grêmio recusou-se a participar das reuniões da diretoria “(...) *porque ele [Coutinho] esqueceu-se de por os seus nomes na apresentação que fez a diretoria ao publicar o único número do ‘1 de Maio’*”. Além disso, teve que ir à imprensa responder a um

³²⁹ Ata de 31/12/1909. Livro de Atas das Sessões da Diretoria, 1906-1911. p.p. 163-165.

jornalista que queria “(...) nos intrigar, depois de uma exploração política por ocasião da sessão solene de 1 de maio”. Por fim, o Conselho enviou um ofício ao presidente, “(...) condenando a nossa [de Coutinho] atitude em apresentar às pessoas não sócias a lista de auxílios às festas de 1 de maio”.

Estes atritos levaram Coutinho a pedir demissão do cargo, a qual foi negada pela diretoria³³⁰. Assim, ele permaneceu na presidência até outubro de 1910³³¹. Em 21 de novembro, aprovou-se seu relatório final, “minucioso e bem elaborado”³³².

Apesar dos conflitos citados, o personagem manteve sempre um intenso envolvimento com as atividades da União. Ele participou de diretorias e comissões³³³, do Grêmio Dramático³³⁴, dos festejos³³⁵, ministrou aulas e conferências³³⁶ e representou a associação em diversos acontecimentos³³⁷. Em 1905, tornou-se sócio benemérito da entidade³³⁸.

³³⁰ Ata de 10/06/1910. *Id. Ibid.* p.p. 180-181.

³³¹ A última ata assinada por ele como presidente é a de 20/10/1910. *Id. Ibid.* p. 189.

³³² Ata de 21/11/1910. *Id. Ibid.* p. 189. Nesta ocasião, o presidente já era Thomaz de Aquino Rocha.

³³³ Exemplificando: comissão que revisou as contas da União, em 1899 (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 18/07/1899. p. 3.); comissão para elaborar os estatutos da sociedade, em 1903 (“Estatutos da Sociedade União Operária”, *op. cit.*, p. 43.); comissão de organização do regulamento interno do Conselho Deliberativo, em 1904 (Ata de 14/01/1904. Livro de Atas do Conselho Deliberativo, 1904-1909. p. 3.) e comissão de consultas para tratar de “(...) assuntos sociais de importância”, em 1909 (Ata de 10/01/1909. *Id. Ibid.* p. 185.).

³³⁴ Além de dramaturgo, o personagem atuou também como ator. Na peça “Amor e ouro”, de autoria da anarquista Agostina Guizzardi, ele fez o papel de vilão. GUIZZARDI, Agostina. **Amor e ouro. Drama social em 3 atos.** Rio Grande, s/e, março de 1906. Representado pela primeira vez no teatro “Polytheama Rio-Grandense” na noite de 27/06/1903.

³³⁵ Os “Estatutos” previam duas comemorações anuais: uma no dia 1 de maio e outra no dia 24 de dezembro, data da fundação da entidade (“Estatutos da Sociedade União Operária”, *op. cit.*, p. 4). Coutinho era presença constante nestes festejos.

³³⁶ Em dezembro de 1897, por exemplo, o principal redator do “Echo” realizou uma conferência, depois da sessão de assembléia geral, onde “tratou da situação do operariado neste estado e abrangeu outros pontos de interesse em que demonstrou a necessidade urgente que temos de organização”. O jornal noticiou a presença de “(...) um número regular de ouvintes (...)” no ato (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/12/1897. p. 4.).

Era reconhecido, sobretudo, pelas suas qualidades intelectuais e por sua eloquência. Por exemplo: o “*Relatório*” de 1903 informa que o mesmo foi orador das sessões comemorativas da descoberta do Brasil, em maio, e da Tomada da Bastilha, em julho³³⁹. Discursou igualmente nos festejos do dia do trabalho; pelo menos nos anos de 1899, 1901, 1903, 1905, 1907, 1908, 1909, 1910 e 1912³⁴⁰. Mais uma vez fica claro que a palavra falada era um dos principais instrumentos de sua militância.

Devido à sua atuação destacada na União Operária, Coutinho foi escolhido para representar a Sociedade em dois importantes eventos: o Primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre (1898), e a Segunda Conferência Socialista Nacional, em São Paulo (1902).

Segundo Petersen e Lucas, o primeiro reuniu, nos dias 1 e 2 de janeiro, “(...) com grande entusiasmo representantes de associações operárias de vários pontos do estado e da capital, com a finalidade de discutir diretrizes comuns para a organização e ação do operariado gaúcho em um momento em que o avanço da indústria ia fortalecendo progressivamente o poder do empresariado local”³⁴¹.

O militante rumou para a capital do Estado no dia 25 de dezembro de 1897, a bordo do vapor “*Meteoro*”, juntamente com João Thomaz Mignone, da Liga

³³⁷ Entre outros acontecimentos, pode-se mencionar que Coutinho, juntamente com Adalberto Torres, representou a União no ato inaugural das obras da Barra do Rio Grande (O TEMPO. Rio Grande, 12/12/1907. p. 1.).

³³⁸ Ata de 18/06/1905. Livro de Atas do Conselho Deliberativo, 1904-1909.

³³⁹ “*Relatório da Sociedade União Operária...*”, *op. cit.*, p. 7.

³⁴⁰ Segundo as seguintes fontes, respectivamente: ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 14/05/1899. p.p. 1-2; A OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas, 02/05/1901; “*Relatório da Sociedade União Operária...*”, *op. cit.*, p. 6; A OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas, 29/04/1905 e 06/05/1907; O TEMPO. Rio Grande, 02/05/1908. p. 3; O TEMPO. Rio Grande, 04/05/1909. p. 3; O TEMPO. Rio Grande, 02/05/1910. p. 2 e SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA. Relatório Presidencial de 1912.

³⁴¹ PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. “*Antologia...*”, *op. cit.*, p. 104.

Operária de Pelotas. Deixou um artigo para ser publicado no “*Echo*”, com as seguintes considerações:

“Quando for lido este artigo pelos nossos leitores, já deve ter sido aberto em Porto Alegre o 1 Congresso Operário, já devem ter ressoado na primeira cidade do estado do Rio Grande do Sul as vozes, cheias de entusiasmo e de convicção, dos representantes legítimos do operariado dos principais centros de população do Rio Grande.

Pela primeira vez a capital do Rio Grande do Sul verá em seus seio verdadeiros representantes do povo que vão ali espontaneamente e sem visarem interesses pessoais, a um aceno dos seus irmãos de lutas, a um apelo dos companheiros de infortúnio que, convencidos da força que produz a união, e desiludidos da hipócrita e refalsada proteção que a burguesia diz dispensar às classes produtoras, chamam aos operários de todo o estado para acordarem nos meios de protegerem-se a si próprios e evitarem assim a continuação dos seus sofrimentos.

(...) são genuínos filhos do povo, criados no trabalho que caleja as mãos (...); são homens feitos à prova de sacrifícios, sofrendo privações inúmeras, sob o jugo férreo do capital assassino; são vítimas cansadas do látigo infame da escravidão; são homens a quem a consciência se revolta por verem tanta injustiça; são mártires da organização social que se revoltam contra os privilégios da classe malandra (...).

(...) estes, os humildes filhos do trabalho, os sacrificados de todos os dias, os párias, enfim, unem-se única e exclusivamente para consultarem as suas consciências, e, abrindo os seus corações, dizerem em frases rudes e sem gramática o que sentem na alma e qual a forma que melhor entendem que possa libertar a humanidade desse cancro social que se chama miséria (...).³⁴²

No trecho citado, o personagem apresenta-se como membro de um grupo específico: o dos “*representantes legítimos do operariado*”, dos “*genuínos filhos do povo*”. Tal identidade forjava-se pela exclusão (“*párias*”); pelo sacrifício

³⁴² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1898. p. 1. Grifos meus.

(“*companheiros de infortúnio*”, “*vítimas*”, “*mártires da organização social*”, “*sacrificados de todos os dias*”); pelo trabalho (“*humildes filhos do trabalho*”) e pela revolta (“*irmãos de lutas*”, “*homens a quem a consciência se revolta*”); contrastando com a representação feita do *outro*: a burguesia, a “*classe malandra*”, que promove a miséria e conserva os trabalhadores sob o “*jugo férreo do capital*”. Estas afinidades, segundo ele, derivavam mais de um sentimento comum do que, por exemplo, de uma perspectiva teórica semelhante. Por isso, ao “*consultarem as suas consciências [e abrirem] os seus corações*”, os congressistas conseguiriam identificar as formas mais apropriadas de proteção, resistência e luta da “*classe produtora*”.

Porém suas expectativas foram frustradas, pois a embarcação na qual viajava encalhou num lugar denominado Itapuã, lá permanecendo até o dia 3, quando outro vapor resgatou os passageiros. Uma comissão de congressistas recebeu, então, os delegados de Rio Grande e Pelotas, conduzindo-os à sede do jornal “*Gazetinha*”. Lá, assinaram as atas e propostas apresentadas no encontro, “*(...) com pequenas restrições que em nada puderam alterar as resoluções tomadas, visto ser fora do regulamento já encerrado e vencido*”. Terminaram “*(...) dando um viva entusiástico à confraternização das classes operárias, ao operariado rio-grandense, aos iniciadores do Congresso e aos socialistas do universo*”.

Alguns dias depois, o militante agradeceu a “*(...) a forma socialística por que foram recebidos os representantes do sul do estado (...)*” e o “*(...) o tratamento afetuoso com que foi tratado pelos companheiros de Porto Alegre*”³⁴³.

³⁴³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 16/01/1898. p. 1.

Este clima de cordialidade e conagração presente na relação de Coutinho com os socialistas da capital foi rompido em agosto. O primeiro reclamou, pelas páginas de seu jornal, que a comissão executiva, nomeada durante o Congresso, ainda não havia publicado as resoluções do mesmo. Segundo ele, estes indivíduos ou não se esforçavam para cumprir suas tarefas ou não tinham capacidade para isto. Exigia, então, “(...) *uma pronta satisfação da parte do companheiro Francisco Xavier da Costa, um dos membros mais influentes da comissão organizadora do Congresso, e como membro que é do Comitê Executivo do mesmo*”³⁴⁴.

Xavier da Costa - naquele momento o grande articulador do movimento operário de inspiração social-democrata em Porto Alegre - enviou, então, uma carta à diretoria da União Operária, fazendo “(...) *as mais indignas referências ao diretor deste jornal, chamando-o de ignorante, especulador, malcriado, atrevido, atrabilário, tolo, vaidoso e... penso que santo não chamou?*”. Este último, em resposta, resgatou a sua trajetória de vida, para provar que a mesma havia sempre se caracterizado pela honradez e pela dedicação à causa socialista³⁴⁵.

Em outubro, o jornal de Rio Grande publicou uma missiva de Pedro Tácito Pires, comunicando a sua saída da Comissão Central eleita durante o Congresso, devido à falta de “*energia*” da mesma. Logo adiante, o mesmo periódico transcreveu uma nota da “*Gazetinha*”, informando a exoneração de Xavier da Costa do cargo de presidente da Liga Operária Internacional de Porto Alegre. Segundo o

³⁴⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/08/1898. p. 1. Xavier da Costa justificou o atraso na publicação das resoluções do Congresso pela dificuldade de se conseguir tradutores para o alemão e para o italiano, duas das línguas *oficiais* do encontro (GAZETINHA. Porto Alegre, 01/11/1898. p. 2.).

³⁴⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2.

redator, tais fatos são um “(...) *atestado cabal da inépcia e toleima do companheiro Francisco Xavier da Costa que, com uma ‘posani’ de criança mal educada, quis, à falta de argumentos de defesa, enxovalhar com frases [ilegível] e mentirosas aquele que o tinha desmacarado como tolo e pedante que é*”³⁴⁶.

Entretanto, o socialista porto-alegrense reassumiu a presidência da Liga no final do mês e voltou à imprensa para justificar sua decisão. Referiu-se, então, a Coutinho como “(...) *garoto malcriado, macaqueando jornalista sério, (...) num papelucho publicado na cidade do Rio Grande sob o mentiroso título de ‘Echo Operário’, papelucho esse que (...) só serve para desorientar e desunir cada vez mais a parte do proletariado rio-grandense que o lê, e compromete-lo em face da sociedade em geral*”³⁴⁷.

O redator do “Echo” respondeu que deixava de dar o “*corretivo merecido*” no seu opositor por respeito aos seus amigos e a si mesmo, e afirmava num tom benevolente: “*é um pobre tolo a quem voto comiseração*”³⁴⁸ ou “*Pobre Chico! Faltou-lhe o gás com que enchia o seu balão, e... zás! Lá se foi aquele instrutivo p... propagandista*”³⁴⁹.

A polêmica descrita acima mostra a existência de sérios conflitos entre os “*irmãos de lutas*” e “*companheiros de infortúnio*”, reunidos em Porto Alegre por ocasião do Congresso. Estas rixas, aparentemente, não derivavam de divergências teóricas. Afinal, Xavier da Costa também definia o socialismo como “(...) *esta sublime doutrina a que ligaram seus nomes de propagandistas eméritos Lassalle,*

³⁴⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/10/1898. p. 1.

³⁴⁷ GAZETINHA. Porto Alegre, 01/11/1898. p. 2.

³⁴⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 27/11/1898. p. 1.

³⁴⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1899. p. 3.

Marx, Malon, Liebknecht, Singer, Bebel, Amicio, e outros!”, ou seja, praticamente os mesmos inspiradores de Coutinho. A origem das rivalidades parece residir, muito mais, nos entendimentos diferenciados sobre como deveria proceder-se a organização concreta do operariado. O representante de Rio Grande, que sempre defendeu a federação das sociedades proletárias, julgou ser uma falta grave a não publicação das resoluções do encontro. Pode ter entendido que a União estava sendo excluída, pela falta de informações, deste processo mais amplo de articulação do movimento operário gaúcho³⁵⁰.

Some-se a isto, a personalidade *difficil* dos contendores, que contribuiu para transformar o conflito político em uma desavença pessoal. O colaborador da “*Gazetinha*”, segundo Mauch, esteve envolvido em polêmicas no meio operário ao longo de toda sua vida pública³⁵¹. Coutinho, como já foi visto, também não transigia em suas opiniões e freqüentemente desentendia-se com outros militantes. O resultado do confronto só poderia ser explosivo.

³⁵⁰ Nesta contenda, a diretoria da União apoiou Coutinho. No relatório apresentado pelo presidente, Antenor Ignacio da Silva, à Assembléia Geral, em 8 de janeiro de 1899, também reclama-se do atraso na publicação das resoluções do encontro: “*são (...) passados 13 meses, e até hoje nada vimos que dê cumprimento ao resolvido no Congresso. Não sabemos como julgar e o que esperar*”. Decidiu-se, então, seguir um caminho alternativo, oficiando-se diretamente as associações operárias com a proposta de federação, “*(...) o que foi feito (...) e que já deu em resultado a adesão das mais importantes (...)*”. Transcrito no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/02/1899. p. 4.

³⁵¹ O tipógrafo Francisco Xavier da Costa participou do primeiro núcleo socialista surgido em Porto Alegre em 1891. Iniciou sua carreira jornalística na “*Gazetinha*”. Atuou na Liga Operária Internacional e no 1 Congresso Operário do estado. Em 1906, foi um dos fundadores da FORGS - Federação Operária do Rio Grande do Sul. Posteriormente, aproximou-se do Partido Republicano Rio-Grandense, elegendo-se pelo mesmo para o cargo de conselheiro municipal em 1912, no qual permaneceu por mais de duas décadas, tornando-se depois secretário do prefeito Alberto Bins. Devido a esta aproximação, era acusado pelos anarquistas de “*namoro com a burguesia*”. Tal postura lhe valeu também a expulsão de alguns sindicatos e associações, mesmo sendo considerado o introdutor das idéias marxistas entre os operários da Capital. MAUCH, Claudia. “*Ordem pública e moralidade...*”, *op. cit.*, p.p. 53-54, 59 e 62.

Em 1902, o personagem participou da 2ª Conferência Socialista Nacional, realizada entre os dias 29 de maio e 1 de junho em São Paulo, como representante do operariado rio-grandino e pelotense³⁵². No documento publicado após o término do encontro, ele aparece como delegado do “*Club Socialista*” de Rio Grande, juntamente com Bernardino Ferraz, e da União Operária da mesma cidade, únicas organizações gaúchas presentes no evento³⁵³.

Nesta Conferência, reuniram-se trinta e sete sociedades: vinte e cinco de São Paulo; três de Minas Gerais; duas da Bahia e do Rio Grande do Sul e uma do Pará, Paraíba do Norte, Sergipe, Paraná e Pernambuco. Nela, decidiu-se fundar o Partido Socialista Brasileiro (PSB), cujo programa enfatizava a necessidade da luta política e da instrução dos trabalhadores. Seu “*Manifesto*” indicava a leitura dos “*livros mais recomendáveis para o estudo do socialismo científico*”: “*Le Capital*” e “*Le manifeste communiste*” (Karl Marx), “*Le socialisme intégral*” e “*Précis du socialisme*” (Benoît Malon), “*Principes du socialisme scientifique*” (Gabriel Deville), “*Socialisme utopique e socialisme scientifique*” (Engels); “*La femme*” (Bebel); “*Histoire du socialisme*” (Jaurés), “*Il socialismo e la scienza positiva*” (Enrico Ferri) e “*O socialismo na Europa*” e “*O livro da paz*” (Magalhães Lima). Percebe-se, portanto, que Coutinho estava afinado com as propostas e idéias socialistas que circulavam no Brasil naquele contexto e, por isso, deve ter se sentido *em casa* junto aos demais militantes presentes no Congresso. Seguindo as

³⁵² CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 29/05/1902. p. 2. O jornal informa que Coutinho recebeu gratuitamente a sua passagem de ida e volta da Cia. Costeira. Não explica, contudo, os motivos desta doação.

³⁵³ MANIFESTO do Partido Socialista Brasileiro. Publicado n’ O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 28/08/1902. p. 3. (Edição fac-similar). O “*Club Socialista*” de Rio Grande foi fundado em 1902 e auxiliava o Partido Socialista local (DIÁRIO POPULAR. Pelotas, 07/05/1902.).

determinações do programa do Partido, ele provavelmente serviu como “*secretário correspondente*”, “*traço de união*” entre o Conselho Geral do PSB e a Sociedade União Operária de Rio Grande³⁵⁴.

De acordo com Hardman e Leonardi, “*o PSB fundado em 1902 não conseguiu deixar de ser uma federação de grupos locais mais ou menos isolados e de grande heterogeneidade. (...) Sua sede ficou sendo São Paulo, passando o jornal ‘Avanti’ a ser órgão do partido. Estevam Estrella foi eleito secretário-geral*”³⁵⁵.

Apesar dos esforços do seu delegado, a União, situada numa cidade tão distante do centro das decisões, não parece ter mantido vínculos mais estreitos com o Partido. No relatório de 1903, nenhuma menção é feita neste sentido. Informa-se, apenas, que o “*Avanti!*” “*frequentava*” a mesa de leitura de sua biblioteca³⁵⁶.

Posteriormente, a referida entidade, devido à falta de recursos, não enviou delegado ao “*2 Congresso da Classe Operária do Estado do Rio Grande do Sul*”, que se realizaria em Porto Alegre no dia 2 de maio de 1909. Manifestou, contudo, seu desejo de “*(...) que os trabalhos sejam de bons resultados e as resoluções de ótimos frutos*”. Remeteu também uma proposta para ser incluída na ordem do dia do Congresso; elaborada por uma comissão autorizada pela assembleia geral, tendo Coutinho como relator. Nela, sugeria-se que os pontos principais do encontro fossem: 1) conquista da jornada diária de 8 horas de trabalho para todas as indústrias; 2) pagamento aos sábados nos estabelecimentos onde se empreguem

³⁵⁴ O “*Manifesto*” prescrevia, no item “*Organização do Partido*”, que “*todas as organizações aderentes ao partido socialista brasileiro devem nomear um secretário-correspondente, pessoa de confiança, que sirva, a bem dizer, de traço de união entre as referidas organizações e o conselho geral*”. *Id. ibid.*

³⁵⁵ HARDMAN, Foot e LEONARDI, Victor. “*História da indústria...*”, *op. cit.*, p. 195.

³⁵⁶ “*Relatório da Sociedade União Operária...*”, *op. cit.*, p. 19.

assalariados; 3) criação de tribunais de arbítrio para resolver os conflitos entre patrões e operários; 4) delimitação de um prazo para que as associações e sindicatos cumpram estas resoluções e 5) publicação de um manifesto às classes trabalhadoras, explicando as vantagens destas medidas e os prejuízos causados pelo excesso de trabalho.

Tais ações objetivavam melhorar as condições de vida e de trabalho dos operários, possibilitando que os mesmos tivessem tempo para se educar; *“considerando que deve ser base primordial de toda a organização proletária dar a cada um trabalhador consciência de sua situação em face à sociedade burguesa (...)”*³⁵⁷.

Porém, segundo o *“Correio do Povo”*, o Congresso de Porto Alegre foi inicialmente transferido para uma cidade do interior e depois adiado. Não consegui descobrir, entretanto, nem os motivos destas alterações nem se o encontro acabou efetivamente ocorrendo³⁵⁸.

A atuação de Coutinho nos Congressos citados contribuiu decisivamente para consolidar o prestígio da União Operária de Rio Grande no estado e no país. No nível municipal, a entidade também teve um papel destacado. Neste sentido, as fontes consultadas apresentam alguns exemplos do envolvimento da mesma em greves e noutros movimentos reivindicatórios.

³⁵⁷ O ofício foi redigido em 26/04/1909 e publicado no CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 05/05/1909. p. 1.

³⁵⁸ CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 25/04/1909. p. 4 e 05/05/1909. p. 1. Petersen e Lucas referem-se à ocorrência do 2 Congresso Operário do Rio Grande do Sul em 1920, na capital do estado, com orientação anarquista; o que indica que o *“2 Congresso”* de 1909 não se realizou. PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. *“Antologia...”*, op. cit., p. 225.

Logo após a sua fundação, a sociedade participou de uma greve dos empregados da estrada de ferro, para a qual não estava preparada; porém - “(...) graças à enorme atividade de alguns companheiros estranhos à greve mas interessados no triunfo da causa (...)” - conseguiu-se a vitória³⁵⁹.

Em setembro de 1897, 105 operários da fábrica Ítalo-Brasileira paralizaram suas atividades. O “*Echo*” referiu-se ao fato da seguinte maneira:

“Há no nosso operariado uma intuição de revolta de que ele não procura saber a causa; que ele sente como um desejo irresistível, mas que não sabe explicar e que mesmo não procura explicar tal é a indiferença com que olha para as coisas que lhe dizem respeito.

Não quer ouvir conselhos, não admite a necessidade de associações operárias onde de comum acordo as classes resolvam as questões que afetam os seus interesses; não há meio de chamar-lhes a atenção para a unidade socialista sem a qual não há possibilidade de vencer. Mas falem-lhe em coagi-los desta ou daquela liberdade; falem-lhe principalmente em questões de abuso patronal, e vê-los-emos em seguida abandonar o trabalho com a mesma indiferença com que vai de manhã para o serviço, ou à noite para casa.

.....

Oxalá que os operários consigam o aumento dos 40 rs. por metro [de tecido produzido] e o pagamento integral todos os fins de mês como desejam; mas não o garantimos porque as greves feitas sem preparo, a desunião que reina entre o nosso operariado é um descalabro capaz dos maiores baixames para a classe.

Infelizmente os operários do Rio Grande não têm querido compreender a utilidade da União Operária que tanto os podia ajudar nesta emergência.

Entretanto, já que fizeram a greve façam por sustentá-la que com isso sustentarão a sua dignidade; e se perderem, lembrem-se de que mais

³⁵⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/03/1898. p. 1.

*dia menos dia terão necessidade de outra e que só com a união se consegue a força*³⁶⁰.

Ou seja: segundo o autor, os operários possuíam uma rebeldia espontânea, uma “*intuição de revolta*” ou “*desejo irresistível*”, que precisava ser disciplinada pelas organizações operárias. A estas caberiam o preparo e a organização das greves, moldando-as de acordo com a “*unidade socialista sem a qual não há possibilidade de vencer*”. Afinal, como o mesmo periódico ressaltou meses depois, “*(...) os princípios socialistas (...) são os únicos capazes de dar força e organização às nossas classes tão ignorantes, tão cheias de prejuízos e sobretudo tão indisciplinadas*”³⁶¹. Esta postura é coerente com a já mencionada visão autoritária e messiânica do personagem sobre o movimento operário, expressa na idéia de que os mais ilustrados deveriam guiar o conjunto dos trabalhadores, despertando neles a consciência de classe. Para Coutinho, só os primeiros conheciam as “*coisas que (...) dizem respeito*” ao operariado.

Provavelmente, os paredistas não procuraram a União para “*ouvir conselhos*”, quando da deflagração da greve. Desta forma, o redator até solidarizava-se com o movimento, mas achava difícil a vitória do mesmo devido à falta de preparação e de união dos envolvidos. Na sua perspectiva, cabia à referida entidade ser a “*(...) diretora dos espíritos da classe em geral*”³⁶².

A mensagem do “*Echo*” encontrou ressonância entre os grevistas. Estes participaram de uma reunião na Sociedade, onde proferiram-se discursos em italiano e polonês. Na ocasião, Coutinho e Rodolfo José Gomes dissertaram sobre a

³⁶⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/09/1897. p. 4.

³⁶¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/03/1898. p. 1. Grifo meu.

³⁶² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/09/1896. p. 2. Grifo meu.

importância das associações operárias e, segundo a notícia, “(...) *a cada momento eram interrompidos pelas palmas*”. O encontro terminou “(...) *com vivas à União Operária, ao socialismo e à confraternização dos povos*”. De acordo com o jornal, “*foi nesse dia estreada a tribuna da mesma sociedade o que é um prenúncio de felizes dias; pois nada melhor para estreá-la do que as discussões de uma greve. Pela nossa parte estamos satisfeitos*”³⁶³.

Pelo que se pode deduzir, a entidade conseguiu, satisfazendo as aspirações de Coutinho, direcionar os rumos da greve ou, pelo menos, sensibilizar os operários para os princípios por ela defendidos. Os funcionários da Ítalo-Brasileira tiveram suas reivindicações parcialmente atendidas³⁶⁴.

Outros movimentos foram organizados pela própria União, como um comício contra o aumento do preço da carne em 1898. Inicialmente, esta enviou um “*delicado ofício*” ao poder municipal solicitando soluções para o problema. Porém, frente ao silêncio do mesmo, promoveu um “*meeting*” na praça Gal. João da Silva Telles no dia 11 de setembro. O personagem central desta história foi um dos incentivadores do protesto e, no seu jornal, pediu “(...) *a maior ordem possível, para que o Sr. sub-intendente não tenha pretexto de usar da sua costumada ‘delicadeza’ com o povo*”³⁶⁵.

Em resposta, a Intendência chamou uma concorrência para o fornecimento da carne verde mas o processo transcorreu, segundo o periódico, de

³⁶³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 26/09/1897. p.p. 2-3.

³⁶⁴ Segundo PETERSEN, Sivia R. F. “*As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919)*”. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (org.). **RS: economia & política**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979. p. 291.

³⁶⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 04/09/1898. p. 1 e 11/09/1898. p. 1. A citação foi retirada do último número.

forma fraudulenta pois foi aceita uma proposta de 480 rs. em detrimento de outra de 390 rs. A associação telegrafou ao presidente do estado, Borges de Medeiros, pedindo providências. Este respondeu que não tinha competência para intervir no assunto, levando o “*Echo*” a comentar o fato da seguinte forma: “(...) *a autonomia dos municípios que tão bons resultados oferece às liberdades públicas, é para nós um prejuízo, porque nos entrega de pés e mãos amarrados ao energúmeno Sr. Werneck [o intendente]. (...) O povo que se deixou iludir elegendo-o que pense e resolva, já que não há lei que nos livre dele*”³⁶⁶.

Neste caso, percebe-se o constante apelo feito pela União aos governos municipal e estadual e, frente a negativa destes em atender suas exigências, a conclamação para que o povo escolha melhor seus representantes. Tal postura adequava-se com o socialismo da época, que defendia a tomada do poder político pela via eleitoral, objetivando a realização de reformas voltadas para a melhoria das condições de vida dos trabalhadores.

Em 1899, a tentativa de subordinar o operariado rio-grandino à direção da Sociedade foi novamente explicitada pelo jornal. Nele, os tipógrafos que fundaram a “*União Tipográfica*” eram convidados a unirem-se à União Operária pois “(...) *todos sabem que os seus fins foram e são a defesa das classes trabalhadoras dando-lhes, pela associação, a força de que precisam para a luta*”. O articulista apresentava, então, os benefícios oferecidos por esta instituição (colégios,

³⁶⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 30/10/1898. p. 1.

biblioteca, amparo social, etc.) e afirmava que a mesma poderia “(...) *ser em muito breves anos, se os operários quizerem unir-se, a diretora do Rio Grande*”³⁶⁷.

Através dos “*Estatutos*” de 1903, esta agremiação procurou normatizar suas relações com o movimento operário local. No documento havia, por exemplo, uma seção dedicada às greves, na qual determinava-se que, “*depois de estudados e discutidos pela própria classe os meios de fazer triunfar a sua pretensão, pedirão uma assembléia geral de representantes das classes para fazê-los cientes de seus desejos e pedir-lhes conselho*”. Já no capítulo referente aos “*deveres das associações de classe para com a União Operária*”, prescrevia-se, para cada associação, entre outras coisas, o seguinte: “*não realizará sessões de assembléia geral sem a presença do delegado da União, salvo se passar da hora, o que deverá constar da redação da ata*”; “*respeitar e fazer respeitar a lei da União Operária, como casa chefe e principal autoridade das classes*” e “*não pôr nunca em prática medida alguma de ordem exterior, sem que o Centro tenha sido consultado*”³⁶⁸. Ou seja, tais medidas visavam estabelecer o controle da Associação sobre as demais manifestações e entidades do operariado rio-grandino, restringindo-se assim a autonomia das mesmas. Nesta perspectiva, a União deveria ser a “*diretora*”, a “*casa chefe*”, a “*principal autoridade*”; a quem cabia indicar os rumos a serem seguidos pelos trabalhadores da cidade.

Talvez imbuído desta convicção, Coutinho participou da greve dos construtores em 1911. No relatório do presidente da sociedade, Thomaz de Aquino Rocha, mencionam-se os relevantes serviços por ele prestados ao movimento. Os

³⁶⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/10/1899. p.p. 1-2. Grifo meu.

³⁶⁸ “*Estatutos da Sociedade União Operária*”, *op. cit.*, p.p. 17-18. Grifos meus.

paredistas reivindicavam a jornada diária de 8 horas de trabalho e, através da mediação do intendente, conseguiram a vitória³⁶⁹.

Em junho deste ano, um grupo de associados, tendo Coutinho à frente, enviou um ofício considerado “*insultoso*” à diretoria, contestando o ato da mesma que mandou “*registrar a nossa lei*”. A assembléia reunida no dia 25 criticou o protesto³⁷⁰. Este desentendimento pode ser um dos fatores que motivaram o militante a se transferir para Jaguarão, em novembro.

Depois disso, ele permaneceu ligado à União Operária de Rio Grande, pelo menos nos primeiros anos após a sua mudança. Em 1912, foi orador oficial da sessão solene alusiva ao dia do trabalho, promovida pela entidade, tendo desempenhado “*(...) seu encargo de forma felicíssima para os brios da classe operária de Rio Grande*”³⁷¹. Em 1915, a Sociedade enviou-lhe um ofício, comunicando a encenação do drama de sua lavra “*Rayné*”³⁷². No mesmo ano, a associação rio-grandina foi informada da eleição da nova diretoria da Sociedade União Operária de Jaguarão, tendo Coutinho como presidente. O “*companheiro*” Álvaro Gomes Viana propôs officiar à congênere, elogiando-a “*(...) por ter como esteio um companheiro de lutas acérrimo (...)*”³⁷³.

Infelizmente, não consegui obter mais dados sobre a atuação do personagem em Jaguarão, ou em qualquer outra cidade por onde tenha passado antes

³⁶⁹ SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA. Relatório presidencial de 1911. Publicado em 12/11/1911.

Não encontrei nas fontes outras referências à participação de Coutinho no movimento.

³⁷⁰ *Id. ibid.*

³⁷¹ SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA. Relatório presidencial de 1912.

³⁷² Ata de 03/04/1915. Livro de Atas das Sessões da Diretoria, 1914-1917. p. 174. (ASUO/CDH/FURG).

³⁷³ Ata de 25/05/1915. *Id. ibid.* p. 191.

de voltar a Rio Grande em 1940³⁷⁴. Esta carência, sem sombra de dúvida, empobrece sobremaneira o meu trabalho. Posso deduzir, apenas, que a militância do mesmo não deve ter se encerrado em 1911.

Afinal, o movimento operário jaguareense apresentou algumas manifestações significativas depois da sua chegada. Em 1912, comemorou-se o 1 de maio na cidade, ocorrendo a fundação de uma Liga³⁷⁵. Além disso, a Sociedade posteriormente presidida por Coutinho aparece no *“Relatório da Federação Operária do Rio Grande do Sul”*, de 1913, como uma das entidades que mantinham *“relações de solidariedade”* com a FORGS³⁷⁶.

No ano seguinte, eclodiu uma greve dos empregados da construção civil, que reivindicavam 8 horas diárias de trabalho³⁷⁷. O jornal *“Opinião Pública”*, de Pelotas, noticiou que há muito se pensava em conseguir a redução da jornada em Jaguarão; *“no entanto, pela falta de elementos, visto como a classe ali é pequena e cindida, pois há ali duas sociedades operárias divergentes, pelo espírito religioso que no seio de uma delas introduziram certos padres interesseiros, a idéia não se enraizou e aquela aspiração não foi um fato”*³⁷⁸.

Provavelmente, o articulista referia-se à Sociedade Operária Jaguareense e à Sociedade União Operária de Jaguarão. A primeira, fundada em 1912, teve como

³⁷⁴ Neste ponto, gostaria de agradecer ao Sr. Luís Mano, do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, que procurou com afincio, embora sem sucesso, indícios da passagem de Coutinho por aquela cidade.

³⁷⁵ O DIÁRIO. Porto Alegre, 01/05/1912. p. 8.

³⁷⁶ RELATÓRIO DA FEDERAÇÃO OPERÁRIA DO RIO GRANDE DO SUL, 1913. *Apud*: PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. *“Antologia...”*, p.p. 168-169.

³⁷⁷ A VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, 01/03/1914. p. 4.

³⁷⁸ A OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas, 21/01/1914. p. 1.

“*presidente de honra*”, em sua primeira diretoria, o cômego Godofredo Evers³⁷⁹. A segunda, na qual militava Coutinho, cedeu seu salão para os grevistas³⁸⁰. Este último, que sempre professou idéias anti-clericais, possivelmente envolveu-se na disputa com os “*padres interesseiros*”.

Em 1917, os estivadores locais também realizaram uma greve vitoriosa, conseguindo um aumento salarial³⁸¹.

Enfim, todas estas indicações visam demonstrar a vitalidade das lutas do operariado daquela cidade e sugerir, sem provas mais concretas, a continuidade da militância do personagem após a sua saída de Rio Grande.

Coutinho não militou apenas nas associações operárias mas também na imprensa. Neste sentido, ele foi colaborador, redator, diretor e/ou proprietário de diversos jornais.

Em Pelotas, colaborou com “*O Operário*” (1892-1893), vinculado à “*Liga*” daquela cidade. Este, de acordo com suas palavras, era “*(...) redigido pelos mais devotados socialistas e os primeiros que francamente se apresentaram em público neste estado*”. Contudo, as idéias expressas no periódico não agradaram à diretoria da sociedade que, “*(...) contra a vontade da assembléia (...)*”, determinou o fechamento do mesmo, alegando dificuldades econômicas.

³⁷⁹ LACOMBE, Carlos. **Jaguarão no centenário da independência da Pátria (1822-1922)**. Sem referências. Posteriormente, a Sociedade Operária Jaguarense parece ter mudado de orientação. Afinal, a entidade enviou dois delegados - Aníbal Magalhães e Guilherme Saraiva - ao 3 Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em 1920, com o predomínio dos anarquistas. Ver: RODRIGUES, Edgar. **Alvorada operária**. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1979. p.p. 184-185.

³⁸⁰ A OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas, 21/01/1914. p. 1.

³⁸¹ Segundo PETERSEN, Sílvia R. F. “*As greves...*”, *op. cit.*, p. 297.

Após desligarem-se desta entidade, Tolentino de Souza, Sauter e Rodrigues fundaram o “*Democracia Social*” (1893) que “(...) rompendo com os preconceitos estúpidos da sociedade burguesa, arvorou o pendão do socialismo revolucionário científico e, talvez como nenhum outro no Brasil, pregou durante seis meses a emancipação das classes proletárias, a guerra ao capital, a emancipação da mulher, etc., com tanto conhecimento e ciência”³⁸².

Guedes Coutinho, como já foi dito, nos intervalos da labuta diária na indústria Rheingantz, recolhia assinaturas para o jornal e escrevia seus primeiros textos doutrinários. Um deles, “*Avante!*”, demonstra o entusiasmo que caracterizava a sua militância, principalmente ao conclamar os demais operários para a luta contra a burguesia: “*Sim, companheiros, avante! Os nossos adversários já reconhecem a nossa força e começam a temê-la! Sim, nobres filhos do trabalho, avante!... Não trepideis, porque só da nossa força de ação depende o triunfo da nossa causa!*”³⁸³.

Em Rio Grande, o militante inicialmente defendeu suas idéias num jornal também denominado “*O Operário*”, redigido pelo advogado e jornalista Rodolfo Gomes, que durou apenas um mês³⁸⁴. Depois, foi redator-chefe do “*A Razão*”, de propriedade de Henrique d’Oliveira Lavater, editado durante oito meses entre 1895 e 1896³⁸⁵. Este último auto-proclamava-se “*Orgão dos fracos*” e, no seu número alusivo ao 1 de maio, aparecem “*vivas*” e “*salves*” à União Operária e à

³⁸² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898. p. 2.

³⁸³ DEMOCRACIA SOCIAL. Pelotas, 30/07/1893. p.p. 3-4.

³⁸⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898. p. 2. O “*Echo*” não menciona o ano em que o periódico foi publicado. Pimentel refere-se a dois jornais com o nome de “*O Operário*”, editados em Rio Grande: um em 1893 e outro em 1895. PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos gerais do município de Rio Grande**. Porto Alegre, Imprensa Oficial, 1944. p. 136-137.

³⁸⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898. p. 2 e 07/08/1898. p. 4.

“*emancipação do trabalho*”³⁸⁶. Posteriormente, o personagem dedicou-se ao “*Echo Operário*”, que circulou de 1896 a 1899, tendo ainda uma segunda fase em 1901³⁸⁷.

O “*Echo*” surgiu no dia 5 de julho de 1896, como “*Orgão da União Operária*”, sendo Coutinho o redator e proprietário³⁸⁸. Mais adiante, intitulou-se “*Orgão da classe operária*”³⁸⁹. Provavelmente, esta mudança foi motivada pelos já referidos conflitos existentes na Sociedade entre os adeptos do socialismo e os avessos à “*política*”. Afinal, sua linha editorial era abertamente socialista - não defendendo “*(...) senão as doutrinas coletivistas do grande mestre Carlos Marx e seus dignos continuadores (...)*”³⁹⁰ -, o que pode ter causado contrariedades entre os associados. Por isso, a redação fez questão de esclarecer “*(...) que este jornal nada tem de comum com a Sociedade União Operária. É de propriedade particular e nada recebe desta associação. Defende-a porque quer e porque os seus proprietários são sócios dela*”³⁹¹. De fato, o periódico sempre colaborou com a entidade, divulgando informações sobre a mesma: convites para assembléias, relatórios da diretoria, balancetes, etc. Em 1898, o jornal passou a chamar-se “*Orgão do Partido Socialista - Defensor das Classes Trabalhadoras em Geral*”³⁹², epíteto que deve ter permanecido até o seu encerramento.

³⁸⁶ A RAZÃO. Rio Grande, 01/05/1896. p.p. 1 e 3.

³⁸⁷ JARDIM, Jorge L. P. “*Comunicação e militância...*”, *op. cit.*, p. 59. Minha análise da atuação de Coutinho na imprensa operária tem como base este trabalho.

³⁸⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 12/07/1896. p. 1.

³⁸⁹ Não consegui precisar a data exata desta mudança pois a coleção completa do jornal não foi encontrada. Nos exemplares consultados, o novo título aparece pela primeira vez no número 55. ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/09/1897. p. 1.

³⁹⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 21/08/1898. p. 4.

³⁹¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 13/03/1898. p. 1.

³⁹² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1898. p. 1. O Partido Socialista foi fundado em Rio Grande neste mesmo ano, tendo Coutinho como secretário, e será analisado posteriormente com mais vagar.

Ao longo da publicação do “*Echo*”, o personagem foi ajudado por diversas pessoas, normalmente seus amigos e também membros da União Operária. Neste sentido, em setembro de 1897, o órgão contava com Angelo Caldonazzi, como gerente, e com Luiz Gonçalves de Castro, como noticiarista³⁹³.

Pouco tempo depois, comunicava-se a partida de Castro para a Capital Federal. Segundo a matéria: “*como noticiarista desta folha, [o mesmo] foi sempre incansável em promover-lhe seu progresso, não só colaborando para ela como auxiliando seu proprietário em diversos serviços que lhe eram necessários*”. Augusto de Souza Freitas assumiu, então, o posto vago³⁹⁴.

Em novembro, foi a vez de Caldonazzi desligar-se do periódico “*(...) por não se achar com coragem para luta (...)*” e por ter sofrido uma “*dolorosa operação*”; ficando “*(...) a redação composta dos dois restantes que não arrearão enquanto tiverem forças*”³⁹⁵. Freitas, por seu turno, demitiu-se do cargo depois de nove meses, permanecendo o jornal “*(...) única e exclusivamente a cargo do seu primitivo redator*”³⁹⁶.

Depois que o Partido Socialista assumiu a propriedade do “*Echo*”, Coutinho continuou a ser o diretor e redator-chefe, tendo como auxiliar J. J. G. Barreto. Uma comissão - composta por Antenor Ignacio da Silva, Carlos Schmidt Júnior, Julio Leite e Lufredio Lopes - foi encarregada da administração e da

³⁹³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/09/1897. p. 1.

³⁹⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 19/09/1897. p.p. 3-4.

³⁹⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/11/1897. p.p. 3-4.

³⁹⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/08/1898. p. 4.

gerência³⁹⁷. No mês de maio, o ex-colaborador Caldonazzi e Ricardo Doni, responsável pela “*Seção Italiana*”, passaram a auxiliar na redação³⁹⁸.

Logo, porém, ocorreram novas defecções. Em setembro, Júlio Leite - “(...) o mais dedicado auxiliar deste jornal, na entrega, cobrança, propaganda e contribuinte (...)” - retirou-se para Santa Vitória em busca de emprego³⁹⁹. Ainda neste mês, o diretor desentendeu-se com Barreto e criticou o seu desleixo na elaboração da coluna “*Pela Pátria Universal*”⁴⁰⁰. No mesmo número, eram noticiadas as saídas de Ignacio da Silva - “(...) seduzido e iludido por um farçante (...) com garantias de bom sucesso (...)” - e de Doni, “(...) que não podendo resistir à estupidez de alguns operários com quem era obrigado a lidar, (...) abandonou (...) Rio Grande indo para Buenos Aires a bordo do vapor ‘Aymoré’”⁴⁰¹.

Quando o periódico reapareceu, em 1901, Coutinho estava novamente sozinho na direção e redação⁴⁰².

Neste entra-e-sai de nomes, pode-se perceber que o referido personagem foi o verdadeiro esteio do jornal: “*é ele quem escreve, revisa, dobra, entrega, faz a expedição para fora, e cobra a assinatura: tudo isto de noite, (com exceção da cobrança) porque de dia precisa ganhar o sustento da sua família*”; afirmou num texto auto-biográfico⁴⁰³. Jardim, no mesmo sentido, salienta que “*a sobrevivência do ‘Echo Operário’ praticamente deve-se ao trabalho e à abnegação de Antônio*

³⁹⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1899. p. 1.

³⁹⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 14/05/1899. p. 1.

³⁹⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/07/1899. p. 4.

⁴⁰⁰ Na coluna “*Pela Pátria Universal*”, publicavam-se notícias do movimento operário de diversas partes do mundo; buscando-se incentivar, através de exemplos concretos, a luta dos trabalhadores rio-grandinos.

⁴⁰¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 30/07/1899. p.p. 2-3.

⁴⁰² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1901. p. 1.

⁴⁰³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2.

Guedes Coutinho⁴⁰⁴. Os demais colaboradores abandonaram suas tarefas pressionados por problemas pessoais (doença, busca de emprego, atritos com outros operários) ou devido a desentendimentos com o diretor e redator-chefe (como no caso de J. J. G. Barreto).

Desde o início, o “*Echo*” propunha-se a despertar os trabalhadores rio-grandinos do “(...) estado letárgico e quase criminoso (...)” no qual estes se encontravam, agitando-os “(...) em prol da causa nobilitadora que se chama *socialismo*”⁴⁰⁵. Para tanto, teve que enfrentar diversos obstáculos, sobretudo de ordem econômica. Assim, eram freqüentes os apelos feitos aos operários para que colaborassem no sustento do periódico. Por exemplo: em 1897, Gonçalo Calvo afirmou: “parece incrível (...) que um jornal como é o ‘*Echo Operário*’, único que se publica neste Estado (...) cujo fim é defender as classes operárias e o proletariado em geral, não possa contar (...) com duzentas assinaturas de um mil réis cada uma, único pecúlio necessário para sua publicação”⁴⁰⁶.

Gonçalves Barreto, no mesmo sentido, salientou a tenacidade de Coutinho na condução da folha: “Este jornal (...) tem sido sustentado durante os quase três anos que conta de existência, pelos grandes, enormemente grandes, sacrifícios pecuniários e intelectuais de Antônio Guedes R. Coutinho. Só a sua força de vontade e a sua coragem pouco vulgares e por isso admiráveis e dignos de

⁴⁰⁴ JARDIM, Jorge L. P. “Comunicação e militância...”, *op. cit.*, 59.

⁴⁰⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 12/07/1896. p. 1.

⁴⁰⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24/10/1897. p.p. 3-4. Grifos do autor. Gonçalo Calvo era o pseudônimo de Augusto de Souza Freitas (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 31/10/1897. p. 4).

*imitação o podiam levar por caminho tão escabroso e cheio de tantos e tão agudos espinhos a abraçar o ideal*⁴⁰⁷.

Pouco tempo depois, uma nota da redação, dirigida “aos operários do Estado”, foi taxativa: “ou assinam ou morrerá o jornal”⁴⁰⁸.

De fato, o periódico não contava com muitos assinantes. Em 1897, afirmava-se que o mesmo possuía menos de 100 assinaturas em Rio Grande, cidade com aproximadamente 10.000 “operários e artistas”; e menos de 30 em Porto Alegre e Pelotas⁴⁰⁹. No mês de agosto do ano seguinte, computavam-se 180 assinantes dentro e fora de Rio Grande⁴¹⁰. Já em outubro, falava-se de 150 assinaturas em todo o estado⁴¹¹. Em 1899, foram publicados novos dados sobre o operariado local:

*“(...) dos oito mil operários que diariamente enriquecem aos industrialistas à custa do produto do trabalho não pago, mais de sete mil nunca leram um número dos jornais operários; quinhentos leram-nos uma vez por outra sem os compreenderem; trezentos leram-nos e encolheram os ombros numa estupidificante indiferença; cem acharam bonitas as teorias neles discutidas, mas dizem, com ares de escravo resignado, que nunca se realizarão; cinquenta lêem-nos e assinam-nos porque indistintamente reconhecem a necessidade da sua existência; vinte e cinco porque gostam da forma enérgica porque discutem as questões de classe, e vinte e cinco porque compreendem o quanto é justa a causa do socialismo, única capaz de salvá-los duma servidão desumana que os sacrifica na oficina, no lar, na mesa, na casa e até na honra*⁴¹².

⁴⁰⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 09/10/1898. p. 2.

⁴⁰⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/10/1898. p. 2.

⁴⁰⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24/10/1897. p.p. 3-4. Segundo o artigo, era em Bagé que o jornal tinha, relativamente, o maior número de assinantes.

⁴¹⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 07/08/1898. p. 1.

⁴¹¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/10/1898. p. 2.

⁴¹² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 09/04/1899. p. 1.

Embora o artigo não esclareça como esta *pesquisa* foi feita, fica claro que os socialistas rio-grandinos constituíam uma “*minoría com linguagem articulada*”, que não encontrava, perdoem-me o trocadilho, muito “*echo*” entre os operários da cidade. Afinal, o valor de 1\$000 pago pela assinatura mensal não deveria pesar tanto no bolso de um trabalhador que gastava 680 réis por 1 quilo de pão ou 1\$800 pelo mesmo peso de café⁴¹³.

Devido aos problemas enfrentados, o jornal, antes editado semanalmente, tornou-se quinzenal em maio de 1899 e passou a ser dado a quem o pedisse, abolindo-se o sistema de assinaturas. Os redatores esperavam “*(...) que todas as pessoas que desejam o elevamento das classes operárias e possam dispôr de alguns vintens (...)*” contribuíssem para sua publicação⁴¹⁴.

A indiferença dos operários para com o periódico entristecia profundamente seu diretor, que se considerava incumbido da elevada missão de orientar o proletariado local. Segundo o já citado Barreto, Coutinho, ao redigir um apelo “*aos operários do Estado*”, “*(...) sentiu que a pena lhe vacilava entre os dedos envergonhado de ter que dizer a verdade retumbante e que o coração se lhe confrangeu vendo que pendiam para o desmoronamento as suas mais puras e verdadeiras aspirações por falta de apoio que pede e implora se preciso é*”⁴¹⁵.

Apesar destes obstáculos, o “*Echo*” teve uma duração considerável para os padrões da imprensa operária brasileira do final do século XIX, sendo editados

⁴¹³ Dados sobre o custo de vida extraídos do ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 12/09/1897. p. 1 e 03/09/1899. p.p. 1-2, respectivamente.

⁴¹⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 14/05/1899. p. 1.

⁴¹⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 30/10/1898. p. 3.

mais de 137 números⁴¹⁶. Hardman e Leonardi afirmam que, na época, o mesmo era “(...) *um dos únicos jornais socialistas semanais do país* (...)”⁴¹⁷. Examinando-se a sua circulação, pode-se avaliar a importância do periódico nos âmbitos estadual, nacional e internacional.

Ele contava com agentes nas seguintes cidades, ainda que não simultaneamente: Alegrete, Bagé, Jaguarão, Margem do Taquari, Pelotas, Porto Alegre, Quaraí, Santa Vitória, São Gabriel, Uruguaiana (no Rio Grande do Sul); Florianópolis e Capital Federal. Possuía também correspondentes no Rio de Janeiro (Mariano Garcia), em Pernambuco (João Ezequiel) e na República Argentina (José Ingegneros). Recebia, ainda, “*visitas*” de publicações provenientes dos mais diferentes lugares do mundo, que eram retribuídas com o envio da gazeta rio-grandina.

Por exemplo, em 31 de outubro de 1897, noticiou-se que os jornais “*A Voz do Operário*” (Bahia), “*O Comércio*” (Capital Federal) e “*Nova Era*” (Maragogipe) haviam transcrito artigos do “*Echo*”⁴¹⁸. Já no dia 5 de julho de 1899, acusou-se o recebimento de quatro publicações: “*La Revue Socialiste*” (Paris), “*El Faro*” (Buenos Aires), “*La Escuela Positiva*” (Corrientes) e “*Álbum das Meninas*” (São Paulo)⁴¹⁹.

⁴¹⁶ JARDIM, Jorge L. P. “*Comunicação e militância...*”, *op. cit.*, p.p. 64-65.

⁴¹⁷ HARDMAN, Foot e LEONARDI, Victor. “*História da indústria...*”, *op. cit.*, p. 191.

⁴¹⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 31/10/1897. p. 4.

⁴¹⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/07/1899. p. 4.

Além disso, os aniversários do “*Echo*” eram sempre saudados pelos “*colegas*”, operários ou não. Em 1898, a data foi lembrada pelo “*La Vanguardia*”, de Buenos Aires, e pelo “*A Federação*”, de Lisboa⁴²⁰.

No Rio Grande do Sul, foi solicitada a sua remessa, pelo menos, para estes locais: Liga Operária Internacional (Porto Alegre), Colônia São Feliciano, Loja Maçônica “*Philantropia*” e Biblioteca Riograndense (Rio Grande), Clube Caixeral de Quaraí, Clube Caixeral de Bagé e Clube Instrução e Recreio (Jaguarão)⁴²¹.

Através destas indicações, procurei demonstrar que, mesmo contando com poucos assinantes em Rio Grande, o “*Echo*” assumiu um papel significativo na ampla e densa rede de circulação de idéias característica da imprensa operária do período⁴²². De acordo com Jardim, as redações dos jornais operários eram “(*...*) *verdadeiros centros de recepção e transmissão de idéias correntes a nível internacional em relação às lutas e à organização dos trabalhadores*”⁴²³. Coutinho, e alguns dos seus companheiros, estavam cientes da importância da palavra escrita enquanto instrumento de militância. Assim, em 1898, solicitou, “*aos colegas da imprensa socialista*”, o envio dos jornais por eles dirigidos, “*para interesse do ideal que advogamos e para boa orientação dos companheiros em geral (...)*”.

⁴²⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 11/09/1898. p. 4.

⁴²¹ De acordo com o ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/10/1898. p. 3; 13/11/1898. p. 4; 01/01/1899. p. 3; 03/09/1899. p. 3; 08/01/1899. p. 4; 02/04/1899. p. 4 e 15/01/1899. p. 4; respectivamente.

⁴²² Petersen, embora referindo-se à imprensa anarquista, caracteriza bem esta “*rede*”: “*Observa-se que a rede de colaboradores e correspondentes dos jornais anarquistas parece ter sido densa e participante em jornais de diferentes pontos do país. (...) Verifica-se também que era intensa a circulação dos jornais operários, mesmo considerando seu caráter efêmero e de pequena tiragem: além dos próprios assinantes, os jornais eram enviados às redações dos ‘co-irmãos’, às associações operárias e a outras entidades não necessariamente operárias como bibliotecas públicas, clubes recreativos e musicais, etc.*”. PETERSEN, Sílvia R. F. “*Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*”. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre, UFRGS, nº 3, maio de 1995. p. 145. O “*Echo*” tinha uma tiragem de 500 exemplares.

⁴²³ JARDIM, Jorge L. P. “*Comunicação e militância...*”, *op. cit.*, p. 245.

Acrescentava ainda: “*outrossim, muito agradeceremos todas as indicações de jornais socialistas, pois desconhecemos a direção de muitos com quem desejaríamos estabelecer permuta*”⁴²⁴.

No mesmo sentido, o colaborador Gonçalo Calvo valeu-se de uma comparação com a Europa para reforçar o seu argumento:

*“Não é preciso pôr em relevo o valor que a imprensa dá a uma classe para o seu progresso moral e material, pois que isto é bastante conhecido dos próprios operários e artistas. Na culta Europa, eles sabem muito bem o quanto a sua imprensa tem concorrido para benefício das classes proletárias; e aí está a razão porque lá existem jornais diários, de primeira ordem e que pesam sensivelmente no conceito público e dos governos”*⁴²⁵.

A folha rio-grandina ocupou, então, um lugar de destaque na história do movimento operário brasileiro. Este fato só pode ser devidamente explicado pela grande dedicação do seu diretor que buscava, através da palavra escrita, agitar o operariado local em prol da “*causa nobilitadora*” do socialismo.

Depois de tentar, sem sucesso, diversas soluções (apelos aos operários, redução da periodicidade, abolição do sistema de assinaturas) para os problemas financeiros do jornal, Coutinho deixou de editá-lo em 1901. Continuou, porém, a pregar suas idéias em diversos outros periódicos. Assim, por exemplo, foi responsável pela “*Seção Operária*” do “*O Artista*”, órgão auto-definido como liberal e defensor dos interesses dos trabalhadores⁴²⁶. Publicou também no “*A*

⁴²⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 11/09/1898. p. 4.

⁴²⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 24/10/1897. p.p. 3-4.

⁴²⁶ PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. “*As origens de ‘O Artista’ (1862-63)*”. In: ALVES, Francisco das Neves e TORRES, Luiz Henrique (org). **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande, URG/SMEC, 1995. p. 121. Encontrei indícios da colaboração de Coutinho com este periódico em 1900, 1901, 1903 e 1908. O personagem apresentou a “*Seção Operária*” da seguinte forma: “*Aparece (...) esta seção, para defender os nobres filhos do trabalho quando perseguidos injustamente, quando lesados nos seus interesses e, sobretudo, para doutrinar e instruir o operariado*

Regeneração” um artigo apologético dedicado a Allan Kardec⁴²⁷. Colaborou igualmente com a revista pelotense “*O Diabo*”⁴²⁸. Em 1906, atuou como redator do “*O Proletário*”, que estaria numa fase de transição entre o socialismo e o anarquismo⁴²⁹. No ano seguinte, assinou a coluna “*Pelos Operários*” no “*O Tempo*”, o qual se apresentava, em seu primeiro número, como “*imparcial, sem ligações políticas ou religiosas de espécie alguma (...)*”⁴³⁰. Em 1909, escreveu alguns textos para o “*Diário do Rio Grande*” na já referida polêmica com Clovis Dael sobre a existência de Deus⁴³¹.

que muita e muita instrução precisa para que possa, conscientemente, lutar pelos seus direitos políticos e sociais” (O ARTISTA. Rio Grande, 20/01/1900. p. 1.).

⁴²⁷ A REGENERAÇÃO. Rio Grande, 01/04/1901. p.p. 1-2.

⁴²⁸ O personagem aparece na lista dos colaboradores da revista O DIABO. Pelotas, 05-08-1905. Não localizei, porém, nenhum artigo de sua autoria nesta publicação, que tinha como redator Alfredo Luiz Chapon Storni.

⁴²⁹ JARDIM, Jorge L. P. “*Comunicação e militância...*”, *op. cit.*, p. 70. “*O Proletário - Defensor das classes trabalhadoras*” circulou entre 1904 e 1906 e era órgão do “*Club Socialista*” (PETERSEN, Sílvia R. F. “*Guia para o estudo...*”, *op. cit.*, p. 75.). Segundo Curvêllo de Mendonça, sua concepção era socialista reformista (MENDONÇA, M. Curvêllo de. “*O movimento socialista no Brasil*”. **Almanaque Brasileiro Garnier**. Rio de Janeiro, Livraria Americana, 1906. p. 212.). O mesmo autor havia ressaltado, num artigo anterior, que Coutinho seguia a orientação “*libertária*” (!) (MENDONÇA, M. Curvêllo de. “*O movimento socialista no Brasil*”. **Almanaque Brasileiro Garnier**. Rio de Janeiro, Livraria Americana, 1905. p. 275.). No jornal rio-grandino, escrevia a professora e literata Agostina Guizzardi, adepta do anarquismo (O PROLETÁRIO. Rio Grande, 28/01/1906. p. 2.).

⁴³⁰ O TEMPO. Rio Grande, 01/12/1906. p. 1. Contudo, em 1909, o jornal tornou-se “*Órgão do Partido Republicano Federalista*”. Coutinho publicou sua coluna em 1907, que saía com a observação “*Sem solidariedade da redação d' 'O Tempo'*”. Ver: O TEMPO. Rio Grande, 21/05/1907. p. 1; 23/05/1907. p. 1; 29/05/1907. p. 1; 01/06/1907. p. 1 e 18/06/1907. p. 1.

⁴³¹ O “*Diário do Rio Grande*” circulou entre 16/10/1848 e 19/10/1910. Segundo Alves, o mesmo surgiu “*(...) com um objetivo principal, que marcaria sua longa existência - a preocupação com a informação. Com esse intento, o jornal buscou satisfazer os elementos ligados à atividade econômica básica da cidade, naquele momento, o comércio. Representando a nova tendência do jornalismo da época, que opinava de forma mais velada, preocupando-se mais com a informação/descrição do que com a opinião/análise, o 'Diário' apesar de ter passado por algumas alterações em sua linha editorial (...), manteria, em linhas gerais, aquela característica (...)*”. ALVES, Francisco das N. “*1848: a cidade do Rio Grande e o surgimento do 'Diário do Rio Grande'*”. In: ALVES, Francisco das N. e TORRES, Luiz H. “*A cidade do Rio Grande...*”, *op. cit.*, p. 88.

Por estes dados⁴³², é possível perceber que o personagem, depois do encerramento do “*Echo*”, continuou desenvolvendo sua atividade jornalística em publicações com linhas editoriais diversificadas: espírita, operária ou ligada à “*imprensa burguesa democrata*”⁴³³. Tal fato, por um lado, aponta para o ecletismo da produção de Coutinho, o que permitia a sua divulgação através de diferentes canais e, por outro, revela o desejo do mesmo de ocupar todas as brechas onde fosse possível veicular seu pensamento. Neste sentido, em 1907, na sua coluna n’ “*O Tempo*”, ele escreveu:

“Voltando à atividade da propaganda, não trazemos paixão de credo algum político ou religioso, pois somos eclético e revolucionário, insubordinável a quem quer que seja e sempre disposto a aceitar no dia seguinte a verdade que não conheçamos na véspera.

O nosso fim é inteiramente utilitário, visa o despertar e educação social das classes operárias, até o presente tão indiferentes aos próprios interesses (...).”⁴³⁴

Ou seja, Coutinho parece ter sido um *opinante compulsivo*, ansioso por expressar seus posicionamentos, mesmo que isso implicasse em transigir com a coerência. Sua “*paixão*” era ser livre para dizer o que pensava...

Os jornais foram, portanto, espaços privilegiados da “*santa cruzada*”⁴³⁵ do militante em favor do operariado. Já no final da vida, ao rememorar seu passado de lutas, ele afirmou: “*a imprensa foi minha grande colaboradora. Pelas colunas do ‘O Tempo’, ‘Eco do Sul’, ‘Diário do Rio Grande’, ‘Éco Operário’, esse último*

⁴³² O levantamento realizado é indiciário e visa demonstrar a significativa militância de Coutinho na imprensa rio-grandina. Infelizmente, não consegui localizar nenhuma colaboração do personagem com jornais de Jaguarão.

⁴³³ Expressão de Coutinho. ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 05/07/1899. p. 1.

⁴³⁴ O TEMPO. Rio Grande, 23/05/1907. p. 1.

⁴³⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1898. p. 2.

*fundado por mim, defendi exaustivamente, ponto por ponto, o programa traçado para o bem estar da classe operária*⁴³⁶.

Coerentemente com sua postura socialista-reformista, Coutinho também atuou na política partidária municipal. Afinal, na virada do século XIX, tal ideologia apontava *“(...) para a ação política como principal meio de luta, tendo como principal instrumento o partido operário (...)*⁴³⁷.

Esta perspectiva era respaldada pelo redator do *“Echo”*. De acordo com ele: *“para conseguirmos a igualdade, é preciso conquistarmos o poder político*⁴³⁸.

Assim, ainda no início de 1898, o jornal já divulgava as articulações visando o estabelecimento de um partido socialista em Rio Grande. No artigo *“Definamo-nos”*, afirmava-se:

“(...) a Questão Social é uma questão política, porque, sendo a Economia uma das bases sobre a qual assentam as nossas reivindicações, e sendo esta dependente daquela, o socialismo tem forçosamente que principiar pela conquista do poder político para assim chegar ao terreno das reformas econômicas alvo das nossas aspirações reivindicadoras.

(...) o ‘Echo Operário’, de hoje para o futuro, reclama o seu lugar na sua qualidade de órgão dum futuro partido que, ninguém o ignora, está em via de organização nesta cidade e já na capital do Estado lançou manifesto - o Partido Socialista.

É preciso pois que a classe operária tenha um órgão pelo qual manifeste a sua opinião, apoiando ou reprovando os atos governativos, até que organizada em partido possa também mandar ao Parlamento e

⁴³⁶ O TEMPO. Rio Grande, 22/05/1940. p. 1.

⁴³⁷ BATALHA, Claudio H. M. *“A difusão do marxismo...”*, op. cit., p. 15.

⁴³⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/01/1898. p.p. 1-2.

*Câmaras quem de viva voz faça sentir aos representantes da burguesia que a maioria da nação não é solidária com os seus desmandos e que responsabilizarão aos autores por todos os erros cometidos*⁴³⁹.

Neste trecho, percebe-se que o autor inverteu a perspectiva marxista da determinação infra-estrutural (base econômica) sobre a superestrutura política. Tal postura demonstra, mais uma vez, que suas concepções partiam, principalmente, de fontes como as teorias reformistas de Malon e as táticas dos partidos socialistas alemão e francês.

No dia do trabalho daquele mesmo ano, foi lançado o “*Manifesto*” e o “*Programa mínimo*” da seção local do Partido Socialista Rio-Grandense, em concordância com as resoluções votadas no Primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul, realizado em janeiro. Assinavam o documento quarenta “*socialistas convictos*”, entre os quais Coutinho⁴⁴⁰.

Logo este partido enfrentaria sua primeira prova: a eleição para a vaga do Conselho Municipal aberta pela renúncia de um dos conselheiros. O candidato lançado foi o jornalista e advogado Rodolfo Gomes, membro do Partido Federalista. Sua indicação não agradou todos os socialistas rio-grandinos. Assim, na primeira assembleia da nova agremiação, realizada em 24 de julho de 1898, tendo Antenor Inácio da Silva como presidente e Coutinho como secretário, Álvaro da Silva declarou que não concordava

“(...) com a eleição do candidato proposto pelo nosso Partido, segundo declaração da imprensa diária, por ser o proposto estranho ao

⁴³⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 20/02/1898. p. 1.

⁴⁴⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1898. p.p. 2-3. O Partido Socialista do Rio Grande do Sul foi fundado na capital do estado em 1897. PETERSEN, Sílvia R. F. e LUCAS, Maria E. “*Antologia...*”, *op. cit.*, p. 89.

*nosso Partido e conforme declaração feita em tempo pelo proposto, de que não podia declarar-se socialista. Diz que não concorda, porque temos no Partido quem possa ocupar o lugar com toda a dedicação e dignidade sem recorrermos a estranhos*⁴⁴¹.

O secretário, porém, defendeu a indicação de Gomes, seu *“particular amigo”*⁴⁴² desde os tempos d’ *“O Operário”*, com quem ainda comungava da crença no espiritismo kardecista. Rebatendo as declarações de que o candidato era ligado a um *“partido burguês”*, Coutinho procurou sustentar que o mesmo possuía uma *“alma socialista”*. Neste sentido, escreveu sobre ele: *“Não é um socialista coligado, nunca fez declaração desses princípios, o que com sentimento dizemos; mas no íntimo da alma onde se lê como em livro aberto, e nos seus atos para com a classe [operária], ele tem provado à saciedade que é socialista”*⁴⁴³. Ou então: *“Se o escolhemos, foi porque todas as suas manifestações públicas e particulares traduzem fielmente um coração socialista (...)”*⁴⁴⁴.

Porém outros argumentos mais racionais também embasavam a sua defesa da candidatura de Gomes. Coutinho reconhecia o caráter reformista das propostas do Partido, pelo menos naquele estágio da evolução social, o que permitia a sua combinação com outras forças políticas: *“o nosso programa, por enquanto, pode fazer parte do de qualquer partido liberal, não exige por essa razão a incompatibilidade do nosso candidato com o partido em que milita (...)”*⁴⁴⁵. Desta forma, a filiação de Rodolfo Gomes ao partido de Gaspar Silveira Martins não era vista como um obstáculo para a sua indicação, pelos socialistas, ao cargo de

⁴⁴¹ Ata transcrita no ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 14/08/1898. p.p. 2-3.

⁴⁴² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 17/07/1898. p. 3.

⁴⁴³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 04/09/1898. p. 1.

⁴⁴⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 11/09/1898. p.p. 1-2.

⁴⁴⁵ *Id. ibid.* Grifo meu.

conselheiro municipal. Ainda mais que os federalistas colocavam-se no campo oposto ao do Partido Republicano Rio-Grandense, situacionista, sobre o qual o “*Echo*” afirmou: “(...) *este todos o sabem, vive desgostoso com os atos pouco edificantes dos seus chefes que os condenou a aturar um maníaco [refere-se ao intendente] e que a cidade retrograda com a administração municipal que tem tido*”⁴⁴⁶.

Novamente Coutinho misturou questões públicas e privadas, ideológicas e sentimentais, para tomar suas decisões políticas. Para ele, não era incompatível que um partido “*essencialmente operário*”⁴⁴⁷ indicasse Gomes como candidato, “(...) *embora não seja um assalariado, embora não seja um operário manual*”⁴⁴⁸.

Além disso, como afirma Batalha, nesse momento os socialistas brasileiros justificavam a necessidade do partido operário tendo como perspectiva um certo “*oportunismo eleitoral*”. Desta forma, o principal objetivo era “(...) *possibilitar a eleição de ‘verdadeiros representantes’ dos trabalhadores para o poder legislativo*”⁴⁴⁹. O candidato ao Conselho foi caracterizado por seu amigo como “*verdadeiro representante do proletariado*”⁴⁵⁰, que tinha ainda a vantagem adicional de possuir “*simpatias em todos os partidos*”⁴⁵¹, o que talvez lhe facilitasse a vitória.

A eleição mobilizou os socialistas rio-grandinos, especialmente Coutinho. Este, através de seu jornal, fazia propaganda do candidato, orientava os

⁴⁴⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 28/08/1898. p. 1.

⁴⁴⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 11/09/1898. p.p. 1-2.

⁴⁴⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 04/09/1898. p. 1.

⁴⁴⁹ BATALHA, Claudio H. M. “*A difusão do marxismo...*”, *op. cit.*, p. 17.

⁴⁵⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 04/09/1898. p. 1.

⁴⁵¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1899. p. 1.

eleitores sobre a obtenção dos títulos, indicava os locais de funcionamento das mesas de votação e, no dia do pleito, foi encarregado, junto com outros militantes, de fornecer chapas com o nome de Rodolfo Gomes e de fiscalizar as mesas⁴⁵².

O personagem parece ter transferido toda a sua energia para este evento.

Afinal, de acordo com suas palavras:

“A eleição municipal do dia 6 de setembro de 1898, é o início da luta titânica que as classes oprimidas têm que sustentar contra as opressoras; luta terrível, sem quartel é verdade; mas cheia de glórias, cheia das fulgurações cintilantes dos raios da Justiça, para os heróis desta cruzada bendita onde não se lutará pela conquista dum poder efêmero ou dum sepulcro sagrado; mas sim da conquista da Liberdade, da Justiça e da Fraternidade, que serão os coveiros dessa outra trindade burguesa, - a escravidão, a infâmia e o egoísmo”⁴⁵³.

Esta citação revela que, para além do “oportunismo eleitoral”, o autor também concebia o partido operário como um instrumento de transformação, de luta a longo prazo contra os opressores, de conquista gradual do poder político⁴⁵⁴. Tal perspectiva reforçava a sua auto-imagem de “Representante da Revolução Social”, de herói duma “cruzada bendita”.

Entretanto, apesar do empenho e da animação, as expectativas dos socialistas rio-grandinos acabaram frustradas. Das seis seções eleitorais que funcionariam na cidade, só duas foram constituídas, devido à ausência dos mesários, “quase todos republicanos”. Além disso, por terem sido informados incorretamente sobre o local onde deveriam votar, quatro cidadãos deixaram de sufragar o

⁴⁵² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 04/09/1898. p. 1.

⁴⁵³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 11/09/1898. p. 1.

⁴⁵⁴ BATALHA, Claudio H. M. “A difusão do marxismo...”, *op. cit.*, p.p. 17 e 19.

candidato. Por fim, a própria natureza, “(...) *como que pactuando com os burgueses (...)*”, parece ter conspirado contra o pleito, pois uma chuva torrencial impossibilitou a ida às urnas de muitos cidadãos “(...) *que ainda não estão bastante convencidos da necessidade que há de manifestarem-se publicamente socialistas; pois do contrário, não haveria tempo que os estorvasse*”. Desta forma, dos cem votos dados como certos, Rodolfo Gomes só recebeu vinte e cinco. Porém, de acordo com o “*Echo*”:
*“Em razão de não haver oposição o nosso candidato está legalmente eleito, e dentro em breve deverá entrar no exercício do seu espinhoso cargo, onde temos a certeza fará todo o possível por fazer vingar o nosso programa, que não é senão um pálido reflexo das muitas e grandiosas aspirações do nosso grandioso ideal socialista”*⁴⁵⁵.

Esta interpretação não foi respaldada pelo Conselho, que deixou de realizar a contagem dos votos, tarefa que legalmente lhe cabia. Tal fato motivou protestos indignados por parte de Coutinho: “(...) *o que se deduz do procedimento do Conselho é que não lhes convinha que o nosso representante assistisse à discussão do orçamento, por motivos que desconhecemos, mas que se patenteiam claramente no ato do adiamento da apuração*”⁴⁵⁶.

Para resolver o impasse, o Partido Socialista consultou o Presidente do Estado a respeito do caso. Este último respondeu, através da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior e Exterior, que a decisão final cabia aos conselheiros, pois não havia nenhuma disposição legal “(...) *sobre a nulidade de uma eleição por motivo de comparecimento insignificante de votantes (...)*”. Insinuava, porém, que “(...) *no caso ocorrente, na maioria das seções ou mesas eleitorais, não houve*

⁴⁵⁵ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 11/09/1898. p. 1.

⁴⁵⁶ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 23/10/1898. p. 1.

*eleição tendo, portanto, deixado de ser observadas as instruções aplicáveis e que o cidadão, sufragado por 30 votos [sic], não pode pretender representar o município*⁴⁵⁷.

Coutinho comentou a resposta com sarcasmo, revelando uma compreensão muito clara dos elementos que moldavam a política gaúcha na Primeira República:

“O Sr. Presidente sabe perfeitamente a espécie de gente que tem ao seu serviço, para compreender que aquela insinuação é uma ordem e que a eleição será anulada.

.....

*Operários! vêde bem o quanto é desprezada a vossa opinião, apreciái calmamente o que se está passando e dizei se vale a pena perderes um dia para irdes às urnas levar o vosso voto para eleger homens que não são senão escravos dum partido, que não têm opinião nem vontade porque são escravos dum interesse vil - o personalismo*⁴⁵⁸.

Em janeiro de 1899, o Conselho Municipal de Rio Grande efetivamente oficializou o cancelamento das eleições. Coutinho ainda participou da comissão encarregada de interpor um último recurso ao Presidente do Estado, contra o “*arbitrário ato*”. Esta solicitação, ao que tudo indica, não obteve resposta positiva⁴⁵⁹.

⁴⁵⁷ O documento, assinado por João Abbot, foi transcrito pelo ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1899. p. 2.

⁴⁵⁸ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1899. p. 1.

Na República Velha, o governo do Rio Grande do Sul pautava-se pela filosofia positivista, que considerava o voto como instrumento de concepções metafísicas ultrapassadas. Esta postura anti-liberal levava o Estado a assumir uma feição “*autoritária e paternal*” em relação aos municípios: “*não eliminava, nem poderia, a força dos potentados locais, mas a mantinha permanentemente sob controle, daí a importância de o governo ter o controle dos conselhos municipais como garantia e escudo de sua ação*”. FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987. p.p. 74 e 76.

⁴⁵⁹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 22/01/1899. p.p. 1-2.

No início deste ano, como já foi mencionado, o personagem cedeu gratuitamente ao Partido os direitos de propriedade do seu jornal, para que o mesmo, “*mais desassombradamente*”, pudesse

“(...) defender os direitos da classe operária e do proletariado em geral, contra a prepotência do capital e do seu governo, patenteada na solução dada à consulta que lhe foi feita pelo conselho municipal e que é um insulto atirado às faces do proletariado representado nos eleitores que concorreram às urnas na eleição de 6 de setembro próximo passado”⁴⁶⁰.

Pouco tempo depois, o periódico divulgou o “*Projeto de estatuto-regulamento do Partido Socialista*” que, de certa forma, oficializava e regulamentava algumas práticas e concepções vigentes nesta agremiação. Por exemplo:

[Organização]

Art. 1 - O Partido Socialista será constituído de todas as pessoas que façam formal declaração de adesão ao seu programa e método de ação, não importa a sua posição social nem o lugar de residência, contanto que cumpram os preceitos fundamentais do programa.

.....

Art. 3 - Serão excluídos do partido todos os indivíduos que façam pacto ou aliança com outros partidos ou seus candidatos, salvo quando estejam autorizados a isso por voto geral da assembléia.

.....

[Fins do Partido]

Art. 1 - A organização do Partido Socialista nesta cidade tem por fim agremiar todos os operários ou não operários sob o mesmo ponto de vista que é a reforma da sociedade capitalista-burguesa, substituindo-a pelo regime da propriedade coletiva em conformidade com as instruções da História e segundo os processos da moderna sociologia ensinada por

⁴⁶⁰ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/01/1899, p. 1.

*Carlos Marx, devendo para isso procurar apossar-se do poder político, para o que pleiteará todas as eleições a lugares públicos*⁴⁶¹.

Estes artigos evidenciam a idéia de que o caráter socialista do Partido era dado por seus princípios e não pela inserção de classe dos indivíduos a ele filiados. Tal postura ajustava-se à realidade da agremiação, que indicou um advogado e jornalista, membro do Partido Federalista, para o cargo de conselheiro. Contudo, ao fazer propaganda dos candidatos socialistas, o redator do “*Echo*” alertou que os operários deveriam “(...) *sufragar nomes de irmãos de trabalhadores que saibam quanto custa a vida a quem vive do salário (...)*”⁴⁶².

Logo começaram os preparativos para a próxima eleição, na qual seriam escolhidos os novos intendente e conselheiros. Porém, outros problemas, desta vez de ordem interna, dificultavam a organização dos socialistas rio-grandinos. Inicialmente, verifica-se o progressivo isolamento de Coutinho, em virtude das saídas de Julio Leite, de Antenor Inácio da Silva e de Ricardo Doni, “(...) *três dos mais dedicados companheiros (...)*”. O primeiro imaginava que, por trás deste fato, existia uma conspiração contra o jovem Partido. Segundo ele, “(...) *alguém houve que preparou muito propositalmente esta trama onde pouco a pouco pensam sepultar o Partido Socialista e a União Operária que é um espectro medonho para a burguesia*”⁴⁶³.

Além disso, em setembro, ocorreu o já referido conflito com a diretoria da União, que deixou de emprestar suas salas para a realização de reuniões partidárias.

⁴⁶¹ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 22/01/1899. p.p. 3-4. Grifos meus.

⁴⁶² ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/01/1899. p. 1.

⁴⁶³ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 30/07/1899. p. 2.

No mês seguinte, o personagem escreveu mais uma vez sobre os problemas que dificultavam o avanço do socialismo em Rio Grande:

“O Partido Socialista, nesta cidade, segue a ordem inversa às leis do progresso - anda para trás em lugar de seguir avante.

Alguma catequização burguesa, pensamos nós, conseguiu arrancar-nos alguns elementos que, como é fácil de supor, pouco valiam, do contrário nada os faria recuar.

Em vista disso, julgamos de necessidade pôr de aviso aos companheiros dedicados, para que não se admirem se qualquer destes dias lerem alguma notícia pouco agradável a nosso respeito.

Dissemo-lo sempre: ‘Seremos francos até contra nós’, e havemos de cumprir a nossa palavra, custe o que custar.

Esperem⁴⁶⁴.

Pelo tom raivoso do texto, é possível pensar que o esvaziamento do Partido Socialista pode estar relacionado, ao menos parcialmente, com as desavenças pessoais de Coutinho. Este preferia explicar o fato a partir de uma “catequização burguesa”, que buscava cooptar seus “fracos” companheiros, desviando-os do caminho da “sublime doutrina”.

Contudo, apesar dos obstáculos citados, o Partido lançou chapa ao pleito realizado em 1900. Nela, Rodolfo Gomes foi indicado para intendente e Coutinho aparece na nominata para o Conselho Municipal. Desta vez, os socialistas foram derrotados pelos candidatos do Partido Republicano Rio-Grandense. Os mapas das mesas eleitorais indicam a ocorrência de fraude pois, em todos, consta exatamente o

⁴⁶⁴ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 29/10/1899. p. 3.

mesmo número de votos para cada chapa, sendo que os republicanos obtiveram a maioria esmagadora (764 para o PRR e 13 para o PS)⁴⁶⁵.

Novamente os problemas internos do Partido conjugaram-se com a estrutura política oligárquica vigente na Primeira República para determinar a derrota do primeiro. Neste contexto, de acordo com Félix, verificava-se, por parte do governo gaúcho, um *“menosprezo pelo sistema representativo”*, manifesto na *“(…) legislação eleitoral que tendia a favorecer as fraudes com a manipulação das eleições e a manutenção do sistema estabelecido (...)”*⁴⁶⁶. Os membros do Partido Socialista de Rio Grande tinham consciência do problema e, por isso, entre as propostas do seu *“Programa mínimo”*, constava a exigência de *“(…) severas medidas contra a fraude da vontade popular nas eleições”*⁴⁶⁷.

Segundo Loner, com as dificuldades enfrentadas nos pleitos de 1898 e de 1900, os socialistas rio-grandinos abandonaram, ao menos temporariamente, a estratégia da conquista eleitoral do poder político e abraçaram, com mais veemência, a tarefa de conscientização do operariado⁴⁶⁸. Assim, a última referência que encontrei nas fontes ao Partido Socialista local data de 1902⁴⁶⁹.

⁴⁶⁵ CORREIO MERCANTIL. Pelotas, 16/05/1900. A nominata completa do Partido Socialista para o Conselho municipal foi a seguinte: Antônio Guedes Rodrigues Coutinho (*“operário alfaiate”*); Carlos Schmidt Jr. (*“operário mecânico”*); Angelo Caldonazzi (*“operário tecedor”*), Lufredio Lopes (*“operário mecânico”*), Amador Silva (*“operário tipógrafo”*), Luiz José de Abreu (*“operário alfaiate”*) e Augusto de Souza Freitas (*“operário barbeiro”*). Esta lista reforça a idéia de que, na virada do século XIX, os socialistas rio-grandinos forjaram a sua identidade sobretudo a partir do trabalho.

⁴⁶⁶ FÉLIX, Loiva O. *“Coronelismo...”*, *op. cit.*, p. 74-75.

⁴⁶⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1898. p.p. 2-3.

⁴⁶⁸ Esta é a conclusão provisória da pesquisa de Beatriz Loner sobre o movimento operário pelotense e rio-grandino, em andamento no CPG em Sociologia da UFRGS.

⁴⁶⁹ DIÁRIO POPULAR. Pelotas, 07/05/1902.

Coutinho, entretanto, talvez *remando contra a maré*, continuou defendendo a participação dos operários na vida política. Em 1907, ele escreveu:

"Bastaria um rápido golpe de vista sobre os manifestos, plataformas e outros documentos fascinadores atirados por essa raça de sanguessugas nas vésperas de eleições ou da abertura dos parlamentos, para que os operários - se não fossem, como reconhecemos, ignorantes e indiferentes das questões que mais lhes interessam - negassem por completo o seu apoio para àqueles que lhe pedissem o voto, único direito - e esse mesmo bastante restrito - que lhes reconhecem os legisladores, mais por necessitarem dele para encobrirem a espoliação de que fazem vítima o pobre povo, do que por lhe darem qualquer coisa de útil para a manifestação do pensamento.

.....

(...) se quereis votar, se quereis fazer valer o vosso direito, sem medo de contribuirdes para o vosso mal, organizai partido próprio - fazei-vos exército defensor dos vossos interesses - porque só assim podereis deixar de arrepender-vos⁴⁷⁰.

Todas estas considerações sobre a militância de Coutinho - nas sociedades operárias, na imprensa e no Partido Socialista - permitem relativizar uma idéia presente na historiografia sobre o movimento operário brasileiro, qual seja, a de que os portugueses seriam *fura-greves* e avessos à participação política nos sindicatos e nas lutas dos trabalhadores⁴⁷¹. Pelo menos no caso do personagem examinado, tal generalização não encontrou respaldo empírico⁴⁷². Afinal, o mesmo

⁴⁷⁰ O TEMPO. Rio Grande, 01/06/1907. p. 1. Não encontrei nenhuma outra referência à participação de Coutinho em eleições municipais depois de 1900.

⁴⁷¹ Ver, por exemplo: FAUSTO, Boris. *"Trabalho urbano..."*, *op. cit.* e MARAM, Sheldom Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. Algumas fontes respaldam esta perspectiva como, por exemplo, as memórias de Evaristo de Moraes, que vivenciou o movimento operário no Rio de Janeiro. Segundo ele, o português é o *"(...) pior grevista, no sentido da falta de tenacidade. (...) Em se demorando a solução para o conflito, não se devia contar com ele. Empolga-o a nostalgia do trabalho"*. *Apud*: CARONE, Edgar. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo, Ática, 1989. p.p. 45-46.

⁴⁷² Outras pesquisas também apontam para a participação dos portugueses no movimento operário, em diversas regiões do país. Ver: MATOS, Maria Izilda Santos de. **Em busca da árvore das patacas: o**

foi um dos líderes do operariado da região sul do estado, participando ativamente de suas entidades e manifestações.

Nesta seção, analisei a atuação de Coutinho no movimento operário gaúcho a partir da perspectiva do cotidiano. Procurei, assim, demonstrar a íntima relação existente entre, por um lado, as formas institucionais/políticas/racionais da militância do personagem (associações, congressos, greves, imprensa, partido, etc.) e, por outro, os afetos, experiências, incidentes e embates que tinham lugar no seu dia-a-dia.

Isso fica claro, por exemplo, na polêmica com Francisco Xavier da Costa, onde se mesclaram questões ideológicas e pessoais; ou nas dificuldades de sua vida particular, que determinaram o fechamento do “*Echo*”; ou ainda no peso que a sua amizade com Rodolfo Gomes teve no apoio dado à candidatura deste último.

Acredito que a história operária muito tem a ganhar com o estudo destes fatos *miúdos*, destes acontecimentos singulares, destas tramas aparentemente insignificantes. Elas ajudam a explicar, entre outras coisas, por que um indivíduo como Coutinho entregava-se *de corpo e alma* à causa socialista. Afinal, a militância

cotidiano e o trabalho de homens e mulheres imigrantes portugueses no Brasil, 1890-1930. Anotações da comunicação proferida no XVII Simpósio Nacional de História: história e utopias. São Paulo, ANPUH, 1993 (para o caso das cidades de São Paulo e Santos); RIBEIRO, Gladys Sabina. **Mata galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha.** São Paulo, Brasiliense, 1990 (tratando do Rio de Janeiro) e XERRI, Eliana G. “*Uma incursão...*”, *op. cit.* (abordando a cidade de Rio Grande).

inundava todos os espaços de sua existência - públicos e privados -, conferindo-lhe uma identidade própria (a de *“Representante da Revolução Social”*) e dando-lhe, igualmente, a esperança de um futuro melhor. Nas associações, nas redações dos jornais, no partido, o personagem não apenas fazia política mas também encontrava amigos, expressava idéias e sentimentos, divertia-se e estudava, vivia enfim.

Portanto, é possível dizer que a militância foi o elemento central da sua vida cotidiana⁴⁷³; não pelo espaço de tempo dedicado a tal atividade (restrito às noites e aos domingos⁴⁷⁴), mas pela energia nela concentrada. Coutinho homogeneizou seus esforços na práxis social e política, o que lhe permitiu obter ganhos de consciência⁴⁷⁵ e possibilidades de atuação sobre o cotidiano individual e coletivo⁴⁷⁶.

O principal instrumento de sua luta foi a palavra, escrita ou falada. Segundo Gonçalves Barreto, ele aproveitava todas as oportunidades para abordar *“(...) as questões que se possam dirimir pela discussão nas reuniões, na imprensa ou na palestra”*⁴⁷⁷. Nesta tarefa, muitas brigas foram compradas, muitos desafetos apareceram. Afinal, o militante achava-se incumbido de uma missão quase divina:

⁴⁷³ Como ressaltai no item 1.3, considero, seguindo o pensamento de Agnes Heller, que o cotidiano possui uma hierarquia interna, social e historicamente determinada. De acordo com a filósofa húngara, *“(...) a significação da vida cotidiana, tal como seu conteúdo, não é apenas heterogênea, mas igualmente hierárquica. Todavia, diferentemente da circunstância da heterogeneidade, a forma concreta da hierarquia não é eterna e imutável, mas se modifica de modo específico em função das diferentes estruturas econômico-sociais”*. HELLER, Agnes. *“O cotidiano...”*, op. cit., p. 18. No cotidiano de Coutinho, a militância parece ter sido o conteúdo mais importante.

⁴⁷⁴ Coutinho afirmou, por exemplo, que o *“Echo”* era preparado à noite (ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 25/09/1898. p. 2.). Já as reuniões da União Operária e do Partido Socialista, segundo os convites publicados pelo mesmo jornal, normalmente aconteciam nos domingos.

⁴⁷⁵ Um exemplo destes *“ganhos de consciência”*: depois dos problemas ocorridos na eleição de 1898, Coutinho detectou com bastante clareza os mecanismos clientelistas que regiam a política gaúcha na Primeira República.

⁴⁷⁶ Ao participar, por exemplo, da organização do *“meeting”* contra o aumento do preço da carne; manifestação que poderia levar a uma melhora das condições de vida dos trabalhadores rio-grandinos.

⁴⁷⁷ ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 09/10/1898. p. 2.

“*derramar a luz*” sobre os seus companheiros. De acordo com o jornal português “*A Luz do Operário*”,

“(…) é preciso derramar muita luz, é preciso que os socialistas não se cansem da tarefa, que a si mesmo impuseram; façam propaganda em jornais, abram escolas de ensino livre, publiquem panfletos, celebrem palestras, conferências, tudo enfim, que seja derramar luz, porque o povo o que carece é disso, e terão prestado benefícios importantes à humanidade”⁴⁷⁸.

Coutinho parece ter seguido a risca estas prescrições e, para isto, utilizou-se de todos os meios ao seu alcance.

Hobsbawm, referindo-se ao sindicalismo na virada do século, afirmou que este implicava um “(…) tipo humano que era, ao mesmo tempo, agitador, pedagogo, jornalista, dramaturgo, profeta, animador cultural”⁴⁷⁹. Tal caracterização, embora formulada para outro contexto, ajusta-se perfeitamente ao personagem aqui examinado.

Por fim, espero que estas colocações possam contribuir para um repensar das fronteiras estabelecidas na historiografia sobre o operariado, entre uma tendência tradicionalmente preocupada com os sindicatos, as orientações ideológicas, as reivindicações formalizadas, etc. e outra do cotidiano, que examina a vida fora das fábricas, os mecanismos informais de dominação e resistência, etc.. Penso ter deixado claro que esta dicotomia não é procedente, pelo menos quando se estuda a

⁴⁷⁸ Transcrito pelo ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 09/10/1898. p. 3.

⁴⁷⁹ HOBBSAWM, Eric. *Apud*: PETERSEN, Sílvia R. F. “*Cruzando fronteiras...*”, *op. cit.*, p. 134.

primeira geração de militantes gaúchos. Nela, misturavam-se, em doses diversas, racionalidade e paixão, público e privado, cotidiano e não-cotidiano⁴⁸⁰.

⁴⁸⁰ Sobre esta discussão, ver: TENFELDE, Klaus. *"A história dos trabalhadores entre história estrutural e história do cotidiano: pesquisas na República Federal da Alemanha"*. In: NEVES, A. A. B. e GERTZ, R. E. (org.). *A nova historiografia alemã*. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS-Goethe/Instituto Cultural Brasileiro-Alemão, 1987. Segundo o autor, *"existem às vezes razões pragmáticas e de economia de trabalho para tratar história operária e história do movimento operário em separado, e a relação entre ambas não é de maneira alguma obrigatória no sentido de unilinearidade e de relação causal unidirecional. Desprezar a relação ou mesmo negá-la, significaria, porém, abrir mão de possibilidades de conhecimento fundamentais"* (p.p. 72-73).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(ou Coutinho “*post-mortem*”)

Diversos discursos sobre Coutinho foram produzidos após a sua morte em 1945.

A historiografia destacou, sobretudo, a participação do personagem no movimento operário rio-grandino. Petersen, por exemplo, considera comovente a “(...) sua entrega à causa do socialismo e sua preocupação em desenvolver a consciência de classe entre seus companheiros (...)”¹.

Os sócios da União Operária desta cidade também preservaram a memória do *Coutinho militante*. No túmulo do último, existe uma placa onde pode-se ler: “*Homenagem da S. União Operária ao seu velho e leal amigo pelos serviços prestados à coletividade trabalhadora do Rio Grande*”.

¹ PETERSEN, Sílvia R. F.. “*Origens do primeiro de maio...*”, *op. cit.*, p. 23.

Acredito que esta ênfase da historiografia na militância de Coutinho deva-se, em parte, à preservação da coleção quase completa do jornal “*Echô Operário*”.

Na mesma lápide, sua segunda esposa, Gertrudes, preferiu deixar gravada uma mensagem mais afetiva e pessoal: *“saudosas recordações de tua esposa Gertrudes Guedes Coutinho”*².

Já o filho Nilo, em carta dirigida à União poucos dias depois do falecimento do seu pai, lembrou do *“(...) grande idealismo que sempre o inspirou (...)”* e da *“(...) orientação que ele sempre observou, isto é, de atender ao interesse do maior número (...)”*³.

Por fim, os necrológios publicados na imprensa riograndina referem-se ao *“venerado extinto”* como *“(...) hábil jornalista, belo orador e vigoroso dramaturgo, [que] deixou magníficos trabalhos a atestar-lhe a formosa inteligência e a apreciável cultura”*⁴ ou como *“(...) um homem dotado de brilhante inteligente [sic], tendo exercido, aqui e alhures, o magisério (...)”*⁵. Nenhum deles, contudo, menciona a sua inspiração socialista.

Estes discursos apontam para facetas diferenciadas do personagem: o militante, o marido, o pai idealista, o professor, o jornalista, o orador, o dramaturgo. Obviamente que a ênfase em um ou outro aspecto depende da posição do enunciador (historiador, companheiros de militância, esposa, filho, jornalistas) e do veículo da enunciação (texto acadêmico, placas funerárias, carta, periódicos). Além disso, muitas outras questões não foram lembradas ou foram propositamente esquecidas, ou então perderam-se na poeira do tempo.

² Placas do túmulo de Antônio Guedes Coutinho. Sepultura 281 do quadro C - Cemitério Católico de Rio Grande.

³ Carta de Nilo G. Coutinho ao Presidente da Sociedade União Operária, *op. cit.*

⁴ RIO GRANDE. Rio Grande, 25/01/1945. p. 2.

⁵ O TEMPO. Rio Grande, 26/01/1945. p. 4.

Partindo desta variedade de memórias, alguém poderia perguntar: qual delas é a mais *verdadeira*? Qual é a que faz jus a Coutinho?

Acredito que escolher apenas um ângulo de sua vida, teoricamente o mais significativo, implicaria obscurecer a riqueza, a diversidade, as múltiplas relações e contradições presentes em qualquer existência individual; ainda mais numa trajetória tão cheia de percalços e batalhas como a do personagem aqui examinado. Procurei, desta forma, afastar-me de uma abordagem biográfica tradicional que leva em conta quase exclusivamente o perfil público dos militantes, atribuindo às suas práticas uma coerência muitas vezes idealizada.

Assim, optei por construir uma biografia multifacetada a partir da perspectiva do cotidiano. Afinal, é nesta dimensão que os indivíduos passam a maior parte de suas vidas, jogando-se inteiros nas exigências e nos papéis do dia-a-dia. Para realizar este intento, analisei os quatro conteúdos que me pareceram centrais na vida cotidiana de Coutinho: a família, o trabalho, o estudo e a militância. Procurei também demonstrar que o personagem, em diversos momentos, concentrou seus esforços num ideal - a emancipação do operariado -, elevando-se ao nível humano genérico. Este processo lhe permitiu adquirir uma consciência mais ampla e aguda sobre a sociedade em que vivia.

Na presente dissertação, busquei destacar as potencialidades do gênero biográfico no âmbito do conhecimento histórico em geral e, mais especificamente, no campo da história operária. Neste sentido, por exemplo, a trajetória de Coutinho ilustra/confirma determinadas generalizações presentes na historiografia: o caráter patricarcal da família operária e a valorização do trabalho pelas lideranças desta classe, por exemplo. Outras interpretações, porém, não são confirmadas pelo caso

estudado, como a idéia do “*imigrante radical*” e a concepção do português como “*fura-greves*”. Isto mostra que os estudos biográficos podem exemplificar/ampliar/relativizar/corrigir enfoques totalizantes, macro-estruturais, preocupados com as regularidades e com o “*estatisticamente mais freqüente*”⁶.

Pretendi igualmente demonstrar que, na construção de biografias, deve-se levar em conta a dimensão do cotidiano como um momento necessário e significativo da análise, pois é no dia-a-dia que os indivíduos ganham existência plena, com suas práticas e suas representações, suas vitórias e seus fracassos, suas decisões e suas hesitações.

* * *

Na Grécia antiga, acreditava-se que cabia aos poetas a preservação da vida dos heróis: “*aos guerreiros resta a esperança de que a palavra do cantor permita-lhes escapar do silêncio e da morte. O mestre da verdade concede aos vivos o privilégio de permanecer, através de sua palavra, na memória*”⁷.

Penso que o historiador-biógrafo pode assumir esta tarefa, possibilitando que os indivíduos esquecidos, as trajetórias perdidas, as falas silenciadas venham à tona e ressuscitem para o mundo dos vivos. Para isso, retornando às palavras de Darnton citadas na introdução, é preciso “*auscultar almas mortas*”.

⁶ Expressão de GINZBURG, Carlo. “*O queijo e os vermes...*”, *op. cit.*, p. 27.

⁷ DUARTE, Regina H.. “*Os vivos e os mortos: uma alegoria sobre a história*”. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura do Centro de Memória - UNICAMP**. Campinas, UNICAMP, nº 2., 1991, p. 20.

Neste trabalho, apresentei o resultado do longo diálogo (e lá se vão cinco anos...) que mantive com um guerreiro já falecido: Antônio Guedes Coutinho. Não tive a pretensão de elaborar o discurso definitivo sobre o personagem, mas sim uma versão historicamente plausível de sua vida.

ANEXOS

Anexo 1 - Fotografia de Antônio Guedes Coutinho

Fonte: Túmulo de Antônio Guedes Coutinho. Sepultura 281 do quadro C - Cemitério Católico de Rio Grande. Reprodução: Bláudio Rodrigues Simão.



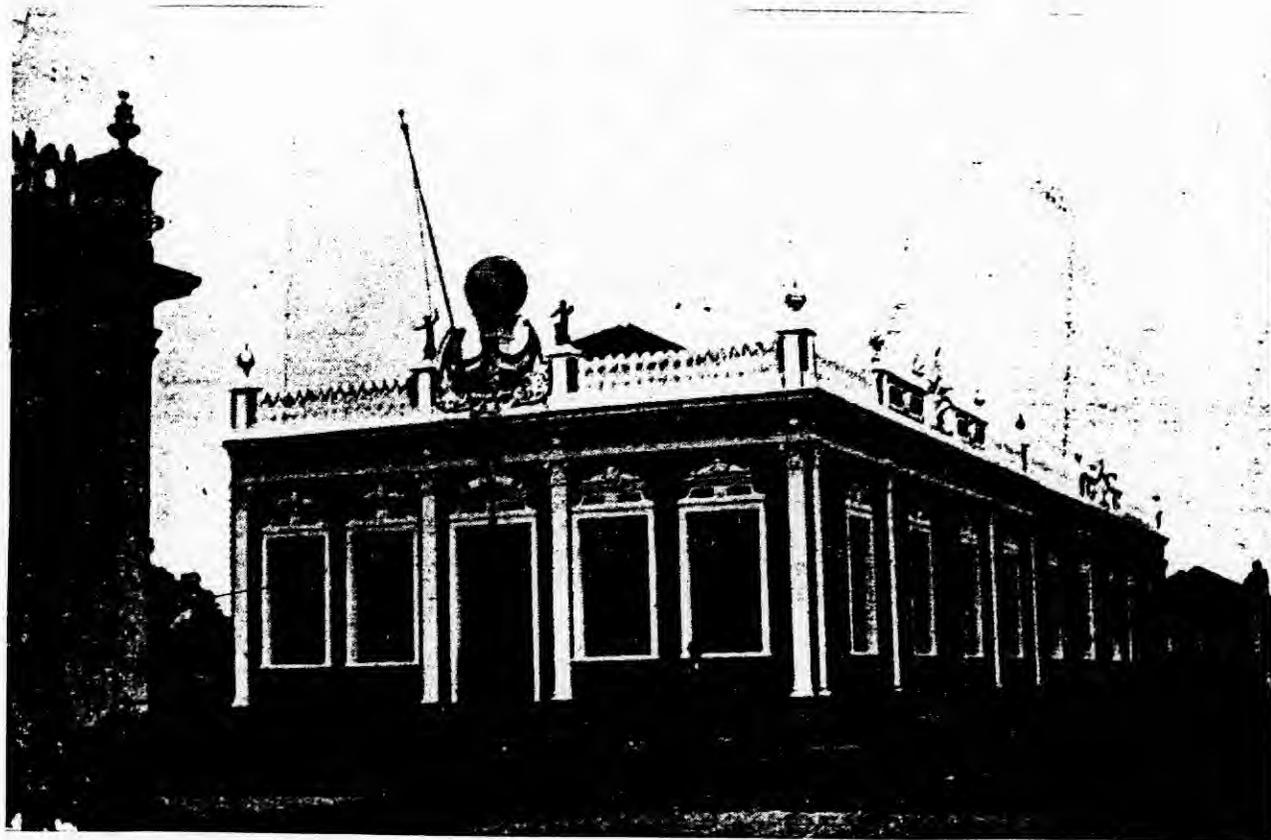
Anexo 2 - Capa do "ECHO Operário" comemorativa ao 1 de maio de 1898.

Fonte: ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 01/05/1898. p. 1.



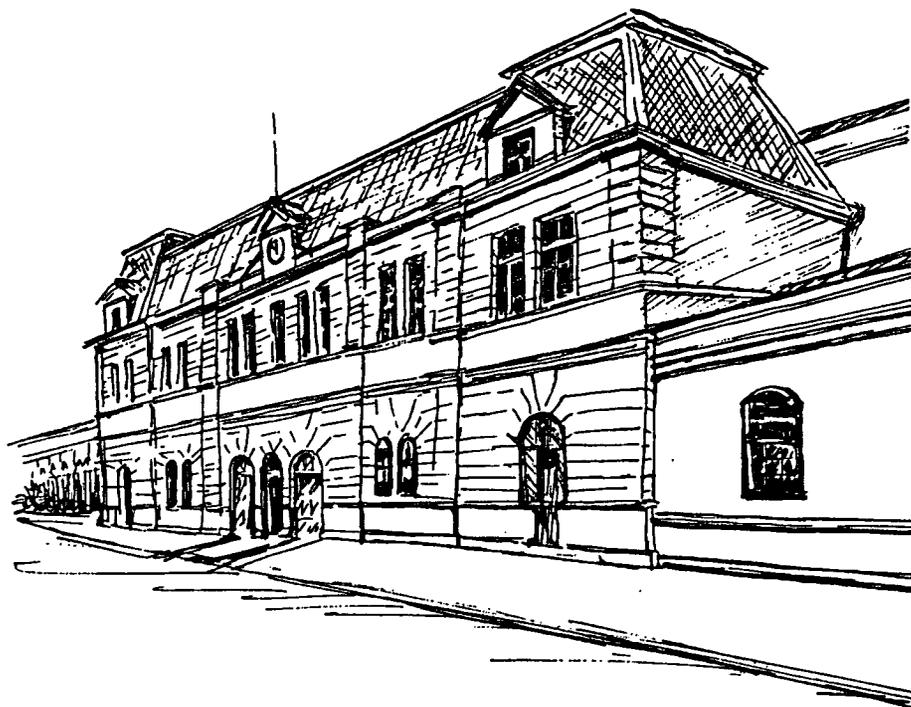
Anexo 3 - Sede da Sociedade União Operária de Rio Grande.

Fonte: Reprodução de um cartão-postal de autoria desconhecida. Acervo particular de Sílvia Petersen.



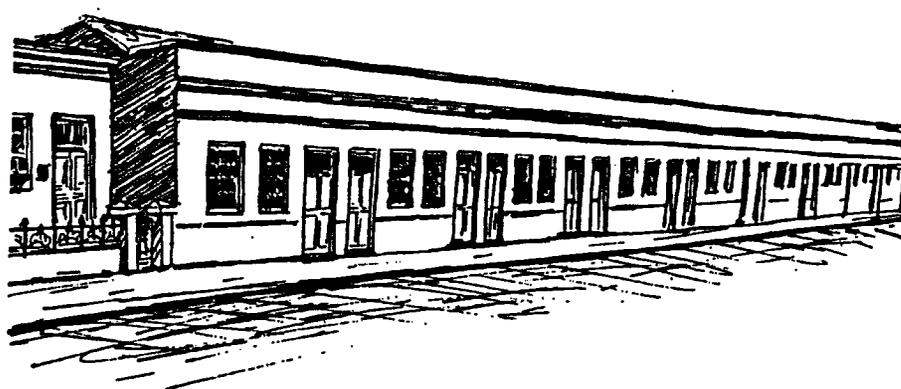
Anexo 4 - Fábrica Rheingantz - Av. Rheingantz, 201 - Rio Grande/RS.

Fonte: VALENTE, Antônio Luís S. **Desenho das edificações da cidade do Rio Grande.** Rio Grande, Ed. da FURG, 1993. p. 52.



Anexo 5 - Vila Rheingantz: casas-em-fita (porta e janela) - Av. Rheingantz, 139 a 197 (lado ímpar).

Fonte: *Id. ibid.*, p. 50.



FONTES DE PESQUISA

1 - Fontes primárias

Abreviaturas - localização das fontes primárias:

- APRGS - Arquivo Público do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS;
- APSB - Acervo do Partido Socialista Brasileiro - Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS;
- ASUO/CDH/FURG - Arquivo da Sociedade União Operária de Rio Grande - Centro de Documentação Histórica Hugo A. P. Neves - Fundação Universidade do Rio Grande - Rio Grande/RS;
- BRG - Biblioteca Rio-Grandense - Rio Grande/RS;
- CCRG - Cemitério Católico de Rio Grande - Rio Grande/RS;
- FALSJ - Fichamento Adhemar Lourenço da Silva Jr.;
- FBL - Fichamento Beatriz Loner;
- FFNA - Fichamento Francisco das Neves Alves;

- IHG-RS - Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS;
- MCSHJC - Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa - Porto Alegre/RS;
- NPH - Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS - Porto Alegre/RS.

Periódicos:

- ALMANAQUE BRASILEIRO GARNIER. Rio de Janeiro, 1905, 1906 (NPH);
- O ARTISTA. Rio Grande, 1900, 1908 (BRG);
- CORREIO MERCANTIL. Pelotas, 1892, 1900 (FBL);
- CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 1902, 1909 (MCSHJC);
- DEMOCRACIA SOCIAL. Pelotas, 1893 (NPH);
- O DIABO. Pelotas, 1905 (FFNA);
- O DIÁRIO. Porto Alegre, 1912 (FALSJ);
- DIÁRIO POPULAR. Pelotas, 1892, 1902 (FBL);
- DIÁRIO DO RIO GRANDE. Rio Grande, 1903, 1908 (BRG);
- ECHO OPERÁRIO. Rio Grande, 1896-1899, 1901 (NPH, com exceção do número 2 de 12/07/1896 que está na BRG);
- ECHO DO POVO. Porto Alegre, 1910 (MCSHJC);
- ECHO DO SUL. Rio Grande, 1894 (BRG);
- O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 1902 (edição fac-similar - APSB);

- O EXEMPLO. Porto Alegre, 1910 (FALSJ);
- GAZETINHA. Porto Alegre, 1898 (MCSHJC);
- O OPERÁRIO. Pelotas, 1892 (IHG-RS);
- OPINIÃO PÚBLICA. Pelotas, 1899, 1901, 1903, 1905, 1907 (FBL), 1914 (FALSJ);
- A PÁTRIA. Pelotas, 1890 (FBL);
- O PROLETÁRIO. Rio Grande, 1906 (NPH);
- A RAZÃO. Rio Grande, 1896 (BRG);
- A REGENERAÇÃO. Rio Grande, 1901-1902 (BRG);
- RIO GRANDE. Rio Grande, 1908, 1945 (BRG);
- O TEMPO. Rio Grande, 1906-1945 (BRG);
- A VOZ DO TRABALHADOR. Rio de Janeiro, 1914 (FALSJ).

Outras

- ATESTADO de óbito de Antônio Guedes Coutinho. Rio Grande, Jud. 3B, 2 zona, óbito 79 (APRGS).
- BIBLIOTECA da Sociedade União Operária (acervo parcial - ASUO/CDH/FURG).
- CARTA de Nilo G. Coutinho ao Presidente da Sociedade União Operária, 29/01/1945 (ASUO/CDH/FURG).

- ESTATUTOS da Sociedade União Operária. Rio Grande, Tipografia do Diário do Rio Grande, 1903 (BRG).
- GUIZZARDI, Agostina. **Amor e ouro. Drama social em 3 atos.** Rio Grande, s/e, março de 1906 (FBL).
- LIVRO DE ATAS do Conselho Deliberativo da Sociedade União Operária de Rio Grande, 1904-1909 (ASUO/CDH/FURG).
- LIVRO DE ATAS do Conselho Deliberativo da Sociedade União Operária de Rio Grande, 1909-1922 (ASUO/CDH/FURG).
- LIVRO DE ATAS das Sessões da Diretoria da Sociedade União Operária de Rio Grande, 1906-1911 (ASUO/CDH/FURG).
- LIVRO DE ATAS das Sessões da Diretoria da Sociedade União Operária de Rio Grande, 1914-1917 (ASUO/CDH/FURG).
- LIVRO GRADE e matrícula das classes federadas à Sociedade União Operária de Rio Grande, 1900 (ASUO/CDH/FURG).
- LIVRO DE REGISTROS do cemitério da Associação de Caridade Santa Casa do Rio Grande (CCRG).
- PLACAS do túmulo de Antônio Guedes Coutinho. Sepultura 281 do quadro C (CCRG).
- PROCESSO-CRIME nº 773. Réu: Antônio de Oliveira Rocha. Maço 40, Estante 41. 1903 (APRGS).
- QUADRO colocado na Sala de Honra da Sociedade União Operária de Rio Grande por deliberação da assembléia geral realizada em 8 de dezembro de 1898 (ASUO/CDH/FURG).
- RELATÓRIO do presidente da Sociedade União Operária de Rio Grande, 1903 (BRG).

- RELATÓRIO do presidente da Sociedade União Operária de Rio Grande, 1911 (ASUO/CDH/FURG).
- RELATÓRIO do presidente da Sociedade União Operária de Rio Grande, 1912 (ASUO/CDH/FURG).

2 - Bibliografia

- ADELMAN, Jeremy. *"Socialism and democracy in Argentina in the age of the Second Internacional"*. **Hispanic American Historical Review**, 72:2, 1992.
- AGNES, Sílvia Clara. **A questão do geral e do específico na historiografia latino-americana: análise do processo de constituição da mão-de-obra industrial em Pelotas/Rio Grande e Cidade do México**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1990. mimeo..
- ALVES, Francisco das N.. *"1848: a cidade do Rio Grande e o surgimento do 'Diário do Rio Grande'"*. In: ALVES, Francisco das N. e TORRES, Luiz H. **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande, URG/SMEC, 1995.
- ANDRÉS-GALLEGO, José. *"La nueva história como reto"*. In: ANDRÉS-GALLEGO, José (org.). **New history, nouvelle histoire: hacia una nueva história**. Madrid, Actas, 1993.
- ÂNGELO, Ivan. *"Vida invadida: a mulher calada critica biografias e biógrafos"*. **Veja**, São Paulo, Abril, 13 de setembro de 1995, p. 127.
- ARANGUREN, José Luis L.. **Moral de la vida cotidiana, personal y religiosa**. Madrid, Tecnos, 1987.
- AREND, Sílvia. **Um "olhar" sobre a família popular porto-alegrense (1886-1906)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1994. mimeo..
- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987.

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.
- BATALHA, Claudio H. de M.. "*A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX*". In: MORAES, João Quartim de (org.). **História do marxismo no Brasil. Vol. II. Os influxos teóricos**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1995.
- _____. "*Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade*". **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 12, nº 23/24, set. 1991/ago. 1992.
- _____. "*'Nós, filhos da Revolução Francesa', a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX*". In: **Revista Brasileira de História: Reforma e Revolução**. São Paulo, ANPUH/Marco Zero/CNPq/FAPESP, v. 10, nº 20, mar. 1991/ago. 1991.
- _____. e SEIXAS, Jacy Alves de (orgs.). **Projeto: dicionário histórico-biográfico do movimento operário brasileiro**. Campinas, Departamento de História/IFCH/UNICAMP, s/d.. mimeo..
- BOURDIEU, Pierre. "*Fieldwork in philosophy*". In: **Coisas ditas**. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- _____. "*L'illusion biographique*". **Actes de la recherche en sciences sociales**, (62-63): 69-72, juin, 1986.
- BRAUDEL, Fernand. "*A longa duração*". In: **História e ciências sociais**. Lisboa, Presença, 1990.
- _____. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II**. Lisboa, Martins Fontes, 1983. 2 v..
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989). A Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo, UNESP, 1991.
- _____. **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- CALADO, Ivanir. **Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg**. Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1992.
- CARONE, Edgar. **Classes sociais e movimento operário**. São Paulo, Ática, 1989.
- CARR, E. H. **Que é história?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CEZAR, Temístocles. "*Considerações acerca do estatuto do texto histórico*". **História em Revista**. Pelotas, EdUFPel, n. 2 (no prelo). mimeo.

- CHALAS, Yves. *“La routine: analyse d’une composante de la vie quotidienne à travers des pratiques d’habiter”*. **Cahiers Internationaux de Sociologie**. Paris, 85, jul./dez. 1988.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da “belle époque”**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- CHARTIER, Roger. *“A história hoje: dúvidas, desafios, propostas”*. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, nº 13, 1994.
- CHAUSSINAND-NOGARET, O.. *“Biographique (Histoire)”*. In: BURGUIÈRE, André (org.). **Dictionnaire des sciences historiques**. Paris, PUF, 1986.
- COPSTEIN, Raphael. *“O trabalho estrangeiro no município do Rio Grande”*. **Boletim Gaúcho de Geografia**. Porto Alegre, AGB, nº 4, 1975.
- CORRÊA, Norma Elizabeth Pereira. **Os libertários e a educação no Rio Grande do Sul (1895-1926)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em Educação - UFRGS, 1987. mimeo..
- COUTINHO, Sérgio. *“Caminhos e descaminhos de um soldado de Cristo: a trajetória político-religiosa de Victor Coelho de Almeida (1879-1944)”*. **Livro de resumos do I Encontro Nacional de Pós-graduandos em História**. Rio de Janeiro, PPG em História da UFF, 1995. p. 148.
- DARMON, Pierre. **Médicos e assassinos na “Belle Époque”: a medicalização do crime**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- DARNTON, Robert. **Boemia literária e revolução: o submundo das letras no Antigo Regime**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- DE CERTEAU, Michel. **The practice of everyday life**. Berkeley/Los Angeles/Londres, University of California Press, 1984.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo, 1920-1934**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DUARTE, Regina Horta. **A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo**. Campinas, Pontes-Ed. da UNICAMP, 1991.
- _____. *“Os vivos e os mortos: uma alegoria sobre a história”*. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura do Centro de Memória - UNICAMP**. Campinas, UNICAMP, nº 2., 1991.
- DUBY, Georges. **A história continua**. Rio de Janeiro, Zahar/UFRJ, 1993.

- _____. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro, Graal, 1987.
- DURANT, Will. **A filosofia de Herbert Spencer**. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.
- ENCONTROS, Porto, nº 1, 1 semestre de 1995.
- FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e conflito social**. São Paulo, DIFEL, 1976.
- FEBVRE, Lucien. **Autour de l'Heptaméron**. Paris, Gallimard, 1944.
- _____. **Combates pela história**. Lisboa, Presença, s/d.
- _____. **Le problème de l'incroyance du 16 siècle**. Paris, A. Michel, 1974.
- _____. **Martin Lutero: um destino**. México, F.C.E., 1956.
- FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- FONSECA, Claudia. "*Pais e filhos na família popular (início do século XX)*". In: D'INCAO, Maria Angela (org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- _____. **Vigiar e punir**. Petrópolis, Vozes, 1989.
- GARCIA, Marco Aurélio e outros. "*Célula da história*". **Leia**, São Paulo (105). jul. 1987.
- _____. "*Reforma e revolução/reforma ou revolução (discussão de um paradigma)*". **Revista Brasileira de História: Reforma e Revolução**. São Paulo, ANPUH/Marco Zero/CNPq/FAPESP, v. 10, nº 20, mar. 1991/ago. 1991.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- _____. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- _____. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. "*Provas e possibilidades à margem de 'Il ritorno de Martin Guerre', de Natalie Zemon Davis*". In: **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa, Difel, 1989.
- _____. "*Sinais: raízes de um paradigma indiciário*". In: **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- _____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

- GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- GOMES, Angela Maria de Castro. **Burguesia e trabalho**. Rio de Janeiro, Campus, 1979.
- GOULDNER, Alvin. **Los dos marxismos. Contradicciones y anomalias en el desarrollo de la teoria**. Madrid, Alianza, 1985.
- HALL, Michael. "*O brilho da heterodoxia*". *Leia*, São Paulo (105). jul. 1987.
- HARDMAN, Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. São Paulo, Ática, 1991.
- HELLER, Agnes. **La revolución de la vida cotidiana**. Barcelona, Península, 1982.
- _____. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- _____. **Sociología de la vida cotidiana**. Barcelona, Península, 1994.
- HILL, Christopher. "*A biografia na história da Inglaterra setecentista*". **Varia Historia**, Belo Horizonte, UFMG, nº 14, set. 1995, p.p. 124-144.
- _____. **O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- HOBBSAWM, Eric J.. **A era das revoluções: Europa, 1789-1848**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- _____. "*O ressurgimento da narrativa. Alguns comentários*". **RH - Revista de História**. Campinas, IFCH/UNICAMP. Inverno 1991.
- INÁCIO, Inês da Conceição. "*A família rememorada: representações do grupo familiar em memórias de militantes comunistas*". **Revista Brasileira de História: Família e Grupos de Convívio**. São Paulo, v. 9, nº 17, set. 88/fev. 89.
- JARDIM, Jorge Luiz Pastorisa. **Comunicação e militância: a imprensa operária no Rio Grande do Sul (1892-1923)**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - PUC/RS, 1990. mimeo..
- KOCKA, Jürgen. "*Um retorno à narração? - Em defesa de uma argumentação histórica*". **Geschichte und Gesellschaft**, 10(1984)3, p. 395-408. Tradução de René E. Gertz. mimeo..
- KOSIK, Karel. **Dialéctica de lo concreto**. México, Grijalbo, 1963.
- LACOMBE, Carlos. **Jaguarão no centenário da independência da Pátria (1822-1922)**. s/l, s/e, s/d1.
- LE GOFF, Jacques (org.). **A história nova**. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

- _____. *"A história do cotidiano"*. In: DUBY, Georges e outros. **História e nova história**. Lisboa, Teorema, 1986.
- _____. *"Comment écrire une biographie historique aujourd'hui?"*. **Le Débat**. Numéro 54, mars-avril 1989.
- LEITE, Miriam L. Moreira. *"Maria Lacerda de Moura e o anarquismo"*. In: PRADO, Antonio Arnoni (org). **Libertários no Brasil: memórias, lutas, cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- LEVI, Giovanni. *"Les usages de la biographie"*. **Annales, E. S. C.**, Paris, Armand Colin, 44 année, número 6, nov.-dec. 1989.
- _____. *"Retorica e verità"*, prefácio a STARACE, Giovanni. **Le storie, la storia. Psicoanalisi e mutamento**. Veneza, Marsilio Editori, 1989.
- _____. *"Sobre a micro-história"*. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo, UNESP, 1992.
- LIMA Fº, Henrique Espada Rodrigues. *"História social e subjetividade: considerações em torno da biografia"*. **XII Encontro Regional de História: cultura - memória - poder: programa e resumos**. Campinas, ANPUH/Núcleo Regional de São Paulo, 1994.
- _____. **Biografia e Microstoria: interrogando a questão do indivíduo na história através da historiografia italiana**. Campinas, IFCH/UNICAMP, dez. 1994. mimeo..
- _____. **História social e subjetividade: considerações em torno da biografia**. Trabalho apresentado no XII Encontro Regional de História da ANPUH/ Núcleo regional de São Paulo. Campinas, 5 a 7 de setembro de 1994. mimeo..
- LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1987.
- _____. *"Que história estamos ensinando?"*. **Educação e realidade**, Porto Alegre, 8 (2):79-91, maio/ago. 1983.
- LUFT, Celso Pedro. **Pequeno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo, Scipione, 1984.
- LUIZETTO, Flávio. *"O recurso da ficção: um capítulo da história do anarquismo no Brasil"*. In: PRADO, Antonio Arnoni (org). **Libertários no Brasil: memórias, lutas, cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- LUKES, Steven. Verbete *"Indivíduo"*. In: BOTTOMORE, Tom (ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento do cotidiano**. Lisboa, Vega, 1986.

- MARAM, Sheldom Leslie. **Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- MARX, Karl. "O 18 brumário de Luís Bonaparte". In: **Marx**. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- ___ e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Lisboa, Presença, *s. d.*
- MATOS, Maria Izilda Santos de. **Em busca da árvore das patacas: o cotidiano e o trabalho de homens e mulheres imigrantes portugueses no Brasil, 1890-1930**. Anotações da comunicação proferida no XVII Simpósio Nacional de História: história e utopias. São Paulo, ANPUH, 1993.
- MAUCH, Claudia. **Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1992. mimeo..
- MORAES FILHO, Evaristo. "A proto-história do marxismo no Brasil". In: REIS FILHO e outros. **História do marxismo no Brasil: o impacto das revoluções**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- MOTT, Luís Mott. **Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil**. Rio de Janeiro/São Paulo, Bertrand Brasil, 1993.
- MUNAKATA, Kazumi. "Compromisso do Estado". **Revista Brasileira de História**, nº 7, São Paulo, março de 1984.
- NETTO, José Paulo e FALCÃO, Maria do Carmo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo, Cortez, 1984.
- OLIVEIRA, Márcia Ramos de. **Lupicínio Rodrigues: a cidade, a música, os amigos**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - UFRGS, 1995. mimeo..
- ORIEUX, Jean. "A arte do biógrafo". In: DUBY, Georges e outros. **História e nova história**. Lisboa, Teorema, 1986.
- PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. "As origens de 'O Artista' (1862-63)". In: ALVES, Francisco das Neves e TORRES, Luiz Henrique (org). **A cidade do Rio Grande: estudos históricos**. Rio Grande, URG/SMEC, 1995.
- PERROT, Michelle (org.). **História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- PESAVENTO, Sandra J.. **Os pobres da cidade**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

- ____. *"Trabalhadores e máquinas: representações do progresso"*. **Anos 90: Revista do Curso de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre, UFRGS, nº 2, maio de 1994.
- PETERSEN, Sílvia R. F.. *"A mulher na imprensa operária gaúcha do século XIX"*. **Revista de História**. Porto Alegre, UFRGS, 1:83-110, 1986/87.
- ____. **Antônio Guedes Rodrigues Coutinho**. Texto dat.
- ____. *"A renovação da historiografia e o tema da vida cotidiana: desfazendo alguns equívocos"*. In: MAUCH, Claudia e outros. **Porto Alegre na virada do século XIX: cultura e sociedade**. Porto Alegre/Canoas/São Leopoldo, Ed. da Universidade-UFRGS/Ed. ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994.
- ____. *"As greves no Rio Grande do Sul (1890-1919)"*. In: DACANAL, José Hildebrando e GONZAGA, Sergius (org.). **RS: economia & política**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979.
- ____. *"Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira"*. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre, UFRGS, nº 3, maio de 1995.
- ____. *"Dilemas e desafios da historiografia brasileira: a temática da vida cotidiana"*. **História & perspectivas**, Uberlândia, nº 6, jan./jun., 1992.
- ____. **Guia para o estudo da imprensa periódica dos trabalhadores do Rio Grande do Sul (1874-1940)**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS - FAPERGS, 1989.
- ____. *"Michel Maffesoli, um teórico da vida cotidiana"*. In: **Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História**. Rio Grande, FURG, nº 5, 1993.
- ____. **Origens do Primeiro de Maio no Brasil**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS - MEC, 1981.
- ____ e LUCAS, Maria E.. **Antologia do movimento operário gaúcho, 1870-1937**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS - Tchê!, 1992.
- PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos gerais do município de Rio Grande**. Porto Alegre, Imprensa Oficial, 1944.
- PORTO ALEGRE, Aquiles. **Homens ilustres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, ERUS, s/d..
- PROBLEMES et methodes de la biographie. Actes du colloque. Paris, Sorbonne, 3-4 mai. 1985.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

- RAMINELLI, Ronald. "*Lucien Febvre no caminho das mentalidades*". **Revista de História (Nova Série)**, São Paulo, USP, nº 122, jan.-jul. 1990, p.p. 97-115.
- REVEL, Jacques. Verbete "*Mentalidades*". In: BURGUIÈRE, André (org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro, Imago, 1993.
- REVERBEL, Carlos. "*1893: presença de Marx em jornal pelotense*". **Correio do Povo**. Porto Alegre, 29/08/1981.
- RIBEIRO Jr., João. **O que é positivismo**. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. **Mata galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha**. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- RODRIGUES, Edgar. **Alvorada operária**. Rio de Janeiro, Mundo Livre, 1979.
- ROSITO, Renata Irene Haas. **O pensamento político de Abílio de Nequete**. Porto Alegre, Trabalho de bacharelado em Ciências Sociais, 1972.
- SCHMIDT, Benito Bisso. "*A família de Antônio Guedes Coutinho: entre o privado e o público*". **Cadernos de Estudo**. Porto Alegre, CPG em História/ UFRGS, nº 12, dezembro de 1995.
- _____. "*Antônio Guedes Coutinho: o cotidiano e as idéias de um militante operário no Rio Grande da virada do século*". In: ALVES, Francisco das Neves e TORRES, Luiz Henrique. **Pensar a Revolução Federalista**. Rio Grande, Ed. da FURG, 1993.
- _____. "*Antônio 'Sem medo': disciplina, identidade e resistência na pena de um operário (Rio Grande, 1899)*". In: **Gêneros de fronteira: cruzamentos entre o histórico e o literário**. Campinas, Ed. da UNICAMP. (no prelo).
- _____. "*A pós-modernidade e o conhecimento histórico: considerações sobre a volta da biografia*". **Cadernos de Estudo**. Porto Alegre, CPG em História/UFRGS, nº 10, dezembro de 1994.
- _____. "*Práticas e táticas: Michel de Certeau (re) inventa o cotidiano*". In: **Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História**. Rio Grande, FURG, nº 6, 1994.
- SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SOUZA-LOBO, Elizabeth. "*Emma Goldman - revolução e desencanto: do público ao privado*". **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 9, nº 18, p.p. 29-41, ago.89/set. 89.

- STONE, Lawrence. "*O ressurgimento da narrativa. Reflexões sobre uma nova velha história*". **RH - Revista de História**. Campinas, IFCH/UNICAMP, Inverno 1991.
- SZALUTA, Jacques. **La psychohistoire**. Paris, PUF, 1987.
- TENFELDE, Klaus. "*A história dos trabalhadores entre história estrutural e história do cotidiano: pesquisas na República Federal da Alemanha*". NEVES, A. A. B. e GERTZ, R. E. (org.). **A nova historiografia alemã**. Porto Alegre, Ed. da Universidade/UFRGS-Goethe/Instituto Cultural Brasileiro-Alemão, 1987.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa I: a árvore da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. **Miseria de la teoria**. Barcelona, Grijalbo, 1981.
- _____. "*Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial*". In: **Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial**. Barcelona, Crítica, 1984.
- _____. **William Morris: romantic to revolutionary**. New York, Pantheon Books, 1977.
- VIANNA, Luiz Werneck. **Liberalismo e sindicato no Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- VALENTE, Antônio Luís S. **Desenho das edificações da cidade do Rio Grande**. Rio Grande, Ed. da FURG, 1993.
- WELLMER, Albrecht. "*La dialectica de modernidad y posmodernidad*". In: CASULLO, Nicolas. **El debate modernidad/Posmodernidad**. Buenos Aires, Punto Sur, 1984.
- XERRI, Eliana Gasparini. **Uma incursão ao movimento operário de Rio Grande no início do século XX**. Porto Alegre, Dissertação de mestrado em História - PUC/RS, 1996. mimeo..